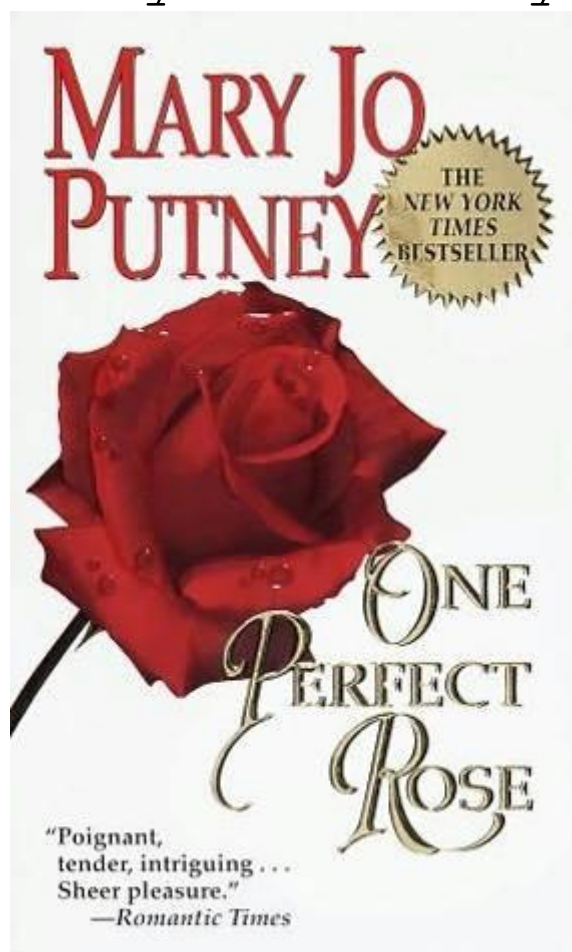


Uma Rosa Perfeita

One Perfect Rose

Mary Jo Putney



SÉRIE OS ANJOS CAÍDOS 7

Disponibilização e Tradução: YGMR

Revisão: Adma

Revisão final e Formatação: Rê Augusta

Projeto Revisoras Traduções

Stephen, fugindo de seu aristocrático berço, chega ao povoado de Fetchfield e descobre que nessa mesma noite vai ser representada uma obra de Shakespeare em um improvisado cenário. Desejoso de esquecer por umas horas da aflição que o atormenta, vai à função sem muitas esperanças. Mas ali vê pela primeira vez Rosalind, filha adotiva dos Fitzgerald, atriz de grande encanto e simplicidade. No dia seguinte, um percalço fortuito voltará a uni-los e entre eles surgirá uma paixão irrefreável pela qual lutarão com todas as suas forças, enfrentando os desígnios de um tempo que joga contra.



UMA AMEAÇA DE MORTE

Stephen Kenyon, Duque de Ashburton, sempre tomou muito a sério as obrigações próprias de seu título. Mas uma notícia inesperada o leva a afastar-se de seu mundo de riqueza e privilégios e empreende uma viagem sem rumo pelo campo fazendo-se passar por um homem simples. Em seu desesperado vagar conhece Rosalind Jordan, e as esperanças que já acreditava mortas voltarão a vida no mais profundo de seu coração. Mas como vai declarar o amor que sente se sua existência se transformou em uma regressiva que o atormenta noite e dia, se guarda um segredo que o fez fugir de tudo o que até pouco tempo não possuía?

UMA PROMESSA DE VIDA

Rosalind Jordan viaja com uma companhia representando peças de teatro de povoado em povoado. Suas origens são incertas porque, órfã de pai e mãe, os Fitzgerald a adotaram quando menina e a criaram com seus outros dois filhos. Agora Rosalind se converteu em uma jovem atriz, encantadora e compreensiva que, ao conhecer Stephen, sentirá que sua vida muda para sempre. Mas, como vai entregar-se a um homem que, embora seja a encarnação de todos seus sonhos de felicidade, nunca poderá ser dela?

Prólogo

Uma silhueta silenciosa como um camundongo, a garotinha observava fixamente da entrada do beco o jovem casal que passeava pelo sujo bairro do cais. Eram pessoas diferentes das que viviam ali; vestiam roupas limpas, e suas vozes transbordavam de riso.

Além disso, estavam comendo empanadas de carne. A pequena aspirou o cheiro, ofegante.

O senhor alto fez um amplo gesto com uma mão e uma boa parte de empanada caiu no chão; ele nem sequer se deu conta.

A menina esperou, com a paciência forjada pelo medo, que o casal se afastasse até uma distância prudente; mas não se atreveu a esperar muito, porque um cão ou um rato podiam adiantar-se e agarrar seu prêmio. Quando julgou prudente, correu sigilosamente, recolheu a parte de empanada e a meteu na boca; ainda estava quente; era o melhor bocado que tinha comido em sua vida.

Nesse momento a senhora olhou para trás por cima do ombro. A menina ficou imóvel, com a esperança de não ser vista. Havia meninos maus que jogavam pedras, e um homem mau que a tinha atraído lhe acenando uma salsicha, e depois a agarrou e lhe passou suas mãos quentes por cima; ela pensou que iria devorá-la mas a soltou em seguida quando lhe mordeu a língua. Depois a seguiu, gritando palavras feias, até que ela conseguiu passar por debaixo de uma grade desmantelada e se escondeu no meio de um monte de lixo. Ali comeu a salsicha, e depois estava vigilante se por acaso aparecia o homem mau e qualquer outro que tivesse esse olhar estranho nos olhos.

A bela senhora de cabelo escuro arqueou um pouco as sobrancelhas e disse sorrindo:

—Temos por perto uma pequena carnicheira, Thomas.

Seu sorriso era simpático, mas mesmo assim, a menina começou a retroceder para o beco. A senhora se inclinou até que seus olhos ficaram ao mesmo nível dos dela.

—Não tem por que fugir, querida. —Ofereceu-lhe o resto de sua empanada,

tentadora—. Há mais para compartilhar.

A pequena duvidou um momento, recordando o homem mau que a tinha atraído com comida. Mas essa era uma senhora, e a empanada tinha um aroma delicioso. Saltou um passo e lhe arrebatou da mão o resto da empanada. Depois retrocedeu e a comeu, com o olhar fixo em seus benfeitores.

—Pobre criança —disse o homem chamado Thomas com uma voz profunda que ressonou na rua—. Deveriam açoitá-los por deixá-la andar assim pelas ruas.

—A pobre criança não tem pais —disse uma voz áspera das sombras—. Esta há uns dois meses vivendo sozinha nas ruas por aqui.

A menina reconheceu a voz da mulher mais velha de cabelo cinza que passava o dia sentada no degrau de uma sombria porta observando a rua, com um cachimbo de argila colocado entre as gengivas desdentadas. Uma vez tinha trocado algo por comida, e não lhe tinha atirado pedras; não era perigosa.

—Está abandonada a menina? —perguntou a bonita senhora.

—Ao contrário é órfã - disse a mulher, dando de ombros—. Disseram-me que chegou em um navio, com uma mulher que caiu morta no cais tão logo desembarcaram. Um guarda tentou agarrar a criança para enviá-la a um orfanato, mas ela se escondeu. Depois andou rondando por aqui em busca de sobras.

A senhora pareceu horrorizada.

—Oh, Thomas, não possamos deixá-la aqui. Não é mais que um bebê, não pode ter muito mais de três anos.

—Nós não podemos levá-la como se fosse um gatinho, Maria -disse o cavalheiro, embora continuasse olhando à menina, pensativo.

—por que não? Pelo visto ninguém a quer. O bom Senhor a deve ter enviado a esta rua para que a encontrássemos. Ainda não tivemos nenhum filho, e Deus sabe que não é porque não tentamos. —A bela senhora pareceu triste um momento, depois estendeu a mão lentamente à menina—. Vêem, querida. Não vou lhe fazer mal.

A pequena vacilou; sua dura experiência a tinha ensinado a recear. Mas Maria recordava a outra senhora de outra vida anterior a essa de fome, farrapos e ruas sujas. Antes de... antes de...

Sua mente se desconectou disso, incapaz de nomear o insuportável. Olhou esses olhos azuis; neles viu carinho, e algo mais. Uma promessa?

Começou a aproximar-se pouco a pouco, olhando da senhora ao cavalheiro e novamente à senhora. Se ele se movesse, poria-se a correr, porque nem sempre os homens eram bons, mas ele continuava muito quieto; seus olhos eram igualmente azuis, igualmente amáveis que os de sua esposa.

Quando estava ao seu alcance, a senhora lhe acariciou meigamente a cabeça.

—Tem o cabelo loiro, não é? Não me tinha dado conta de que cor era, com tanta imundície. Assenta-lhe muito bem com esses olhos castanhos. Você gostaria de ter uma nova mamãe e um novo papai, querida?

Mamãe, papai. Essas eram palavras do passado longínquo, dourado. A garotinha fez um balanço entre a possibilidade de perigo e sua desesperada necessidade. De repente a esperança superou seu medo. Correu os dois últimos passos e se jogou nos braços abertos da senhora.

Maria a levantou no ar em um abraço. Seus braços eram acolhedores e suaves, como os da outra senhora do passado. Acolhedores, suaves e seguros.

—Não se preocupe, querida —arrulhou—. Pode ser que Thomas e eu não sejamos respeitáveis segundo certos critérios, mas jamais lhe faltarão nem comida nem amor. — A menina viu maravilhada que havia lágrimas nos olhos azuis da senhora quando olhou

seu marido—. Não olhe assim, farsante irlandês. Tem o coração tão brando como o meu.

—Não são os corações os que temos brandos e sim as cabeças —disse Thomas com ironia—. Mas tem razão, não podemos deixá-la aqui, e quanto antes a colocarmos em uma banheira com água e sabão, tanto melhor. —Agarrou a mão da menina com sua enorme mão—. Como se chama, querida?

Sobressaltada por sua atenção, a menina colocou a cara no pescoço da senhora; cheirava a limpo e doce, como as flores depois da chuva.

—Suponho que nós teremos que lhe dar um nome -disse Maria, lhe acariciando meigamente as costas—. Linda como uma rosa, mas muito valente. Imagine, sobreviver semanas nas ruas sendo uma coisinha tão pequena.

— Então, a chamaremos Rosalind, como a mais intrépida das heroínas — sugeriu Thomas. Apertou brandamente a mão da menina. Este é seu dia de sorte, rosita.

— Não, Thomas — disse Maria, depositando um carinhoso beijo na têmpora da pequena —. É nosso dia de sorte.

Capítulo 1

—Mortalmente doente.

As palavras do médico ficaram ecoando no ar, horripilantes e letais como escorpiões. Stephen Edward Kenyon, quinto duque de Ashburton, sétimo marquês de Benfield, e meia dúzia de títulos mais, muito corriqueiros para mencioná-los, ficou quieto enquanto vestia a camisa depois do exame médico. Repetiu mentalmente a frase, como se a analisando fosse alterar de algum modo seu significado.

Mortalmente doente. Sabia que alguma coisa não estava bem, mas não tinha imaginado... isso. O médico podia estar equivocado. Claro que nas últimas semanas a dor no ventre havia passado de moléstia moderada a ataques muito dolorosos. Mas certamente isso só significaria algum tipo de ulceração, dolorosa, mas não mortal. Agradecendo sua habilidade para controlar sua expressão, continuou abotoando a camisa.

—Essa é uma afirmação surpreendente em um médico. Achava que você e seus colegas preferiam evitar os prognósticos tétricos.

—Você sempre teve fama de homem que valoriza a sinceridade, excelência. —O doutor Blackmer se concentrou em recolocar em meticulosa ordem seus instrumentos na maleta—. Pensei que não lhe faria nenhum favor ocultando a verdade. Um homem de sua posição necessita tempo para... para pôr em ordem seus assuntos.

Stephen compreendeu, com inquietante força, que o médico falava muito a sério.

—Seguro que isso não será necessário. Além de ocasionais dores de estômago, sinto-me muito bem.

—Estive preocupado com sua enfermidade desde que lhe começaram as dores, mas esperava que estivessem erradas minhas primeiras suspeitas. Mas já não se pode negar a verdade. —Levantou a vista e o olhou com seus olhos verde cinzas preocupados—. Sofre de uma tumefação do estômago e o fígado, a mesma enfermidade que padecia seu guarda-florestal, o senhor Nixon.

Esse foi outro golpe. Em questão de meses, Nixon, homem bonachão e aficionado ao ar livre, converteu-se em um fantasma atormentado pela dor; e sua morte tinha sido muito dolorosa.

Não querendo olhar-se no espelho, atou a gravata no tato, enquanto fazia distraidamente esses movimentos normais.

—Não há nenhum tratamento?

—Temo que não.

Stephen vestiu a jaqueta azul marinho e alisou as rugas das mangas.

—Que precisão tem seu cálculo de seis meses?

Blackmer titubeou.

—É difícil prognosticar o curso de uma enfermidade. Eu diria que restam não menos de três meses, mas dizer seis meses seria... otimista.

Ou seja, que se o médico tivesse razão, no Natal já estaria morto, ou provavelmente muito antes.

E se Blackmer estivesse equivocado? Certamente isso era possível, mas era um médico muito respeitado e consciencioso. Menino enjeitado criado pela paróquia, tinha sido tão promissor que o velho duque o tinha enviado a estudar medicina. Em troca, Blackmer tinha prestado excelente atenção médica à família Kenyon. Era muito improvável que desse ao filho de seu protetor uma sentença de morte a menos que estivesse absolutamente seguro.

Obrigou a sua aturdida mente a pensar que outras perguntas deveria fazer.

—Devo continuar tomando as pastilhas que me deu em sua última visita, ou não já não tem sentido?

—Siga tomando. De fato, preparei mais. —Colocou a mão em sua maleta e tirou um frasco com cortiça—. Contêm principalmente ópio, para acalmar a dor, e algumas ervas para purificar o sangue. Tome pelo menos uma ao dia. Mais se sentir dor.

Igual aos hábitos, as maneiras eram muletas convenientes. Quando agarrou o frasco, Stephen disse educadamente:

—Obrigado, doutor Blackmer. Valorizo sua sinceridade.

—Nem todos meus colegas o aprovariam, mas creio que quando o fim é inevitável, um homem deve ter tempo para preparar-se. —Fechou sua maleta com um golpe, ficou calado um momento, com expressão preocupada, e depois acrescentou—: Tem alguma outra pergunta para me fazer, excelência?

Depois de uma sentença de morte, nenhuma pergunta importava.

—Não. Desejo-lhe um bom dia, doutor. —Esticou a mão para puxar o cordão.

—Posso sair sozinho. —Com seu olhar intenso e inescrutável, Blackmer agarrou sua maleta e se dirigiu à porta—. Voltarei dentro de duas semanas.

—Para que? —perguntou Stephen, sem poder evitar um tom cortante—. Já reconheceu que não pode fazer nada, de modo que não vejo nenhum motivo para sofrer mais explorações.

—Virei de qualquer modo —respondeu o médico, com o rosto rígido—. Continue tomando seu remédio e mande me chamar se sentir necessidade.

Dito isso, com os ombros caídos, o homem alto saiu da sala de estar particular do duque.

Stephen ficou imóvel no meio da sala, tentando assimilar a realidade das palavras do médico. Morte em questão de meses. Parecia-lhe impossível; só tinha trinta e seis anos, pelo amor de Deus; talvez não fosse jovem, mas tampouco velho, e estava em excelente forma. Além da asma que sofreu em menino, sempre tinha gozado de boa saúde.

Um pêndulo de raiva começou a enroscar-se por seu atordoamento, tirando-o de sua paralisia. Sabia perfeitamente bem que a idade não tinha nada a ver; sua esposa Louisa ainda não tinha trinta anos quando morreu de uma febre. Sua morte foi uma impressionante surpresa, mas pelo menos foi misericordiosamente rápida.

Seu olhar posou no espelho com moldura dourada pendurado acima do suporte

da lareira. Seu reflexo não diferia em nada da imagem que tinha visto fazia uma hora: uma figura alta e magra, cabelo castanho, o rosto Kenyon de ossos fortes que tão bom conjunto fazia com a arrogância. Mas uma hora atrás ele era um duque na plenitude de sua vida, um homem que acabava de tirar o luto pela morte de sua esposa e começava a pensar em novos começos.

E nesse momento era um cadáver ambulante.

Novamente lhe acendeu a ira, tão intensa como quando aos quinze anos seu pai anunciou que lhe tinham arrumado um matrimônio conveniente. Lady Louisa Hayward era só uma menina, mas bonita e de maneiras agradáveis. O velho duque lhe disse que cresceria para ser uma esposa e uma duquesa perfeita.

Furioso ele protestou que não deviam tomar uma decisão tão importante para seu futuro sem seu conhecimento; sua breve rebelião murchou rapidamente diante a ira e desprezo de seu pai. Quando saiu do estúdio, já tinha aceitado seu dever.

Olhando em retrospectiva, teve que reconhecer que o velho não se havia enganado. Na verdade Louisa foi uma duquesa perfeita, se não uma esposa perfeita.

Cruzou a porta que conectava seus aposentos com a suíte da duquesa. Fazia um ano que não punha os pés ali, desde sua morte. E antes, não com frequência, diga-se a verdade.

O dormitório e o quarto de vestir estavam imaculados e sem o menor sinal de ocupação; não restava nada que recordasse Louisa, à exceção das amostras de sua deliciosa perícia no trabalho de agulha. Capas de travesseiros maravilhosamente bordados, alvos assentos muito preciosos para sentar-se em cima. Sempre que recordava sua esposa, via-a com a cabeça inclinada sobre um bastidor de bordado. Havia passado quase etérea pela vida, guiada pela ressalva de que o nome de uma dama só aparece três vezes nos jornais: quando nasce, quando se casa e quando morre.

Fechou a porta e voltou para sua sala de estar. Frente a ele estava pendurado um retrato a óleo de Louisa, pintado por sir Anthony Seaton, o melhor retratista da Inglaterra. Seaton tinha realizado um bom trabalho, ao captar sua beleza de porcelana e o sutil brilho de tristeza que se via em seu enigmático olhar.

Pela milésima vez se perguntou se atrás da fachada sem mácula de sua esposa teria havido emoções fortes, paixão, raiva, ódio, qualquer coisa. Mas se tinham existido sentimentos profundos, ele nunca os encontrou; em todos seus anos de matrimônio jamais tinham trocado uma palavra dura: a emoção da raiva.

Era certo que ela lamentava não ter filhos, mas seu pesar se devia mais a que isso considerava ter faltado com seu dever. A diferença dele, ela não lamentava a falta de filhos por eles mesmos. Mas nunca tinha fraquejado no cumprimento de seu dever, insistindo-o a visitar sua cama com regularidade, embora em suas relações sexuais nunca houvesse alegria.

Estaria esperando-o quando ele morresse? Ou isso estaria reservado aos casais que se amaram mutuamente? No melhor dos casos, eles tinham sido amigos; no pior, desconhecidos que às vezes compartilhavam uma cama.

Aproximou-se da janela a contemplar os vastos campos ondulantes de Ashburton. A lagoa brilhava como um espelho prateado. Não lembrava que alguma vez lhe tivessem dito que a abadia algum dia seria sua; esse conhecimento tinha formado parte dele sempre. As maiores satisfações de sua vida as tinha proporcionado essa terra.

Se Blackmer estava certo, muito em breve seu irmão mais novo Michael seria o dono da propriedade. Fazia tempo que ele tinha aceitado a idéia de que seu irmão, ou o filho de seu irmão, seria o próximo duque, mas sempre imaginou que isso ocorreria

muitos anos depois, no futuro; passadas várias décadas talvez.

Michael seria um duque justo e capaz, porque também conhecia bem seus deveres, mas sentia aversão pela abadia; sempre a tinha odiado. Dado tudo o que sofreu ali, como bode expiatório da família, ele o compreendia, mas isso certamente significava que Michael preferiria continuar vivendo em sua mui amada propriedade gaulesa. A abadia estaria silenciosa e vazia, à espera que alguma geração futura desfrutasse da antiga casa de pedra, do magnífico salão principal e do aprazível jardim do claustro.

Novamente sua raiva se converteu em ira pura. Toda sua vida tinha cumprido com seu dever, esforçando-se por estar à altura de suas responsabilidades, por ser digno de sua posição. Em Harrow e Cambridge tinha se destacado nos esportes e nos estudos; conscientemente tinha moderado a arrogância que seu pai considerava apropriada para um Kenyon, porque pensava que um verdadeiro cavalheiro não tem nenhuma necessidade de presunção nem arrogância. Tinha tratado sua esposa com consideração e respeito, não lhe reprovando jamais pelo que ela era incapaz de dar.

Sempre tinha jogado segundo as regras, e para que? Para que?

Violentemente passou o braço por cima de uma bonita mesinha lateral, jogando no chão os adornos de porcelana e as flores frescas. Tinha vivido a vida tal como a tinham ordenado, e esta não tinha sido uma vida absolutamente. E quando por fim se encontrava em posição de fazer algo para poder melhorar e enriquecer sua existência, descobrira que lhe tinha acabado o tempo. Não era justo; maldito seja, não era justo.

Acabadas já as longas guerras, fazia planos para viajar, visitar Viena, Florência e Grécia; tinha desejado fazer coisas frívolas simplesmente pelo prazer que encontraria nelas. Tinha desejado comprovar se era capaz de sentir paixão, e talvez voltar a casar, tomar outra esposa que fosse uma companheira e não somente uma duquesa perfeita.

Afastou-se da janela meio sufocado pela ira. Embora não tivesse a menor intenção de falar de sua enfermidade, essa notícia não permaneceria em segredo muito tempo. Muito em breve veria curiosidade nos olhos das pessoas quando o olhassem atentamente, calculando quanto tempo restaria de vida. Pior ainda, veria lástima. Seus vizinhos sussurrariam entre eles quando ele entrasse em uma sala. Seu valete, Hubble, andaria por aí com lágrimas nos olhos, piorando assim uma situação já ruim.

Pela primeira vez em sua vida, desejou escapar de Ashburton e de tudo o que representava. Começou a passear pela sala. Embora estivesse rodeado de muitas pessoas, não havia nenhuma na qual pudesse descarregar sua alma. Em Ashburton ele era «o duque», sempre sereno e objetivo. Mas nesse momento sentia um angustiante desejo de estar em algum lugar onde fosse um desconhecido, enquanto se adaptava ao esmagador diagnóstico de Blackmer. Desejava ser anônimo e livre, embora fosse por umas poucas semanas.

Bom, e por que não? Deteve-se a pensar. Nada o impedia de partir. Podia ir aonde desse vontade e à velocidade que quisesse. Poderia deter-se nas feiras dos povoados e admirar as empregadas bonitas, alojar-se em posadas que seus criados considerariam indignas dele. Além disso, agosto era uma boa época para cavalgar pela Inglaterra. Esse poderia ser seu último verão.

Com um nó no estômago, entrou em seu quarto, abriu uma gaveta e tirou um par de mudas de roupa íntima. Posto que iria a cavalo, devia viajar com pouca carga. Como se arrumava com a lavagem da roupa as pessoas comuns? Seria interessante descobrir.

Abriu-se a porta e seu valete entrou.

—Ouvi que alguma coisa se rompia, excelência. —Hubble parou em seco, com os

olhos exagerados diante da desordem—. Excelência?

Stephen, que estava agachado sobre o amontoado de coisas que se foram acumulando na cama, endireitou-se. Posto que aí estava Hubble, bem podia pô-lo a trabalhar; assim poderia partir mais depressa.

—Saio de férias —disse, com ironia secreta—. Prepare meus alforjes.

Hubble olhou a roupa, duvidoso.

—Sim, senhor. Aonde vamos?

—Não «vamos» a nenhuma parte. —Stephen acrescentou ao monte um livro com suas obras de Shakespeare favoritas—. Vou sozinho.

Hubble estava perplexo. Era um homem competente e afável, mas jamais tinha conseguido entender a veia travessa de Stephen.

—Mas quem vai se ocupar de sua roupa, senhor?

—Suponho que eu terei que fazê-lo. —Stephen abriu uma gaveta de sua mesa e tirou um punhado de moedas, dinheiro suficiente para várias semanas—. Será muito educativo.

Hubble fez um gesto de horror, ao imaginar-se quão desarrumado iria seu amo. Prevendo o inevitável protesto, Stephen lhe disse asperamente:

—Nada de razões nem comentários. Se limite a me preparar os alforjes.

Hubble tragou saliva.

—Muito bem, senhor. Que tipo de roupa vai precisar? Stephen deu de ombros.

—Simples, não vou assistir a nenhum baile elegante.

Tirou sua caixa dourada de cartões da gaveta e voltou às deixar onde estavam. Posto que não viajaria como duque de Ashburton, não necessitava cartões de visita.

Depois se sentou diante da mesa a escrever breves notas para seu secretário e seu administrador, dizendo que continuassem fazendo tudo como de costume. Considerou a idéia de escrever a seu irmão e a sua irmã, mas decidiu não fazê-lo. Haveria tempo suficiente depois.

Enquanto o duque escrevia, Hubble ordenou as coisas nos alforjes. Quando terminou, perguntou em voz baixa:

—Para onde enviaremos as mensagens urgentes, excelência? Stephen pôs selo na última nota.

—A nenhuma parte. Não quero receber nenhuma mensagem.

—Mas, senhor... —Fechou a boca diante do penetrante olhar que lhe dirigiu Stephen. Contentou-se dizendo—: Quanto tempo vai ficar fora, excelência?

—Não tenho idéia —respondeu Stephen—. Voltarei quando estiver disposto, nem um só momento antes.

—Senhor, não pode partir assim! —exclamou Hubble, que já começava a ficar agitado.

—Sou o mui nobre duque de Ashburton —respondeu Stephen, com um que de amargura na voz—. Posso fazer o que me dê a maldita vontade. —Exceto viver, pensou.

Agarrou sob os braços os avultados alforjes e então recordou que devia incluir algo mais. Havia espaço suficiente para o frasco de pastilhas de Blackmer.

Depois girou sobre seus calcanhares e se dirigiu à porta. Não sabia quanto tempo restava de vida, mas tinha a intenção de desfrutar de cada minuto dele.

Capítulo 2

—Rose —gritou Maria Fitzgerald—. Está caindo a asa esquerda!

—Um momento, mamãe —respondeu Rosalind.

Rapidamente prendeu com alfinetes o extremo de uma longa peça de tecido azul cinza brilhante nas rugosas tabuas da parede do celeiro. As amplas dobras do tecido tinham cumprido muito bem seu encargo como cortinas palacianas e mares enevoados, e foram muito bem para recobrir o fundo de uma caverna mágica. Uns seis metros mais à frente prendeu o outro extremo do tecido e contemplou o efeito. Depois foi ajudar sua mãe.

O celeiro fervia de animação com os preparativos da Companhia de Teatro Fitzgerald para a representação que começaria dentro de uns minutos. Embora fossem representar *A tempestade* em um isolado povoado com mercado, e a metade das pessoas que compunham o elenco não eram verdadeiros atores, todos os membros da companhia tomavam muito a sério seu trabalho.

Pois sim, uma das asas prateadas da Maria estava se desprendendo. Rosalind tirou agulha e fio de sua mesa de costura e lhe ordenou:

—Vire-se.

Obedientemente, sua mãe se virou para que Rosalind pudesse fazer os acertos. As exuberantes curvas femininas de Maria Fitzgerald não eram o que Shakespeare tinha em mente quando escreveu o delicado gênio do ar Ariel. Mas as vaporosas capas de gaze de seu vestido contariam com a aprovação dos membros masculinos do público, e sua perícia artística a permitia fazer seu qualquer papel.

Rosalind firmou a asa caída ao sutiã de sua mãe com alguns pontos rápidos.

—Pronta, está tão boa como nova. Isso sim, não esbarre em nenhuma árvore quando voar.

Enquanto Maria ria, ouviu-se uma clara voz de soprano gemendo:

—Rose, preciso de você desesperadamente. Não consigo encontrar o colar de Miranda.

Rosalind elevou os olhos ao céu, revirando-os, e foi em auxílio de sua irmã. Jessica, verdadeira filha de Thomas e Maria Fitzgerald, tinha herdado a beleza e a natureza expressiva de seus pais. Agitando suas pestanas escuras, disse teatralmente:

—Se não tiver meus brilhantes bichinhos marinhos ao redor do pescoço, todos vão olhar Edmund e não a mim. Isso vai alterar o equilíbrio da obra.

Rosalind emitiu um ruído habitual.

—Sabe muito bem que os homens que não estiverem olhando mamãe vão estar olhando você. Quanto a seu colar, creio que está nessa caixa.

Jessica pinçou na arca que fazia de móvel na caverna marinha de Próspero. Ao fim de um momento, tirou um cordão de seda de um metro de comprimento, do qual penduravam conchas, estrelas e cavalinhos de mar dourados.

—Pois sim! Como consegue ter tudo em ordem?

—A habilidade organizativa é o aborrecido dom dos sem talento —disse Rosalind, rodeando o comprido cordão ao redor da esbelta figura de sua irmã.

—Tolices —riu Jessica—. Tem todo tipo de talentos. A companhia viria abaixo sem você. —Contemplou a alta figura de sua irmã—. E se não fosse por essa horrível vestimenta, os homens a olhariam também.

—Posso viver sem esse prazer.

Rosalind prendeu a ponta do colar ao vestido de Jessica; não iria bem tropeçar em uma estrela de mar, como aconteceu àquela vez em Leominster, caindo nos joelhos do prefeito, o que, por certo, não a incomodou absolutamente.

—Além disso —continuou—, eu gosto bastante de minha horrível vestimenta. Tem que reconhecer que Calibán é um papel perfeito para mim; requer muito pouca

atuação.

Jessica pareceu afligida; posto que atuar era sua vida, nunca lhe tinha ocorrido pensar que sua irmã não sentisse o mesmo.

—É uma boa atriz —disse, sinceramente—. Faz bem todo tipo de papéis.

—O que significa que digo com suficiente claridade minhas falas e não caio no cenário —respondeu alegremente Rosalind—. Isso não me faz uma atriz, querida.

—Rosalind! —retumbou uma sonora voz de barítono do outro lado do celeiro, espantando as pombas que saíram batendo as asas das vigas—. Ajude-me com as luzes.

—Já vou, papai.

Atravessou o improvisado cenário até onde Thomas Fitzgerald, embelezado com sua roupagem de mago para o papel de Próspero, estava instalando as lamparinas. Com supremo cuidado levantou um dos abajures de azeite com refletor e a moveu um pé à esquerda; depois moveu outra um pouco à direita.

—Aí. Assim iluminará melhor os cantos.

—Correto, como sempre, querida —disse Thomas, sorrindo afetuosamente. Fez um gesto para a porta—. Brian diz que há uma boa multidão reunida aí fora.

—É claro, somos o mais interessante que ocorre em Fletchfield este verão.

Quando seu pai se retirou, Rosalind deu uma olhada geral ao cenário coberto de palha. Os simples cenários estavam em seu lugar, os atores estavam vestidos. Fora se ouvia a batida voz de Calvin vendendo bilhetes com seu sotaque cockney. Tudo estava disposto para a representação.

Quantas cenas assim tinha fiscalizado? Centenas? Milhares? Reprimiu um suspiro. Havia passado a maior parte de sua vida em lugares similares, criando noites mágicas para o desfrute dos habitantes dos povoados, para depois empacotar tudo de novo e mudar-se a localidade seguinte. Talvez em seus vinte e oito anos já estivesse muito velha para essa vida, embora a idade não diminuísse o entusiasmo de seus pais adotivos. Mas eles eram atores. Em troca Rosalind Jordão, enfeitada, viúva e diretora de cena de fato, não era. Às vezes pensava iludida em quão agradável seria ter uma casa a qual chamar de sua.

Mas todas as pessoas que amava estavam sob esse teto, e isso compensava os aspectos mais pesados da vida itinerante.

—Todos a seus lugares, por favor —chamou em voz alta. Os membros do elenco correram a esconder-se atrás dos frágeis painéis que faziam de bastidores. Quando ela ocupou seu lugar, fez um sinal a seu irmão mais novo, Brian, para que abrisse as portas e fizesse entrar o público. Que comece a magia.

Dia oitenta e três

Uma semana de viagem sem rumo tinha acalmado a primeira reação de fúria de Stephen diante da notícia de sua iminente morte. Havia passado da raiva ao medo e depois a fervente esperança de que Blackmer estivesse errado, embora dois terríveis ataques de dor gástrica faziam parecer cada vez mais acreditável o diagnóstico. Felizmente ambos os ataques lhe vieram à noite, na intimidade de um quarto de estalagem. Esperava em Deus não ter um em público, embora o mais provável era que mais cedo ou mais tarde aconteceria. Tentava não pensar nisso.

Com amargo humor, tinha decidido contar para trás os dias que restavam de vida. Caso que teria pelo menos três meses, começou a conta em noventa; dali continuaria até zero. Então, se ainda estivesse vivo, começaria a contar para cima, porque então cada dia que passasse seria um extra.

Com o relógio da condenação tiquetaqueando em uma curva de sua cabeça, tinha viajado ao norte, atravessando as Marcas, as antigas fronteiras onde durante séculos

combatiam ingleses e gauleses. Quando cruzou a antiga via romana que seguia para o oeste, adentrando em Gales ao longo da costa sul, deteve seu cavalo e considerou a possibilidade de ir visitar seu irmão. Michael tinha sido soldado, e tinha conhecimento de primeira mão sobre como enfrentar uma morte inevitável.

Mas ainda não estava preparado para revelar a triste notícia a seu irmão. Talvez isso se devesse a que era o mais velho; embora no ano e meio passado se fizeram amigos, não queria chegar até Michael como um suplicante assustado. O qual demonstrava, supôs, que bem podia ter renunciado à arrogância, mas o orgulho seguia sendo uma parte importante dele.

A passo tranquilo, continuou seu caminho para o norte, passando por Herefordshire e dali continuou para o este, desfrutando dos perfumes e vistas da última parte do verão. Tinha satisfeito seu interesse em pedir quarto nas estalagens ele sozinho e negociar o preço de uma cama ou uma comida. Em toda parte o tratavam educadamente, como um cavalheiro, mas sem a reverente deferência a qual estava acostumado. Gostava da mudança, ser duque podia ser um aborrecimento às vezes.

Mas a viagem lhe estava sendo solitária. Sempre tinha se desligado das emoções turbulentas, muitas vezes pueris, que dominavam a maior parte da humanidade, mas em alguns momentos se sentia como se já fosse um fantasma que observava as atividades dos mortais, embora fosse sem participar. Era hora de dar meia volta e voltar para casa e ser novamente o duque. Devia cumprir suas responsabilidades: pôr em dia seu testamento, notificar sua enfermidade a quem tinha direito, ou seja, decidir o que desejava realizar antes que a propriedade passasse a seu irmão.

Também devia visitar sua irmã mais velha, Claudia. Os últimos anos tinham estado um pouco distanciados, mas desejava voltar a vê-la antes de morrer; talvez pudessem encontrar um lugar comum antes que fosse muito tarde.

Quando entrou na pequena cidade de Fletchfield estavam se acumulando nuvens de tormenta. Posto que não havia nenhuma boa razão para continuar cavalgando e encharca-se, olhou as fachadas das duas posadas que estavam frente a frente na rua principal, e escolheu a Rede Lion, pelos vasos de barro cheios de flores de suas janelas.

Conseguiu quarto, e estava a ponto de subir a escada quando viu um pôster de teatro na parede. A «Famosa Companhia de Teatro Fitzgerald» ia representar A tempestade, ou A ilha, encantada, de Shakespeare nessa mesma noite. Sempre tinha gostado do teatro, e a história do duque mago que vivia banido em uma ilha com sua jovem filha era uma de suas favoritas; embora só Deus soubesse que elenco de atores de quarta classe a interpretariam. Olhou o hospedeiro e perguntou:

—É boa esta companhia?

—Bom, não sei qual seria a opinião de um cavalheiro como você —respondeu com cautela o hospedeiro—, mas nós gostamos. Vêm todos os verões. Sempre montam um animado espetáculo. Ação, emoção. —Sorriu—. E umas senhoras muito atraentes mostram um vislumbre de seus tornozelos, e às vezes um pouco mais.

Isso não tinha muito traços de arte, mas seria uma diversão. Depois de descansar e jantar, saiu à rua principal. O ar estava pesado com o calor de agosto, mas um trovão na distância ofereceu a promessa de uma chuva refrescante.

Foi fácil encontrar o teatro temporário montado nos subúrbios da cidade, posto que uma boa parte da população ia nessa direção. Umas poucas pessoas olharam com curiosidade o forasteiro, mas a maioria estava muito entusiasmada pela perspectiva da representação para fixar-se nele.

Fora do celeiro aonde ia se representar a obra se apinhava umas cinqüenta ou sessenta pessoas, enquanto um homenzinho de rosto ardiloso com sotaque cockney

vendia bilhetes. Por um xelim entregava um disco de madeira com um F estampado, que se recolheria quando abrissem as portas. Ali não existia a tolice de escolher entre assentos de camarote, platéia ou galeria.

Estava esperando no fim da fila para comprar seu bilhete quando viu duas anciãs que sem dúvida eram irmãs. Usavam roupa desgastada, mas quase dolorosamente limpa.

—Seria muito agradável, é claro —disse energicamente a mais baixa—, mas não podemos nos permitir o luxo de gastar dois xelins nisto.

—Sei, Fanny, sei —respondeu sua irmã, alta e de rosto doce, com expressão sonhadora—. É melhor comer que ver uma peça de teatro. Mas que bonito foi Romeo e Julieta aquela vez, faz cinco anos, lembra-se? Quando as galinhas punham bem e dispúnhamos de algum dinheiro de sobra.

—Não serve de nada pensar nisso. —Fanny, sem dúvida a chefe, agarrou no braço de sua irmã e começou a afastá-la—. Vamos para casa tomar uma rica infusão de folhas de framboesa.

Nesse momento chegou à vez de Stephen comprar seu bilhete. Movido por um impulso, entregou três xelins ao vendedor e recebeu três discos. Depois deu a volta e abriu passagem por entre a multidão até chegar às irmãs. Inclinando-se cortesmente diante delas, disse:

—me perdoem, senhoras, mas teriam a bondade de fazer um favor a um desconhecido? Fanny o olhou cética.

—Busca uma direção? Ele negou com a cabeça.

—ia encontrar-me aqui com dois amigos para ver a obra, mas acabo de me inteirar de que não poderão vir. Aceitariam estes? —estendeu a mão com os dois discos.

Iluminaram-se os olhos da irmã alta.

—Ah, Fanny.

—Não pode devolvê-los? —perguntou secamente a outra.

—Parece-me que o moço que vende os bilhetes é bastante teimoso —se apressou a explicar Stephen—. Prefiro não ter uma briga com ele.

Enquanto Fanny considerava a moralidade de aceitar esse presente, seu olhar passou de Stephen à cara esperançada de sua irmã. Um brilho de compreensão passou por seus olhos.

—Obrigado, senhor. Você é muito amável —disse, esticando a mão. Embora não aceitaria caridade para ela, não negaria a sua irmã o prazer de ver o teatro.

—É você a amável, senhora.

Entregou-lhe os discos e depois de outra inclinação, afastou-se, sentindo um agradável calorzinho. Cada ano dava milhares de libras à paróquia e a obras beneficentes de todo tipo, desde recursos de manutenção para as viúvas de militares até recursos para criar escolas para os filhos de lavradores. Mas todas essas coisas se faziam a distância; nem sequer tinha que fazer ele os cheques bancários. Gastar dois xelins de seu bolso para fazer um presente a um par de anciãs lhe produziu mais satisfação que todo o dinheiro que tinha dado no passado. Talvez devesse interessar-se mais pessoalmente nos resultados de sua filantropia.

A lembrança de que não contava com muito tempo para mudar seus hábitos lhe diminuiu o prazer. De qualquer modo, ainda restavam uns poucos meses. Resolveu dedicar uma parte desse tempo a comprovar que suas doações conseguiam os melhores resultados. Poderia visitar algumas viúvas e escolas, não para receber gratidão por fazer o que era seu dever a sim para apreciar a humanidade das pessoas a quem ajudava.

Abriram-se as portas, empurradas de dentro do celeiro por um menino de dez ou

onze anos, de rosto vivo.

—Senhoras e senhores, entrem —gritou o vendedor cockney—. A tempestade está a ponto de começar.

A iminente tormenta produziu uma oportuna série de trovões encadeados. Em meio a risada geral, todos começaram a entrar no celeiro, cada um recebendo uma folha com o elenco em troca do disco. Um aroma acre proclamava que normalmente se guardavam vacas ali. Toscos bancos de madeira estavam dispostos em filas frente ao improvisado cenário, montado no fundo do celeiro. A iluminação provinha da luz que entrava pelas estreitas janelas atravessadas e de clarabóias laterais, e de uma fileira de seis lamparinas que separavam o público dos atores.

O celeiro se encheu rapidamente; as irmãs anciãs conseguiram encontrar assentos na primeira fila. Dado que não havia bancos para todos, Stephen procurou um posto junto à parede da direita. Ali não só penetrava um pouco de ar fresco mas também poderia sair sigilosamente se a representação fosse muito ruim.

Pouco a pouco o público foi se acomodando, todos sonhadores e espectadores. Stephen descobriu que compartilhava o sentimento. O teatro tinha algo mágico, mesmo nessas toscas condições. Embora tivesse camarote em todos os teatros importantes de Londres, fazia anos que não esperava com tanta animação uma representação. Mentalmente cruzou os dedos, desejando que os atores fossem medianamente decentes.

Um forte ruído de trovões artificiais encheu o celeiro, produzindo vários gritos de mulheres nervosas. Então, quando as luzes de relâmpagos artificiais iluminaram os cantos sombrios do celeiro, dois marinheiros saíram cambaleantes do bastidor esquerdo e começaram a falar em voz alta a respeito da tormenta e a probabilidade de que o navio se afundasse.

Logo chegaram junto a eles seus nobres passageiros, todos lamentando o iminente naufrágio em que morreriam afogados. Depois que saíram do cenário, houve um longo momento de quietude, até que das frágeis cortinas que faziam de bastidores no lado direito, apareceram o mago Próspero e sua bela e jovem filha Miranda. Os dois atores tinham cabelos escuros e uns chamativos olhos azuis; certamente eram parentes. Stephen olhou seu programa: Thomas e Jessica Fitzgerald.

A superioridade de Próspero era tão imponente que Stephen demorou um momento em ver realmente Miranda. Seu primeiro olhar foi seguido por outro, porque a moça era uma beldade. O público os recebeu com aplausos e assobios de admiração. Miranda dirigiu um coquete sorriso a seus admiradores e esperou que se calassem. Quando tinha a atenção de todos, começou a falar, com uma voz cristalina que chegava facilmente a todo o celeiro.

Próspero respondeu, lhe explicando com sua deliciosa voz de barítono que na verdade ele era o duque de Melam e ela uma princesa. Stephen abandonou sua posição meio reclinada na parede e se endireitou, atraída sua atenção. Fitzgerald e sua filha eram esplêndidos atores, com um estilo natural que calçava a perfeição com a intimidade do teatro improvisado. Jamais tinha visto essa cena melhor representada.

O seguinte a aparecer foi o gênio do ar Ariel, acompanhado por mais assobios e aplausos dos homens mais ruidosos do público.

Stephen não pôde menos que compreendê-los; o papel de Ariel o interpretava uma mulher voluptuosa de idade amadurecida, chamada Maria Fitzgerald, sem dúvida a esposa de Próspero e mãe de Miranda na vida real. Também sabia atuar. Sua sonora voz contribuía com dramatismo ao papel do gênio invisível que servia fielmente ao mago e, entretanto desejava liberdade.

Stephen cruzou os braços e relaxou, apoiado na parede, mais que disposto a render-se às ilusões da obra. A natureza ajudava contribuindo com uma tempestade autêntica e um aguaceiro para fazer contraponto à história. Dentro do celeiro escurecido, era fácil acreditar em uma ilha remota de névoa e magia.

Embora os outros atores não tivessem o mesmo talento dos Fitzgerald, todos eram competentes. O monstro Calibán o fez rir quando apareceu metido em um puído disfarce de macaco que ocultava totalmente a idade e a aparência do ator. Alegrementemente rude, o monstro entrou, passeou pisando forte pelo cenário e foi aplaudido com enorme aprovação. O charmoso jovem que fazia o papel de Fernando, o desejoso apaixonado, não tinha muito de ator, mas suas aparições produziam suspiros de felicidade entre as mulheres do público.

A tempestade não era uma obra notável pela solidez de seu argumento, mas Stephen gostava especialmente devido à forma como Próspero perdoava a seu irmão Antonio seu intento de assassiná-lo fazia uns doze anos. Em sua opinião, o mundo necessitava mais perdão, e por isso ele não tinha regulado esforços por reconciliar-se com seu irmão mais novo. Muitíssimas vezes se viu recompensado por ter estendido a mão para superar anos de ira e maus entendidos.

Quando os amantes estavam unidos, Ariel tinha sido felizmente liberado de seu serviço ao mago e Próspero tinha atirado ao mar seu livro de magia, Stephen já se sentia melhor do que se sentiu em muitos dias. A companhia Fitzgerald era uma jóia inesperada. Uniu-se aos aplausos entusiastas depois do discurso final de Próspero.

Um a um saíram os atores dos bastidores para fazer suas vênias e reverências. Abandonando as travessas maneiras de Ariel, Maria Fitzgerald era régia, enquanto sua filha Jessica era uma encantadora coquete.

Então entrou Calibán no cenário e tirou a puída cabeça do disfarce, deixando descoberto o cabelo castanho claro e os agradáveis traços de uma atraente jovem. Embora não tão bonita como Jessica Fitzgerald, havia algo em sua expressão risonha que atraiu Stephen. Dava a impressão de ser uma pessoa a qual adoraria conhecer.

Ela olhou em sua direção e então ele viu que seus olhos eram castanho escuro, um chamativo contraste com seus cabelos claros. Era mais velha que Jessica, teria talvez entre vinte e cinco e vinte e oito anos; uma mulher, não uma menina.

Olhou o programa e viu que fazia o papel de Calibán a senhora Rosalind Jordão. Não havia nenhum senhor Jordão no elenco. Levantou a vista no momento em que os atores saíam do cenário. Por um momento se entregou à fantasia de que estava em Londres e era um homem são, por isso podia ir à sala de espera dos atores e conhecer essa senhora risonha de cabelos claros; descobrir se era tão encantadora como parecia, e que tipo de figura escondia sob esse disfarce que a envolvia.

Mas não estava em Londres nem ele era um homem são. Seria difícil estar interessado em um jogo amoroso estando preocupado com sua sobrevivência. Adeus, senhora Calibán.

O espetáculo ia terminar com uma atuação de um ato, mas Stephen decidiu que já estava farto da fumaça e o cheiro do improvisado teatro. Abriu passagem por entre o público de pé junto a essa parede e saiu fora. A tormenta já havia passado, deixando uma ligeira garoa e um agradável frescor. Sendo longos os dias de agosto, as últimas luzes semi-nubladas do sol poente convertiam Fletchfield em uma espécie de nebuloso país de fadas.

Caminhou pela rua principal deserta, desfrutando dos aromas da terra molhada, a erva e as flores silvestres, e os suaves e deliciosos eflúvios de pão recém assado. Gostou de sentir a umidade; no rosto e a beleza sobrenatural que davam à paisagem as

gotas de garoa enevoadas. A chuva era uma das muitas coisas que apreciava como nunca antes. O único efeito positivo do prognóstico de Blackmer era que, de um modo estranho, sentia-se mais vivo que nunca.

Sua reação ao ver Rosalind Jordão o tinha recordado que, embora estivesse morrendo, ainda não estava morto. Qual era o proceder correto para um homem em suas circunstâncias? Antes de ouvir a sentença de morte de Blackmer, sua intenção tinha sido procurar uma nova esposa. Certamente haveria quem diria que devia voltar para se casar rapidamente, com a esperança de gerar um herdeiro. Seu irmão Michael estaria encantado se acontecesse isso.

Mas anos de cumprir fielmente seus deveres conjugais não tinham produzido nenhum filho, e ele não estava convencido de que a falha fora de Louisa; era provável que fosse ele o incapaz de criar nova vida. Ou talvez a falta de profundidade de seu matrimônio tenha feito impossível produzir algo tão cheio de vitalidade como um bebê.

A idéia de casar-se a sangue frio por motivos dinásticos o fez apertar os lábios. Havia feito um matrimônio por dever uma vez, e que o pendurassem se voltasse a fazê-lo. Assim, não procuraria esposa.

E uma aventura amorosa? Em Londres havia mulheres lindas dispostas a dar uma convincente ilusão de paixão a qualquer homem que pudesse pagar o preço.

Mas desejava isso? Os momentos mais solitários de sua vida os havia passado na cama de Louisa, onde seus corpos se uniam, mas nada que ele fizesse conseguia despertar uma faísca de reação nela. Uma simulação de amor comprada poderia ser igualmente triste, sobre tudo nesse momento, quando a paixão não estava no primeiro lugar de sua mente.

Não, se ia morrer, faria-o tal como tinha vivido: sozinho. Muitos homens e mulheres também tinham feito isso com dignidade. Sem dúvida ele poderia fazer o mesmo.

A suave garoa já se transformara em chuva. Levantou o rosto ao céu e fechou os olhos, deixando correr a água pelo rosto, pensando em uma das frases da obra que acabava de ver: «Seu pai jaz enterrado sob cinco braças de água; de seus ossos está feito o coral». Ou talvez devesse pensar nas palavras do serviço funerário: «Pó é e em pó se converterá».

Em seu caso seria o pó de Ashburton.

Com expressão tétrica, desceu a vista a terra e continuou seu caminho pela rua sob a alegre chuva solitária.

Capítulo 3

Thomas Fitzgerald apareceu à janela da sala de jantar privada e franziu o cenho ao ver a chuva que continuava caindo sem parar.

—Representar A tempestade durante uma verdadeira tempestade esteve muito bem, mas os caminhos estão em um estado terrível esta manhã.

Rosalind levantou a vista do traje que estava remendando.

—Muito certo, mas a chuva amainará logo, e o trajeto a Redminster é só de oito ou nove milhas.

—Demoraremos um dia em fazê-lo —disse Thomas em tom pessimista. Maria se inclinou sobre a mesa de café da manhã e serviu o que restava de chá na taça de seu marido.

—E no que outra coisa poderíamos ocupar o tempo, meu amo e senhor? Thomas

olhou sorrindo maliciosamente sua mulher.

—Poderíamos ficar hospedados nesta acolhedora estalagem enquanto eu a recordo o que melhor se convém fazer em um dia chuvoso. Em lugar disso terei que passar meu tempo empurrando os carroções para tirá-los do barro.

Maria bateu recatadamente suas longas pestanas escuras.

—Temos tempo para voltar para nosso quarto para uma rápida recordação, posto que os jovens ainda não tomaram o café da manhã.

—Se comportem vocês dois —ordenou Rosalind, dando uma metade de torrada a Aloysius, o cão lobo da família, que estava descansando sob a mesa—. Com este tempo, temos que nos pôr em marcha o mais cedo possível. Se planeja passar o dia no barro, papai, ponha sua roupa mais velha.

—Não tem nem um osso romântico no corpo —grunhiu seu pai.

—E boa coisa que é também.

Rosalind estava fazendo o nó no extremo do fio quando entrou Jessica agitando os braços como se estivesse voando.

—bom dia —saudou—. Os Pais já estão nos oferecendo outro espetáculo de vergonhosa devoção conjugal?

—Creio que sim. —Rosalind cortou o fio e guardou todos seus instrumentos de costura em sua mesa de costura—. Quem é esta manhã, Julieta? Jessica se deixou cair graciosamente em uma cadeira.

—Sim, creio que morrerei de amor. Viu esse cavalheiro absolutamente esplêndido que estava no teatro ontem à noite? Estava de pé apoiado na parede esquerda. Que ar! Que superioridade! Que alfaiate! Deve ser um lorde. Teremos um romance.

—Nem pensar! —disse firmemente sua mãe—. Ainda não está tão grande para eu não lhe dar açoites, juvenzinha.

Sem perder nem um compasso, Jessica continuou:

—Sua senhoria me admira extravagantemente, mas eu rechaço suas insinuações. Consumido pelo amor, oferece-me matrimônio, apesar de minha humilde condição, mas eu lhe digo que jamais abandonarei o teatro pela vida aborrecida de uma senhora da sociedade. Ele cai em uma horrível depressão e morre de amor não correspondido.

Rosalind também o tinha visto, porque era o tipo de homem no qual se fixa uma mulher: alto, seguro de si mesmo, charmoso; muito digno de algumas fantasias. Mas essa manhã não havia tempo para fantasias.

—É mais provável que seja um advogado, não um lorde —disse alegremente—. Ou talvez um próspero comerciante de milho. Coma seus ovos antes que Brian chegue e devore tudo o que resta nas travessas.

Sua irmã pôs-se a rir e se levantou, desvanecidas suas maneiras; afetadas enquanto se servia um abundante café da manhã.

—Aposto que nunca disseram a Julieta que comesse seus ovos antes que os escondesse seu irmão mais novo.

—Teriam dito se Brian tivesse sido seu irmão. —Rosalind dobrou o traje que esteve remendando e o guardou na arca de vestuário—. E falando do rei de Roma.

De fora chegou o ruído de passos correndo escada abaixo; o ruído acabou bruscamente em um forte estrondo. Rosalind franziu o cenho. Estava se levantando quando seu irmãozinho entrou na sala de jantar. Era um Fitzgerald puro, de cabelo escuro e olhos de uma viva cor azul, mas nesse momento estava muito pálido e com a mão esquerda rodeava cuidadosamente seu pulso direito.

—Caí e creio que rompi o pulso.

Na família Fitzgerald era muito difícil distinguir entre os problemas reais e os

imaginários, mas todos, Rosalind, seus pais e Aloysius correram para Brian, se por acaso tinha feito uma lesão grave. O menino lançou um grito autêntico quando Rosalind lhe examinou o pulso.

—Parece ser uma entorse leve —disse ela quando acabou o exame—. O enfaixarei e em um ou dois dias estará muito bem. A próxima vez, não desça a escada correndo.

—Hoje não poderei fazer meus deveres de matemática —disse seu irmão esperançado.

—Pode e os fará —respondeu seu pai com firmeza—.matemática se faz com a cabeça, não com as mãos.

—Não é certo —aduziu Jessica, com evidente intenção de provocá-lo—. Brian necessita dos dedos para contar.

—Mentira! —exclamou seu irmão, indignado—. É você que nunca conseguiu chegar à álgebra.

Com a mão esquerda, o menino agarrou uma colher e pôs o último dos ovos em seu prato, enquanto Aloysius o observava com canino interesse. Jessica agitou a cabeça; era extraordinariamente boa para fazer isso.

—Uma deusa da cena não precisa de álgebra. Basta que saiba calcular os ganhos de bilheteria depois de um só olhar ao público. Rosalind olhou o céu revirando os olhos.

—irei procurar meu estojo de primeiros socorros enquanto vocês brigam.

Dirigiu-se à porta. Dado que Brian tinha o talento de um menino de dez anos para se machucar, seu estojo de primeiros socorros era sempre o que último guardava para poder encontrá-lo rápido. Mas antes de sair da sala de jantar, deteve-se um momento para olhar cada membro de sua família.

O coração se alargou de amor. Novamente agradeceu ao destino ter enviado Thomas e Maria a passear por aquele miserável cais, e à generosidade que os moveu a adotar uma menina mendiga. Só tinha umas poucas lembranças vagas, do pesadelo, do tempo que passou nas ruas, mas recordava com absoluta clareza seu encontro com os Fitzgerald. Se vivesse até os cem anos, jamais esqueceria a bondade que viu nos olhos de Maria.

Com uma pontada de dor observou os sinais de envelhecimento em seus pais. Os dois seguiam sendo bonitos, mas se aproximavam dos cinquenta anos, e havia fios prateados em seus cabelos escuros. A vida em uma companhia de teatro ambulante era árdua. Quanto tempo mais seriam capazes de continuar? E o que aconteceria quando as longas horas e as constantes viagens fossem muito para eles? Viviam com modesta comodidade, mas ficava pouco para economizar. Os salários, o vestuário e os carroções custavam dinheiro.

Mas Thomas não estava preocupado; tinha fé em que o Senhor proveria. Infelizmente, ela não compartilhava sua crença em que o Senhor tivesse um interesse pessoal nas finanças dos Fitzgerald.

Saiu da sala de jantar e fechou brandamente a porta. Talvez Jessica decidisse provar os cenários londrinos, e seria tão popular que poderia manter seus pais em sua velhice; tinha o talento e a ambição. Ou talvez Brian fosse um grande êxito, posto que também dava sinais de ter uma enorme capacidade dramática. Eles dois eram a esperança de prosperidade para a família, pensou, porque o talento dela era muito modesto; quase se podia dizer que era inexistente.

Suspirando, subiu até o pequeno quarto que tinha compartilhado com sua irmã. Avizinhava-se uma mudança, pressentia nos ossos. Claro que sempre tinha sabido que a família não poderia continuar unida eternamente. Jessica podia fazer brincadeiras sobre

apaixonar-se por um charmoso desconhecido, mas isso era sinal de que já estava amadurecida para isso, de verdade. Algum dia, muito em breve, encontraria marido e deixaria a companhia.

Rosalind só esperava que quando sua bela irmã se casasse o fizesse com melhor julgamento que o que tinha demonstrado ter ela ao fazê-lo.

Dia setenta e dois

Quando Stephen terminou seu pausado café da manhã, já tinha deixado de chover, de modo que empreendeu o longo retorno para casa. As violentas dores gástricas que sofreu durante a noite o convenceram de que era hora de acabar essa escapada e transformar-se novamente no duque. Tinha muito que fazer na abadia e em Londres.

Depois de sair de Fletchfield, cruzou uma ponte de pedra em arco. Debaixo corria o rio que seguia um leito mais ou menos paralelo ao caminho por onde havia chegado na tarde do dia anterior. Então o rio lhe tinha parecido plácido e belo; mas essa manhã estava muito cheio; a forte chuva da noite o tinha convertido em uma correnteza.

Posto que devia tomar o mesmo caminho, desta vez em sentido contrário, para o sul, tentou recordar se havia algum vau¹. Não, o rio não se cruzava com o caminho, o qual era uma sorte porque esse dia as águas torrencial faria muito perigoso atravessá-lo.

À medida que avançava a manhã, o sol ia aparecendo atrás das nuvens. deteve-se a admirar a paisagem da crista da colina mais alta dessa região. Isso formava parte da promessa que se fez quando saiu de casa: nunca estaria muito ocupado para admirar uma paisagem ou cheirar uma flor. Via beleza em coisas nas quais apenas se fixou antes, e encontrava um prazer agridoce nisso.

Bem valia a pena deter-se a admirar essa vista. Diante dele se estendiam milhas e milhas do exuberante campo inglês; bosques e campos multicoloridos separados por sebes floridas. À direita o torrencial rio cortava um arrevesado caminho pelos campos verdes. O canal era mais estreito e a corrente ainda mais turbulenta que em Fletchfield.

Seu olhar seguiu o caminho que discorria abaixo. Meia milha mais à frente estavam detidos de um lado do caminho um carro e quatro carroções, devido a que o último carroção se atolou em um charco. Viu que dois homens foram desatar os cavalos do carroção do meio para pô-los a ajudar a atirar os atolados. Notou algo familiar nas figuras que estavam agrupadas em ambos os lados do carroção. Observou com mais atenção e comprovou que eram os componentes da Companhia de Teatro Fitzgerald. A companhia deve ter saído cedo essa manhã. Thomas Fitzgerald era o que estava dando as ordens para liberar o carroção. Um menino se afastou em direção ao rio e as senhoras começaram a caminhar ao longo da beira do caminho, acompanhadas por um cão desengonçado.

Todas, à exceção de uma. Stephen sorriu quando viu a cabeça de Rosalind Jordão, sem touca, seus cabelos claros descoberto. Era difícil fazer uma idéia de sua figura, porque estava envolta em um enorme xale. De qualquer modo, ia levar tempo desatolar o carroção, tempo suficiente para chegar até os viajantes, oferecer educadamente sua ajuda e ver a senhora Calibán de perto. Pôs a trote seu cavalo Júpiter colina abaixo.

O lugar onde se aplainava o caminho estava só a umas cem jardas do torrencial rio. Olhou a rápida corrente e franziu o cenho: o menino da companhia estava subindo a um salgueiro cujos ramos penduravam sobre as águas. Seus pais deveriam vigiá-lo

¹ Área de rio corrente que se pode atravessar a pé.

mais, pensou, embora à idade do moço isso não fosse tarefa fácil.

Acabava de desviar a atenção do menino quando ouviu um rangido e a seguir um grito. Rapidamente voltou a olhar para o rio, a tempo de ver cair o ramo no qual se segurava o menino, em horroroso lento movimento. Finalmente o ramo terminou de romper-se, e a pequena figura se perdeu nas turbulentas águas.

Do grupo que estava junto aos carroções saiu um grito de alarme. Quando ele fez virar o cavalo na direção do rio, com a extremidade do olho viu o precipitado movimento dos membros da companhia que puseram-se a correr também para lá.

Mas chegariam muito tarde, pensou. A corrente ia arrastando o menino para ele, à velocidade de um cavalo a meio galope. Viu desaparecer a cabecinha negra sob as lamacentas águas; ou o menino não sabia nadar, ou não tinha a força para sair flutuando nessa corrente torrencial.

Chegou à beira e saltou de seu cavalo, com a mente feito um torvelinho. Ele era o único que podia auxiliar o menino, mas como? Não havia nenhum ramo caído para estender sobre a água, porque essa era parte de um campo de trigo. Júpiter era um bom cavalo, mas sempre tinha tido um pouco de medo de água; seria impossível convencê-lo a entrar no rio com a rapidez suficiente para salvar o menino.

Antes mesmo que sua mente chegasse à conclusão lógica, já tinha tirado o casaco, mas ao olhar a corrente ficou paralisado; a força da água era tal que arrastaria até um adulto, inclusive ele que era um bom nadador. Ele não era nenhum herói; se lançasse a salvar o menino havia mais possibilidades de que se afogasse; sua morte ocorreria não dentro de quatro ou cinco meses a sim em seguida, a plena luz do dia, à vista de alguns desconhecidos.

«Ainda não estou preparado», pensou. Olhou a corrente, paralisado de terror, e não conseguiu obrigar-se a avançar. Nesse momento as furiosas águas jogaram a superfície a cabecinha do menino, e seus olhares se encontraram por um breve instante; o terror e desespero que viu em seu rosto acabaram com sua paralisia. Deu impulso em dois passos e se lançou, na horizontal, mergulhando nas turbulentas águas. Sentiu impressionantemente fria a água lamacenta depois do calor desse dia de verão. Fechando os olhos para evitar o lodo, começou a brucejar energicamente para o centro do rio, recebendo os fortes golpes das agitadas águas. Mas conseguia avançar; com algumas braçadas mais talvez conseguisse interceptar o corpo do menino.

Quando ia chegando a ele, o menino voltou a afundar. Stephen submergiu e continuou nadando sob a água, esticando-se ao máximo; seus dedos tocaram algo que cedia e o agarrou: era um pulso do menino. Atraiu-o para ele para agarrá-lo melhor, sem deixar de mover as pernas para sair à superfície.

Quando saíram à luz do sol, o menino estava desesperado por respirar, mas teve a sensatez de colaborar, sem debater-se nem aferrar-se a seu salvador. Stephen lhe rodeou firmemente o peito com um braço e começou a nadar para a borda.

Com um só braço livre para nadar, o avanço contra a corrente era lento; esteve a ponto de soltar o menino quando um ramo arrastado pela água lhe golpeou o pescoço; sufocou-se, entrou-lhe água pelo nariz e afundou. Quando conseguiu sair novamente à superfície com o menino, já estava esgotado. Mas viu a margem a curta distância. Estava a ponto de chegar a ela quando ouviu um grito de advertência.

Mas já era muito tarde. Algo o golpeou com tremenda força e não soube mais nada.

Capítulo 4

Embora resfolegando, Rosalind não retrocedeu em seus esforços por manter a mesma velocidade dos homens da companhia que corriam através do acampo para o lugar do rio onde tinha caído Brian. Mas não chegariam a tempo; a menos que ocorresse um milagre, seu irmãozinho se afogaria diante de seus olhos. Não tinha fôlego para falar, de modo que sua oração foi silenciosa: «Rogo-lhe isso, Meu Deus, não permita que morra».

Então viu um cavaleiro sair do caminho e lançar-se rapidamente em direção ao rio; ao chegar à margem, o cavaleiro saltou do cavalo e tirou o casaco. Depois de observar intensamente as águas um instante, jogou-se na corrente, cortando as águas e impulsionando seu potente corpo para Brian.

Calvin Ame, o cocheiro, vendedor de bilhetes e homem para todo trabalho da companhia, que corria a seu lado, soltou uma maldição quando viram desaparecer o homem e o menino sob a água:

—Condenado estúpido. Vão se afogar os dois.

—Não! —exclamou Thomas, que, embora respirasse com dificuldade e tinha o rosto avermelhado, não diminuiu a velocidade—. Chegaremos a tempo. Temos que chegar.

O desconhecido reapareceu, rodeando o menino com um braço.

—Olhem! —gritou Rosalind.

Agradeceu fervorosamente a Deus quando o homem começou a nadar para a margem. Mas a força da corrente era terrível; poderia um homem chegar ali com um só braço livre para nadar? Mas avançava, dificilmente, pouco a pouco.

Então viu algo que lhe renovou o medo como uma punhalada; um tronco de árvore arrastado pela corrente ia em direção ao par; apenas visível, movia-se com a força de um cavalo descontrolado. Gritou uma advertência, embora o homem não pudesse evitar o impacto nem que o visse.

O tronco o golpeou, e as duas cabeças desapareceram sob a água.

Transcorreu um longuíssimo minuto. Então viu ressurgir o homem, com o Brian ainda bem preso. E por fim a sorte ficou de seu lado. A corrente os tinha levado para a parte em que o rio atravessava uma área florestada. Mais à frente havia outro salgueiro inclinado sobre o rio, com os ramos mais baixos inundados; a corrente os levou justamente até ali. O homem esticou o braço livre e se agarrou em um ramo, segurando Brian com o outro braço. Não fez nenhum movimento para alcançar a margem, aparentemente muito maltratado para fazer mais esforços.

Um instante depois, os membros da companhia chegaram até o salgueiro chorão. Alarmada, Rosalind viu que a corrente havia levado a metade da terra que rodeava a raiz do salgueiro; seria perigoso puxar o homem e o menino até a margem.

Avaliando a situação de um só olhar, Calvin disse sucintamente:

—Irei eu. Sou o menor.

Um ramo grosso do salgueiro se estendia para as figuras imóveis a uma pequena altura por cima da agitada superfície do rio. Calvin subiu nela e começou a avançar, pouco a pouco. As estreitas folhas de salgueiro tremeram e o ramo rangeu perigosamente sob seu peso. Mas ele conseguiu aproximar-se até uma distância de um braço deles.

—Brian, menino — chamou—, pode agarrar minha mão?

Brian levantou a cabeça; tinha os olhos velados, mas levantou o braço e se agarrou firmemente na mão de Calvin. Então teve que soltar do braço do homem;

quando estava livre, Calvin foi puxando ele até levá-lo a margem.

Com o rosto cheio de lágrimas, Thomas tirou seu filho da água e o estreitou fortemente em seus braços.

—Volta a fazer algo tão estúpido e o afogarei eu mesmo, maldito seja.

Tremendo violentamente, Brian se acomodou nos braços de seu pai.

Aliviada, Rosalind voltou a atenção ao salvador de seu irmão, ao mesmo tempo em que Calvin dizia:

—Você, senhor, necessita ajuda?

Não houve resposta. O desconhecido seguia obstinado tenazmente ao ramo, seu corpo balançado pela corrente, mas não dava sinais de vida.

—Parece-me que não ouve — disse Rosalind preocupada—. Deve estar aturdido, pelo golpe do tronco.

Seu vestido levava um cinto de muitas voltas, de modo que o tirou e o passou a Calvin.

—Amarre-o ao redor para que, se acontecer algo, a corrente não o leve.

Calvin assentiu, voltou a encarapitar-se no ramo e, com um extremo do cordão enrolado em um braço, as arrumou para atar firmemente o desconhecido com o outro extremo.

—Jeremiah, pode me ajudar? —disse então—. É um homem corpulento.

Jeremiah Jones assentiu. Jovem maciço e tranqüilo, caracterizava personagens importantes nas obras e cuidava dos cavalos. Subiu com todo cuidado no ramo. A árvore se desprende com um gemido e deslizou para a água, mas felizmente se sustentou. Entre os dois conseguiram soltar a mão obstinada ao ramo do desconhecido e o puxaram até a margem. Precisaram da ajuda de outros dois homens para tirá-lo da água e deixá-lo estendido de costas no chão.

Imediatamente Rosalind se ajoelhou junto a ele para examiná-lo. Nesse momento chegaram às demais mulheres da companhia, seguidas por Aloysius, que vinha correndo a passo comprido. Entre Maria e o cão quase abafaram o estremecido menino. Maria agradecia a Deus e repreendia seu filho ao mesmo tempo.

Rosalind sorriu diante da cena, mas a maior parte de sua atenção estava no homem inconsciente que tinha diante. Deixando Brian nos braços de sua mãe, Thomas se aproximou para olhar o desconhecido com o cenho franzido.

—Não terá se afogado este valente diabo, não é?

—Respira bem e tem o pulso forte —respondeu ela—, mas foi um feroz golpe o que recebeu desse tronco.

Passou-lhe os dedos por entre o sedoso cabelo molhado. Seco seria cor castanho escuro, pensou. Formaria-lhe um bom galo ali. Apalpou-lhe brandamente o machucado.

—Não creio que seja muito grave a lesão, mas deveríamos levá-lo a um médico. Redminster está mais perto. Podemos armar uma cama em um dos carroções e levá-lo a cidade enquanto vocês tiram do lodo o outro carroção. Brian também precisa ver um médico?

—Eu estou bem —disse seu irmão com voz entrecortada—. Cuida bem desse cavalheiro, Rosie. Pensei que morreria.

—Sim —exclamou Thomas energicamente—. Se não fosse por ele... —lhe cortou a voz e esteve calado um momento. Depois continuou—: Calvin, apanha o cavalo do homem. Jeremiah, traz o primeiro carroção o mais perto que possa. Rose, você vai com ele para cuidá-lo. Veremo-nos em Redminster, na Three Crowns.

Quando Calvin e Jeremiah se afastaram para cumprir as ordens, Jessica ficou ao lado de Rosalind e olhou o desconhecido.

—Santo Deus! —exclamou—. É o homem que me chamou a atenção ontem à noite no teatro, o charmoso.

Pela primeira vez Rosalind o olhou como um homem inteiro e não como a um acidentado para examinar.

—Creio que tem razão. Não ponha as mãos em cima do pobre até que esteja consciente e possa defender-se, Jess.

Jessica sorveu pelo nariz em gesto depreciativo e se ajoelhou junto a sua irmã.

—Bem poderia não ser um lorde, mas sim que é valente.

Rosalind assentiu em silêncio, contemplando atentamente seu rosto. Chamoso sim, certamente, mas também severo. Havia paixão nessa boca sensual e sulcos de estrito controle ao seu redor. Era um homem acostumado a ser obedecido, pensou. Isso não era de estranhar, posto que o corte e a qualidade de sua roupa indicavam claramente que era um cavalheiro. Entretanto, paradoxalmente, suas mãos fortes e seu corpo musculoso e esbelto indicavam que não lhe era desconhecido o esforço físico.

—Deveríamos ver se leva algo com seu nome e endereço? —perguntou Jessica—. Tem que haver alguém a quem deveríamos notificar. Rosalind pensou e logo negou com a cabeça.

—Prefiro não pinçar em suas coisas a menos que tenhamos que fazê-lo. Ele nos pode dizer isso quando despertar.

—Isso prejudicará o mistério —disse Jessica pesarosa—. É o mesmo que ser sério e pomposo, casado e com oito filhos.

Talvez. Mas enquanto lhe envolvia os ombros com seu xale, Rosalind pensou que nada disso importava. Para ela sempre seria um herói.

Stephen recuperou pouco a pouco os sentidos. Estava-se balançando. Ia em um navio, talvez? Não, era algum tipo de carruagem. Estava deitado de costas, com muito pouco espaço para mover-se, e lhe doíam diversas partes.

Deus santo, e se o tivessem declarado morto e estivesse em um ataúde? Tinha ouvido horripilantes histórias de pessoas às quais tinham enterrado prematuramente. Imediatamente abriu os olhos; aliviado, viu que estava em um carroção com toldo de lona. Tinha o movimento limitado porque estava rodeado por bordas e caixas, mas estava deitado em uma cômoda maca e coberto por um fofo edredom.

Doía-lhe a cabeça. Levantou a mão tremula para tocar-lhe mas a meio caminho lhe agarraram brandamente o pulso.

—Será melhor que deixe a atadura em paz —disse uma rouca voz de contralto—. Recebeu um forte golpe na cabeça.

Olhou à direita e piscou. Ajoelhada junto a ele estava a senhora Calibán, ou melhor dizendo, a senhora Rosalind Jordão. No momento em que lhe baixava a mão, um raio de sol converteu seu cabelo castanho em uma combinação de bronze, ouro e âmbar; todas as cores do outono. Todas as cores do outono, embora sem imaginação o chamasse castanho claro. Sua expressão tinha o humor e a inteligência que ele tinha visto nela quando estava no cenário.

O que não tinha esperado era a profunda simpatia que viu em seus olhos castanho escuro. Olhou as profundidades cor chocolate, impressionado que toda essa amabilidade e preocupação estivessem concentradas nele.

—Como se sente? —perguntou ela.

Se seus olhos eram chocolate, sua voz era como o conhaque mais fino, em que a deliciosa suavidade oculta um potente impacto. E não devia esquecer a nata de sua tez. Recordava-lhe todas as coisas deliciosas que tinha saboreado em sua vida.

Além disso, ela ia pensar que ele era um imbecil. Tentou dizer «Bem», mas a

palavra lhe saiu da garganta como um grasnido. Ela agarrou a jarra que tinha ao lado.

—Parece irônico depois de todo o ocorrido, mas, quer um pouco de água?

Ele assentiu e a senhora Jordão serviu água em uma jarra de lata e a segurou junto a sua boca para que pudesse beber. Quando ele terminou, ela voltou a sentar-se sobre seus calcanhares.

—Recorda o que ocorreu? O rio?

Ele pensou e de repente estremeceu diante da viva lembrança da água arrastando-o rio abaixo.

—O menino está bem?

—Brian está muito bem. Bem melhor que você na verdade. É meu irmão menor. Vamos levá-lo a um médico, para estar seguros de que não tem nenhuma lesão grave.

—Obrigado —sussurrou ele, com a voz quase inaudível.

—É você quem merece agradecimento. Toda minha família estará eternamente agradecida pelo que fez. —Franziu o cenho—. Vive em Fletchfield? Possivelmente deveríamos havê-lo levado ali então, mas Redminster está mais perto.

Ele moveu a cabeça.

—Vivo na... na região ocidental —conseguiu dizer.

—Então cuidaremos de você até que esteja o suficientemente bem para viajar para casa. —Colocou a mão sobre a dele—. Chamo-me Rosalind Jordão. Temo que ainda não sei como você se chama.

—Ash... —lhe secou a garganta e não conseguiu terminar de dizer Ashburton.

A senhora Jordão inclinou a cabeça.

—Senhor Ashe?

Ele abriu a boca para corrigi-la, mas nesse momento o carroção deu um salto sobre um sulco profundo, lançando-o contra uma espécie de baú. Antes de voltar a perder os sentidos, alegrou-o sentir que a senhora Calibán seguia lhe segurando a mão.

Ia correndo por uma pradaria, florida perseguindo uma mulher sorridente. Seus cabelos ondeavam ao vento com todas as cores do outono, e sua figura era suntuosamente feminina. A alcançou na beira do prado e a fez virar para beijá-la. Tinha sabor de morangos silvestres. Passou-lhe as mãos pelo cabelo, acariciando-o e atormentando-o, com a respiração acelerada. Na maneira dos sonhos mais fabulosos, de repente estavam deitados juntos, e ela respondia a suas carícias com um desejo igual ao dele.

Atraiu-a para ele e voltou a beijá-la. Morangos silvestres muito doces. Ela se rendeu totalmente, lhe correspondendo o beijo com ardor frenético. De repente ela o afastou empurrando-o pelo peito e lhe disse, quase sem fôlego:

—É evidente que se sente melhor.

O sonho se desvaneceu, e caiu na conta de que estava olhando uns alarmados olhos cor chocolate que estavam muito perto dos seus. Desta vez estava deitado de lado em uma cama de verdade, em um quarto apenas iluminado por uma vela. E Rosalind Jordão estava deitada a seu lado, rodeada por seu braço, com os cabelos revoltos, a boca deliciosamente beijada, e uma expressão entre risonha e consternada.

Desejou voltar a beijá-la, mas em lugar de fazê-lo, e sentindo-se como se sua boca e seu corpo se gravassem nele como uma marca ao fogo, a contra gosto disse adeus ao campo de flores e se afastou.

—meu Deus, sinto muito, senhora Jordão. O que... o que aconteceu? Onde estou?

Ela se levantou apoiando-se em um braço e meteu trás da orelha uma mecha solta. Estava totalmente vestida, e recostada sobre a colcha.

—Fabulosa enfermeira que sou —disse com ironia—. Sou eu quem deve pedir

desculpas por não fazer melhor meu trabalho. Pareceu-me que você estava dormindo bem, de modo que deitei para descansar um pouco, e adormeci. —cobriu a boca e bocejou delicadamente—. Perdoe. Foi um longo dia. Estamos na estalagem Three Crowns em Redminster. Um médico o examinou; disse que terá dor de cabeça e que necessita um ou dois dias de descanso, mas que sua aventura não lhe causou nenhum dano real. Como se sente?

—Tinha razão o doutor a respeito da dor de cabeça —disse ele, tentando que a voz saísse normal—, mas pelo resto, sinto-me bastante bem, senhora Jordão.

—me chame Rosalind. Todo mundo me chama assim. Também me chamam Rose às vezes. —Sorriu-lhe; um sorriso alegre, maravilhoso—. Depois desse beijo, a formalidade estaria fora de lugar.

Enquanto ele se ruborizava e resmungava outra desculpa, ela voltou a bocejar e desceu os pés ao chão.

—Gostaria de um pouco de sopa? A estalajadeira enviou um jarro dentro de uma cesta recoberta com palha para que se mantivesse quente. Também há uma jarra de leite, se por acaso isso lhe assentasse melhor.

Embora esse último tempo nem sempre lhe assentava bem a comida, Stephen comprovou que essa noite estava morto de fome.

—um pouco de sopa viria muito bem.

Cautelosamente se levantou e apoiou as costas na cabeceira. Sentiu uma onda de vertigem, mas passou em seguida. Notou que vestia a camisa de dormir. Quem o teria vestido?

—É minha imaginação, ou esta situação é muito indecorosa? Ela pôs-se a rir.

—Suponho que é indecorosa, mas nós as pessoas de teatro somos um grupo bem pouco respeitoso das convenções sociais. —Por seu rosto passou uma expressão de receio—. Talvez devesse tê-lo advertido. Meu pai é o proprietário e diretor da companhia de teatro Fitzgerald.

Ele compreendeu claramente que ela tinha sofrido desprezo por causa da profissão de sua família. Desejando lhe restaurar o sorriso, disse:

—Sei. Vi A tempestade em Fletchfield. Achei excelente a representação.

Desapareceu o receio.

—Eu também acho uma excelente produção. Próspero é um dos melhores papéis de meu pai. Quando fala de romper sua varinha mágica e de alagar seu livro de magia, correm-me calafrios pelo corpo, toda vez.

—Em mim teve o mesmo efeito. Captou a essência da renúncia, quando um homem deve abandonar o que foi sua vida. —calou-se, temeroso de que sua voz revelasse muito. Depois continuou em tom mais alegre—: Todos os personagens estiveram bem, em particular Miranda e Ariel. E você é o Calibán mais insólito que vi em minha vida.

Ela se levantou e foi a um canto do quarto. Sua figura alta e deliciosamente arredondada era em tudo igualmente bela como em seu sonho.

—Com o disfarce de macaco qualquer um pode fazer esse papel. De fato, esta noite Calvin o está fazendo, nosso coletor de entradas. —Serviu sopa em uma tigela—. Não quisemos deixá-lo aos cuidados de algum desconhecido.

—Todos são muito amáveis —disse ele, desejando encontrar palavras que refletissem com mais intensidade seus sentimentos.

—Não é mais do que merece. —Passou-lhe a tigela e uma colher—. Depois de tudo, salvou a vida de Brian e esteve a ponto de perder a sua. É você um herói.

Ele tomou uma colherada de sopa; era de carne com verduras, muito saborosa.

—Não o sou absolutamente. Quando dava uma olhada ao rio, quase me pus a correr para voltar e montar meu cavalo.

—Mas não o fez —disse ela, com seus grandes olhos brilhantes de simpatia—. Ter tido medo e arriscar a vida de qualquer maneira o faz ainda mais herói a meus olhos.

Ele se revolveu incômodo, pensando que ela colocava mal sua admiração. Não tinha sido grande coisa arriscar uma vida que se pode medir em meses.

Ela serviu sopa em uma xícara e aproximou uma cadeira da cama. —Por certo, seu cavalo está no estábulo da estalagem. —Seus expressivos olhos faiscaram de humor—. Cada homem que o vê admira seu gosto em cavalos. Sua bagagem está aí nesse canto. Parece-me que suas botas não vão ser mais as mesmas, mas Jeremiah, nosso perito em pele, está secando-as. Diz que manhã estarão bastante usáveis.

Stephen deu de ombros. Sempre tinha podido comprar algo que quisesse, de modo que os pertences significavam muito pouco para ele, à exceção de seu cavalo, certamente. Júpiter era um amigo, não uma posse.

—Há alguma pessoa que quisesse que notificássemos de seu acidente, senhor Ashe? —perguntou Rosalind, olhando sua fumegante xícara de sopa—. Seguro que sua esposa e sua família estão preocupados com você.

Ele pensou em seu pessoal da abadia Ashburton. Uma só nota que dissesse que tinha sofrido uma lesão faria vir um monte de pessoas preocupadas. Com igual facilidade podia fazer vir seus familiares ou amigos. Entretanto, não havia ninguém que realmente sentisse falta dele.

—Obrigado, mas em casa não me esperam em nenhum momento determinado. E não sou senhor Ashe.

—Perdoe —disse ela, contrita—. Como devo chamá-lo?

Ele abriu a boca para responder e voltou a fechá-la. Tão logo se identificasse como duque de Ashburton, chegaria ao fim essa amigável intimidade. Se Rosalind Jordão era corruptível, tentaria meter-se em sua cama com a esperança de melhorar sua situação seduzindo um duque. Se era a mulher alegre e franca que parecia ser, provavelmente se sentiria intimidada por sua classe; trataria-o com muita formalidade, e talvez partiria toda confusa. Olhou seus olhos quentes e não pôde suportar a idéia de que ocorresse isso.

—Meu nome de batismo é Stephen —disse—. Depois de tudo, disse-me que se chamava, que a chamasse Rosalind.

—Muito bem —disse ela, inclinando a cabeça—. Stephen Ashe?

Ele considerou a possibilidade de lhe dizer seu verdadeiro sobrenome, Kenyon, mas então teria que lhe explicar o «Ash» que havia dito, e o monograma «A» que levavam algumas de suas coisas. Pareceu-lhe que era muito mais fácil assentir e mudar o assunto.

—Então, se é filha de Fitzgerald. O senhor Jordão é membro da companhia?

Ela suspirou, e lhe obscureceu um tanto a expressão.

—Foi, mas isso faz muito tempo. Faz anos que morreu.

—sinto muito —disse ele, tentando parecer sincero, quando sua reação era de prazer.

Então a senhora Calibán era viúva. Uma viúva bela e nada convencional, que não tinha o menor reparo em deitar-se junto de um desconhecido nem em ser despertada por seu beijo.

Rosalind ficou de pé, talvez movida pela menção de seu marido.

—Devo deixá-lo descansar. Posto que está tão bem, irei a meu quarto. Oferece-lhe algo antes que vá?

Tragando a resposta indecorosa que lhe veio à mente, perguntou:

—A companhia parte amanhã de Redminster?

—Não, esta cidade é maior que Fletchfield. Ficaremos vários dias. —Sorriu—. Até temos um teatro bastante decente na sala de reuniões da estalagem Royal George.

—por que não se alojam na Royal George? Talvez porque os fãs de teatro importunariam os membros da companhia?

—Talvez, mas o verdadeiro motivo é que os preços ali são muito caros para nós —disse ela alegremente, abrindo a porta para sair—. Até manhã, Stephen.

Uma vez que a porta se fechou, Stephen se levantou cautelosamente; enjoou um pouco, mas não durou muito. Foi até o canto onde estava sua bagagem, sentindo todos os machucados adquiridos no rio, e pinçou em seu alforje em busca do frasco de pastilhas de Blackmer. Tinha tomado fielmente a medicação, apesar da sua limitada utilidade. Ao menos essa noite o ópio lhe aliviaria a dor de cabeça. Colocou duas pastilhas na palma e as engoliu com um pouco de água.

Depois voltou para a cama, suficientemente tremulo para agradecer a possibilidade de deitar-se. Entretanto se dispôs a dormir com surpreendente bom ânimo.

Depois de ver A tempestade tinha decidido que não desejava nem uma esposa nem a paixão artificial de uma cortesã. Isso foi fácil de dizer quando a paixão estava adormecida; mas nesse momento a sentia de volta com toda sua força. Cabia talvez a possibilidade de deitar-se com uma mulher atraente e afetuosa, suficientemente mundana e pouco convencional para tomar ligeiramente uma aventura amorosa. Seria Rosalind Jordão essa mulher? Desejou pensar que sim.

Deus santo, quanto desejava que o fosse.

Quando chegou a seu quarto, Rosalind viu com alívio que sua irmã ainda não tinha voltado da representação. Deixou-se cair na cama, levando a mão à boca.

Tal como Jessica e ela tinham notado durante o espetáculo, Stephen Ashe era... muito atraente. E não só porque era alto, forte e de aparência agradável. Estava certa ao ver paixão em seus traços quando estava inconsciente. De fato, estaria disposta a apostar que sob essa fachada de alegre e irônica impassibilidade se escondia um personagem de complexidade shakespeariana: paixão e ardores ocultos; prementes e segredos comuns que continham... o que? Raiva, pena, desejo? Decididamente um Hamlet, um homem de autoridade natural. Entretanto, ao mesmo tempo tinha uma afável cortesia que ela achava imensamente atraente.

Além disso, claro, beijava muito bem. Uma parte dela desejava ter continuado mais tempo nesse estado nebuloso e irreal entre vigília e sonho. Em seus braços havia se sentido abrigada, segura, desejada, e um pouquinho alarmada.

Disse-se com firmeza que estava se deixando levar por sua imaginação. Na verdade, ela e o senhor Ashe não se conheciam, e ela o achava interessante devido principalmente a que era diferente de todos os homens que tinha conhecido em sua vida.

Sua vida vagabunda lhe permitia conhecer quase exclusivamente atores e outros homens de tipo volúvel. E não era que não amasse seu pai e a muitos outros atores que tinha conhecido ao longo dos anos, mas tinha jurado não voltar a casar-se com um homem assim. Recordou seu defunto marido, Charles, que deslumbrava com sua formosura e era absolutamente encantador quando lhe convinha. Mas também era mentiroso e indigno de confiança, e superestimava seus dotes de ator.

Deitou-se atravessada na cama, rindo por esse último pensamento. Estava claro que tinha bastante de Fitzgerald, ao considerar um defeito de caráter a má atuação.

Entretanto era diferente de outros Fitzgerald. Os misteriosos pais que não

conseguia recordar tinham deixado sua marca nela, física e mentalmente. O resto de sua família adotiva parecia satisfeita com sua existência nômade, mas quando viajavam, ela estava acostumada olhar as casas que foram deixando para atrás, pensando como seria viver em uma para sempre. Quando falava com homens como Stephen se dava conta de quão agradável era não ter que disputar com um temperamento artístico. Às vezes sonhava acordada que se casava com um pequeno latifundiário afável e bonachão, formava um lar e tinha filhos.

Exalou um comprido suspiro. Embora seus sonhos não eram escandalosamente ambiciosos, eram o mesmo que desejar um castelo na Lua e um cavalheiro de brilhante armadura. A dura verdade era que talvez fosse incapaz de ter filhos, e jamais estava em um lugar o tempo suficiente para cercar uma relação com o tipo de homem que a atraía.

Além disso, se alguma vez chegasse a conhecer um homem sólido e respeitável desse tipo, ele a consideraria uma atriz depravada. A idéia a fez rir, posto que não era nem depravada nem tinha muito de atriz. E por muito que esticasse a imaginação, Stephen Ashe não era um pequeno latifundiário de caráter alegre.

Rir era melhor que pensar que o homem mais interessante que tinha conhecido em sua vida partiria dentro de um ou dois dias e ela jamais teria a oportunidade de conhecê-lo.

Capítulo 5

Stephen estava quase dormido quando as primeiras dores lhe fizeram arder o estômago. Imediatamente acordou totalmente, temendo o que viria a seguir. Quando desceu da cama o ardor já era uma dor atroz, paralisante. Por sorte Rosalind tinha deixado acesa uma vela.

Conseguiu chegar ao urinol justo antes que um acesso de vômito lhe esvaziasse o estômago, deixando-o ofegante no chão, com a pele pegajosa e o coração descontrolado. Deus santo, como podia ter contemplado a possibilidade de iniciar uma aventura com uma mulher quando não podia confiar em seu corpo?

Levantou-se até ficar sentado, e secou o suarento rosto com a manga da camisa, obrigando-se implacavelmente a enfrentar a verdade. Até esse momento não tinha aceitado que estava morrendo. No fundo tinha seguido acreditando que tinha que tratar-se de um engano. Era o duque de Ashburton, e na plenitude de sua vida; não podia ser que estivesse mortalmente doente. Mas depois do ataque dessa noite já não podia seguir acreditando nisso. Estava morrendo. Não havia nenhum tipo de isenção especial para ele.

«Morte, não seja orgulhosa, embora a tenham chamado temível e poderosa.» Sorriu amargamente ao recordar essas palavras de Donne. Detestava saber que no final teria que sofrer um desses humilhantes episódios em público. O duque de Ashburton vomitando, uma patética ruína de homem. Era interessante ver como a enfermidade o punha cara a cara com seu particular pecado de orgulho.

Embora jamais houvesse sentido a necessidade de alardear sua riqueza e linhagem, começava a compreender que desprezava a manifestação de debilidade. O fato de que sua enfermidade não demoraria em fazer-se visível ao mundo lhe oferecia sem dúvida uma valiosa lição de humildade, mas não tinha nenhuma pressa por aprendê-la. Quanto mais tempo pudesse atrasar o inevitável tão melhor. Voltaria para casa logo que se sentisse com a força suficiente para cavalgar. A visão de seu corpo doente estaria limitada aos seus criados, o mínimo possíveis deles.

Ficou de pé com dificuldade, com o estômago ardendo e muito mais enjoado que antes. Seria inútil tomar mais pastilhas de ópio; não conseguia segurar dentro. Mas precisava tomar algo para a terrível sede. Aliviado recordou o leite que tinha enviado a estalajadeira. Encontrou-o; estava fresco na pequena jarra. A princípio bebeu lentamente, e depois mais rápido ao notar que começava a lhe aliviar o ardor do estômago. Sempre tinha tido um pouco elegante gosto pelo leite, e seu consumo se triplicou desde que se instalou sua enfermidade.

Depois de beber toda a jarra, deitou-se e cobriu com as mantas seu tremulo corpo. Quando por fim dormiu, um sono inquieto, não teve nenhum sonho agradável.

Stephen despertou ao sol da manhã e a uma cinzenta resignação. Seus pensamentos a respeito de Rosalind Jordão a noite anterior tinham sido algo mais que febris; mais o que podia ser ela para ele era uma fantasia. Era muito importante, e orgulhoso, reconheceu, para atar-se com uma mulher quando seu futuro consistia em deterioração e morte.

Cansativamente desceu da cama, débil, enjoado e a cabeça dolorida. Mas em geral não se sentia realmente mal. No dia seguinte ou subsequente estaria preparado para voltar para casa.

Olhou-se no espelho pendurado sobre o móvel para lavar-se e fez uma careta ao ver seu rosto. Com a barba, a atadura e os machucados, tinha aspecto de rufião. Pinçou em um alforje e tirou a navalha de barbear. Depois de barbear-se, tirou a atadura e examinou a ferida no couro cabeludo. O médico lhe tinha raspado essa parte e dado uns pontos na ferida. Ao ver que não havia sinais de sangue nem infecção, aplicou um pedaço de tecido adesivo e se penteou de modo que o cabelo lhe tampasse a parte raspada. O novo penteado lhe dava um ligeiro ar de libertino, mas pelo menos lhe dissimulava a ferida.

Depois se vestiu. Tal como lhe havia dito Rosalind, suas botas estavam bastante usáveis, embora seu valete as teria jogado fora imediatamente. Mas Stephen Ashe não era um duque e não tinha nenhuma necessidade de seguir seu padrão de impecabilidade. Essa idéia lhe resultou bastante libertadora.

A atividade rotineira de lavar-se e vestir melhorou o ânimo. Dado que seu estômago dava a impressão de estar razoavelmente firme, desceu em busca de café da manhã. A estalagem Three Crowns era o tipo de estabelecimento modesto e limpo que tinha começado a conhecer em sua viagem. Ao chegar abaixo se deteve. Do outro lado de uma porta à direita chegou a seus ouvidos a ressonante voz do Thomas Fitzgerald. A família devia estar tomando o café da manhã em um salão privado.

Claro que podia comer sozinho, mas estava farto de estar sozinho, e não pressentia a proximidade de outro ataque. Bateu na porta, ouviu a permissão de Maria, entrou. Os cinco Fitzgerald estavam sentados ao redor da mesa de café da manhã. Formavam uma família atraente, embora era interessante ver quão diferente era Rosalind de seus parentes de cabelos escuros e olhos azuis.

Sua entrada foi recebida por um instante de absoluto silêncio, interrompido pelo alvoroço que se armou quando todos, à exceção de Rosalind, levantaram-se e correram para ele; inclusive o desengonçado cão saiu correndo de debaixo da mesa.

A primeira em chegar a ele foi Maria; agarrou-lhe a mão e a apertou contra seu volumoso peito, lhe dizendo com deliciosa e emotiva voz:

—Rosalind nos contou tudo a respeito de você, senhor Ashe. Bendito seja por salvar a vida de meu filho. Juro diante Deus que de agora em diante minha vida lhe pertence, para que faça com ela o que lhe agrade.

Stephen olhou as lágrimas que tremiam nesses grandes olhos; azuis, aturdido

por dois pensamentos simultâneos. Um, que certamente Maria era uma excelente atriz trágica, e o outro, que sob essa teatralidade era totalmente sincera. Se dissesse que desejava lhe tirar a vida, passaria-lhe imediatamente uma pistola. Brandamente liberou sua mão.

—Só fiz o que teria feito qualquer homem, senhora Fitzgerald. E não me ocorre nenhum melhor aproveitamento de sua vida do que lhe está dando você.

Isso foi causa de uma sonora gargalhada por parte de Thomas Fitzgerald, que se apoderou de sua mão recém liberada e a estreitou energicamente.

—Bem dito, senhor Ashe, mas tenho que lhe dizer que compartilho totalmente os sentimentos de minha esposa. —Olhou com carinho seu filho, que estava a seu lado—. Brian é um sem-vergonha, mas teríamos sentido muita falta dele.

Jessica Fitzgerald acariciou a cabeça de seu irmão lhe revolvendo o cabelo.

—Muito certo. Eu adoro persegui-lo com minha escova para o cabelo quando fica insuportável.

No papel de Miranda no cenário esteve maravilhosa; como irmã afetuosa era absolutamente encantadora.

Meio ruborizado, Brian se inclinou diante dele e disse muito formalmente:

—Estou eternamente em dívida com você, senhor. Reconheço que minha imprudência pôs em perigo sua vida, e dou graças a Deus que não se fizesse um dano permanente.

Mais que um pouco afligido, Stephen estava pensando o que podia dizer quando interveio Rosalind em tom travesso:

—Estão sobressaltando de morte o pobre homem, quando seguro que o que mais deseja neste momento é seu café da manhã. Uma xícara de chá, senhor Ashe?

Aliviado, ele abriu caminho por entre a efusiva família e apanhou a xícara que lhe oferecia Rosalind. Depois de beber um gole preparador, disse:

—Na verdade, dão muita importância ao que fiz. Alegra-me ter sido de utilidade. Não se fala mais disso.

Mas os Fitzgerald não estavam dispostos a abandonar o tema do resgate. Enquanto Stephen se servia de moderadas quantidades de torradas e ovos quentes e sentava-se ao lado de Rosalind, a família começou a reviver a aventura do dia anterior, descrevendo com entusiasmo cada reação de medo, de horror e de alívio.

Embora coibido por seu papel proeminente no drama, Stephen também estava fascinado. Teria sido difícil imaginar uma cena mais diferente das refeições de sua infância. Os Fitzgerald eram uma «família», não simplesmente uma coleção de pessoas conectadas por parentesco e fortuna. Cada um deles se sentia seguro sabendo que era amado e aceito; e cada um a sua vez respeitava e dava seu afeto a outros.

A única que não participava do alegre bate-papo era Rosalind. Em silêncio se ocupava de que todos estivessem bem servidos, inclusive o cão. Stephen teve a impressão de que se cada Fitzgerald tinha seu papel na família, ela era o centro sereno e alegre. Também recebeu outras impressões mais sutis, como o suave aroma de água de rosas que impregnava o ar quando ela girava a cabeça, e o frufu quase inaudível de suas saias quando se levantou para pedir que trouxessem outro bule com chá. Embora tentasse não olhá-la, não conseguia recordar quando em sua vida tinha estado tão consciente da presença de uma mulher.

Quando Rosalind voltava para seu assento, deteve-se um momento a lhe examinar a ferida da cabeça. O roçar de seus dedos quando lhe jogou o cabelo para trás foi sutilmente erótico.

—Isto está cicatrizando bem, senhor Ashe —comentou—, mas o noto um pouco

deprimido. Espero que continue em Redminster pelo menos um dia mais. Viajar poderia lhe agravar a lesão.

—Meu nome é Stephen, se lembra. E sim, é minha intenção continuar aqui até manhã.

—Muito bem, Stephen —disse ela, sorrindo com uma simpatia que lhe chegou ao coração.

—É você meu convidado durante todo o tempo que esteja em Three Crowns —disse categoricamente Thomas—. Sinta-se em liberdade para encher uma banheira com champanha se gostar.

Stephen sentiu uma pontada de remorso por aceitar a hospitalidade de um homem que provavelmente teria problemas para pagá-la, quando ele podia comprar a estalagem com menos dinheiro do que estava acostumado a levar para pequenos gastos pessoais. Mas devia lhe permitir expressar sua gratidão. Isso tinha aprendido observando os efeitos da caridade muitas vezes opressiva de seu pai.

—Isso seria um desperdício criminoso de champanha. Talvez depois peça bebidas para todos no bar.

—Isso é claro —disse Thomas—. Eu aproveitarei a oportunidade para propor um brinde por sua longa vida e boa saúde.

Essas palavras foram para Stephen um brusco aviso da realidade. Nenhum brinde lhe daria nem longa vida nem saúde. Desvanecido o apetite, levantou-se.

—Creio que irei ao estábulo para ver como está Júpiter.

—Eu irei com você —ofereceu Brian.

—Tem que fazer seus deveres, jovenzinho —disse Maria firmemente—. E Thomas, você e Jessica têm ensaio no teatro. Rose, por que não acompanha você o senhor Ashe ao estábulo e depois o leva ao Royal George? —interrompeu-se bruscamente, e logo acrescentou com certo acanhamento—: Quer dizer, se lhe interessa ver nossa companhia de teatro de perto.

—Nada me agradaria mais —respondeu Stephen sinceramente.

Esteve na sala dos atores que ficava atrás do cenário em vários teatros de Londres, mas não tinha nenhuma experiência com atores ambulantes. Visitar essa companhia seria uma distração agradável.

Rosalind se levantou e juntos saíram ao ensolarado pátio. Quando foram atravessando em direção ao estábulo, lhe disse com um brilho de humor nos olhos:

—Espero que não tenha achado muito entristecedor um café da manhã com os Fitzgerald.

Sorriu-lhe, tanto pela visão da luz do sol em seus cabelos castanhos como por sua pergunta.

—Foi toda uma experiência, mas não desagradável. Chegaram ao estábulo e ele abriu a porta e se fez a um lado para que ela entrasse. Cedendo a sua curiosidade, comentou:

—Não se parece em nada ao resto de sua família. Foi talvez uma fada bebê que a encontrou em meio de primulas e morangos?

—Nada tão poético —disse ela com a expressão mais apagada—. Sou adotada. Os Fitzgerald me encontraram procurando comida entre as sobras, perto do cais de Londres, quando tinha três ou quatro anos. Aparentemente desembarquei com minha verdadeira mãe, que morreu imediatamente. Só Deus sabe o que teria acontecido se os Fitzgerald não houvessem passado por ali.

Ele a olhou fixamente, espantado ao pensar em todas as coisas horrendas que poderiam ter acontecido a uma garotinha perdida. Sobre tudo a uma bonita.

—Essa é uma história incrível para contá-la com tanta despreocupação. Os Fitzgerald tentaram inteirar-se de algo mais a respeito de sua origem?

—Não tiveram muito tempo, porque tinham que partir de Londres para um compromisso em Colchester. Minha mãe diz que minha roupa era de boa qualidade e que eu falava com boa pronúncia, por isso provavelmente minha família não era pobre. —deu de ombros isso é tudo o que sei de minha história.

Júpiter tirou a cabeça de um curral aberto e emitiu um peremptório relincho. Stephen lhe acariciou o aveludado nariz.

—Pensa alguma vez em sua família de origem?

Rosalind demorou um pouco em responder:

—Sim, embora por nada do mundo quisesse que meus pais soubessem. Sentiriam-se traídos, pensando que isso significa que não têm feito o suficiente por mim, quando ninguém poderia me haver criado com mais amor e bondade.

—Entretanto, é natural ter curiosidade —disse ele docemente.

—Você entende, não é? —Com os olhos desprovidos de sua acostuada animação, Rosalind começou a acariciar o sedoso pescoço de Júpiter—. É muito possível que tenha parentes em alguma parte. Estava acostumada a olhar atentamente o público, se por acaso via alguém que se parecesse comigo. Às vezes me pergunto qual seria meu verdadeiro nome, e se haveria alguém nos esperando em Londres minha mãe e a mim. Isso já faz quase vinte e cinco anos. Há alguém em alguma parte que recorde essa garotinha que se perdeu?

Olhou-o com expressão triste.

Tinha a mão detida sobre o pescoço de Júpiter, de modo que ele pôs a sua em cima, em gesto de consolo. Encontraram-se seus dedos, e ele sentiu uma pequena comoção, como a eletricidade estática no inverno. Mas isso era... diferente. Desceu a mão e perguntou:

—Não recorda nada de sua vida anterior, antes dos Fitzgerald?

—Umas poucas imagens dispersas. Que me abraçavam, embora provavelmente fosse Maria. Uma casa de pedra que me parecia grande, mas provavelmente só o era em minha mente de menina.

—Nem sequer recorda seu verdadeiro nome? Pelos olhos dela passou um brilho de algo tenebroso e terrível, e logo desviou a vista.

—Nem sequer isso.

Era o momento de mudar o assunto, pensou ele.

—Deve ser estranho não saber nada a respeito dos próprios antepassados —disse. Sorriu irônico—. Em certo modo isso é uma bênção. Creio que muitas crianças gostaria de acreditar que nasceram príncipes, foram roubados por ciganos e logo deixados por acaso com as pessoas peculiares que asseguram ser seus pais.

Rosalind sorriu, desaparecido todo rastro de tristeza.

—Isso passa, não é? A natureza humana é a coisa mais idiota. Sempre desejamos o que não podemos ter.

Suas palavras, ditas quase sem pensar, golpearam-no com inesperada força. Igual a um cavalo que deseja a erva que há do outro lado da grade, ela desejava estar no mundo exterior, que não tinha nada que ver com o teatro nem com a companhia Fitzgerald. Provavelmente por isso achava Stephen tão interessante, porque era desse mundo exterior, ao mesmo tempo que amável e atraente.

E muito atraente na realidade. Penteou-se em um estilo mais informal, que lhe assentava muito bem. Mas ele não era para ela. Ele era um cavalheiro e ela era uma atriz ambulante, e nem sequer boa atriz. Bom, mas ao menos sabia atuar o

suficientemente bem para dizer:

—A próxima vez que lamentar minha família perdida, recordarei-me que também estou livre de tias horrorosas e primos bêbados.

—Se lamentar essa carência, eu tenho montões de parentes detestáveis para emprestar —disse ele muito sério mas com um brilho travesso nos olhos—. Anciãs que põem conhaque no chá e depois amaldiçoam como marinheiros. Parentes longínquos que perderam tudo no jogo e andam por aí pedindo caridade. Beatas falsas que pregam a virtude e praticam o vício em segredo. Tenho de tudo.

—Nem em sonhos o privaria dessas delícias —repôs ela, generosa—. Mas também terá parentes agradáveis, imagino.

—Uns poucos. Minha irmã mais velha é bastante rígida, mas tem bom coração e seus filhos são encantadores. —Tirou um torrão de açúcar irregular do bolso e o ofereceu a Júpiter. O cavalo o lambeu delicadamente—. E tenho um irmão mais novo que foi soldado. Tivemos nossas diferenças na infância e adolescência, mas desde que deixou o exército nos temos feito muito amigos. Supondo que com os anos os dois adquiriram um pouco de sabedoria.

Rosalind se fixou que não fazia nenhuma alusão a uma esposa, embora isso não significasse que não estivesse casado. Talvez tenha tido uma rixa com sua mulher e esse era o motivo de que estivesse vagando sozinho pela Inglaterra. Pensando que sua situação conjugal não era assunto dela, disse-lhe:

—Posto que Júpiter está bem e contente, talvez pudéssemos ir ver como vai à companhia.

Stephen assentiu e lhe ofereceu o braço. Juntos saíram do estábulo e depois à rua principal de Redminster. A Rosalind se agradou de sentir na palma a solidez de seu antebraço, como também as olhadas invejosas que lhe dirigiam as mulheres depois de olhar seu charmoso acompanhante; a verdade era que estava desfrutando muito com essa caminhada. Recordando-se que só estavam juntos por acaso, reatou a conversação anterior.

—São muito parecidos seu irmão e você?

—Só levianamente —disse Stephen, pensativo—. Michael é muito mais veemente que eu. Inclusive agora que já está casado e estabelecido tem pelo que ouvi chamar um olhar de mil jardas, uma atenção constante em seu redor, que vem de ter vivido em perigo. Supondo que assim conseguiu sobreviver a tantos anos de guerra.

—Um olhar de mil jardas —repetiu ela—. Não esquecerei isso; o conceito poderia ser útil a um ator que deseje interpretar esse tipo de personagem.

—Isso é ser uma atriz, observar constantemente o mundo para aprender a interpretar melhor seus papéis?

—Eu não sou atriz —repôs ela rindo—. Sirvo de complemento; interpreto papéis quando faz falta, inclusive papéis de homem se for necessário, porque sou alta para ser mulher. Mas Jess é a que tem o talento. Meu verdadeiro valor é como organizadora e apontadora. Ocupo-me do vestuário, cenário e argumentos, e qualquer outra coisa que sirva à companhia para funcionar bem.

—A companhia vive viajando?

—Nem sempre. Nos meses mais frios de inverno alugamos casa em Birmingham e atuamos em diversos lugares da área. Chegando a primavera, começamos a excursão novamente. Se houver sorte —fez um gesto para a estalagem a qual foram chegando—, atuamos em lugares como Royal George. Se não, em um pátio, celeiro ou curral.

—Deve ser tremendamente incômodo —comentou ele—. Viajam pelas regiões rurais conforme lhes move o ânimo?

—Não, fazemos sempre o mesmo circuito pela região ocidental das Midlands. As pessoas nos esperam, e sabemos que locais estão disponíveis em cada cidade. —Tinham chegado à estalagem, de modo que o conduziu pela porta em arco para carros e entraram no pátio—. No mundo do teatro, os atores ambulantes estão na última categoria. Os teatros de Londres são os mais importantes, logicamente. Depois vêm as excursões pelos principais teatros de províncias, como o de Bath e os de York, por exemplo. Uma companhia como a nossa vai às cidades que são muito pequenas para que outros se incomodem em ir.

—Mas seus pais têm muitíssimo talento. Seguro que poderiam ter triunfado em algum dos teatros mais importantes. Rosalind o olhou com um breve sorriso pesaroso.

—O talento não é tudo. Meu pai sabe representar qualquer personagem, desde Lear ao Falstaff, e minha mãe é capaz de fazer homens adultos chorar em uma tragédia como Isabella. Isso foi reconhecido. Quando eu era pequena, John Philip Kemble contratou os dois por um período de experiência no Drury Lane. Só duraram dois meses. Conforme reza a lenda familiar, Kemble ficou ciumento da atenção e interesse que atraía meu pai, e poderia haver algo de certo nisso. Mas também é certo que meu pai gosta de fazer as coisas a sua maneira.

Os diretores de teatro são gente arrogante, e não toleram ninguém que seja igualmente obstinado.

—Especialmente um ator que não esteve em Londres o tempo suficiente para criar o tipo de admiradores que teriam induzido Kemble a tolerar o temperamento artístico.

Ela assentiu.

—A única solução foi que meu pai fosse seu próprio diretor. Pode ser que a companhia Fitzgerald não seja famosa, mas meu pai faz exatamente o que deseja.

Guiou Stephen para a enorme sala que tinham acrescentado à estalagem para celebrar assembléias e outras atividades ou diversões. Quando foram subindo os degraus, encontraram-se com um jovem de ar elegante que vinha saindo da sala. Stephen reconheceu nele Edmund Chesterfield, o ator que tinha feito o papel de Fernando, o apaixonado pela Miranda da Jessica.

—E como está esta manhã, minha magnífica rosa? —Chesterfield saudou Rosalind com um largo sorriso.

—Nem sua nem magnífica —respondeu ela, com a naturalidade que dá uma longa prática—. Edmund, apresento-lhe o senhor Ashe, que resgatou Brian do rio.

O olhar do Chesterfield se aguçou. Stephen deduziu que o jovem sempre avaliava outros homens se por acaso fossem possíveis rivais ou mecenas. Aparentemente não encontrou aspecto de nenhuma das duas coisas, porque lhe disse:

—É você valente ao arriscar o pescoço por esse rapaz, Ashe. Agora bem, se tivesse sido a deliciosa Jessica, eu mesmo teria me jogado ao rio.

—E arruinar seu casaco? Não sei por que duvido —disse Rosalind docemente.

—Ai de mim, gentil Rosalind, conhece minhas debilidades. —inclinou-se em uma exagerada reverência—. Até esta noite, cruel senhora.

—Já terminou o ensaio? —perguntou ela, surpreendida.

—Fiz tudo que precisava fazer. —Fez um gesto de chateio—. Outros diretores de teatro não exigem constantes ensaios. Creio que o velho gosta de nos atormentar.

—Gosta de ver as obras representadas o melhor possível —respondeu Rosalind com energia—. Suas qualidades melhoraram notavelmente desde que se uniu a nós.

—Talvez —admitiu Chesterfield—. Mas isso já faz um ano. Não vejo a necessidade de desperdiçar um bonito dia ensolarado quando tenho aprendido meu papel à

perfeição, e há bonitas leiteiras para se apaixonar.

Com um gesto de despedida, continuou descendo os degraus.

—Um homem encantador —comentou Stephen em voz baixa—. Faz ele o papel do Duncan na obra escocesa? Se for assim, a adaga falsa poderia ser substituída por uma de verdade.

Rosalind sorriu involuntariamente.

—Edmund pode ser presunçoso e preguiçoso, mas não merece que MacBeth o apunhale.

—Tem razão. Seria melhor que o comesse um urso, no papel de Antígono

—Conhece bem Shakespeare —disse ela, em tom aprovador.

—Sempre gostei de teatro, sobre tudo Shakespeare. Inclusive atuei com grupos de amadores, em obras dele. —Abriu a porta da sala e ofereceu passagem a Rosalind—. Até muito depois que acabou a obra, as palavras do bardo ficam na mente como o sabor do bom conhaque.

De repente alguma dessas palavras passaram dançando por sua cabeça: «É linda, por conseguinte, feita para ser cortejada. É mulher, por conseguinte, apta para ser conquistada». Deus santo, de onde lhe tinham vindo essas palavras? Se não recordava mal, era a primeira parte de Enrique VI, e do encantador sorriso de Rosalind.

Fez uma funda inspiração e a seguiu pelo vestíbulo até a sala principal. Ao fundo desta havia uma plataforma mais elevada que bem podia servir como cenário ou como estrado para músicos. Sobre o estrado havia um bom número de pessoas, várias trabalhando no cenário e outras ensaiando sob a direção de Thomas.

—Quantas pessoas compõem a companhia? —perguntou.

—Dezoito —respondeu Rosalind—. Mais ou menos umas dez fazem verdadeira atuação; as demais, como Calvin Ame e Ben Brady, aqueles dali, são músicos ou figurantes, e só atuam em papéis muito secundários. —Franziu o cenho—. Parece que Ben está com problemas. Será melhor que eu vá ver.

Stephen a seguiu para o cenário, onde os atores estavam lançando entre si acusações de traição e ciúmes.

—Que obra estão ensaiando?

—Fala o fantasma. A representaremos amanhã. —Sorriu travessa—. A obra não é grande coisa, mas nos permite aproveitar o bonito alçapão da Royal George. Sempre que atuamos aqui pomos ao menos uma obra com fantasmas.

—Seria uma lástima não aproveitar uma boa oportunidade cedeu ele—. O que põem esta noite?

—Sonho de uma noite de verão, uma de minhas favoritas. Eu faço dois papéis, o da Hipólita e o da fada chefe do séquito de Titania. Tenho uma noite bastante ocupada.

—É difícil a mudança de vestuário?

—Na realidade não. Nesta obra todos usamos vestidos folgados de tipo medieval, portanto o que se precisa é uma mudança de manto e talvez do adorno do cabelo. —Detendo-se, arrumou o xale de modo que lhe cobrisse a cabeça, como um capuz medieval, e lhe ensinou o efeito—. É a roupa que faz à mulher, sabe? —acrescentou em tom misterioso, de cumplicidade.

—É melhor atriz do que quer me fazer acreditar —disse ele, admirado.

—Ah, sim sei os truques do ofício. —Voltou a colocar o xale sobre os ombros—. Meus pais se encarregaram disso. Mas me falta o fogo interior.

Talvez carecia da paixão que acende o ator, pensou ele, mas dava a impressão de ser capaz de emoções mais íntimas. Sua bela e exuberante figura estava feita para a paixão. Compreendendo que devia trocar a direção de seus pensamentos, olhou a

quantidade de objetos, tecidos e equipamento que havia amontoados junto à parede.

—Suponho que todos os cenários e trajes se usam de diferentes maneiras.

Ela assentiu, depois subiu ao cenário e deu uma volta para não passar no meio dos atores, que estavam tão absortos em seus papéis que nem teriam notado.

—Essa árvore pintada que Ben está segurando deu sombra a Macbeth e suas bruxas, ocultou Bonnie o príncipe Carlos, e tremeu açoitada por muitos vendavais.

Era evidente, entretanto, que a árvore tinha conhecido tempos melhores. Na realidade, tinha quebrados dois dos ramos longos plainos. Rosalind se aproximou do homem magro e nervoso que o segurava e examinou as partes quebradas.

—O que aconteceu, Ben? —perguntou-lhe.

—Caiu esse meu tolo ajudante — respondeu ele muito sério—. Primeiro, todas as emoções de ontem atrasaram o trabalho de hoje, e agora se rompe a árvore.

—O que falta fazer? —perguntou ela, carrancuda.

Ben recitou uma lista de tarefas, concluindo, amargamente:

—Das quais, a maioria não as vamos terminar a tempo se eu me dedicar a reparar bem isto, por isso suponho que vamos ter que nos arrumar sem a árvore.

—Eu posso ajudar no cenário —se ofereceu Stephen—. Embora não saiba nada de carpintaria, posso levar e trazer coisas.

—Mas está se recuperando de uma ferida —objetou Rosalind, duvidosa.

—Prometo não conduzir nada em cima da cabeça —disse ele sério. Antes que Rosalind pudesse aduzir mais objeções, interveio Ben:

—aceite a oferta, Rosie. Necessitamos todas as mãos disponíveis se queremos montar bem esta obra.

—Muito bem, mas se sentir-se cansado, Stephen, por favor descanse.

—De acordo.

Por indicação de Ben, foi até os carroções, que estavam perto da porta do cenário, e voltou com uma braçada de brilhantes cortinas verde azuladas que se pendurariam na parede de trás. Reconheceu o tecido que tinham usado para recobrir a caverna de Próspero. Ficaria igualmente bem como cortina de fundo para um bosque mágico.

Durante as horas seguintes, foi procurar, conduziu, afirmou e montou decorações sob a direção de Ben, sem cessar de maravilhar-se de que com materiais tão simples se pudessem criar ilusões tão fantásticas. Também gostou do controlado caos que havia no teatro; enquanto trabalhava, via ir e vir os atores e ouvia declamar cenas sobre sua cabeça.

Poeirento e um pouco cansado, estava admirando o efeito geral do cenário já terminado, quando ouviu exclamar Maria Fitzgerald, que estava atrás dele.

—O senhor Ashe é o duque, Thomas!

Consternado, se voltou a olhá-la, perguntando-se como saberia. Talvez alguém o tenha visto em alguma parte, e só nesse momento o tinha reconhecido.

A exclamação de Maria tinha parado em seco toda atividade no cenário, e Stephen viu que tinha em cima os olhos de todo mundo. Tinha chegado ao fim seu agradável período de anonimato.

O olhar mais interessado era o de Thomas Fitzgerald que disse, pensativo:

—Certamente tem o porte de um duque, meu amor, e me economizaria duas mudanças de roupa, mas talvez o senhor Ashe não tenha nenhum desejo de pisar no palco conosco.

Stephen piscou, confuso.

— Como disse? —perguntou.

—Estaria muito impressionante no papel do duque de Atenas, senhor Ashe — disse Maria com um radiante sorriso—. Posto que Rosalind diz que teve experiência em atuar, como amador, gostaria de fazer o papel de Teseo na representação desta noite? O alívio ao compreender que não tinha sido identificado cedeu rapidamente passagem à comoção. O duque de Ashburton em uma obra representada em uma vulgar taberna? Pensou, olhando fixamente Maria. Atuar com atores profissionais, embora fosse em um papel secundário, era muito diferente a atuar em uma casa de campo com amigos.

—Não é todo mundo que gosta de ficar diante do público, mamãe —disse Rosalind—. Muitas pessoas o considerariam um castigo, não um prazer.

—Além disso, o senhor Ashe está convalescente —acrescentou Jessica.

—É certo —disse Maria, melancólica—.Tinha esquecido.

Ao ver a abatida expressão de Maria, Stephen teve a repentina compreensão de por que tinha feito essa sugestão. Para ela atuar era um prazer. Como um gato que oferece um camundongo morto a um ser humano ao qual ama, Impulsivamente tinha devotado a oportunidade de atuar ao homem que salvou a vida a seu filho, porque era o melhor presente que lhe podia ocorrer.

A idéia era ridícula, é claro. Entretanto, passado o primeiro momento de surpresa, achou bastante atraente a perspectiva de comportar-se de modo escandaloso.

—Seguro que lamentarei, mas eu gostaria de provar de qualquer modo —disse sorrindo—. Sempre que estiverem seguros de que não vou prejudicar o espetáculo.

O rosto de Maria se iluminou.

—Esplêndido! —exclamou Thomas, rindo—. E não sofra pensando que vai comprometer a obra. Não é um papel importante, e com um pouco de preparação por minha parte, ninguém vai se dar conta de que é um novato.

Jessica bateu palmas encantada e Rosalind lhe dirigiu um quente sorriso.

—Bem-vindo à Companhia de Teatro Fitzgerald, Stephen.

—É só por uma noite —disse ele.

Mas quando Thomas o levou a um lado para começar a preparação, descobriu que se sentia muito satisfeito consigo mesmo.

Capítulo 6

Rosalind se manteve perto de Stephen enquanto esperavam entre os bastidores o começo da obra, e não só porque tinham que fazer a entrada juntos. Inclusive os atores mais experimentados sentiam nervosismo antes da atuação. Embora seu protegido escondesse seus nervos atrás de um rosto impassível, ela percebia que estava a ponto de sair-se de sua pele.

Vestido de Oberón, o rei dos elfos, seu pai apareceu para olhar o público. Depois se voltou a olhar os outros atores.

—Cheio, completo —disse satisfeito—. Irei dizer aos músicos que comecem a marcha.

Quando Thomas partiu a cumprir seu encargo, Stephen olhou Rosalind pesaroso.

—É muito tarde para mudar de opinião e não fazer o papel de Teseo?

—Temo que sim, mas não se preocupe —disse ela, em tom tranquilizador—. O fará bem. Minha mãe tinha razão, faz um duque maravilhoso.

—Creio que é mais fácil ser um duque que um ator.

—Tolices. Sabe o diálogo à perfeição, e o fez muito bem quando meu pai o fez recitar todas as suas cenas.

Olhou-o dos pés a cabeça. Com a folgada túnica púrpura, os colares e a coroa dourados, Stephen irradiava uma dignidade aristocrática natural que o fazia um convincente herói real. Estaria quase tão impressionante como seu pai nesse papel.

—Não esqueça, o que tem que fazer é dizer suas falas com clareza e não cair. E só tem que expressar duas emoções: sua autoridade como governador de Atenas, e seu amor pela mulher com a qual está a ponto de se casar.

—Faz-o parecer suspeitosamente fácil, Hipólita —disse ele, sarcástico.

—Será fácil, uma vez que tenha dito seus primeiros versos —assegurou ela—. Se cometer qualquer engano, eu posso aliviá-lo depois, e o público não dará nem conta.

A orquestra terminou a abertura e tocou as primeiras notas da briosa marcha que indicava a entrada de Teseo, duque de Atenas, com sua prometida Hipólita, rainha das amazonas. Sentindo o comichão dos nervos que lhe vinha sempre quando estava a ponto de sair em cena, Rosalind agarrou a mão de Stephen.

—Ânimo, meu doce duque. Só estamos em Redminster, e se fizer errado, quem vai notar?

—O bardo poderia levantar-se de sua tumba e me castigar —disse ele sobriamente.

—Não se dê tanta importância —repôs ela alegremente—. Dormiu durante séculos de atuações que comprometeram sua obra de todas as formas imagináveis. É impossível que o faça tão mal como alguns atores que vi.

Ele a olhou com um leve sorriso, mas ela suspeitou que teria dado algo para estar em outro lugar e não a ponto de sair em cena. Felizmente, antes que lhe piorassem os nervos, soou a nota que dava pé à entrada. Ela levantou a mão agarrada a de Stephen até a altura dos ombros, e juntos fizeram a majestosa entrada no cenário.

Observando dissimuladamente seu companheiro, Rosalind viu o instante em que ele sentiu o impacto de todos os olhos que os olhavam; o rosto se pôs tenso, como uma máscara. Deu-lhe um forte aperto na mão.

—Diga as palavras e não caia —sussurrou, em um tom que depressa chegou aos ouvidos dele.

Ele fechou os olhos para serenar-se e voltando-se para ela, disse-lhe com uma voz de autoridade tão potente que encheu toda a sala:

—Gentil Hipólita, a hora de nossas núpcias já se aproxima.

Ela reteve o fôlego, estremecida pelo afeto que viu em seus olhos. Talvez devido a que não fosse um ator formado, não tinha nada da afetação dos profissionais; irradiava uma sinceridade que por um momento foi mais real que o cenário em que estavam. Ele era um chefe, um herói, um homem entre os homens. Era seu amado, que vinha fazê-la sua para sempre. Desejou elevar o rosto para que a beijasse, apertar seu corpo contra o dele...

Houve uma tosse que a voltou para a realidade, antes que esquecesse o que tinha que responder. Recorrendo a sua experiência profissional adquirida em muitos anos, sorriu sedutoramente a Teseo —não a Stephen, a Teseo—, e lhe disse, com as poéticas palavras de Shakespeare, com que rapidez transcorreriam os dias que faltavam para suas bodas.

À medida que se desenvolvia a cena, foi crescendo o entusiasmo de Rosalind. Uma companhia competente sempre produzia um espetáculo decente, mas às vezes tudo calçava à perfeição, criando uma espécie de magia. Tinha o pressentimento de que essa seria uma dessas noites. Embora Stephen não fosse um ator formado, tinha tal ar de segurança, uma superioridade masculina tão imponente, que a induzia a dar o melhor de si em sua atuação. Era fácil acreditar que ela era a rainha guerreira

«conquistada com a espada» e que estava a ponto de casar-se com seu noivo guerreiro «em meio à pompa, o triunfo e os festins».

O encantado silêncio dos espectadores lhe disse que estavam totalmente presos na ilusão da obra. Durante o resto da noite, seus corações pertenceriam à companhia Fitzgerald.

Entraram os atormentados amantes como o pai de Hermia a pedir justiça real ao duque. Contagiados pela magia, Jessica, Edmund, Jeremiah e outros, converteram-se em seus personagens de um modo absolutamente convincente.

Logo acabou a participação de Rosalind e Stephen na cena, e saíram. Maria, que estava esperando nos bastidores, embelezada com o vestido prateado de Titania, a rainha dos elfos, abraçou efusivamente Stephen. Rosalind invejou a facilidade de sua mãe para manifestar seu afeto; ela estava tão consciente de Stephen que não teria podido abraçá-lo com essa naturalidade.

—esteve esplêndido! —disse Maria em voz baixa mas vibrante—. Não é maravilhoso?

—Minha rainha amazona me salvou de fazer o ridículo —disse ele. Seu quente olhar se encontrou com o de Rosalind por cima da cabeça da Maria—. Obrigado por me permitir atuar com vocês. É uma oportunidade que muito poucos homens têm.

Agradada e aliviada porque ele tinha achado gratificante à experiência, Rosalind correu ao pequeno camarim de mulheres para trocar o traje.

Meter-se em outro vestido era fácil; converter-se em uma fada depois de ser a prometida de Stephen era mais difícil.

Dado que seu personagem só aparecia em três cenas, no começo e ao final da obra, Stephen dedicou a maior parte do tempo a observar dos bastidores: Jessica brilhava em seu papel da bela e desconcertada Hermia, Thomas e Maria estavam sobrenaturais e feiticeiros em seus respectivos papéis do rei e a rainha dos elfos e fadas, e Brian fazia um Puck deliciosamente travesso. Nunca havia visto melhor representada essa obra, pensou. Thomas Fitzgerald tinha criado uma companhia da qual podia sentir-se orgulhoso. Dariam-se conta da sorte que tinham os atores que faziam a excursão pelas Midlands ocidentais?

Sentiu uma surpreendente sensação de satisfação por formar parte do espetáculo dessa noite. Não porque ele fora essencial; a companhia tinha se arrumado muito bem sem ele no passado. Mas essa noite, de um modo muito modesto, ele tinha contribuído seu fio à tapeçaria dramática que tinha encantado o público. Havia um poder nisso muito diferente ao poder da riqueza e posição social que tinha como duque.

De tanto em tanto, enquanto olhava, sua mente se desviava para o prazer que havia sentido falando com Rosalind como se ela fosse sua noiva. Nesses momentos, submerso no sonho de uma noite de verão, tinha esquecido seu triste destino. Com razão tinham prosperado os teatros e os contistas da aurora dos tempos; uma história atraente e bem contada produzia paz e alegria, ao menos por um tempo.

Teseo e Hipólita sempre apareciam juntos, e chegou o momento de apoderar-se novamente do cenário. Rosalind tinha revoadado por ele como criada de Titania, sua admirável figura ressaltada à perfeição por sutis véus de fada. Nesse momento reapareceu diante ele com o precioso traje de Hipólita, tão régia como uma rainha... ou uma duquesa.

—Já não parece apavorado —disse sorrindo. Ele arqueou uma sobrancelha com gesto depreciativo.

—Acredita que estes camponeses vão se atrever a faltar com respeito ao governador de Atenas? Ela alargou o sorriso.

—Faz um duque alarmantemente impressionante. Se ela soubesse... Os chifres de caça deram o sinal, e eles entraram no cenário. Stephen quase deu um salto de surpresa para ouvir o fechado aplauso com que os recebeu o público.

—Cai-lhe bem, milorde —sussurrou ela.

Absurdo, é claro, mas de qualquer modo desfrutou do momento,

Em suas duas últimas cenas recitou suas falas com mais confiança. Uma vez ficou engasgado em uma frase, mas se recuperou em seguida quando Rosalind modulou as palavras corretas. Saiu pela última vez do cenário com uma marcadora sensação de alívio e triunfo. O duque de Ashburton se arriscou a fazer o ridículo mais absoluto, e tinha sobrevivido.

Depois do discurso de fechamento de Puck, o público estalou em, aplausos. Os atores saíram a fazer suas vênias e reverências em ordem inversa de importância. Quando chegou sua vez, Stephen voltou a acolher a mão de Rosalind. Isso já começava a lhe parecer natural.

Quando puseram os pés no cenário foram recebidos com entusiastas aplausos. Stephen viu cair a seus pés uma parte de tecido enrolado; sorrindo divertido o recolheu e ao estendê-lo comprovou que era um lenço com rendas.

—Fez uma conquista, Stephen —disse Rosalind rindo, aproveitando o ruído dos aplausos.

—Deus santo, espero que não.

Entretanto sentia um embriagador prazer pelos aplausos. Sem soltar as mãos, fez sua vênia enquanto Rosalind fazia uma profunda reverência que lhe teria valido elogios em uma corte real. Fizeram-se a um lado quando entraram outros atores a viver seu momento de fama.

Quando o elenco completo já estava no cenário, todos se agarraram as mãos para uma vênia em conjunto. Stephen tinha Jessica à esquerda e Rosalind à direita. Então teve o irreverente pensamento de que se seus amigos o vissem nesse momento o tachariam de louco, mas também invejariam suas lindas acompanhantes.

E então acabou. Os espectadores se levantaram e começaram a sair da sala. Quando chegaram a saleta atrás do cenário onde esperam os atores, Thomas lhe rodeou os ombros com um braço.

—Muito bem, senhor. Nunca tinha visto tão bom duque de Atenas.

—Aparentemente tenho uma aptidão especial para a arrogância —disse Stephen modestamente.

Maria se pôs a rir, com o rosto rosado de emoção e alegria.

—É hora de voltarmos para a Three Crowns —disse—. Vamos jantar e celebrar sua estréia nos palcos.

Stephen assentiu, feliz de ter a oportunidade de gozar de companhia a noite antes de retornar para casa. Depois entrou no abarrotado camarim dos homens. Debaixo da túnica púrpura levava sua camisa, meias e botas, de modo que não demoraria muito.

Quando estava quase preparado para sair, entrou Edmund Chesterfield e lhe disse em tom mordaz:

—Assim que já se acha um ator, Ashe?

Jeremiah Jones revirou os olhos. Stephen compreendeu que Chesterfield não gozava de popularidade entre seus colegas.

—Ator não —respondeu amigavelmente—, um simples fã amador ao qual um grupo de amáveis profissionais ofereceu uma noite de aventura. —Começou a atar a gravata—. Como certo, seu Demetrio esteve muito bem.

—Estive bem, não é? —disse Chesterfield, apaziguado—. Demetrio é um personagem muito mais interessante que Lisandro.

Reprimindo um sorriso, Stephen saiu do vestuário. Certamente um elogio bem escolhido era muito efetivo para desarmar um ator invejoso.

Ia sentir falta dessa gente, muita falta.

Todos os membros da companhia Fitzgerald adoravam festas, e honrar Stephen Ashe ofereceu um bom pretexto. Depois de comer o jantar preparado pela estalagem e fazer vários brinde por ele, todos estavam alegres com a bebida. Os músicos se reuniram em um canto a tocar seus instrumentos para divertir-se, enquanto outros se reuniam em grupos pequenos a conversar.

Rosalind sempre adorava essas noites. Seu pai carregava com o preço, o qual era um dos motivos de que jamais seria rico, mas na companhia reinava uma atmosfera agradável e familiar que era estranho encontrar em outros grupos de teatro.

Seu olhar posou em outro extremo do salão privado, onde Stephen estava conversando com Jane e Will Landers, jovem casal que interpretava papéis secundários. Depois olhou Jessica que estava ao seu lado.

—Segue com a idéia de dar a Stephen o papel do herói aristocrático de sua tragédia, em que morre de amor não correspondido por seu coração de baixa linhagem?

Jessica pôs-se a rir e terminou de engolir seu último bocado de empanado de porco.

—É muito respeitável para imaginá-lo morrendo de amor.

Rosalind tomou outro bocado de seu condimentado bolo e o regou com um pouco de champanha.

—Dá-se muito bem conosco para ser um cavalheiro —comentou—. Creio que fala com todos os membros da companhia.

—Porque é um verdadeiro cavalheiro. Os autênticos não precisam fazer alarde de sua superioridade.

Nesse momento Stephen riu de um comentário de Jane, desaparecida sua habitual seriedade. Observando-lhe o rosto, Rosalind notou que também tinha desaparecido esse humor sombrio que tinha percebido nele, ao menos nesse momento. Alegrou-a pensar que eles pudessem lhe haver dado isso em troca do que ele tinha feito. Ao mesmo tempo, entristeceu-a pensar que na manhã seguinte partiria. Nunca voltaria a vê-lo. Essa idéia a encorajou.

—Posto que Stephen forma parte da companhia, embora só seja por esta noite, deveríamos iniciá-lo. Jessica riu e lhe dançaram os olhos azuis.

—Essa é uma idéia fabulosa. Duvido que sobreviva seu aprumo.

—Sim que resistirá —disse Rosalind, pensativa—. Tem esse tipo de dignidade tão profunda e sólida que o acompanhará inclusive no leito de morte.

Pelos olhos da Jessica passou um brilho: estava memorizando essa frase, para uso futuro; depois fez um rápido assentimento, que indicava que já a tinha assimilado.

—Anunciarei a iniciação. —Deixou sua taça e se situou no meio da sala, levantando os braços em gesto de mando.

—Escutem, escutem! —declamou, fazendo ouvir sua treinada voz por cima da conversação e a risada. —Posto que Stephen Ashe pisou com êxito o tablado junto a nós, é hora de iniciá-lo nas filas da Companhia de Teatro Fitzgerald!

Todos estalaram em sonoras risadas, à exceção de Edmund Chesterfield, que os olhou carrancudo. Incomodava-lhe que qualquer um, além dele, fosse o centro da atenção, o que significava que a maior parte do tempo estava de mau humor.

—Que forma toma essa iniciação, gentil Hermia? —perguntou Stephen, receoso—

. Embriagar-se no bebedouro de cavalos mais próximo?

—Cada novo membro da companhia deve beijar todos os membros do sexo oposto —explicou Thomas sorrindo.

—Não é uma prova muito difícil, Stephen —riu Jeremiah.

—E eu serei a primeira —anunciou Jessica.

Equilibrou-se sobre Stephen e lhe rodeou o pescoço com os braços, jogando atrás a cabeça em um gesto de oferecimento tirado de um de seus personagens cênicos. Os dois formavam um atraente casal. Pela primeira vez em sua vida, Rosalind invejou a beleza de sua irmã. Que homem poderia resistir ao ter em seus braços essa jovem tão vivaz? Quando viu que só lhe dava um beijo amistoso, sentiu uma indigna satisfação.

As demais mulheres formaram fila diante ele, emitindo sorrisos como colegiais, inclusive a velha Nan, que fazia papéis de bruxa e era a responsável pelo vestuário. Stephen entrou amigavelmente no jogo, beijando as senhoras com gesto teatral.

Rosalind ficou em seu assento, pensando que não deveria ter sugerido a iniciação como uma forma de obter um beijo dele. Não era isso o que desejava... Desejava... Era melhor não pensar nisso.

Chegou a vez de Maria, a última da fila. Deu a Stephen um sonoro beijo, tirado diretamente das alegres comadres de Windsor. Depois se voltou a fazer um gesto a Rosalind.

—Sua vez, querida. Um último beijo e Stephen será nosso para sempre.

Outros aplaudiram. Rosalind se levantou com certa apreensão e atravessou a sala; quando chegou até ele, levantou a cabeça e viu tensão em seus olhos. Ele também se sentia incômodo com a situação. Tinha sido uma tola ao iniciar isso, porque degradaria o vínculo sutil mas verdadeiro que ela percebia entre eles.

Estendeu-lhe a mão.

—Se aproxime, Minha Hipólita.

A evocação de seu personagem cênico lhe facilitou as coisas. Ela era uma rainha amazona que acudia orgulhosa seu apaixonado. Agarrando-lhe a mão, inclinou-se em uma reverência.

—Meu amadíssimo duque.

Ele a fez endireitar-se e se inclinou para beijá-la, com um brilho de pesaroso humor nos olhos. Seu beijo foi quente e suave, mas ela sentiu o impacto emocional em todo o corpo. Sim, havia algo entre eles, uma conexão que em outro tempo ou lugar teria se transformado um pouco mais profundo. Mas não teriam tanta sorte.

Então acabou o beijo. Sustentando-lhe o olhar, disse:

—Obrigado, Stephen.

—O prazer foi meu, Rosalind —respondeu ele com igual doçura.

A sala estalou em aplausos e Thomas se aproximou para pôr mais champanha na taça de Stephen. Rosalind foi sentar-se em seu lugar, sentindo-se estranhamente satisfeita. Já não lamentava ter instigado essa cerimônia de iniciação. Inclusive um beijo em público era melhor que nenhum.

As renovadas moléstias no estômago tinham induzido Stephen a subir a seu quarto a tomar uma pastilha e a comer muito pouco durante o jantar. Mas ao notar que o champanha parecia lhe arrumar a digestão, tinha ido bebendo durante toda a noite. Certamente a conversa tinha sido absolutamente diferente das que estava acostumado a ouvir nos salões de Londres. Ben Brady, por exemplo, tinha-lhes explicado a forma de fazer explosões no cenário sem provocar um incêndio; depois, sua esposa Nan confessou rindo que adorava as histórias de donzelas que domavam libertinos, embora ela tenha perdido a virgindade antes que Jorge III perdesse as

colônias americanas. Não havia nenhuma pessoa aborrecida na companhia, à exceção de Edmund Chesterfield.

Depois da cerimônia de iniciação, foi se sentar com Thomas e Maria, que compartilhavam um banco de carvalho, contando maliciosas e divertidas histórias sobre seus anos no teatro. Sentiu inveja de sua relação tão íntima, do modo como agarravam automaticamente as mãos.

Vê-los produziu uma dolorosa onda de solidão; a dominou firmemente. Tinha tido sorte em outros sentidos, não tinha direito a auto compadecer-se.

De repente Thomas interrompeu seus pensamentos quando olhou seu relógio de bolso e chamou Brian.

—É meia-noite. Já deveria estar na cama, moço. Surpreso em meio a um bocejo, o menino esboçou um envergonhado sorriso:

—Ainda não traduzi minhas frases de latim.

—Pode fazer isso pela manhã —disse Maria—. Desde que as tenha acabado antes do meio-dia. E não esqueça tampouco as somas que lhe dei para fazer.

Brian deu um beijo de boa noite em sua mãe e se despediu do resto.

—Latim? —disse Stephen depois que o menino saiu.

Thomas assentiu.

—Meu grego está muito oxidado para ensiná-lo, mas ainda recordo bem o latim. O moço já está bem introduzido em César. Stephen arqueou as sobrancelhas.

—Tem sorte de ter tão boa educação. Thomas deu uma piscada travessa ao ver sua surpresa

—Estudei no Trinity College de Dublin —explicou—. Ah, nesse tempo eu era um jovem muito promissor. Para a Igreja, pensavam meus pais, ou para as leis. —Moveu a cabeça com fingido pesar—. Então conheci esta empregada metida que vê aqui. Vi-a representar Julieta em Dublin e lancei todos meus projetos ao vento para pôr meu coração a seus pés.

Maria emitiu um bocejo muito elegante.

—Não acredite, Stephen. É certo que Thomas procede da aristocracia, mas nasceu para que o pendurassem. —Dirigi um sorriso íntimo a seu marido—. Eu tinha meu trabalho feito à medida, impedir que se metesse em dificuldades. Estava louco para ser ator, assim aproveitou sua lábia irlandesa para me convencer de seu amor eterno. Eu inocente, nunca suspeitei de que o que desejava era uma esposa de uma família veterana na arte do teatro justamente como eu, para que o ensinasse a atuar.

—É uma mulher cruel —lamentou Thomas—. Trata-me com muita dureza, seriamente.

Antes que ele terminasse a frase, lhe pôs a mão na coxa de um modo do mais indecoroso. Ele sorriu e lhe passou o braço pelos ombros, aproximando-a mais até tê-la bem junto a ele.

Apareceu Jessica revoando.

—Não faça caso de Os Pais, Stephen —disse alegremente—. Não têm nenhum senso de decência. Fazem-me passar cada vergonha...

Stephen pôs-se a rir, divertido pela mudança de papéis entre pais e filha. Que lástima que seus pais não tiveram nenhuma décima do afeto que via nos Fitzgerald.

Nesse instante começou um desagradável ardor no estômago. Experiente nas sutilezas da dor, duvidava que aumentasse até o ponto de um ataque, mas preferia não correr riscos. Acabou a taça e a deixou a um lado.

—Vou para cama. Foi um dia exaustivo. Ao ficar de pé cambaleou e esteve a ponto de cair. Maldição! Não era tanto o que tinha bebido para ter essa reação. Levou a

mão à cabeça, que lhe doía, rogando a Deus que não lhe permitisse desmoronar-se ali, na sala cheia de gente. Imediatamente chegou Rosalind a seu lado.

—meu Deus, todos esquecemos que ontem golpeou uma árvore. —Passou-lhe o braço ao redor da cintura—. O ajudarei a subir a seu quarto, posto que estava a ponto de me retirar também.

Ele quase tinha esquecido sua ferida na cabeça, mas esta lhe proporcionava uma boa desculpa. Afirmando-se em Rosalind para não perder o equilíbrio, atravessou a sala, desejando boa noite a todos.

Foi um alívio sair ao corredor, que estava fresco. Sentiu-se melhor imediatamente, mas não tinha nenhuma pressa em soltar-se de Rosalind. Ela era deliciosamente tenra, e de estatura conveniente. Com Louisa sempre havia se sentido gigantesco.

Assim agarrados pela cintura, subiram até o quarto dele. Quando chegaram à porta, Rosalind o olhou, com preocupação em seus olhos escuros.

—Não terá nenhum problema?

—Não, só foi um enjôo momentâneo. Como disse, foi tão somente ontem que me golpeou a cabeça um tronco de árvore. Dá a impressão de que houvesse passado mais tempo.

Afastou-lhe os cabelos para olhar a ferida suturada.

—Não há sinais de infecção. De qualquer modo... talvez não devesse partir amanhã. Não convém se ainda tem enjôos. Ele aproveitou o pretexto.

—Tem razão. Preciso ficar pelo menos um dia mais.

Era o momento de afastar-se, mas nenhum dos dois se moveu. Ficaram assim, simplesmente olhando-se; ela continuava dentro do círculo de seu braço, quente, feminina e sedutora. Ele desejou lhe acariciar a seda castanha de seus cabelos, beijar esses lábios grossos, como o fizera na noite anterior, quando despertou e ela estava deitada a seu lado...

Sem pensar, aproximou-a mais e a beijou. Ela emitiu um suave suspiro e lhe rodeou o pescoço com os braços. Tinha sabor de champanha e especiarias. Acariciou-lhe as deliciosas curvas de seus quadris, e o desejo o inflamou como fogo puro. Esse abraço não se parecia em nada ao beijo em público que se deram durante a noite; era íntimo, profundo e... correto.

Correto não.

Levantou a cabeça e se sentiu enjoado por motivos que não tinham nada que ver com o golpe da árvore. Rosalind piscou e o olhou com olhos tão aturdidos como devia ter ele os seus.

—Perdoa —disse com a voz entrecortada, envergonhado e emocionado por sua falta de autodomínio.

—Tem a mais terrível capacidade de me fazer esquecer que sou uma viúva recatada e respeitável —disse ela. Tirou os braços de seu pescoço, sem pressa, e se afastou um passo—. Está mal que o diga, mas desfrutei totalmente deste beijo.

—Eu também. E você é a mulher que mais irresistivelmente beijei que conheci em minha vida, embora não me honra em nada ter cedido à tentação. —ficou em silêncio, desejando dizer mais—: Não é só que é bela. Me... enternece-me.

Ela passou-lhe as mãos pelas faces, deslizando os dedos pelas maçãs de seu rosto.

—Há algo especial entre nós, não é? —disse docemente—. Uma frágil flor que nunca dará fruto. Mas não sem valor. —Beijou-lhe brandamente os lábios—. Isso nunca.

Deu meia volta e pôs-se a caminhar pelo corredor em direção a seu quarto, sua

alta figura arqueando-se, inconscientemente provocadora. Ele ficou observando-a, sentindo uma terrível avidez que em parte era desejo, mas ao mesmo tempo algo muito mais profundo. Teve que reunir toda sua força de vontade para não segui-la.

Entrou em seu quarto, fechou a porta e apoiou as costas nela, com os punhos apertados. Ser duque era um assunto solitário. Adulavam-no pela frente e provavelmente o amaldiçoavam pelas costas. Exceto com um punhado de amigos, sempre se havia sentido separado do resto da humanidade normal.

Mas essa noite, durante umas poucas horas, tinha formado parte de um grupo amistoso e tolerante que o aceitava exatamente tal como era. O agrado que isso lhe produzia assemelhava ao de um edredom de penugem que o protegia do mordente frio da eternidade.

Na escuridão, olhou as cortinas claras que se agitavam preguiçosamente balançadas pela brisa que entrava pela janela. Até essa noite, não tinha se dado conta do muito que desejava pertencer a uma comunidade; essa noite se converteu por uns momentos em parte de uma. Como ia suportar deixar essas pessoas que o faziam sentir mais feliz do que alguma vez se sentiu em sua vida?

Se só se tratasse de Rosalind, ou só do companheirismo do grupo, não lhe seria tão difícil voltar para a abadia. Mas a combinação era perigosamente potente. Isso era parte do motivo que o fazia pensar que devia partir. Era incorreto, arriscado, desejar tanto algo. Particularmente nesse momento, em que seu futuro estava cruelmente limitado.

Mas depois de analisar tudo, viu que não havia verdadeira necessidade de partir. Sua saúde seguia sendo bastante boa para poder ocultar sua enfermidade. Não acreditava que alguém do grupo fosse lhe pedir que partisse, sobre tudo se fosse útil. Sim, ficaria alguns dias mais; talvez uma semana.

A onda de alívio que sentiu ao decidir isso foi tão forte que esteve a ponto de fazê-lo mudar de opinião. Mas que demônios, um homem condenado a morte tem direito a certo prazer. Toda uma vida de disciplina lhe serviria para não voltar a comportar-se mal com Rosalind. Também evitaria beber champanha e estar a sós com ela.

Já mais tranqüilo e em paz, despiu-se na escuridão e se meteu na cama. Mas tão logo apoiou a cabeça no travesseiro, veio-lhe com força a lembrança viva, tateante, de seu corpo entre seus braços, como a teve ali na cama na noite anterior. Virou-se para o outro lado, sentindo um doloroso vazio. Maldita enfermidade que arrojava sua negra sombra em tudo.

Fechou os olhos, ainda com a clara consciência de que não agiu bem. Entretanto, por imprudente que tivesse sido beijá-la, levaria a lembrança de seu abraço até esse dia não muito longínquo em que morreria.

Capítulo 7

George Blackmer desembarcou de sua caleça, subiu os maciços degraus de pedra da abadia Ashburton e bateu na porta. Quando o fizeram passar, disse:

—Relate ao duque que vim lhe ver.

O sempre impassível mordomo, Owen, não pôde ocultar a tensão de sua expressão:

—Sua excelência está... fora. Blackmer tirou as luvas.

—Esperarei. A que hora espera sua volta? —Ao ver que Owen não respondia, acrescentou, impaciente—: Vamos, homem, sou o médico do duque, não um mendigo importuno. Ele querará me ver.

Owen esteve calado um momento mais longo, como sopesando se devia falar ou não. Depois disse atropeladamente:

—Sua excelência não está em casa. Partiu de repente, sem dizer uma palavra sobre seus planos, e partiu sozinho. Estou... estamos um pouco preocupados.

—Sozinho? —repetiu Blackmer, arqueando as sobrancelhas. O mordomo assentiu.

—A cavalo, sem levar nem sequer seu valete. Isto foi imediatamente depois de sua última visita.

—Não se soube nada dele nestas duas semanas? —perguntou o médico, incrédulo.

—Nada.

—informastes a alguém da ausência do duque?

—A quem íamos dizer se afinal, sua excelência tem todo o direito de partir quando lhe agrada. Entretanto —Owen tragou saliva—, esse comportamento é muito insólito nele.

Insólito, certamente; durante anos Blackmer tinha observado muitíssimo Stephen Kenyon, e duvidava de que alguma vez em sua vida tivesse feito algo tão imprevisível. Mas claro, uma sentença de morte podia desequilibrar qualquer um.

—Se voltar, ou tiver notícias dele, comunique-me imediatamente —disse sucintamente—. É importante que eu saiba.

Dito isso, partiu da abadia, amaldiçoando em voz baixa. Seu maldito paciente podia estar em qualquer parte da Grã-Bretanha. Só Deus sabia o que poderia estar acontecendo. Provavelmente sua saúde geral continuava sendo bastante boa, mas isso poderia mudar a qualquer momento.

Assim que chegou em sua casa, entrou em seu estúdio e começou a passear inquieto, pensando que demônios devia fazer. Obviamente, os criados da casa Ashburton não se atreviam a fazer nada que pudesse desagradar seu amo, mas alguém tinha que fazer algo, e só ele entendia as conseqüências que poderiam derivar da ausência do duque.

O mais lógico seria escrever ao irmão de Ashburton, que vivia em Gales; na realidade cabia a possibilidade de que o duque estivesse ali, que tivesse ido visitá-lo, para encontrar consolo e preparar seu herdeiro para tomar posse do título e as propriedades. Em contadas ocasiões tinha visto Michael Kenyon, e o conhecia pouquíssimo, só o suficiente para saber que era um homem duro e perigoso, e que notificá-lo desencadearia forças imprevisíveis. Lorde Michael poderia alegrar-se diante a perspectiva de herdar. Ou poderia enfurecer-se e culpar o mensageiro, neste caso ele, o médico do duque. Poderia... as possibilidades eram numerosas e alarmantes.

Mas o que outra opção tinha? Blackmer soltou outra maldição. Depois se sentou a redigir uma carta para lorde Michael Kenyon, escolhendo laboriosamente as palavras.

Capítulo 8

Rosalind esteve olhando às doze ou mais pessoas que se moviam pelo pequeno teatro até captar o olhar de Stephen.

—Poderia me dar uma mão com estas decorações, Stephen?

—É claro. —Em um instante esteve junto a ela e levantou do chão uma moldura de falsa janela—. Onde quer que o ponha?

—Aqui, por favor. Justo onde está dormindo Aloysius. Este tem um talento especial para escolher o lugar onde mais estorva.

Enquanto Stephen rogava ao cão que se movesse, ela o contemplou sorrindo para seus botões. Em uma ocasião tinha ouvido um provérbio árabe que dizia que se um camelo introduzir o nariz em uma tenda, logo seguirá o resto do camelo. Embora fosse injusto comparar o nariz aristocrático de Stephen com o de um camelo, não cabia dúvida que nessa semana passada ele se introduziu muito destramente na tenda, que neste caso era a Companhia de Teatro Fitzgerald, ajudando no trabalho físico de mudar decorações e objeto de cenário, conduzindo um carroção quando viajavam, fazendo papéis de figurante, e dando aulas de latim a Brian quando Thomas estava muito ocupado.

Já tinha a ferida da cabeça cicatrizada, por isso ela supunha que ficou com eles simplesmente porque passava bem. Certamente parecia estar de ânimo muito mais alegre que a princípio.

Ela recordava com freqüência, e com ilusão, esse delicioso e excitante beijo que se deram. Após os dois tinham evitado, de tácito acordo, voltar a encontrar-se a sós, embora quando estavam em grupo, a atração mútua os reunia, e falavam de qualquer coisa e de tudo, dissimulando esmeradamente a intensa sensação física que vibrava entre eles.

Enquanto ele colocava a última decoração onde lhe indicou, Rosalind pensou quanto tempo mais ficaria. Mas não perguntou. Tinha o supersticioso temor de que se punha o tema, ele poderia sentir-se obrigado a voltar para sua vida habitual. Esse dia chegaria, sem dúvida, e logo, mas não queria de nenhum modo alentar sua chegada.

—precisa de algo mais, senhora diretora de cena? —perguntou ele, voltando-se para ela.

Ela fez uma comprovação geral, girando lentamente em torno, pondo um tic mental a cada aspecto dos cenários, luzes e assentos.

—Parece que está tudo como deve ser. Este é um dos teatros mais fáceis de preparar.

—O que fica esta noite? —perguntou ele, agitando as orelhas de Aloysius.

—Isabella, ou O matrimônio fatal. É uma tragédia muito emotiva, de inocência traída e morte cruel. —riu—. É um dos melhores papéis de minha mãe; apodera-se do personagem e do cenário, e faz chorar de pena a todas as mulheres do público. A primeira vez que a vi representar a Isabella foi justamente aqui, em Whitcombe. Eu tinha apenas quatro ou cinco anos, e entrei chorando no cenário quando fez a cena da morte, porque pensei que era de verdade. O público adorou. Sempre representamos Isabella aqui, a pedido popular.

Ele arqueou as sobrelhas.

—Conta-o como se fosse uma piada, mas tem que ter sido terrível para uma menina pequena.

Essas palavras lhe produziram uma inesperada onda de emoção e se esticou; sentiu um calafrio e colocou a mão no peito ao recordar esses momentos quando sua adorada mãe adotiva jazia moribunda. Uma angústia e um terror impossíveis de suportar...

Stephen lhe agarrou o braço, com expressão preocupada.

—Sente-se mal?

Voltando à realidade, ela riu, sobressaltada.

—Que estranho. Não sei por que suas palavras me fizeram recordar a experiência como se estivesse ocorrendo neste momento. Que tola sou.

—Não é nenhuma tolice —disse ele—. Já tinha perdido sua mãe natural. Ver sua mãe adotiva aparentemente morta tem que ter sido aterrador. Como o fim do mundo.

—Assim foi exatamente.

Algo tenebroso e horrível se revolveu nas profundidades de sua mente. A morte de sua mãe. O fim do mundo.

Sobreveio-lhe um estremecimento, e imediatamente obrigou a voltar para as sombras esse pensamento disforme. Era estranho que Stephen tivesse visto instantaneamente a relação, quando ela nunca a tinha visto. Mas claro, ela sempre tentava não pensar em sua vida anterior a sua adoção pelos Fitzgerald.

Apertou-lhe a mão, em gesto consolador.

—Alguma vez tentou recordar como era sua mãe?

—Às vezes, sem êxito. Mas Maria diz que tem que ter sido uma boa mãe, porque eu tinha muito boas maneiras para ser uma menina tão pequena. —Desassossegada pela conversação, passeou o olhar pelo teatro—. Edmund não está aqui, não é? Tínhamos que ensaiar a peça final porque faz um tempo que não a representamos.

Stephen lhe soltou a mão, aceitando a mudança de assunto.

—Como se intitula?

—A falsa amante. É uma tola farsa de quarto. É uma agradável mudança de ritmo depois do melodrama de Isabella. —Viu seu pai passeando fora da porta do teatro e franziu o cenho—. A meu pai não faz nenhuma graça a ausência do Edmund.

E assim era. Ao fim de um momento, Thomas deu uma forte palmada ao maço de papéis que segurava na mão, depois deu meia volta e entrou no cenário.

—Stephen, necessito que faça o papel do amante vilão na peça final. É muito pouco diálogo, trata-se principalmente de parecer nobre e pérfido e levar a cama à mulher errada.

—Como? —perguntou Stephen, sobressaltado.

Rosalind se pôs a rir, recuperado o bom humor em sua expressão.

—É Claudio, o pérfido duque que deseja Annabelle, uma donzela virtuosa representada pela Jessica. Você a ameaça executar seu pai se não se deitar contigo. Annabelle aceita, com a condição de que seja na escuridão, para preservar sua modéstia. Depois, ela e seu amado Antón, representado por Will Landers, decidem astutamente pedir a sua menos inocente amiga Ethel, essa sou eu, que ocupe seu lugar. Eu sou a abandonada ex-amante do duque, que continua pensando por ele, assim aceito participar do engano.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Pelo visto poderia fazer uma modesta carreira fazendo papéis de duques.

—Tem a aparência precisa —disseram Rosalind e Thomas em uníssono.

Os três se olharam entre si e puseram-se a rir.

—Condenado a ducalidade —disse Stephen, irônico—. Esse é o argumento?

Thomas o passou.

—O diálogo não é precisamente engenhoso, de modo que é perfeitamente possível improvisar um pouco se não recordar as palavras exatas. O importante é atuar com amplitude, com exagero. Malicioso, mas não vulgar.

Stephen assentiu e começou a ler sua parte, enquanto Thomas reunia os outros

atores que participavam da farsa. Quando todos estavam preparados para começar o ensaio, ele já tinha aprendido quase todo o diálogo, não à letra, mas o bastante bem para improvisar em suas cenas. Principalmente tinha que parecer arrogante e exigente, o qual fez com intimidante facilidade. Também demonstrou ter uma inesperada veia cômica quando olhou lascivamente Jessica. Em seu papel de Annabelle, ela se encolheu de medo com um espetacular toque de novela gótica.

O ensaio correu bem, interrompido em várias ocasiões por Thomas, que detinha a ação para pedir uma forma diferente de falar ou mover-se. Rosalind estava desfrutando tanto com a obra que esqueceu o perigo da cena do engano, que era a parte principal da farsa. Chegou o momento quando Stephen entrou nas pontas dos pés no que se supunha era um caramanchão na mais completa escuridão, chamando:

—Onde está, minha amadíssima e doce pomba?

—Aqui, Claudio! —cantorolou Rosalind—. Aqui! Aqui!

Estava a ponto de abraçá-lo quando previu as conseqüências de que esse era Stephen, não Edmund. Com Edmund um abraço era simples atuação. Mas com Stephen...

Aparentemente, ele pensou o mesmo, porque se deteve um metro dela, sua expressão de exagerada luxúria convertida em uma de consternação.

—O que espera? —disse Thomas, impaciente—. Beija-a. Stephen fez uma funda inspiração e saiu do personagem do duque malvado.

—Sinto muito, nunca beijei teatralmente em público e muito menos uma mulher que está diante de seu pai. Suponho que não tem um chicote à mão?

Thomas pôs-se a rir.

—Não tinha pensado nisso, mas entendo suas dúvidas.

Virou-se para o teatro e fez um gesto a Maria, que estava conversando com várias mulheres na última fila de assentos.

—Vêem aqui, meu amor, e ensinemos a este entusiasta jovem como se faz.

—Vou a ti, meu herói! —exclamou Maria pomposamente.

Quando sua mãe subiu ao cenário, Rosalind se retirou a um lado, tentando decidir se sentia-se mais divertida ou mais alarmada. Seria violenta a situação se quando Stephen e ela estivessem no meio do cenário os atacasse essa intensa atração física que havia entre eles.

Mas também era certo que a situação era tão ridícula como a peça que estavam ensaiando.

Quando Maria ocupou seu lugar, Thomas entrou sigilosamente no cenário gorjeando:

—Onde está, minha amadíssima e doce pomba?

—Aqui, Claudio! —exclamou Maria, jogando-se em seus braços—. Aqui! Aqui!

O beijo que seguiu foi espetacular, interrompido de tanto em tanto por comentários de Claudio a respeito de sua beleza e de como se sentia como se a tivesse conhecido sempre, o qual era um sinal seguro de que estavam destinados a unir-se. Maria lhe seguia o jogo desavergonhadamente, fazendo rir sem parar a todos os que estavam observando.

Quando acabou a demonstração, Jessica se aproximou do lado do cenário e disse em um sussurro cênico:

—Já estão Os Pais outra vez.

Depois de outro estalo de hilaridade, chegou o momento de Rosalind e Stephen de representar a cena. Quando estavam cara a cara, deu-lhe uma piscada e lhe sussurrou:

—Posto que não temos outra opção, creio que bem poderíamos desfrutá-lo.

A ele iluminou os olhos com um brilho travesso. Depois a agarrou em seus braços e com um espetacular movimento a jogou para trás, sustentando-a em um precário ângulo perto do chão.

Ela se aferrou instintivamente a ele, quase esquecida dos exagerados movimentos da comédia. Passada a comoção inicial, entregou-se com prazer ao embriagador abraço; não ocorreria nada demais diante do público. E posto que se supunha que os personagens estavam na mais absoluta intimidade, justificava-se que ela, como atriz, acariciasse-lhe os largos ombros e os músculos tensos; podia olhar as profundidades de seus olhos cor verde cinza e acariciar os formosos e severos planos de seu rosto. Acariciou-lhe os lábios com as pontas dos dedos, como faria uma mulher na escuridão, e lhe disse com voz rouca:

—Não sabe quanto desejei este momento, amado meu.

—sonhei contigo, minha amadíssima pomba —respondeu ele, seus olhos ardentes de desejo—. suspirei por ti no solitário silêncio da noite.

Acabada a frase, ficou em seu rosto uma expressão de desejo que lhe oprimiu o coração de desejo de que suas palavras fossem reais.

Enquanto trocavam um florido diálogo, ele foi levantando lentamente até deixá-la erguida e ao mesmo tempo foi girando de modo que o público pudesse lhe ver claramente o rosto. Ela pensou, ironicamente, que se Edmund estivesse representando o papel, teria arrumado as coisas para que fosse seu nobre perfil o que ficasse para o público, e as costas dela. Mas Stephen não tinha a avidez da atenção de um ator.

Meigamente lhe roçou a face com a sua, sem saber muito bem quanto era atuação e quanto era real.

—me prometa que não me esquecerá, amado.

—Como poderia esquecer esta doçura, esta paixão? Então a beijou, seus lábios quentes e irresistíveis sobre os dela, e ela correspondeu. Nesse momento Thomas rugiu:

—Solte essa mulher, vil duque!

Rosalind e Stephen deram um salto, como se lhes tivessem jogado uma jarra de água fria, e só em parte foi atuação. Rosalind sentiu esticar-se seu companheiro no delito, e depois relaxar-se ao ver entrar Thomas no cenário, seguido por dois criados cujas tochas iluminariam o caramanchão às escuras.

—É o arcebispo! —exclamou Stephen, horrorizado. Depois olhou à mulher que tinha em seus braços—. E você é Ethel! —Saltou para trás como se ela se convertesse em uma serpente—. Porca! Como ousaste me enganar! O que fez com minha adorada Annabelle?

Esse era o sinal; imediatamente entraram Jessica e Will Landers, de mão dadas e muito satisfeitos. O arcebispo declarou com voz ensurdecidora que acabava de casar os jovens e que o malvado duque seria destituído e executado pela Igreja. Rosalind caiu de joelhos aos pés de Thomas, elevando dramaticamente as mãos unidas em atitude de súplica.

—Rogo-lhe, excelência, perdoa a vida de meu amado. É certo que pecou, mas seu coração não é malvado. Só sofre de excesso de riqueza e poder.

Essa frase sempre produzia risadas entre os espectadores, a maioria dos quais agradeceriam a oportunidade de sofrer de excesso de riqueza e poder. Depois Rosalind se voltou para seu amado infiel.

—Não posso lhe obrigar a me amar mas, amadíssimo duque, quando acreditava que era outra, não achou doces meus beijos?

Stephen estremeceu teatralmente e elevou os olhos ao céu. Depois de um

comprido e eloqüente silêncio, disse com voz rouca:

—Foram doces na verdade, querida Ethel.

Agarrou-lhe a mão e a levantou, sua expressão era a imagem mesma do remorso—. Perdoe-me, fiel senhora, a injustiça com que a tratei. Se lembre de mim quando tiver ido à perdição que mereço.

Depois lhe beijou a mão, ato cênico muito eficaz, de produção própria. Ao menos Rosalind a achou eficaz; produziu-lhe formigamentos até os dedos dos pés.

Satisfeito pelo arrependimento do duque, o arcebispo lhe concedeu o perdão e o casou com Ethel ali mesmo. Jessica estava a ponto de cantar a maliciosa canção final quando se ouviu uma furiosa exclamação:

—Maldição!

Todos se voltaram a olhar. Era Edmund Chesterfield, que depois de dar uma portada se dirigiu para o cenário pisando forte.

—E foste capaz de dar meu papel a esse inútil diletante! —gritou, olhando Stephen com ódio—. Não tinha nenhum direito!

—É tradicional permitir que os atores conservem seus papéis —respondeu Thomas, mordazmente—, mas só quando cumprem suas responsabilidades. Perdeu este papel por faltar muitas vezes aos ensaios.

Rosalind pensou que seu pai reconsideraria sua decisão se Edmund lhe pedisse desculpas por sua tardança. Mas o jovem estalou:

—É um tirano, um velho patético e presunçoso! Não é capaz de recordar suas falas, por isso exige ensaios para maltratar os atores melhores que você. Inveja-me porque é um fracassado, que teve que formar sua própria companhia porque se não jamais teria tido trabalho.

Thomas e Maria empalideceram, outros membros da companhia sufocaram exclamações de horror, e a expressão de Jessica se tornou homicida. Instintivamente Rosalind deu um passo para seu pai; sabia que se sentiria muito doído por essas cruéis insinuações.

—Tem você as maneiras de um cachorrinho com necessidade de roubar numa casa, Chesterfield —disse Stephen, em tom glacial—. Thomas Fitzgerald é o melhor ator que a Grã-Bretanha já viu. Se não quiser respeitar sua autoridade, pelo menos deve reconhecer seu talento, se é que tem um fiapo de sinceridade em sua alma.

Tocou a Edmund empalidecer.

—Parasita presunçoso! Pavão! Vi como se introduziu manhosamente nesta companhia, desejando ser algo que não será jamais. Também o vi farejando ao redor de Jessica. Bom pois, ela não vai jogar seu lenço diante de um libertino envelhecido como você.

Rosalind apertou os punhos para dominar o desejo de atacar. Como se atrevia Edmund a dizer algo tão cruel e falso?

Mas Stephen não era um ator temperamental, e não se alterou pelos insultos. Esboçou um leve sorriso.

—fui desprezado por peritos, senhor Chesterfield. Creio que não pode me dizer nada que me altere. Não tenho o menor desejo de ser ator, nem tampouco andei, como disse você de modo tão vulgar, «farejando» ao redor de Jessica. —Dirigiu um rápido e irônico olhar a Rosalind—. É claro que estou envelhecendo. Todos envelhecemos. —Sorriu—. Isso é melhor que o contrário, não lhe parece?

Irremediavelmente furioso, Edmund cuspiu:

—Isto é o cúmulo! Parto agora mesmo. Faz tempo que o diretor do teatro Royal de Bath me suplica que vá trabalhar com ele, mas por lealdade continuei com este inútil

grupo de atores ambulantes. —Girou sobre seus calcanhares e pôs-se a caminhar pelo corredor—, Que o diabo leve a todos! —acrescentou com voz trêmula.

Tinha avançado uns doze passos quando Stephen rompeu o tenso silêncio dizendo:

—Não se pode negar que fez uma saída bastante decente.

Todos se puseram a rir, dissolvendo a tensão. Edmund voltou a cabeça uma última vez, para olhá-los furioso, e saiu do teatro. Quando se apagaram as risadas, Thomas disse:

—Não lamento não voltar a vê-lo, é a pura verdade Senhor. O jovem tem certo talento, mas não disciplina. Jessica sorveu pelo nariz. —além das maneiras de um cachorrinho com necessidade de roubar numa casa.

Thomas suspirou, desaparecida a expressão risonha, revelando a expressão preocupada de um diretor de teatro.

—Em todo caso, é incomodo perdê-lo —disse. Esteve carrancudo um momento; depois olhou Stephen—. Acompanhe-me a uma caneca de cerveja no bar. Quero falar contigo.

Stephen aceitou com a expressão um tanto receosa, e os dois saíram do teatro. Preocupada, Rosalind os observou sair, perguntando-se o que queria lhe dizer seu pai.

Capítulo 9

Thomas Fitzgerald pediu duas jarras a transbordar de cerveja e depois escolheu uma mesa em um discreto canto. A estalagem estava silenciosa no meio da tarde, de modo que estariam tranquilos.

Stephen sentia dor de estômago, mas bebeu sua cerveja de qualquer modo, pensando o que desejaria lhe dizer Fitzgerald. Poria objeções por ver sua filha abraçada com muito entusiasmo durante o ensaio? Ele tinha feito o possível por parecer um ator e não um homem com uma mulher maravilhosamente desejável em seus braços, mas o inquietava saber que não o tinha conseguido de todo.

Escolhendo outro tema para desviar a justificada crítica, disse:

—Lamento haver falado assim a Chesterfield. Se eu não o tivesse provocado, poderia haver-se acalmado e pedido desculpas.

—Duvido —disse Thomas, dando de ombros—. Verdade seja dita, mais de uma vez tinha considerado a possibilidade de despedi-lo. A princípio estava agradecido pelo trabalho, mas pouco a pouco começou a se acreditar o presente de Deus ao teatro. Muitas leiteiras devotas, suponho. —Sacudiu sua leonina cabeça—. Mas tinha um contrato. Não é fácil substituir um ator no meio da temporada, por isso o teria deixado continuar até fim do ano. Agora teremos que procurar outro.

—Não poderiam enquanto isso representar obras que precisem de menos atores?

—Talvez tenhamos que fazê-lo, mas seria uma complicação. Mais ensaios, mudanças de cenários e vestuário. —Thomas esteve um momento em silêncio e depois acrescentou, astutamente—: Simplificariam muito as coisas se você ocupasse o posto de Chesterfield. Stephen se engasgou com a cerveja.

—É uma brincadeira, suponho.

—Não, de maneira nenhuma. —Fez um amplo gesto com a mão—. Sei que não tem a paixão por atuar própria de um grande ator, mas é um ator secundário e de caráter bastante decente. Tem considerável presença cênica, aprende extraordinariamente rápido os diálogos, o que é muito útil nestas circunstâncias, e sua

voz tem uma potência e alcance excelentes. Quase tão bons como a minha. Isso é surpreendente em um amador.

Não tinha nada de surpreendente, pensou Stephen; havia um bom número de similaridades atuar e falar na Câmara dos Lordes. Mas a temporada da companhia duraria meses. Só Deus sabia quanto mais agüentaria a saúde dele. Nas três semanas transcorridas desde que Blackmer lhe deu a notícia, tinha notado uma leve mas inconfundível deterioração.

—Sinto muito. É bastante adulador, mas não posso aceitar.

—Já imaginava —suspirou Thomas—, sendo um cavalheiro e tudo isso. De qualquer modo, valia a pena lhe perguntar isso posto que aparentemente desfrutava estando conosco. Tem a grande vantagem de não ter o temperamento de um maldito ator.

—Isso se deve a que não sou um maldito ator —disse Stephen sorrindo.

Thomas riu e logo disse muito sério:

—É muito pedir, mas poderia fazê-lo até que eu substitua Chesterfield? Isso não demorará muito. Dá a casualidade de que acabo de receber uma carta de um amigo do norte da Irlanda, recomendando um jovem chamado Simon Kent. Bates diz que o moço tem muito talento e que está em urgente necessidade de uma colocação. Hoje mesmo lhe escreverei, e o contratarei para o resto da temporada. Mas até que chegue estarei com falta de pessoal. Sabe o reduzido que é nossa companhia, a perda de um só membro se nota.

Stephen assentiu. Isso se devia que tivessem sido úteis suas modestas habilidades. O irônico era que Thomas lhe oferecia o pretexto perfeito para fazer o que desejava. Em lugar de voltar para casa como devia, poderia ficar com a piedosa desculpa de que ajudava seus amigos.

—Devo partir dentro de duas semanas mais ou menos, mas me agradará colaborar até então.

—Estupendo, estupendo. —Sorrindo, Thomas terminou o resto de sua cerveja—. Mas, isso sim, não seduza a minha filha. Stephen se esticou.

—Não acredita, suponho, que estive «farejando ao redor da Jessica.

—Certamente que não. Está claro para tudo que tenha olhos no rosto, que é Rosalind de quem você gosta. Elogio seu gosto; qualquer homem pode apreciar uma beleza como a da Maria e Jessica, mas se requer mais discernimento para ver que Rosalind é tão bonita como elas a sua maneira. —Adotou uma expressão satírica—. Também devo agradecer seu autodomínio. Pode ser que minha Rosita seja uma mulher adulta, mas isso não significa que não possa lhe romper novamente o coração.

Ao menos lhe reconhecia o autodomínio, pensou tristemente Stephen. Sentiu vergonha ao compreender o muito que tinha observado Thomas, e seguro que Maria também.

—Asseguro que não tenho nenhum desejo de fazer mal a Rosalind; os dois sabemos muito bem que não seria prudente nos envolver.

—Porque a filha adotiva de um par de atores ambulantes é indigna da carícia de um cavalheiro? —perguntou Thomas, mordazmente.

Stephen controlou a onda de raiva que sentiu. Essa era uma pergunta justa, porque muitos homens de sua classe considerariam uma atriz boa presa para seduzir e nada mais. Como se a etiqueta de «atriz» pudesse começar a definir uma mulher como Rosalind.

—É um cavalheiro e, entretanto se casou com Maria, uma vulgar atriz.

—Não havia nada vulgar em Maria! —replicou Thomas. Calou-se, ao compreender

que tinha pisado em falso—. Perdoa. Fui injusto ao sugerir que não é melhor que um libertino londrino. Os sentimentos de um pai nem sempre são razoáveis.

Talvez estar com atores lhe estava relaxando o sentido do decoro, porque embora soubesse que não era assunto dele, Stephen se surpreendeu perguntando:

—Há alguma diferença entre o que sente por uma filha adotiva e seus dois filhos naturais?

—Quando viu uma menina crescer, rir e despertar chorando de noite, é sua, seja quem for o pai que a gerou. Se houver alguma diferença, poderia ser uma quantidade extra de amparo, porque era uma criança tão pequena. —Distraidamente desenhou uma rosa Tudor com umas gotas de cerveja derramadas na mesa—. E tão boa. Rosalind era uma menina perfeita, de um modo quase antinatural. Às vezes penso que se não lhe tivéssemos dado um lar, Deus não nos teria dado Jessica e Brian depois. E isso teria sido uma grande tragédia, porque ter um filho para criar é o que transforma um menino em um homem. —interrompeu-se, sobressaltado—. Não se pode negar que os irlandeses são uns sentimentais.

Stephen levantou a jarra, em um brinde improvisado.

—Talvez, mas para Rosalind foi bendito o dia em que a encontraram você e Maria. —Acrescentou em tom pesaroso—: Se eu... Deus estivesse em posição de aspirar A... uma relação séria.

—Então, tem esposa —disse Thomas exalando um resfolegante suspiro—. imaginava. Procure não esquecer.

Era preferível que Thomas o acreditasse casado e não soubesse a verdade.

—Não esquecerei minha situação, lhe asseguro —respondeu, sem inflexão na voz.

Embora tivessem terminado de falar de trabalho, não tinha nenhuma pressa em partir. Essa era a primeira vez que falava tanto momento com Fitzgerald, e estava desfrutando da experiência. Indicou ao hospedeiro que enchesse a jarra vazia de seu acompanhante. Uma vez feito isso, perguntou-lhe:

—Acredita que é certo que Chesterfield tinha uma oferta do teatro Royal de Bath? É um dos melhores teatros da Inglaterra. Thomas deu de ombros.

—Se o quiserem, será para papéis de muito pouca monta, não como os que tinha comigo. É mais provável que mentisse. Afinal, o que é um ator a não ser um homem que vive uma mentira? Ou, melhor dizendo, uma série de mentiras. Não é de estranhar que sempre se olhou com desconfiança os atores.

Era um bom salto passar da vida de um cavalheiro a de um ator de má reputação. Stephen sentiu curiosidade por conhecer os motivos de Fitzgerald.

—Disse que lhe consideravam um «jovem promissor» quando estava na universidade. Alguma vez lamentou renunciar a isso pela vida no teatro?

—Nem por um instante —respondeu Thomas imediatamente—. Mas sim lamento ter impedido o progresso de Maria. Poderia ter sido uma das grandes atrizes trágicas, igual a Sarah Siddons. Casar-se comigo significou exilar-se dos grandes teatros, porque eu era incapaz de me dar bem com os diretores, que são uns condenados imbecis. —Sorriu como zombando de si mesmo—. O que vale dizer, todos, menos eu.

Stephen sorriu, mas negou com a cabeça.

—Seu talento é igual ao dela. Tentou alguma vez transigir para conseguir a fama que merece?

—Uf —suspirou Thomas—, tentei uma ou duas vezes, mas aos poucos dias já brigava com quem me tivesse contratado. Talvez se meu pai não tivesse sido tão tirano, os diretores de teatro não teriam me feito pôr tão obstinado. Mas se tivesse sido um

homem razoável, provavelmente eu não me teria feito ator nem ele me teria deserdado.

Quer dizer, o ator tinha revelado muitíssimo a respeito do que e de quem era. Como filho de outro pai tirânico, Stephen entendia muito bem a obstinação. Mas ele tinha escolhido o caminho da impassibilidade e a obediência, não o da rebelião. Significava isso que era mais sábio ou mais covarde que Thomas? Se tivesse tido a ardente paixão por atuar, teria fugido de casa para fazer sua vida no teatro? Ou o teriam retido a riqueza e as responsabilidades de Ashburton? : Quase certamente sim, porque a responsabilidade a tinham inculcado do mesmo dia em que nascesse. De qualquer modo, lamentou profundamente ter tido tão fixo o olhar no caminho óbvio que nunca viu a miríade de outras rotas que poderia ter tomado. Seu irmão se rebelou, e tinha encontrado seu caminho para a felicidade. Mas ele não; tinha-lhe faltado o valor, ou a imaginação, para saber que tinha alternativas. Talvez, se tivesse procurado, teria encontrado maneiras de equilibrar as responsabilidades com outros interesses.

Mas agora estava morrendo, e saber que tinha completo seu dever era como um prato de papa mal fervida comparado com o copioso banquete da vida de Fitzgerald. Bebeu outro pouco de cerveja, e pensou se só seria sua imaginação que a fazia ter sabor de cinzas.

—Começar sua companhia tem que ter sido difícil, mas tem uma liberdade da qual gozam muito poucos homens.

—Sim. —Thomas sorriu, com o olhar remoto—. Estava acostumado sonhar com que algum dia teria um pequeno teatro próprio em uma cidade como Bristol ou Birmingham. Uma casa acolhedora e dinheiro suficiente para comprar uns poucos luxos a minha mulher e a meus filhos. Poderia demonstrar minhas teorias sobre a atuação realista, os vestuários históricos e... —lhe quebrou a voz—. Mas nunca terei o dinheiro para isso, e dentro de uns dez anos, estarei muito velho para fazer qualquer papel importante, além de Lear. Como disse Edmund, serei um velho patético, sentado junto a lareira pensando em meus fracassos.

Sua expressão era tão teatralmente desconsolada, que Stephen pôs-se a rir.

—Exagera, o que depois de tudo é seu trabalho. Thomas sorriu.

—Ninguém como os irlandeses para a auto-compaixão, moço. Levei uma boa vida, declamado palavras grandiosas, levando prazer a muitas pessoas, e tendo a meu lado à mulher mais maravilhosa do mundo. Muitos dos atores que formei tiveram muito êxito depois em teatros famosos, ou seja, que meus métodos devem ter alguma coisa. Deixarei isso, mais três filhos dos quais qualquer homem se sentiria orgulhoso. Não é um mau monumento, não é?

A aflição que Stephen esteve sentindo se intensificou até a acuidade de uma adaga. Se os filhos eram o melhor monumento de um homem, ele também tinha fracassado nisso. Deveria ter adotado um, mas nunca lhe ocorreu tentar, porque só um filho de seu sangue podia herdar Ashburton, e ele tinha pensado mais na sucessão que no estado de sua alma. Já era muito tarde.

—Deixará um legado do qual pode se sentir orgulhoso —disse em voz baixa. — Depois se levantou, porque se não, acabaria demonstrando que os ingleses podiam igualar os irlandeses em auto-compaixão—. Será melhor que vá ao teatro a ver se encontro um traje para o pérfido duque.

Thomas acabou sua cerveja; ao ver que Stephen deixava um pouco na dele, a bebeu também.

—É uma lástima deixá-la —explicou, e ficou de pé—. Agora vou escrever ao senhor Simon Kent. Roguemos que seja a metade de bom do que diz Bates.

Stephen assentiu e saiu do bar. Mas não era um traje o que desejava, era

Rosalind. Sua simpatia e sua natural alegria lhe curariam o ânimo cinza.

Enquanto caminhava pela rua principal em direção ao teatro, não se permitiu pensar no muito que a desejava.

Terminado o ensaio, e vendo que tudo estava disposto para a representação dessa noite, Rosalind saiu do teatro. Estava fechando a porta quando apareceu Stephen, caminhando para ela com seus passos compridos e ágeis. Deus santo, que bonito, com seus ombros largos e os reflexos avermelhados que fazia brilhar a luz do sol no cabelo. Mas tinha emagrecido nessas duas semanas desde que salvara a vida de Brian. Os traços de seu rosto estavam mais marcados, revelando a força dos ossos de baixo. Estavam-no fazendo trabalhar muito. Ou talvez simplesmente era que ela o olhava com mais detalhamento.

Sorriu-lhe alegremente, desejando estar menos poeirenta e desalinhada pelo trabalho. Mas bom, normalmente estava assim, por isso não tinha nenhum sentido lamentar.

Stephen se deteve diante dela, indicando com seu olhar de admiração que não se importava que tivesse um pouquinho de pó em cima.

—Rosalind, alguém já lhe disse que quando sorri, é como ver sair o sol?

Ela pôs-se a rir, embora não levasse a sério suas palavras.

—A associação com atores está lhe dourando a língua, senhor Ashe. O que queria meu pai?

Stephen fez uma florida reverência teatral.

—Está olhando, lady Calibán, a última aquisição da companhia, ao menos até que seu pai encontre um substituto adequado para Chesterfield. Vai contratar um ator recomendado por um amigo.

—Maravilhoso! —Isso significava que Stephen ficaria uma ou duas semanas mais—. É tão rápido para aprender os diálogos que o fará fabulosamente.

—Pensei que devia ver se encontro vestimenta para esta noite. É necessário que revisemos a arca de roupas para ver o que me convém?

Embora ela já soubesse a resposta, dedicou um bom momento a observar atentamente sua alta figura pelo simples prazer de fazê-lo. Depois lhe disse:

—Terá que usar a mesma túnica que vestiu para encenar Teseo. Não temos muita coisa para um homem de sua estatura, e esse traje é o único o suficientemente esplêndido para o duque Claudio.

—Ah —disse ele, com aspecto desiludido.

Ela também se sentiu desiludida, porque isso significava que não tinham nenhum pretexto para estar um momento juntos. Bom, e quem necessitava um pretexto? Eram adultos, podiam estar juntos sem lançar-se um sobre o outro. Provavelmente.

—Gostaria de dar um passeio? —perguntou, temerariamente—. Há um atalho pela margem do rio pelo qual eu gosto de passear sempre que viemos a Whitcombe.

—Isso eu gostaria muitíssimo —disse ele, com um largo e quente sorriso, lhe oferecendo o braço.

Quando já iam a caminho para o rio, disse-lhe:

—Talvez seu sorriso não seja exatamente como a saída do sol, mas tem uma natureza alegre, como o sol.

—por que não ia ter, quando sou afortunada e feliz? Tenho uma família maravilhosa e um trabalho interessante. —Sorriu—. E o gratificante conhecimento de que se não fosse por minhas habilidades organizativas, a companhia estaria em um caos.

—Poderia tomar em conta os fatos de sua vida e criar uma tragédia —observou

ele—. Órfã, adotada por pais itinerantes que têm que lutar para ganhar a vida, viúva muito jovem, obrigada a trabalhar no negócio da família, um futuro incerto.

Ela soltou uma gargalhada.

—Suponho que tem razão, mas prefiro minha versão da minha vida. Todos os futuros são incertos, assim para que me pôr no papel de uma rainha trágica? Acho tremendamente desagradável.

—Quanto mais velho fico, mais aprecio a imensa bênção que é nascer com uma disposição feliz —disse ele, pensativo—. Assim como é uma imensa maldição estar sempre triste quando um teve sorte na vida.

—Tem razão; além dos problemas normais da vida, sempre fui feliz, e não posso me atribuir o mérito disso. Minha mãe diz que inclusive quando era uma garotinha imunda, estava sempre sorrindo. —O olhou de esguelha—. Como definiria seu temperamento original? Não é do tipo triste, não é?

—Não, mas certamente fui formado para a sobriedade. Um homem de negócios deve ser responsável e formal. —Sorriu como zombando de si mesmo—. Também deve ser bastante aborrecido.

Ela riu e apertou a mão em seu braço.

—Você nunca é aborrecido. Seguro que estiveste exercitando esse humor sarcástico desde que estava no berço.

—Isso é certo. Felizmente poucas pessoas vêem minha veia subversiva.

Ela voltou a rir. Tinham chegado ao atalho que serpenteava por entre as árvores que ladeavam a margem do rio. Esse caminho sombreado era um fresco refúgio do sol da tarde. Fez uma profunda inspiração, aspirando.

—Mmm, cheire as árvores, as flores e a erva. Eu adoro estes deliciosos dias do final do verão. Stephen recolheu uma folha caída, jogou-a no rio e a observou girar e girar lentamente levada pela corrente.

—Está começando a temporada das colheitas. Depois que se recolha o trigo, chegará o outono, e de repente, será inverno. Ela detectou um matiz de tristeza em sua voz.

—E depois a primavera —disse— e o mundo voltará a ser jovem. Ele esteve um momento em silêncio. Depois, com o olhar fixo na água, citou:

—Tudo tem seu momento e tudo que se faz sob o sol tem seu tempo. Há tempo para nascer e tempo para morrer; momentos para lamentar-se e momentos para dançar. —voltou-se para ela e acrescentou com tranqüila intensidade—: E agora que estamos em pleno verão, é tempo para viver.

Ela compreendeu com desconcertante clareza o perigosamente perto que estava de perder a cabeça por ele. Seria tão fácil que qualquer coisa, a simpatia de seu sorriso, a sinceridade de suas palavras, empurrasse-a ao precipício do desastre emocional. Por sorte não era uma juvenzinha, porque se fosse teria saltado pelo escarpado ela mesma.

Mas embora não podia permitir-se apaixonar-se por ele, estava absolutamente consciente do passar do tempo. Muito em breve ele partiria, deixando seu mundo mais seguro, mas menos vivo. Em outro ato de temeridade, soltou-lhe o braço e lhe agarrou a mão; sentiu-a grande, forte e acolhedora.

Ele entrelaçou seus dedos com os dela. E assim, agarrados pela mão, seguiram caminhando pelo atalho ao longo da ribeira. Ela continuou desfrutando do belo dia, mas este se converteu em uma cortina de fundo de sua aguda percepção de Stephen. Na realidade, era incrível o muito que se podia dizer sem palavras.

Mais ou menos uma milha mais à frente chegaram a um pequeno claro coberto

de erva em que um enorme salgueiro estendia seus ramos fortes e amáveis. Por tácito acordo, sentaram-se em um ramo grosso que formava um banco natural. Junto a eles corria a água, lambendo preguiçosamente os juncos.

—Custa acreditar que este seja o mesmo rio que quase afogou Brian —comentou Rosalind.

—É o mesmo? Aqui está tão plácido como um lago. —Stephen lhe apertou a mão e a soltou, dizendo, pesaroso—: fomos descobertos. Seu pai não só me falou de atuar com vocês até que tenha um novo ator. Viu como a olho, e sabe que não é Jessica que tem que cuidar-se de minha perversidade.

Ela fez um gesto de tristeza.

—Deveria ter sabido que ele e minha mãe o notariam. São terrivelmente observadores. Mas o mais provável é que fosse minha maneira de o olhar, não o inverso.

Ele se agachou e recolheu uma jara ²dourada, fazendo girar o caule entre o polegar e o indicador.

—Tinha a vaga e supersticiosa esperança de que enquanto não se dissesse nada em voz alta, estávamos... seguros.

Ela assentiu; sabia exatamente o que queria dizer.

—Mas não podendo haver nenhum futuro, é melhor que tampouco haja um presente. Correto?

—Correto —respondeu ele. Tragou saliva, com a garganta oprimida—. Como queria que fosse diferente.

Também ela. Por um momento considerou a possibilidade de lhe perguntar francamente se era casado, mas decidiu que preferia não saber. Havia outros motivos possíveis de que não pudesse haver futuro para eles. Talvez ele não pudesse manter uma esposa pobre, ou não queria rebaixar-se casando-se com uma mulher de antepassados desconhecidos e baixa posição social. Ou talvez o que sentia por ela era puro desejo sexual, e sua consciência não lhe permitia seduzi-la. Posto que nenhum dos motivos que conseguiu imaginar era agradável, era melhor deixar o tema em paz.

—Momento inoportuno, lugar inoportuno —disse alegremente.

—E o homem inoportuno —acrescentou ele. Voltou-se para ela e a olhou, com os olhos ardentes—. Mas você, Rosalind, é uma rosa perfeita.

Pôs-lhe a flor atrás da orelha e moveu a mão por cima de sua cabeça. Depois, com um movimento brusco, como se fosse contra sua vontade, acariciou-lhe a face. Ela sentiu uma suave aspereza erótica nas pontas de seus dedos quando jogou para trás uma mecha de cabelo e lhe roçou o lado da orelha. Depois cavou a mão em seu queixo. Ela ficou absolutamente imóvel, segura de que o menor movimento a desmoralizaria. Notou o forte pulso na garganta contra o lado da mão dele, e não soube se tinha mais medo de render-se ou de fugir.

—Envia a Hades todas as minhas boas intenções, Rosalind —disse ele com voz rouca, o desejo evidente em seus olhos.

Inclinou-se a beijá-la, seus lábios exigentes. Ela fechou os olhos e abriu os lábios; a paixão lhe acendeu todo o corpo, aguçando seus sentidos até uma percepção sobrenatural. Gostou de seu aroma, um aroma masculino que se mesclava com as fragrâncias do campo. Ao redor deles, as finas folhas do salgueiro sussurravam movidas pela brisa, tecendo uma canção hipnótica. Acariciou-lhe a cabeça, e as suaves ondas sedosas se enrolaram em seus dedos.

² Jara: nome de uma flor .

Com a respiração entrecortada, ele a aproximou mais, pegou-a nos braços e a pôs sobre seus joelhos. Ela girou o corpo de modo que encaixassem apertados peito com peito; deslizou a coxa entre as dele para terminar sentada escarranchada em sua coxa, descobrindo excitação, dureza e íntimo contato. Ele cavou a mão em seu seio esquerdo e com o polegar acariciou o mamilo através da fina musselina do vestido. Ela abafou uma exclamação ao sentir as intensas sensações que lhe percorreram todo o corpo; começou a mover a pélvis, em uma instintiva súplica de maior proximidade.

Com um gemido ele desceu as mãos até seus quadris, apertando-a mais contra ele; ela sentiu vibrar seu membro, impressionantemente íntimo. Então, em um só e suave movimento, ele a levantou de seus joelhos e a deitou sobre a aveludada erva, deitando-se junto a ela. Beijou-lhe o pescoço e o sensível oco de mais abaixo, enquanto suas mãos a acariciavam por toda parte. Suas carícias eram chamadas, e ela liberou de desejos de ser consumida. Fazia anos, muitos anos que não sentia as carícias de um homem, e jamais em sua vida havia sentido um desejo tão intenso.

Sentiu um puxão no corpete e logo o ar fresco sobre seus seios.

—Muito lindo — sussurrou ele.

Com a língua acariciou brandamente o mamilo, lambeu-o e atormentou até pô-lo duro, e logo fechou a boca sobre seu seio excitado. Ela se esticou de prazer, com a respiração entrecortada, enquanto com as mãos lhe amassava os ombros.

Depois lhe acariciou a coxa, sua palma quente sobre sua pele nua, e então ela caiu na conta do próximo que estavam do momento de não retorno. Tinha o corpo ardente de desejo, mas com súbito terror compreendeu que se se unissem, cairiam suas defesas e se apaixonaria irrevogavelmente por ele. Já lhe era difícil perdê-lo tal como estavam as coisas; se se tornassem amantes, ficaria destroçada quando ele partisse.

Quando ele subia a mão por entre suas coxas, exclamou:

—Não, por favor, não.

Mas não fez o menor movimento para detê-lo, e soube com traiçoeira certeza que se ele continuasse, ela o aceitaria com inconsciente avidez.

Mas ele se deteve. Depois de lhe baixar o vestido, afastou-se e rodou pela erva, amaldiçoando com uma intensidade que a suavidade de seu tom fazia ainda mais doloroso. Depois rodou pela erva até ficar de barriga para baixo, os cotovelos apoiados no tapete verde e a cara escondida entre as mãos.

—Sinto — sussurrou Rosalind, tremula.

Ele guardou silêncio, e ela viu a férrea tensão de seus ombros. Passado um longo, longo momento, ele levantou a cabeça e a olhou com um sorriso torcido.

—Não é contigo que estou zangado, lady Calibán, e sim comigo mesmo. Tinha jurado não fazer nada disto. E embora lhe custe acreditar, em geral meu autodomínio é muito bom.

Acreditou, e supôs que deveria sentir-se adulada porque ele era tão vulnerável a ela. Sim se sentiria adulada, e encantada, se houvesse algum futuro para eles.

Mas não havia. Sentou-se e passou os dedos pelo cabelo, que lhe tinha caído sobre os ombros.

—A sensatez é mesmo um demônio, não é?

—É, sem dúvida — repôs ele, alargando seu sorriso irônico—. É a grande tragédia de minha vida que todos meus demônios sejam tão condenadamente respeitáveis.

Ela sorriu, soltando o fôlego em um suspiro de alívio ao ver o quente pesar de seu olhar. Nunca poderiam ser amantes, mas ao menos seguiam sendo amigos.

Capítulo 10

Ainda estremecido pela tempestade da paixão interrompida, Stephen se sentou e apoiou as costas no tronco do salgueiro. Rosalind o estava olhando com seus cabelos esplendorosamente soltos e um pesar insondável em seus olhos castanhos. Estava tão sedutora que desejou mais que nada no mundo voltar a abraçá-la.

Tocá-la seria uma loucura, certamente. Desviou a vista e fez várias respirações lentas, para serenar-se e dominar o desejo. Mais difícil era dominar seus pensamentos. Desejou conservar essa amizade, interessando sua mente e seu espírito. Deixando de lado as boas maneiras, perguntou-lhe francamente:

—Como era seu marido?

—Charles?

Sem ofender-se pela pergunta, ela penteou lentamente com os dedos seus cabelos castanho claros, pensando a resposta.

—Era um ator, bastante parecido com Edmund Chesterfield, na realidade, embora com mais talento. De aparência agradável, e às vezes bastante encantador. Quando entrou na companhia eu tinha dezoito anos, uma idade vulnerável. Como é fácil supor, acreditei-me loucamente apaixonada por ele. A meus pais não entusiasmava que nos casássemos, mas não conseguiram encontrar nenhum bom motivo para me proibir isso. Antes de um ano nos casamos.

Trocou de posição para esticar o vestido. O movimento a pôs justo debaixo de um raio de sol que se filtrava por entre as folhas do salgueiro, que lhe converteu os cabelos em um halo de ouro, âmbar e sândalo. Não parecia uma mulher que ainda lamentasse a morte de seu marido, e sim uma deusa pagã da fertilidade e da vida. Stephen teve que tragar saliva.

—Maltratava-lhe?

—Bom, nunca me bateu, mas era um mulherengo contumaz. A primeira vez me afetou muitíssimo. Eu acreditava que todos os homens eram como meu pai, que jamais olhava uma mulher que não fosse Maria. Mas Charles olhava, e muito mais. —Fez uma careta—. Pelo menos me curou das ilusões românticas, o que não é ruim.

Stephen imaginou como uma radiante jovem recém casada. Teria se entregue inteira, de corpo e alma, com total generosidade. E esse supremo presente o tinha desperdiçado um porco egoísta.

—Que tolo foi Jordão ao não compreender o que tinha.

—Para ser franca, eu pensei isso mesmo —disse ela, sorrindo, sarcástica. Enrolou os cabelos em um coque na nuca e o atravessou com uma agulha—. Mas Charles não pensava com a mente a não ser com... uma parte mais baixa de sua anatomia.

—Os homens costumam fazer isso, temo —disse ele, sorrindo com ironia—. Como morreu?

Ela seguiu com o olhar um brilhante martín pescador azul que mergulhou na água com um chapinhar que soou forte no silêncio.

—Quando levávamos três anos casados, ofereceram-lhe um contrato em um teatro de Dublin. Ele disse que era uma fabulosa oportunidade e em seguida partiu para Irlanda. Tinha ficado de mandar me buscar uma vez que estivesse instalado, mas foi adiando e adiando. Seis meses depois o marido de uma mulher, a qual seduziu, o matou com um disparo.

—Deus santo, que teatral —comentou Stephen—. E não um drama decente e sim uma farsa.

Um sorriso curvou os lábios de Rosalind.

—Muito certo. Eu lamentei a morte de Charles, mas nunca consegui lhe perdoar o mau gosto para morrer de um modo tão vulgar.

Olharam-se nos olhos e puseram-se a rir. Nessas duas semanas Stephen tinha gravado esmeradamente umas cem imagens mentais dela, mas assim era como desejava recordá-la em sua melhor aparência: rindo com a pesarosa compaixão de uma mulher que viu muito do mundo e aprendido que a risada é o melhor antídoto para as provas da vida.

Amaldiçoando o destino que os reuniu muito tarde, ficou de pé e lhe estendeu a mão.

—É hora de voltar para casa, lady Calibán. Há algum caminho mais rápido que o da margem do rio?

Agarrou-lhe a mão e se levantou agilmente, como uma suave deusa.

—Se atravessarmos esse campo, chegaremos a um caminho que conduz diretamente à cidade.

Ele lhe agarrou o braço e o pôs sobre a curva de seu cotovelo, porque essa era uma maneira de caminhar menos provocadora que agarrados pela mão. E não que isso mudasse nada; cada respiração de Rosalind era provocação pura.

Quando chegaram ao silencioso caminho, Rosalind já tinha recuperado seu autodomínio e foram conversando ociosamente sobre a representação dessa noite. De qualquer modo, sob sua serena superfície sentia uma profunda pena de que a dourada tarde estivesse deslizando como a areia em um relógio. Não poderia haver mais ocasiões tão íntimas; seria muito arriscado.

Ao dar a volta a uma curva encontraram adiante um carroção sem toldo detido no caminho; o cocheiro estava discutindo acaloradamente com um homem robusto a cavalo. Rosalind franziu o cenho para ouvir as iradas vozes.

—Dão a impressão de que estão a ponto de matar-se. O que estarão discutindo?

Nesse momento um grito de mulher cortou o ar; provinha do interior do carroção.

—Que diabos! —exclamou Stephen e, soltando o braço de Rosalind, com grande rapidez estava junto ao carroção—. Há uma pessoa ferida?

O cocheiro, um homem corpulento e de traços duros, deu de ombros.

—A moça diz que está na hora do parto —respondeu. Virou-se e gritou por cima do ombro—. Procura não uivar ainda, moça. Não grite enquanto não a tenha tirado de Cowley.

—Eu disse que não a leve mais à frente, Por Deus —exclamou o homem a cavalo—. Os cidadãos de Whitcombe não vão pagar por seu bastardo.

O rosto de Stephen escureceu, e soltou uma maldição em voz baixa. Rosalind ficou a seu lado e lhe perguntou:

—O que acontece?

—De acordo à lei de assistência pública, o lugar de nascimento determina que paróquia paga a manutenção de um menino indigente —explicou—. O que significa que algumas paróquias tratam de transportar a grávida indigente para economizar o custo de mantê-la e a seu bebê.

Outro som saiu do carroção, desta vez um gemido desesperado que chegou ao coração ao Rosalind. Olhou ferozmente os dois homens que continuavam discutindo.

—Será que não têm decência? Enquanto brigam essa menina está sofrendo.

Os homens interromperam a discussão e o do cavalo se moveu nervoso na sela.

—Não é minha culpa. Sou Joseph Brown, vereador de Whitcombe. Foi pura casualidade que passasse por este caminho e descobrisse que a paróquia Cowley tenta

nos carregar a moça. O conselho paroquial de Cowley é notório por tirar-se de cima suas responsabilidades. Crain —assinalou o cocheiro— é o capataz que se encarrega de fazer o trabalho sujo.

O capataz soltou uma gargalhada grosseira.

—E sou condenadamente bom para isso. Logo que passe esse olmo, a moça e seu pirralho serão seus.

Dito isso, o homem agulou os cavalos com o chicote sem fazer caso do furioso protesto de Brown.

Com o rosto como granito, Stephen saltou à boléia e agarrou as bridas dos cavalos e puxou com ambas as mãos. Quando os cavalos se detiveram, ordenou:

—Rosalind, sobe ao carroção e veja como está a mulher.

—Maldito seja! —gritou Crain—. Meta-se em seus próprios assuntos. Vou levar esta puta à paróquia de Whitcombe! —Elevou o chicote e o descarregou com fúria sobre Stephen.

Stephen levantou a mão e a ponta do chicote lhe enrolou no antebraço com um forte estalo. Com a velocidade de um gato, ele o colheu com ambas as mãos e de um puxão o arrancou da mão de Crain. A correia negra se enroscou no ar como uma serpente. Tranqüilamente, Stephen esticou a mão direita e agarrou a manga. Depois desceu a mão e enrolou o chicote com ameaçadora calma.

—E você vai fechar a boca e ficar quieto, se não quiser amaldiçoar o dia em que nasceu —disse a Crain com uma voz que poderia ter cortado vidro—. Prometo-lhe isso.

Crain empalideceu e Brown tragou saliva, visivelmente contente de que a fúria de Stephen não estivesse dirigida a ele. Enquanto isso, Rosalind contemplava boquiaberta a transformação de Stephen em um homem de aterradora autoridade. Fazia falta ser valente para desobedecê-lo. Um gemido a pôs em ação. Subiu à roda de trás e dali saltou dentro do carroção. Sobre uma cama de feno jazia, aterrada, uma menina de não mais de dezessete ou dezoito anos. Normalmente devia ser bonita, mas nesse momento seu inchado corpo se retorcia de dor e tinha os suaves cabelos castanhos colados à cabeça, pelo suor. Seus olhos castanhos estavam velados de medo, e tinha a saia do puído vestido cinza encharcada.

—Não se preocupe — disse Rosalind afetuosamente, ajoelhando-se junto a ela e lhe agarrando a mão apertada—. Não está sozinha.

—Mas... o bebê está nascendo. Tenho... muito medo.

Rosalind lhe apertou a mão. Desejou consolá-la, tranqüilizá-la, mas ela mesma estava assustada porque estava claro que o parto era iminente. Se havia alguma complicação, a menina e seu bebê poderiam morrer em questão de minutos.

Stephen apareceu pelo lado do carroção e lhe pôs uma mão no ombro enquanto olhava à menina.

—Brown, vá procurar uma parteira imediatamente. Obedecendo a seu tom autoritário, o vereador fez girar seu cavalo para ir cumprir a ordem. Mas duvidou um momento.

—me prometa que não vai mover este carroção mais à frente do olmo.

—Asseguro-lhe que este carroção não vai a nenhuma parte. —Stephen se voltou para Crain—: A menos que saiba ajudar ao parto, sugiro que não estorve.

—Essa porca não pode ter seu bastardo em meu carroção —resmungou o homem.

—Não deveria tê-la metido nele, então. E agora, se mova!

Crain abriu a boca para seguir protestando, mas perdeu o brio ate a força ao olhar de Stephen. Saltou da boléia e se retirou a um lugar de onde podia observar o que

ocorria.

Stephen saltou ao carroção e se ajoelhou do outro lado da jovem, Rosalind soltou um suspiro de alívio. O ter perto fazia parecer que tudo iria bem.

—Como se chama, querida? —perguntou com uma voz que soou surpreendentemente doce, depois do modo como tinha tratado os homens.

—Ellie, senhor —torceu a vista para olhá-lo—. Ellie Warden.

—Bem, Ellie, parece que vai ser mãe a qualquer momento. É seu primeiro bebê? Ela assentiu.

—Então seguro que está nervosa, mas não se preocupe. As mulheres tiveram bebês desde a aurora dos tempos. —Tirou um lenço do bolso e lhe secou o suor do rosto—. Sabemos o que fazer, assim não tem nada que temer.

Rosalind levantou a cabeça e o olhou horrorizada, negando com a cabeça para indicar sua ignorância. Stephen a viu e lhe respondeu com um leve gesto que lhe dizia que não se preocupasse.

Ellie aferrou fortemente a mão de Rosalind e voltou a gritar.

—Os dores são muito seguidas. Não demorará muito —disse Stephen tranquilamente.

Passou o lenço a Rosalind e em silêncio modulou a palavra «Distrai-a». Depois começou a modificar a posição da jovem e sua roupa, preparando-a para o parto.

Rosalind lhe secou novamente o rosto molhado pelo suor.

—Sempre viveste em Cowley? —perguntou-lhe.

—Nasci em Norfolk, e meu papai nos trouxe aqui faz dez anos —respondeu Ellie, aparentemente agradecida pela distração—. Era carpinteiro e tinha um bom trabalho. Comprou-nos uma casinha e a deixou muito bonita, mas depois que morreu, faz três anos, não tínhamos dinheiro. Não temos família aqui, assim que minha mamãe teve que pedir ajuda à paróquia para que não morrêssemos de fome.

Veio-lhe outra contração, fechou os olhos e apertou com mais força a mão de Rosalind, mas não gritou. Quando pôde voltar a falar, continuou, com amargura na voz:

—Os homens do conselho paroquial disseram que tinham que vender tudo o que tínhamos de valor para devolver a ajuda da paróquia. Quando minha mãe estava agonizando lhe tiraram o colchão de plumas onde estava deitada e o venderam. Depois, quando morreu, tiraram-me a casa. E agora também me expulsam e a meu bebê.

Como podiam comportar-se com tanta ruindade uns homens que se diziam cristãos?, pensou Rosalind. Thomas Fitzgerald, ao qual jamais tinha visto pôr os pés em uma igreja, era um homem mil vezes melhor que os do conselho paroquial. Engolindo a raiva, para pôr sua energia em coisas mais práticas, perguntou:

—Pode ajudá-la o pai de seu bebê, Ellie? A menina tratou de negar com a cabeça.

—Danny e eu íamos nos casar, mas aqui não havia trabalho, assim que foi a Gales trabalhar em uma mina de ardósia. Ele... morreu em um acidente um dia antes de chegar em casa para as bodas. —Fez uma respiração entrecortada—. Só... só o fizemos uma vez. Ele não chegou saber que ia ser pai.

—tiveste má sorte, mas isso já pertence ao passado —disse Stephen em tom tranquilizador—. Muito em breve terá seu bebê em seus braços.

Ellie relaxou, mas em seguida lhe veio outra contração.

—Jesus, me salve, estou morrendo!

—Não — disse Stephen—, isto pode doer como o demônio, mas é normal. Está fazendo muito bem. Agora o bebê vem rápido e tudo irá bem, prometo-lhe.

Os seguintes e dolorosos minutos foram uma eternidade imprecisa para Rosalind. Continuou segurando a mão de Ellie e lhe fazendo comentários alentadores, mas evitou

olhar Stephen e o progresso do parto. Embora tivesse tratado febres e machucados na companhia, isso era muito diferente de assistir um parto, e não queria arriscar-se a desmaiar nem a fazer nada igualmente estúpido.

Ellie lançou um último e dilacerador grito. Depois, silêncio e de repente um indignado gemido cortou o ar.

—Muito bem, Ellie! Tem um lindo garotinho.

Rosalind levantou a vista e viu um bebê, com o rosto vermelho e esperneando, embalado nas mãos de Stephen; o bebê se via pequeno nessas grandes mãos. Stephen agarrou um punhado de feno e com ele limpou amorosamente o corpinho. Quando terminou de limpá-lo e cortou o cordão, já tinha saído a placenta.

—Fez um trabalho rápido e eficiente, Ellie —disse sorrindo—. Tem talento para fazer bebês.

A menina fez um sorriso torcido e esticou os braços.

—Quero segurá-lo.

Stephen pôs o pequeno nos braços de sua mãe, e imediatamente este deixou de chorar. A menina o olhou maravilhada.

—É precioso, não é?

—Sim é —respondeu Rosalind.

Dissimuladamente flexionou a mão direita, que estava intumescida pela força com que a tinha agarrado Ellie.

Ouviu-se ruído de rodas e cascos de cavalo. Aproximavam-se viajantes.

Levantou a vista e viu uma mulher baixa e robusta conduzindo uma carreta puxada por um pônei, e o senhor Brown trotando atrás. A mulher deteve a carreta junto ao carroção.

—É você a moça...? Ah, já vejo que sim. —inclinou-se a olhar mais de perto—. E que menino mais lindo e são tem aí! Sou a senhora Holt, a parteira. Não quis me esperar, né, querida? —Soltou uma risada sonora—. Mas seguro que quererá alguma ajuda para aprender a cuidar dele. Levarei os dois a minha casa. Pode ficar ali até que esteja mais forte.

Stephen desceu do carroção e lhe disse em voz baixa:

—Eu assumirei os gastos, senhora Holt. Ocupe-se de que a jovem compre roupa nova para ela e para o bebê. A parteira assentiu.

—Pode mudá-los para minha carreta?

Stephen desceu a porta de trás do carroção e passou as mãos por debaixo da nova mãe, sem preocupar-se com massa de sangue que manchava Ellie e seu vestido. Aparentemente sem esforço, levantou a mãe e o bebê juntos e os depositou dentro da carreta, que estava coberta por edredons velhos. Rosalind o seguiu com a bolsa, pateticamente pequena, com seus pertences.

A senhora Holt se virou no assento, agarrou o bebê e o envolveu em uma desgastada toalha limpa, arrulhando-o enquanto o fazia. Depois o devolveu a sua mãe. Rosalind sorriu cansativamente, feliz de que Ellie ficasse aos cuidados de uma mulher que amava seu trabalho e seus pacientes.

—O fato de que a senhora Holt leve a menina a Whitcombe não significa que esta paróquia seja responsável por ela —disse o senhor Brown, nervoso.

—Não se preocupe —respondeu Stephen, cortante—. A senhora Jordão e eu daremos testemunho de que o bebê nasceu na paróquia Cowley. —voltou-se para Crain, que tinha se aproximado para recuperar seu carroção—. Amanhã farei uma visita ao chefe de seu conselho paroquial, com algumas sugestões sobre como podem ajudar melhor Ellie Warden e seu filho.

—Isto não é assunto seu —grunhiu Crain—. E ela deixou o carroção um nojo.

—Amanhã irei —repetiu Stephen, tranqüilamente.

Desvanecida sua agressividade, o capataz subiu a seu carroção, fê-lo girar e empreendeu a volta a sua cidade. Depois de uma rápida conversação de negócios entre Stephen e a senhora Holt, esta empreendeu a marcha com Ellie e seu bebê, escoltada pelo vereador.

Tão logo se perderam de vista, Stephen se sentou à beira do caminho, apoiou os cotovelos nos joelhos e ocultou o rosto nas mãos.

—Graças a Deus que foi um parto simples, sem complicações. Só Deus sabe o que teria ocorrido se não fosse. Rosalind riu nervosa e se deixou cair ao seu lado. Passada a crise se sentia inteiramente fraca.

—estiveste maravilhoso! É médico? Ele levantou a cabeça.

—Que nada! Só sou um granjeiro que ajudou a parir potros, bezeros e cordeiros. Rosalind o olhou horrorizada.

—Céus, então toda sua segurança era falsa? Ele arqueou uma sobrancelha fingindo desdém.

—Pode ser que não tenha muito de ator, mas sei representar o papel de médico.

Rosalind se jogou sobre a erva da ribeira e começou a rir como uma louca.

—Que vigarista! E eu que acreditei que um dos dois sabia o que fazer.

—Eu sabia que o princípio é o mesmo para os humanos e para gado —disse ele mansamente.

—Por isso limpou com feno o pobre pirralho!

Deu-lhe outro ataque de risada e contagiou Stephen, que também pôs-se a rir. Rosalind se sentiu muito unida a ele, e mais que um pouco passada. Não era médico e entretanto sabia ajudar no parto de um bebê; até cavalheiro e entretanto lhe importava a sorte de uma juvenzinha desesperada rechaçada por sua própria comunidade. E embora assegure ser só um granjeiro, estava acostumado que o obedecessem, o que significava posse de uma propriedade.

E, entretanto estava ali, e sua presença tinha sido um presente do céu. Olhou-lhe o rosto com carinho.

—É muito valente. A maioria dos homens poriam-se a correr a vista de uma mulher em trabalho de parto.

—Alguém tinha que fazer algo, e estava claro que eu era o melhor qualificado. — Sorriu—. Meu cavalariaço chefe me contou uma vez, com todo luxo de detalhes, como tinha ajudado a nascer sua filha, quando sua mulher entrou em trabalho de parto muito rápido para procurar à parteira. Nesse momento teria preferido que não me contasse isso, mas o que me disse foi muito útil hoje. Agora sua filha tem cinco anos, é uma pequena muito viva, e, Deus mediante, o bebê Ellie irá igualmente bem.

Rosalind o notou triste, e compreendeu que gostava de crianças e provavelmente não tinha filhos. Uma grande lástima, uma carência com a qual era muito fácil identificar-se.

Acabou a risada e relaxou, contemplando o céu do verão.

—Temos menos de uma hora para voltar para Whitcombe, nos lavar e nos preparar para o espetáculo desta noite.

—Tinha-o esquecido completamente —gemeu ele.

—O que demonstra que não é um verdadeiro ator. —levantou-se e lhe estendeu a mão para ajudá-lo, tal como tinha feito ele antes—. O espetáculo deve continuar, duque Claudio —acrescentou severamente.

Ele sorriu e aceitou a ajuda.

—Posto que o papel implica lhe beijar, creio que serei capaz de resolver isso.
Rosalind se ruborizou um pouco, mas respondeu esmeradamente:
—foi muito consciencioso de sua parte me levar passear para uma aula prática em particular.
Ele soltou uma gargalhada.
Depois reataram a caminhada em direção ao Whitcombe, de mãos dadas.

Capítulo 11

Michael Kenyon deteve seu cavalo diante da casa do doutor George Blackmer, e apeou cansativamente da sela, pensando que Deus o condenado médico estivesse em casa, porque tinha feito uma viagem muita longa para encontrar respostas e não estava em ânimo de esperar.

O criado ancião o conduziu ao dispensário do médico; ali estava Blackmer inclinado sobre um pilão moendo uma substância branca parecida com giz. Michael só o tinha visto uma vez, durante o funeral da duquesa de Ashburton, sua cunhada; as circunstâncias não tinham sido favoráveis para lhe inspirar confiança em suas habilidades.

Blackmer levantou a cabeça e ficou de pé de um salto.

—Ashburton! Alegra-me que tenha voltado. Estive preocupado.

—Olhe de novo! —disse Michael, tirando o chapéu para que o homem lhe visse melhor o rosto—. Não sou Ashburton, sou seu irmão.

Blackmer parou em seco.

—É certo. Perdoe. Parece muitíssimo.

Michael tinha ouvido isso toda sua vida, de modo que não era uma novidade que o interessasse.

—Estava fora de casa e só ontem recebi sua carta. Vim imediatamente, é claro, mas quando passei pela abadia, disseram-me que meu irmão partiu faz três semanas e não tiveram notícias dele depois disso. Que diabos esta acontecendo?

—Então o duque não foi visitá-lo em Gales —suspirou Blackmer—. Tinha a esperança de que estivesse ali.

—Não, nem tampouco está em Londres, porque estive ali até alguns dias —disse Michael, impaciente—. Em sua carta dizia que meu irmão está gravemente doente. O que tem?

Blackmer guardou silêncio um momento, como pensando no modo de dar a notícia.

—Tem uma tumefação, uma enfermidade interna mortal, que lhe está destruindo o estômago e o fígado. Certamente morrerá em questão de meses.

Michael ficou rígido. As muito bem escolhidas palavras da carta do médico não o tinham feito imaginar que a situação fosse tão ruim. Stephen jamais adoecia. Só fazia dois meses que o tinha visto, quando esteve passando uns dias com ele em sua casa em Gales, e estava em excelente estado de saúde. O que poderia lhe haver ocorrido para contrair assim de repente uma enfermidade mortal?

—Não se pode fazer nada? —perguntou com a voz oprimida.

Blackmer desviou o olhar, incômodo.

—Rezar, talvez.

Michael teve que dominar o impulso de lhe dar um murro. Mas não tinha nenhum sentido matar o mensageiro. Então lhe ocorreu outra idéia desagradável.

—Poderia ser que a enfermidade lhe tenha afetado a mente?

—Certamente não —respondeu o médico, surpreso pela sugestão—. Minha opinião é que o duque decidiu procurar um pouco de solidão para adaptar-se à idéia de morrer.

Stephen era bem capaz disso, pensou Michael. De qualquer modo...

—Uma ausência de três semanas me parece excessivo. Poderia ter piorado repentinamente sua enfermidade e estar de cama doente em alguma parte?

Blackmer negou com a cabeça.

—É possível, suponho, mas muito improvável.

Michael sopesou que passos poderia dar. Stephen lhe tinha falado bem dos dotes de Blackmer, mas em um médico rural isso significava simplesmente administrar remédios para febres e recuperar ossos quebrados. Não tinha salvado Louisa, e era evidente que não tinha a menor idéia do que fazer por Stephen.

Talvez Ian Kinlock pudesse fazer algo; o cirurgião amigo de Catherine tinha salvado a vida dele depois da batalha de Waterloo, aplicando um método experimental. Nesse momento Kinlock estava no Hospital St. Bartholomew de Londres, trabalhando na vanguarda da ciência médica. Se alguém podia curar Stephen esse era ele. O que tinha que fazer era encontrá-lo e levá-lo a Londres. Intensamente aliviado diante da perspectiva de fazer algo positivo, disse ao médico:

—Obrigado por sua informação, doutor. Adeus. - Virou-se sobre os calcanhares e se dirigiu à porta.

—O que vai fazer? —perguntou Blackmer.

—Encontrar meu irmão, é claro —respondeu Michael por cima do ombro.

—Espere! Quero ir com você. Michael se deteve e disse, impaciente:

—Para que demônios quer me acompanhar? Blackmer baixou a cabeça e tocou distraidamente o pilão que tinha sobre a mesa.

—É meu paciente. Se conseguir encontrá-lo, eu devo estar junto.

Michael franziu o cenho, tentado negar categoricamente que o homem viesse com ele. Não desejava a companhia de um desconhecido, a verdade era que não podia dizer a Blackmer que seu objetivo era encontrar seu irmão para levá-lo a outro médico. De qualquer modo, não pôde por menos que admirar a responsabilidade do homem. Decidiu condescender:

—Suponho que possa me acompanhar se quiser, mas mais vale que seja um bom cavaleiro. Não vou moderar a marcha por você.

—consequirei — disse lisamente Blackmer—. Mas necessitarei um pouco de tempo para deixar em ordem minhas coisas e pedir a outro mélico que atenda a meus pacientes durante minha ausência. Hoje já é tarde. Poderíamos partir amanhã pela manhã?

Michael olhou pela janela e viu o baixo que estava o sol no firmamento.

—Suponho que sim —disse a contra gosto—. Tenho que interrogar o pessoal da abadia e escrever algumas cartas. Até manhã, doutor Blackmer. Encontraremos-nos na abadia à alvorada.

Dito isso partiu, dizendo-se que se alguém podia curar seu irmão seria Ian Kinlock.

Negava-se a acreditar que seu único irmão estivesse doente sem remédio.

Depois que partiu seu visitante, Blackmer se deixou cair em sua cadeira, tremulo. Igual a seu defunto pai, lorde Michael Kenyon tinha a agressividade própria dos Kenyon,

mais o formidável ar de autoridade de um oficial do exército. Viajar com ele não seria fácil, e não só porque Kenyon tinha anos de experiência em árduas campanhas militares.

Só o tinha visto uma vez antes, e ficou a impressão de que embora se parecia muito com Ashburton, tinha uma postura enrijecida. E, uns penetrantes olhos verdes. Não tinha esperado ver nele essa inconfundível aflição pela notícia de que seu irmão mais velho estava doente de morte. A maioria dos homens receberiam com regozijo a notícia de que um ducado cairia em suas mãos em questão de meses.

Olhou fixamente a lareira sem fogo. Tal como tinha temido, notificar a lorde Michael tinha removido um vespeiro. Ashburton podia estar em qualquer parte da Grã-Bretanha, e as possibilidades de localizá-lo eram muito poucas. Era muito mais provável que o duque voltasse sozinho para casa antes que o encontrassem. Mas se lorde Michael conseguisse encontrá-lo, seu médico devia estar junto.

Sumido em profundas premonições, ficou contemplando a fria lareira, perguntando-se no que havia se metido.

Capítulo 12

Rosalind despertou tarde em uma ensolarada manhã. Jessica já havia se levantado, vestido e descido a tomar o café da manhã. Mas claro, Jessica não tinha dado um longo passeio pela margem do rio nem ajudado no parto de um bebê.

Deu-se meia volta na cama e espreguiçou-se com gosto. O intenso drama do dia anterior tinha acabado com uma representação de muito êxito no teatro da localidade. O muito emotivo papel de Maria em Isabella arrancou felizes soluços das espectadoras; a farsa final foi bem recebida, e ela e Stephen tinham chegado ao ponto de poder beijar-se com prazer e sem perigo, ao menos quando estavam diante de um público.

A lembrança desse beijo, e dos anteriores, pela tarde junto ao salgueiro, fez-lhe correr a excitação pelas pernas. Por um momento se deu permissão para imaginar-se o que teria ocorrido se tivessem continuado. Teria sido algo especial e maravilhoso compartilhar essa paixão com um homem ao qual amava tanto.

Mas amá-lo muito era justamente o problema. Suspirando desceu os pés da cama. Deter-se antes que fosse muito tarde foi o correto. E não deter-se antes lhe tinha deixado lindas lembranças. Melhor isso que nada, supôs.

Depois de lavar-se e vestir-se, desceu para tomar o café da manhã. Desiludida comprovou que Stephen já tinha saído. De fato, não apareceu até passado meio-dia. Ela estava tomando seu almoço de pão com queijo e cerveja no salão privado enquanto fazia listas em sua caderneta de apontamentos. Ao ver Stephen passar pelo corredor lhe fez um gesto para que entrasse. Ele mudou de direção e entrou no salão.

—Em que travessuras anda?

—Nada muito interessante —assinalou a lista—. Dentro de um par de dias vamos fazer uma representação em uma propriedade particular próxima. É um contrato muito prestigioso, assim estou pondo um cuidado muito especial em comprovar que temos tudo o que necessitamos. Por desgracia, o que mais necessitamos, bom tempo, não posso organizar.

—Um teatro ao ar livre? Ela assentiu.

—Há um pequeno anfiteatro, muito bonito, estilo grego, perfeito para representar

o Sonho de uma, noite de verão. Se houver mal tempo podemos fazê-lo dentro, mas não teria nem a metade do encanto. —Deixou um lado a caderneta—. Comeste?

Stephen fugiu da pergunta, como estava acostumado a fazer sempre que se tratava de comida, e inconscientemente levou a mão ao estômago. Ela o observou com olho crítico. Decididamente estava emagrecendo, e recordou que tinha visto esse gesto antes. Talvez sofresse de indigestão, ou até mesmo de úlceras gástricas. Antes que decidisse se seria impertinente lhe perguntar por sua saúde, disse:

—Você gostaria de ir visitar Ellie Warden?

—Eu adoraria —respondeu ela sorrindo, esquecida do problema de sua falta de apetite.

Foi procurar sua capa e saíram juntos da estalagem. Quando já iam caminhando por volta de um dos extremos de Whitcombe, disse:

—Se por acaso lhe interessa, esta manhã fui a Cowley.

—Ah, claro —exclamou ela, entendendo sua ausência—. Pôde falar com o chefe do conselho paroquial sobre o futuro de Ellie?

—Sim —respondeu ele, mas não explicou nada mais.

Nobrememente, não lhe fez mais perguntas. Logo se inteiraria de tudo.

A senhora Holt vivia em uma simpática casinha rodeada pelas belas flores cabeçudas de fins de verão; a casa perfeita para a corajosa parteira. Stephen bateu a porta e ela em pessoa saiu a lhes abrir.

—Ah, os anjos bons —disse, fazendo-se a um lado para que passassem—. Ellie e seu filho estão muito bem.

—Alegra-me ouvir isso —disse Rosalind efusivamente—. Podemos vê-los?

—por aqui.

A senhora Holt os levou por uma escada estreita até um ensolarado quarto que dava à parte atrás da casa. Ellie estava junto à janela, sentada em uma cadeira estofada com o bebê dormido em seus braços. Tal como tinha suposto Rosalind, limpa e com um vestido bonito, a jovem era muito bonita, de suaves cachos castanhos e rosto doce. Iluminou-lhe o rosto quando os viu.

—Alegra-me tanto a oportunidade de lhes agradecer como é devido —disse—. Não sei que teria feito sem vocês.

A Rosalind lhe derreteu o coração ao ver o bebê dormido. Tinha toda a cabecinha coberta de sedosas penugens escuras.

—Posso segurá-lo?

—É claro. —Ellie passou-lhe seu filho com supremo cuidado.

Rosalind embalou em seus braços a pequena forma morna, e sentiu um terrível desejo de fugir com ele e ficar para ela. Tinha desejado ter filhos, e os ter lhe teria compensado muito as dificuldades de seu matrimônio. Mas era estéril, e jamais embalaria seu filho em seus braços.

—É precioso —disse com a voz rouca de emoção.

—Tão pequeno e tão perfeito. —Stephen lhe tocou timidamente a carinha, como temendo lhe machucar—.vai pôr o nome de seu pai? „

—Sim, e... —Ellie inclinou timidamente a cabeça para olhá-lo—. Afinal não soube seu nome, senhor.

—Stephen Ashe —respondeu ele, sem deixar de olhar o bebê. Rosalind percebeu nele, com tanta clareza como se o houvesse dito, o mesmo desejo de ter filhos que sentia ela.

—Então eu gostaria de lhe pôr Daniel Stephen, se não o incomodar, senhor —disse Ellie.

Stephen levantou a cabeça com uma expressão de surpreso prazer.

—É uma honra para mim —disse, e voltou a olhar o menino—. Tenho vários afilhados —acrescentou docemente—, mas este é especial.

Rosalind abençoou em silêncio a jovem por dar a Stephen um presente mais valioso do que imaginava. Depois devolveu a contra gosto o bebê a sua mãe.

—Dorme bem, Daniel Stephen —disse Stephen, acariciando a face suave como pétala do pequeno. Depois levantou a cabeça e olhou Ellie com expressão de assuntos práticos—: Tem algum plano para o futuro, Ellie?

Apagou-se a expressão de felicidade da menina.

—Tentarei encontrar uma colocação onde me permitam tê-lo comigo. Não será fácil, mas não me assusta trabalhar.

—Esta manhã falei com o conselho paroquial de Cowley —disse Stephen—. Estiveram de acordo em que a quantidade de ajuda paroquial que deram a sua mãe e a você foi muito menor que o valor de sua casa, de modo que vais receber duzentas libras em compensação.

—Duzentas libras! —exclamou Ellie, surpreendida—. Isso é uma fortuna!

—Uma fortuna não, mas sim um bom amparo em caso de necessidade —concedeu ele—. Creio que sei de uma boa colocação também. Meu amigo tem uma propriedade em Norfolk, e em sua casa não lhe viria mal outra criada. A governanta é uma viúva afável que adora bebês. —Sorriu—. Se parece um pouco à senhora Holt. E talvez encontre parentes na região.

Ellie o estava olhando pasmada, e começaram a lhe formar lágrimas nos olhos.

—Isso seria perfeito, senhor. Você e sua esposa foram muito bons comigo. Não os esquecerei jamais.

Rosalind e Stephen se olharam sobressaltados.

—Não estamos casados. Só somos... amigos —disse ela, sabendo que essa palavra era incorreta.

Ellie se ruborizou.

—Perdoem. Pareceu-me... pela forma de...

—É fácil cometer esse engano, porque somos muito bons amigos —disse Stephen com um sorriso nos olhos—. Como certo, quando for a Norfolk, se quiser se chamar senhora, com o sobrenome de seu Danny, ninguém tem por que saber que não se casaram. Afinal estavam casados no coração, se não na igreja.

A jovem pôs-se a chorar.

—Assim ninguém chamará meu filho de bastardo. Ah, senhor, isto é... é como um milagre.

—Já tiveste bastante má sorte —disse Stephen, sobressaltado—. É hora de que mudem as coisas. —Olhou Rosalind—. E é hora de irmos.

Rosalind assentiu e se inclinou para dar um ligeiro beijo na bochecha de Daniel Stephen; o pequeno abriu os olhos e a olhou muito sério. Pensando que se ficasse um momento mais poria-se a chorar, estreitou a mão de Ellie, lhe expressando seus bons desejos. Depois desceram. Stephen explicou à senhora Holt as perspectivas de Ellie, e ela aceitou alojar a jovem até que estivesse suficientemente forte para tomar uma carruagem de postas a Norfolk. Houve um discreto tinido de moedas quando ele pagou os gastos de Ellie.

Rosalind esperou até que estiveram bastante afastados da casa para perguntar:

—Como demônios conseguiu que o conselho paroquial de Cowley concordasse dar dinheiro a Ellie pela venda de sua casa?

—Ameaças —respondeu ele alegremente—. Tenho certo conhecimento das leis, de modo que encarei suas maldades e disse que os denunciaria ao representante da coroa no condado. Na realidade, farei-o de qualquer modo. Ellie não é a única da que abusaram.

Rosalind recordou seu aspecto no dia anterior, quando enfrentou Crain, e não teve nenhuma dificuldade para imaginar-se como teria intimidado o conselho paroquial para que concordassem em cumprir suas responsabilidades. Provavelmente nem sequer tinha tido que levantar a voz.

—É certo que a casa vale duzentas libras? Ele guardou silêncio um momento.

—A metade, uma vez deduzido, pêni por pêni, o que tinham gasto na família, mais os interesses. Eu dobrei a quantidade para lhe dar certa segurança.

—Então, lhe dá de presente cem libras, mais os gastos em casa da senhora Holt. Isso é uma generosidade incrível.

—Só são cem libras —repôs ele, sobressaltado—. Não é uma grande quantidade.

Se ela tinha tido suas dúvidas a respeito de sua posição, já estavam resolvidas.

—É uma pequena fortuna para o critério da maioria das pessoas —disse com ironia—. Certamente para um Fitzgerald. —Ao ver que ele a olhava com expressão preocupada, continuou—: Pertencemos a mundos diferentes, Stephen, creio que mais diferentes ainda do que pensa.

Ele se deteve e pôs a mão sobre a dela apoiada em seu braço.

—Mas não construímos uma ponte entre esses dois mundos?

—Sim — repôs ela em voz baixa—, uma ponte frágil que se dissolverá logo que parta.

—por que têm que ser assim as coisas? —disse ele, com o rosto tenso e amargura em seus olhos.

—São assim. Você é um cavalheiro e eu uma atriz. A maioria das vezes, a única maneira de se reunir pessoas como nós é atrás de portas fechadas. —Sorriu-lhe—. Tivemos bastante sorte ao gozar de umas pequenas férias dos usos normais do mundo.

—Tem razão —suspirou ele—. Como sempre. Reataram a marcha, e então ela, com a mão bem agarrada em seu braço, disse em voz alta o que tinha estado pensando:

—Está fugindo de alguma coisa, não é? Ele a olhou de esguelha.

— Sou tão transparente?

—Tenho o suficiente de atriz para observar atentamente às pessoas. —E como amava tanto Stephen, observava-o muito atentamente.

—Não é nada ilegal —disse ele depois de um longo silêncio—. Estive fugindo de... da vida, suponho. É hora de voltar para casa a assumir novamente minhas responsabilidades. Assim que chegue o substituto de Edmund Chesterfield.

De repente lhe pareceu muito importante que ele não soubesse quanto sentiria falta dele.

—foi uma agradável paquera —disse alegremente. Ele a olhou, com uma indefinível combinação de emoções nos olhos.

—Sim. —Agarrou-lhe a mão, levantou-a e depositou um suave beijo nela. Depois, com voz deliberadamente teatral, disse-lhe—: A recordarei todos os dias de minha vida, lady Calibán.

Como ela recordaria a ele. E algum dia, dentro de um ou dois anos, provavelmente poderia pensar nele e não lhe doeria.

Capítulo 13

Dia sessenta e dois

Stephen não viu o iminente perigo até quando já eram onze horas. A companhia ia a caminho de fazer a representação na propriedade particular da qual tinha falado Rosalind. A maioria dos atores foram nos carros e o carroção principal; ia atrás dele, acompanhado por Rosalind, conduzindo o carroção que continha o figurino e os cenários.

Os cavalos não tinham nada que ver com os seus puro-sangue, de modo que podia prestar atenção a sua passageira. Rosalind tinha atirado a capa dentro do carroção e ia com a cabeça descoberta, seu rosto e seus cabelos ao sol. As quentes cores outonais de seus cabelos o fizeram cair na conta de que também se percebiam no ar os indícios dos primeiros frios do outono. Estava passando o tempo. Preferindo não pensar nisso, perguntou ociosamente:

—Por certo, aonde vamos?

—Ao castelo Bourne, a sede do duque de Candover. Surpreende-me que não tenha ouvido meu pai dizer. Para ele é um imenso orgulho que os quatro últimos anos tenhamos atuado ali a pedido pessoal do duque.

O castelo Bourne? Céus, misericórdia! Sem dar-se conta, Stephen esticou as mãos e os cavalos protestaram relinchando. Automaticamente afrouxou as rédeas, esperando que Rosalind não tivesse notado sua comoção.

Rafe Whitbourne, duque de Candover, era um dos mais íntimos amigos de Michael, e fazia anos que ele o conhecia. De fato, conheciam-se tão bem que Candover o reconheceria imediatamente. Sentiu o forte impulso de entregar as rédeas a Rosalind e pôr-se a correr. Levava semanas viajando com os Fitzgerald em um mundo mágico totalmente separado de sua vida normal. E agora esses mundos iriam chocar-se. Se só tivesse que trabalhar no cenário e entre bastidores, poderia evitar que o vissem, mas essa noite ia voltar a representar o duque de Atenas. Ele e Rosalind seriam os primeiros em aparecer no maldito cenário. Não havia maneira de evitar que o identificassem.

—A representação é só para a família do duque? —perguntou, tentando tirar uma voz rigorosamente aprazível.

Aloysius, que ia viajando no carroção, escolheu esse momento para colocar a cabeça entre os dois. Rosalind lhe acariciou a cabeça.

—Não, não. É todo um acontecimento —respondeu muito tranqüila—. O duque e a duquesa convidam toda a aristocracia de milhas ao redor. Antes do espetáculo oferecem um jantar aos convidados, e inclusive nos enviam a mesma comida aos humildes atores. É uma comida excelente e um público atento e elogioso. Este é o ponto principal de nossa excursão anual.

Fabuloso, pensou Stephen. Seguro que conhecia metade das pessoas reunidas ali; provavelmente era padrinho dos filhos de algumas.

—Como começou isto?

—O duque e alguns de seus amigos elegantes vieram nos ver atuar em Whitcombe. Imagino que vieram com a intenção de zombar, mas ficaram admirados. Essa noite foi A tempestade. —Sorriu ao recordar—. Depois, Candover subiu à sala de trás, é muito bonito, por certo, paquerou elegantemente com todas as senhoras da companhia, inclusive com a velha Nan, e perguntou se estaríamos disponíveis para uma representação privada em seu teatro ao ar livre.

—Naturalmente a resposta foi sim —disse Stephen com voz seca.

Não era muito tarde para fugir, mas não podia, estando a companhia com falta de pessoal. Deixar Thomas sem um Teseo seria imperdoável.

—Segure-se —advertiu.

Fez virar bruscamente o carroção para evitar que as rodas se metessem em um profundo sulco do caminho, pensando por que o perturbava tanto a idéia de que o descobrissem. Depois de tudo, ele era o duque de Ashburton, e bem podia fazer o que muito desejasse. Poderiam rir de sua excentricidade ou podiam zombar, mas certamente não o diriam na cara.

Envergonhava-o atuar em um cenário? De maneira nenhuma. Orgulhava-se de suas modestas habilidades cênicas, e usufruía enormemente formando parte do conjunto.

Então por que estava preocupado?

Compreendeu que o problema estava na colisão de dois mundos. Essas últimas semanas tinham sido um período especial, um prazer secreto que o sustentaria nos difíceis meses que o aguardavam. Que sua aventura se fizesse de conhecimento público entre seus iguais mancharia algo que tinha sido especial e maravilhoso.

Pior ainda, os vulgares suporiam que se deitava com uma ou mais atrizes. Não poderia suportar que Rosalind nem sua família fossem rebaixadas pelas fofocas de ignorantes. Mas como poderia evitar que o reconhecessem? Ocorreu-lhe uma possibilidade:

—estive pensando que eu gostaria de representar Teseo com peruca e barba, para ver-me menos moderno. É possível isso?

—Sim, mas para que quer pôr barba? —disse ela surpreendida—. Advirto-lhe que coça, eu tive que pôr uma quando representava um homem. E tampa tanto o rosto que é difícil projetar emoção.

—A primeira vez que fiz esse papel —disse ele olhando-a de esguelha—, disse-me que quão único tinha que fazer era projetar autoridade e amor por minha prometida.

—E você é capaz de projetar autoridade até com um saco na cabeça —disse ela rindo—. Muito bem, se gosta coloque umas dessas barbas postiças.

Ele relaxou um pouco. Com um disfarce e algumas mudanças na voz, deveria conseguir escapar ileso. Além disso, quem ia imaginar que o duque de Ashburton formava parte de uma companhia de teatro ambulante?

Os primeiros veículos tinham virado e foram passando por entre uns gigantescos postes, a porta do cercado sem dúvida. Depois de passar por eles com seu carroção, Rosalind disse:

—Olhe, não é tremendamente romântico?

No topo da colina se erguia o castelo Bourne, com suas torres e torreões, espetacular na realidade, embora Stephen pensasse que a abadia Ashburton era mais bonita. Quando começaram a subir por um comprido caminho, ele desceu o chapéu sobre o rosto e se refestelou um pouco no assento. Felizmente, várias semanas de viver de um par de alforjes lhe tinha eliminado a maior parte do brilho aristocrático.

A rota passava perto dos esparramados estábulos. Atrás deles estavam estacionadas várias carruagens, magníficas, algumas com o brasão pintado nas portas. Rosalind fez um gesto para os veículos.

—Esplêndidos, não é? —olhou-o entre risonha e zombadora—. Embora suspeite que para você não têm nada de especial.

Tinha razão, não tinha dado a menor importância a essa coleção de carruagens caras.

—desejaste alguma vez ter esse tipo de riqueza? —perguntou sério—. Vestidos, jóias e carruagens a sua disposição?

Ela o olhou surpreendida.

—Não particularmente. Já tenho cobertas todas as necessidades da vida, uns

poucos luxos, boa saúde, uma família e amigos maravilhosos. Não necessito mais quinquilharias. —Olhou para o castelo, pensativa—. Ah, não me desagradaria ter uma bonita casa, mas a riqueza não faz a felicidade, e suspeito que essas riquezas suportam muitas cargas.

Essas palavras chegaram ao coração de Stephen. Comodidade, saúde, agradável companhia. Uma vez dito e feito tudo, que mais havia? As riquezas, os títulos e o poder só eram uma forma mais de quinquilharias.

—É uma mulher sábia, Rosalind —disse docemente.

Quando virou o carroção à esquerda, passaram junto a outra fileira de carruagens estacionadas atrás da primeira. Percorreu-os com o olhar. No final havia um com um brasão que lhe era familiar. Onde o hab...?

Ai Deus; quase gemeu em voz alta. Era o brasão dos Herrington, e sua irmã mais velha, Claudia, era a condessa de Herrington. Provavelmente estava com seu marido na casa de amigos nessa região, e naturalmente esses distintos visitantes seriam convidados à festa dessa noite.

Se fizesse uma lista das pessoas das quais desejava ocultar-se, o nome de Claudia estaria em primeiro lugar. Sempre se tinham dado bem, mas ela tinha idéias muito firmes sobre a ordem natural das coisas. Se chegasse a descobrir que seu nobre irmão estava divertindo-se sobre um cenário, poria-o como um trapo. Novamente considerou a possibilidade de escapar.

Mas a companhia o necessitava. Pelo que havia lhe dito Rosalind, a representação dessa noite era muito importante para sua família, sobre tudo para seu pai. Deixá-los na mão seria corresponder muito mal a sua generosidade.

Seria uma noite muito longa e tensa, pensou. Quando deteve o carroção junto aos outros, elevou uma breve oração a Hermes, o deus grego dos embusteiros.

Viria-lhe muito bem uma ajuda, de qualquer lugar que viesse.

Jessica pressionou firmemente o lado esquerdo da barba postiça e retrocedeu um passo para contemplar sua obra.

—O que lhe parece, Rose?

Rosalind observou atentamente sua vítima e assentiu.

—Tenho permissão para olhar meu rosto? —perguntou Stephen, sarcástico.

Rosalind lhe dirigiu um sorriso malicioso.

—Com esse matagal, não vai ver seu rosto nem com um espelho.

—Creio que está bastante impressionante —comentou Jessica, olhando-o com o cenho franzido—. Se parece com um dos reis medievais. Um Eduardo possivelmente?

Disposto a não esperar que as irmãs decidissem a que rei se parecia mais, Stephen agarrou um espelho de mão da arca da maquiagem e olhou a obra. Depois soltou um suspiro de alívio. Tinham-lhe colocado uma peruca escura que lhe caía sobre os ombros em suaves ondas masculinas, e uma muito abundante barba em conjunto. Ninguém ia pensar que esses acessórios capilares eram dele, mas sua aparência estava bem disfarçada, e isso era o que importava.

—Creio que me pareço mais um profeta do Antigo Testamento. Um que esteve muito tempo no deserto.

Rosalind riu enquanto tirava o diadema real do duque de Atenas, um aro de ferro com um dourado barato, e o punha sobre o arbusto de cabelo da peruca.

—Tenho que reconhecer que foi uma boa idéia. Francamente emana autoridade real.

—Isso não é autoridade, são as bolsas de lavanda que pomos para que as traças não comam as perucas —disse Jessica rindo, e escapando antes que sua irmã a

golpeasse com uma trança, loira da arca das perucas.

Stephen se levantou e alisou a túnica púrpura. Rosalind não lhe tinha mentido em relação à barba: coçava.

—Já deve ser quase hora de começar.

Thomas Fitzgerald, vestido do Oberón, passou apressado ao seu lado. Estava em seu elemento, indo daqui para lá e dando ordens às vezes contraditórias. Felizmente Rosalind fazia seu costumeiro bom trabalho de organização, de modo que os cenários, atores e roupagens estavam em perfeita ordem. Inclusive o tempo colaborava.

A sala de espera dos atores e os camarins estavam sob o anfiteatro. Stephen alcançou uma janelinha e debruçou-se a olhar. Situado em uma vertente da colina, o teatro estava formado por degraus concêntricos que rodeavam em três quartos de sua circunferência o espaço circular central onde estava o cenário, abaixo de tudo. A empinada pendente em que estavam os degraus permitia uma boa visão a todos os espectadores. Rodeando o cenário por trás se elevavam enormes árvores, a tão pouca distância que os atores as podiam tocar. Esse era um dos motivos de se escolher Sonho de uma noite de verão: podiam se aproveitar as árvores como parte do cenário.

Pela tarde Stephen tinha ajudado os montadores de cenário a pendurar cordas nas árvores. Durante o rápido ensaio da obra para que os atores adaptassem seus movimentos ao cenário, todos os que representavam fadas e elfos se balançaram alegremente nas cordas. A Stephen quase lhe parou o coração quando Rosalind aterrissou no cenário pendurada em uma corda, mas ela estava divertindo-se muito. Inclusive Maria, em seu papel da Titania, uniu-se à farra.

Já estava caindo a escuridão, convertendo o cenário e as gigantescas árvores no bosque misterioso da imaginação de Shakespeare. Do bosque chegavam os gorjeios de um rouxinol, enquanto os convidados humanos foram chegando para a representação. Mulheres belamente vestidas e homens muito elegantes se moviam à luz do crepúsculo escolhendo lugares. Stephen procurou sua irmã, mas a visão era muito limitada de seu observatório; com sorte, uma dor de cabeça a tinha feito decidir não assistir o espetáculo.

Supôs que não teria tanta sorte.

Então sentiu aroma de rosas, e um instante depois Rosalind se reuniu junto à janela. Estava muito linda com o régio vestido de rainha das amazonas, o cabelo recolhido em um coque alto seguro por um diadema dourado. A maquiagem realçava a grossura de seus lábios, e suas pestanas obscurecidas se viam sedutoramente longas. Estava perfeita, deliciosa, absolutamente desejável.

Desejou estreitá-la em seus braços, mas prevaleceu a razão. Contentou-se passando o braço esquerdo por debaixo de seu manto e lhe rodear a fina e quente cintura; o manto ocultaria o gesto dos olhos de outros.

Sentiu seu corpo preso ao seu da curva de seu quadril até a brandura de um seio. Começou a lhe vibrar o sangue nas veias com rápidos e fortes batimentos do coração. Abriu a mão esquerda e lhe acariciou a região do diafragma, movendo a palma em lentos e sensuais círculos.

—Está preparada para nossas iminentes núpcias, Minha Hipólita?

Ela o olhou com os olhos cheios de desejo.

—Sim, meu amadíssimo duque —respondeu com voz rouca, esfregando-se brandamente contra ele—. Estou preparada.

Uma onda de excitação o percorreu inteiro. Por um instante deu rédea solta a sua imaginação. Eram um rei e uma rainha imortais, seguros e presos nas palavras de uma obra em que nem eles nem sua paixão morreriam jamais. Ele a cortejaria com vinho e

rosas, e fariam amor no bosque encantado, eternamente jovens e fortes.

Então o estômago lhe deu um conhecido baque de dor e o trouxe para a realidade. Maldição, era como uma traça voando muito perto da chama da feiticeira formosura de Rosalind. Por que se torturava e a torturava assim?

Porque a dor do desejo não satisfeito era muito mais doce que a fria comodidade da lógica. De qualquer modo desceu o braço e se afastou um pouco.

—representastes aqui a seu gosto? Este anfiteatro seria perfeito para o bosque de Ardem.

Ela ficou absolutamente imóvel diante do brusco passo da sensualidade a vulgar realidade. Passado um momento, respondeu:

—O ano passado. Eu interpretei a minha xará Rosalinda.

Como teria gostado de vê-la. Sua figura alta e esplêndida era ideal para papéis de homem. Eram milhares as formas como gostaria de vê-la, sobre tudo entre lençóis de seda embelezada somente com seus gloriosos cabelos castanhos.

Esteve a ponto de inclinar-se e beijar a parte de sua elegante orelha não coberta por seus cabelos presos. Mas não o fez; voltou a olhar pela janela, e viu o duque e à duquesa de Candover atravessando o cenário na direção dele.

O coração deu um salto que lhe pareceu que saía do peito. Repetiu a si mesmo que era absolutamente impossível que eles soubessem de sua presença ali, e disse a Rosalind com a voz ligeiramente tensa:

—São seus empregadores os que vêm até aqui? Têm aspecto ducal.

—O duque e a duquesa sempre devem dar pessoalmente as boas-vindas à companhia —explicou ela—, e a ver se estamos preparados para começar. Que linda é ela, não é? Levam vários anos casados e ainda atuam como se estivessem em lua de mel.

Sim que Margot era linda, a duquesa, quase tão linda como Catherine, a esposa de Michael. Quase tão desejável como Rosalind...

Amaldiçoando sua obsessão por Rosalind, retirou-se rapidamente ao extremo mais afastado da sala, justo antes que entrassem os Candover. Eles saudaram Thomas e Maria com afeto e naturalidade, e depois falaram amigavelmente com os atores mais antigos. Stephen observava os Candover com interesse crítico. Só umas semanas atrás, ele também atuava com essa mesma espera de deferência e esse ar de autoridade quase arrogante.

Antes de sair, a duquesa olhou os outros membros da companhia com um sorriso para cada um; seu olhar se deteve um instante em Stephen, talvez devido a sua barba; ele inclinou a cabeça com deferência, e ela passou seu olhar a outro ator. Depois os duques partiram.

Quando já estava fechada a porta, Thomas levantou ambos os braços em gesto de mando.

—Nunca houve um cenário mais idôneo para esta obra, e a noite está impregnada de magia. Começemos então e façamos desta representação uma que ninguém esqueça jamais?

Os atores manifestaram seu acordo em coro.

—OH, sim, senhor! —exclamou entusiasmado Brian, vestido de Puck, e logo se ruborizou ao notar que tinha falado mais alto que os outros.

Seu pai sorriu e fez um gesto a Stephen e a Rosalind, e a seus ajudantes. Anunciados por um toque de trompetistas, os dois fizeram sua entrada no feiticeiro reino da imaginação. A escuridão já era quase completa, e o cenário estava iluminado pelas oscilantes luzes de tochas colocadas no alto. Acima, nos ramos das elevadas árvores,

pequenas lanternas brilhavam como estrelinhas de sonho.

Quando chegaram ao centro do cenário e Stephen se voltou majestosamente a falar com sua noiva amazona, viu sua irmã sentada na segunda fila.

Apesar de sua expressão severa e inflexível, Claudia era uma mulher bonita, de cabelo castanho e os traços fortes dos Kenyon. Tinha as mãos recatadamente agarradas sobre a saia, e a seu lado estava seu calado marido, Herrington. Stephen tentou imaginar como seria sua vida conjugal. Se amariam ou tão somente se adaptavam aristocraticamente como desconhecidos que vivem sob um mesmo teto? Se ele fosse melhor irmão saberia. Fez a secreta promessa de inteirar-se antes de morrer.

Era o momento de falar. Desceu um pouco o tom de sua voz, para que lhe saísse mais profunda que o normal, e encheu facilmente o anfiteatro. Ele era Teseo, que, depois de combater grandes batalhas e realizar proezas heróicas, voltava para casa a unir-se com o amor de sua vida.

Majestosa e valente, sua rainha amazona lhe respondeu com a voz de Rosalind, embebida do doce entusiasmo de uma mulher que não vê a hora de casar-se com seu bem amado. Stephen olhou os olhos cor chocolate e respondeu com as indescritíveis emoções de seu coração, expressando como duque de Atenas o que o duque de Ashburton não podia dizer.

Logo chegou o momento em que Teseo e Hipólita deixaram o cenário aos jovens apaixonados. Rosalind correu a tirar o traje de rainha e colocar o de fada, mas Stephen ficou livre para olhar das sombras.

À medida que se desenvolvia a obra, foi fazendo evidente que se faria realidade o desejo de Fitzgerald. Em sua vida, Stephen tinha visto representar o Sonho de uma noite de verão umas doze vezes. Ele tinha participado de três delas, mas nunca tinha visto uma atuação melhor que a dessa noite.

O lugar era encantamento puro, e dava uma beleza sobrenatural ao séquito de elfos e fadas enquanto contemplavam os estranhos comportamentos dos humanos. Thomas e Maria interpretavam os distanciados reis com a energia e mordacidade de um casal que leva uma eternidade juntos e ainda tem paixão para brigar. Todos os atores estavam dando o melhor de si; Jessica estava particularmente comovedora no papel de Hermia, em sua perplexidade e confusão diante do estranho rechaço de seu amado.

Assim foi percorrendo a comédia de enganos até que chegou o momento de Stephen voltar a entrar no cenário com Rosalind. Já não se preocupava que o reconhecessem. Muitos dos espectadores conheciam o duque de Ashburton, mas essa noite ele era Stephen Ashe, um homem libertado da tirania, da classe social, e fez a melhor atuação de sua vida.

Quando Brian terminou de recitar o discurso final de Puck, houve um momento de impressionado silêncio. Depois, o público ficou de pé, aplaudindo e ovacionando aos gritos, com um entusiasmo mais parecido ao da classe operária londrina que ao da nobreza normalmente enfasiada.

Os atores começaram a fazer suas vênias. Stephen e Rosalind fizeram sua aparição juntos, e se chocaram com um muro de aplausos e ovações. Gozou com a clamorosa aprovação sabendo que ganhou sua parte, e descobriu que era a mais embriagadora das beberagens. Não era de estranhar que os atores se fizessem viciados nesse... êxtase, essa embriagadora sensação de poder e êxito.

Fez uma teatral e profunda reverência, com a mão de Rosalind na sua, imensamente agradecido que lhe tivesse dado a oportunidade de provar essa vida tão diferente da sua.

Depois os espectadores desceram ao cenário a mesclar-se com os atores.

Stephen viu várias mulheres que vinham diretamente para ele, de modo que escapuliu para o canto mais afastado do camarim dos homens. Rosalind lhe havia dito que depois todos subiriam ao castelo para desfrutar de uma recepção com os convidados do duque; passadas uma ou duas horas, Thomas e Maria reuniriam os membros de sua companhia e voltariam todos para Whitcombe à luz da lua.

Stephen esperou até que já não se ouviam vozes para tirar a peruca, a barba e a roupagem. Não voltaria a ter outra representação dessa obra em seus últimos dias com a companhia, de modo que deu um nostálgico adeus a Teseo enquanto guardava em suas respectivas arcas o traje real e os cabelos postiços.

Depois agarrou a arca de roupas e a levou para fora. Posto que era o único membro do grupo que não estava na recepção, bem podia fazer algo útil.

Colocou o arca na parte de trás do carroção. Viu que debaixo estava Aloysius, dormindo; o cão levantou a cabeça e o saudou com um gemido de gosto e golpeando a cauda no chão. Nesse momento chegou a seu nariz um aroma de tabaco. Virou-se rapidamente e viu a ponta brilhante de um charuto a uns quatro metros.

—Assim era certo, é você, Ashburton —disse uma voz arrastada, em tom divertido.

Inferno e condenação. Suspirando, Stephen apoiou as costas na parte de trás do carroção e cruzou os braços. A luz da lua era suficiente para ver a figura alta e escura do homem e o aspecto geral de sua fisionomia, com o nariz de falcão. Acabava de ser surpreendido com a mão na massa pelo duque de Candover.

—boa noite, Candover —disse, resignado—. Como me reconheceu? Pensei que estava bem disfarçado.

—Margot reconheceu sua voz —explicou o outro—. Quando me disse que era você que fazia o papel de Teseo, pensei que minha querida esposa tinha bebido muito clarete no jantar. Depois olhei o programa e vi que Teseo o fazia o ator Stephen Ashe, que me pareceu suspeitosamente parecido com seu nome. Decidi vir comprovar pessoalmente, ao ver que não estava na recepção. Não deveria ter duvidado de Margot; é assombrosamente boa para reconhecer vozes e sotaques. —Brilhou o extremo de seu charuto, ao dar uma tragada — Essa é uma das inesperadas vantagens de casar-se com uma espiã.

Felizmente, outra vantagem de que fosse uma espiã era que sabia ser discreta, pensou Stephen.

—alguém mais sabe? —perguntou. Candover negou com a cabeça.

—Só nós dois. Por certo, gostaria de um charuto?

—Obrigado.

Embora raras vezes fumava, viria-lhe bem ter algo no que ocupar a mão. Aceitou o charuto e o fogo que lhe ofereceu o outro.

Candover deu umas batidinhas em seu charuto para fazer cair a cinza.

—A companhia Fitzgerald é extraordinariamente boa para estar formada por atores ambulantes, mas de qualquer modo é estranho o encontrar nela. Posso lhe perguntar por que está nela, ou não me incumbe saber?

Stephen decidiu que seria melhor um certo grau de sinceridade.

—Alguma vez se cansa das obrigações da classe?

—Às vezes, não com frequência, mas às vezes sim —respondeu Candover, pensativo—. Então tirou férias das obrigações da ducalidade.

—Exatamente. Umas férias que preferiria que ficassem em segredo.

—Na verdade, é um ator bastante decente —disse Candover em tom travesso—, mas supondo que sua família não aprovaria sua nova profissão.

—Provavelmente Michael ria uma vez que se recuperasse da impressão, mas minha irmã Claudia teria palpitações —disse francamente Stephen—. E quando acabasse de me desafiar, estaria eu com palpitações.

Candover soltou uma gargalhada.

—Compreendo-o, sua irmã é uma mulher formidável. Não revelarei sua presença. Mas me surpreende que Fitzgerald não tenha dado com a língua nos dentes. Deve estar eufórico por tê-lo em sua companhia.

—Não sabe. Ninguém da companhia sabe.

—Sei que você gosta do anonimato. —O duque atirou ao chão o charuto e o esmagou com o calcanhar—. Seguro que não quer subir ao castelo? Poderia voltar para pôr esse matagal no rosto e ninguém se inteiraria.

—Para que buscar problemas? —Stephen soltou uma baforada de fumaça clara—. Além disso, estou desfrutando da noite. Está muito aprazível aqui.

—Muito bem. —Candover lhe estendeu a mão—. Alegra-me voltar a vê-lo. Alguma vez tem que nos visitar em seu próprio personagem. Ou vais continuar nos palcos?

—Não há nenhum perigo disso. Dentro de uma semana mais ou menos deixarei a companhia. —Stephen lhe estreitou a mão—. Dê minhas lembranças a sua perspicaz duquesa, por favor.

Deu outra longa tragada no charuto e deixou sair lentamente a fumaça enquanto observava se afastar a alta figura de Candover até desaparecer nas sombras. Tinha escapado ileso. Havia homens que não poderiam resistir a fofocar, mas Candover não era um deles.

Sentiu uma pontada de dor. Apertou o estômago e suspirou aliviado ao notar que o mal-estar não degeneraria em um ataque em toda escala. Seria simplesmente como um rato que estivesse lhe roendo os órgãos internos.

Abatido, sentou-se na erva e se apoiou na roda do carroção. A dor se converteu em uma presença constante, e era preferível não lhe fazer caso, a não ser que fosse especialmente forte. Então as pastilhas de ópio o aliviavam um pouco, embora lhe entorpecesse o cérebro mais do que teria gostado.

Quanto tempo fazia desde que não se sentia bem? Três meses mais ou menos, calculou. Um prato de pescado em mal estado tinha produzido um envenenamento a ele e a várias outras pessoas da casa. Chamado o doutor Blackmer, a todos administrou tratamento. Todos se recuperaram, mas a partir de então, ele começou a sofrer de dores gástricas cada vez mais fortes.

Sorriu sem humor. Ia morrer por causa de um pescado em mal estado? A próxima vez que visse Blackmer diria. Talvez essa informação contribuísse ao progresso da ciência médica.

Friccionou o abdômen. A enfermidade avançava rápido; não duraria os seis meses que Blackmer tinha prognosticado tentativamente. O mais provável era que fossem três, e um já havia passado. Estava bem sua decisão de deixar a companhia dentro de uma semana.

Teria sido agradável ir visitar Candover e a sua esposa, aceitando o convite do duque, mas era possível que não voltasse a vê-los nunca mais. Talvez nunca pudesse voltar a estar assim, sentado na erva de noite, absolutamente sozinho, com apenas as estrelas por companhia. Essa sensação de perda era dilaceradora.

Cada coisa que fazia, cada pessoa que via, era outro adeus. Como poderia suportar não voltar a ver Rosalind? Se pudesse tê-la com ele as últimas semanas de sua vida, morreria feliz, ou ao menos mais feliz. Não tão sozinho.

A idéia foi tão tentadora que a considerou seriamente um momento. Embora ela não ambicionasse riquezas, talvez pudesse agradecer a oportunidade de dar segurança a sua família. Só tomaria umas poucas semanas ou meses de sua vida.

Passaria uns meses horrorosos, vendo-o consumir-se e morrer. Era melhor lhe dizer adeus agora, antes que se fizesse visível a deterioração de sua saúde.

Aloysius deu a volta e apoiou a cabeça em seus joelhos. Acariciou-lhe as orelhas; sentiria falta do animal.

Sentiria falta de tudo da companhia de teatro Fitzgerald.

Quando Rosalind notou que Stephen não estava na recepção, pediu uma cesta a um criado e pôs nela algumas coisas para comer e beber. Depois saiu ao parque em direção ao anfiteatro. Foi uma agradável mudança sentir o ar fresco da noite depois do calor e algazarra do salão de recepção. Uma antiga tradição de alternar atores com aristocratas se remontava às cortes medievais, e continuava viva e bem no castelo Bourne. De qualquer modo, o dia tinha sido cansativo e estava um pouco farta de multidões. Seria muito mais agradável pôr a prova sua força de vontade estando a sós com Stephen.

Quando chegou aos carroções, já lhe tinham acostumado os olhos a tênue iluminação da lua, e em seguida viu a figura em sombras de um homem sentado junto à roda de um carroção.

—Olá - disse alegre, sentando-se graciosamente a seu lado, pulverizando em todas direções o traje de Hipólita—. Ocorreu-me que poderia ter fome, ou sede. Gostaria de um pouco de champanha?

—Isso iria bem —respondeu ele depois de duvidar um momento.

Ela notou um matiz sombrio em sua voz, talvez uma espécie de depressão depois de uma emocionante atuação. Bom, o champanha lhe levantaria o ânimo. A garrafa já estava aberta, de modo que tirou o plugue e serviu duas taças, uma para cada um.

—Por uma representação muito bem-sucedida.

Chocaram as taças e beberam.

Rosalind sentiu desvanecer o esgotamento do dia. Olhou a silhueta negra do castelo recortada contra o céu noturno.

—Pode ser que seja tempestuoso o castelo Bourne, mas não se pode negar que é pitoresco.

—Você gostaria de ter um castelo? —perguntou ele muito sério—. Ou talvez uma abadia?

Ela fingiu que pensava.

—Uma abadia seria muito agradável, mas só se o claustro estivesse intacto para poder passear nos dias de chuva perdida em pensamentos profundos.

—Devidamente anotado. Dou-lhe de presente uma abadia com claustro?

—Não se incomode. Não saberia o que fazer com uma abadia. Na realidade não sou muito boa para os pensamentos profundos. —Lhe acabou o humor ao recordar a notícia que acabava de ouvir—. Esta noite meu pai disse que acabava de receber uma carta do Simon Kent. O jovem está muito entusiasmado, se reunirá a nós dentro de quatro dias.

—Tão logo. —Stephen guardou silêncio um momento—. Irei no dia seguinte de sua chegada.

Ela estremeceu, só em parte pelo frescor da noite. Ele a rodeou com um braço e relaxou, apoiando a cabeça em seu ombro. Sentia-se muito a vontade ali.

—Não é necessário que vá porque Kent chega —disse, pensativa—. Sempre haverá papéis que interpretar, decorações que montar, carroções a conduzir.

—Já é hora, Rose —disse ele em voz baixa.

Ela se Acomodou mais contra ele, tão quente e sólido, tão presente. Custava-lhe aceitar que logo já não estaria.

—sentirei saudadas de você —sussurrou.

—E eu de você.

Beijou-lhe a cabeça. Ela levantou o rosto e de repente estavam se beijando com feroz intensidade. A aveludada noite estava impregnada de aromas a champanha e a flores, de segredos sensuais que fugiam a luz do dia. Abraçados estreitamente, deitaram-se na erva, seus corpos unidos em todo o comprimento. Ela se entregou ao prazer de sentir seu corpo duro e imperioso e de saber que podia despertar nele tanto desejo.

Ele cavou as mãos em seus seios e logo as desceu lhe acariciando o corpo por cima da desgastada seda de rainha das amazonas. Ela reteve o fôlego quando ele deteve a mão sobre a junção das coxas.

Sentiu vibrar o sangue por todo o corpo e desejou render-se totalmente. Mas em alguma recôndita curva de sua mente sentiu medo do amor que vislumbra, como tinha sentido na ocasião anterior. A paixão lhe produziria uma breve satisfação e a deixaria com uma dor muito duradoura.

Ele se deteve, ao perceber seu recuo. Aloysius escolheu esse momento para colocar seu frio nariz entre eles. Quando Rosalind sentiu sua molhada língua na face, pôs-se a rir sem poder conter-se.

—Ah Deus, isto já passa de romance a farsa. - Stephen se afastou rodando.

—Este cão tem mais sensatez que você e eu —resfolegou.

Ficou de pé estendeu a mão e a levantou. Passou rapidamente as mãos por toda ela, alisando o vestido e lhe acalmando os nervos atados. Depois lhe levantou o queixo e lhe deu um beijo rápido e forte.

—Volte à recepção, e não volte aqui a não ser rodeada por gente da companhia. Se não, eu poderia fazer algo que os dois lamentaremos.

Tinha razão, é claro. Deixando a garrafa e a cesta com comida, pôs-se a andar para o castelo, meio aturdida.

Mas não pôde deixar de pensar: se tivesse ocorrido algo, realmente o lamentaria?

Capítulo 14

Haverford era mais povoado que cidade, mas os Fitzgerald sempre tinham feito bom negócio ali, e a estalagem Green Man era agradável. Rosalind levou sua bagagem a seu pequeno quarto no apartamento de cobertura. Depois desceu, pensando em uma taça de chá. Quando se dirigia ao salão reservado para eles, viu seu pai falando com o hospedeiro, o senhor Williamson. Com o rosto preocupado, seu pai lhe fez um gesto para que se aproximasse.

—Williamson diz que o celeiro que usamos sempre se incendiou recentemente. Sugere-nos dois lugares que poderíamos ir bem. —Thomas lhe passou um papel com as direções escritas nele—. Eu irei ver um e você vá ver o outro.

—Os proprietários estão de acordo?

—Sim, senhora Jordão —respondeu o hospedeiro—. O granjeiro Brown e sua família estão recolhendo a colheita, mas enquanto não a tenham colhido o celeiro estará desocupado. Disse que fossem dar uma olhada, porque não haverá ninguém ali, todos estão no campo.

Rosalind leu as direções, tomando nota mental de deixar lembranças da atuação ao granjeiro e sua família, até no caso de que escolhesse o outro celeiro. Eram muito amáveis ao deixá-los atuar ali, porque o aluguel que pagariam não seria muito comparado com as moléstias.

—peça a Stephen que a acompanhe —disse Thomas jovialmente—, se por acaso lhe atacar algum cordeiro ou outro animal dos que vivem nos celeiros.

Ela assentiu; qualquer pretexto para estar com Stephen ia bem.

—Onde estará o celeiro?

—À esquerda, suponho, ao lado do silo e à frente da vacaria.

Essa era outra prova de que conhecia a disposição de uma granja. Entraram no celeiro por uma porta de dois batentes de altura suficiente para deixar entrar uma carreta carregada.

Rosalind girou lentamente, analisando o espaço com olho calculador. Uma estrutura de vigas retorcidas sustentava o teto, e na parte alta das paredes havia janelas pelas quais entrava bastante luz. Na metade esquerda havia um mezanino de parede, a parede onde se armazenava o feno.

—Poderíamos atuar sob o palheiro, mas não há espaço suficiente para pôr os cenários.

—Essa porta do canto se comunica com o silo. Dali se pode entrar no cenário.

Passearam, discutindo como se podia usar melhor o espaço. Finalmente Rosalind disse:

—É um pouco pequeno, mas pode se arrumar se o celeiro que foi ver meu pai não for melhor. —Nesse momento se ouviu um agudo chiado e ela inclinou a cabeça—. O que foi isso?

—Provavelmente um camundongo caçado por uma coruja. Voltou a ouvir o grito.

—Vem do palheiro —disse ela—. Subirei para ver.

Uma rústica escada de madeira levava ao mezanino. Subiu cautelosamente, sabendo, mas não lamentando, que deixava ver uma boa parte dos tornozelos. Stephen lhe firmou a escala e depois subiu ele.

O mezanino estava muito iluminado pela luz do sol e fragrante com o aroma de feno fresco. Se tivesse sido uma menina lhe teria encantado brincar ali. Em todo caso, também podiam brincar ali os adultos, embora certamente escolheriam outro tipo de brincadeira.

Voltou a ouvir o grito, mas esta vez era um coro de sopranos. Olhou atentamente os montes de palha, em busca da fonte do som, e de repente exclamou, encantada:

—Olhe, são gatinhos!

Rapidamente atravessou o palheiro e se ajoelhou junto a um oco entre a palha na qual havia quatro gatinhos gordinhos e multicoloridos e uma receosa gata listrada.

—Não se preocupe, preciosa — disse brandamente—. Não vou fazer nenhum mal a seus gatinhos. Posso segurar um?

A gata não pareceu convencida por suas doces palavras, mas um gatinho negro com laranja correu para ela, movendo-se com dificuldade pela palha espessa e mole. Ela riu e pôs a mão estendida sobre a palha e o gato subiu em sua palma.

—Olhe, Stephen, não é precioso? Ocupa justo o comprimento de minha mão. —Acariciou-o com o indicador e foi recompensada por um ronrono apenas audível.

—Preciosa —disse ele, com voz tensa—. Com esta cor sempre são fêmeas.

Ela levantou a vista, surpreendida por seu tom, e viu que tinha o rosto tenso.

—Esperarei lá em baixo —disse ele, bruscamente.

Ela franziu o cenho, preocupada ao vê-lo voltar-se para a escada. Ele deu dois

passos e cambaleou, tentando não cair; logo levou as mãos ao estômago e caiu lentamente no feno, emitindo uma exclamação de dor.

Rosalind deixou a gata e correu a seu lado. Stephen parecia um novelo, com os braços cruzados sobre o abdômen e a cara coberta de suor.

—Stephen, o que se passa? —perguntou horrorizada.

Stephen moveu a cabeça e tentou falar mas não lhe saíram as palavras.

Com as mãos tremulas lhe soltou a gravata para que pudesse respirar melhor; notou-lhe a pele fria e pegajosa. Ficou de pé de um salto.

—irei procurar um médico.

—Não! —exclamou ele com voz áspera—. Ficarei bem.

Raras vezes ela tinha visto alguém que parecesse menos bem.

—O que posso fazer? Ele fechou os olhos.

—Água —resfolegou—. Por favor.

Rapidamente ela desceu a escada e saiu fora. Olhou para todos os lados. Onde estaria o poço? Ali, no outro extremo da granja. Correu para ele. Sobre o poço coberto havia um torno com um balde. Com as mãos tremulas deixou o balde cair na água e moveu a manivela até subi-lo. Pareceu-lhe que demorava uma eternidade. De um prego na parede pendurava uma concha de sopa de lata. Encheu-a de água e voltou para o celeiro, obrigada a caminhar devagar para não derramar a água.

Embora lhe custasse subir a escada, conseguiu fazê-lo sem derramar muita água. Aliviada, viu que Stephen já não parecia um novelo e sim estendido de costas no feno, com uma mão sobre o abdômen. Tinha os olhos fechados e em seu rosto pálido e cansado estava escrita uma dolorosa enfermidade. Como não se deu conta antes?

Ajoelhou-se junto a ele e lhe aproximou a concha de sopa aos lábios.

—Aqui tem. Bebe.

Ele levantou a cabeça e com uma mão segurou a concha de sopa. Primeiro tomou uns poucos goles e logo bebeu goles mais compridos até esvaziar a concha de sopa.

—Obrigado —disse com voz áspera.

—vou procurar mais? Ele negou com a cabeça.

—Agora estou bem. Só me dê... um minuto mais. Depois podemos ir.

—Mentiroso —exclamou ela, repentinamente zangada—. Vi outros sinais de enfermidade, mas sempre evadiu minhas perguntas, e eu fui estúpida ao permitir. Deveria tê-lo levado a rastros a um médico. O que tem?

Ele a olhou no rosto. De seus olhos tinha desaparecido toda a cor verde, deixando um cinza claro quase transparente. Houve um longo, longo silêncio. Ela pressentiu que ele estava considerando que mentira lhe dizer para tranquilizá-la.

Agarrou-lhe a mão fria e a apertou muito forte, olhando-o nos olhos, ordenando que lhe dissesse a verdade. Sua terrível necessidade de saber pressionou a resistência esgotada dele até que por fim lhe saíram as palavras, como contra sua vontade, em um áspero sussurro:

—Não se pode fazer nada, nem você nem ninguém.

Ela sentiu que lhe paralisava o coração.

—O que quer dizer? Ele fechou os olhos.

—Estou morrendo —disse com voz apenas audível.

Essa era a pior de todas as notícias possíveis, tão horrorosa que não conseguiu pôr sua mente a considerá-la. Morrendo? Impossível, via-se tão forte, tão vital, tão vivo.

Entretanto, não podia pôr em dúvida suas palavras. Levou a mão livre ao coração. A magnitude de sua angústia lhe revelou quanto o amava, quanto lhe importava. Tinha tentado negar, inclusive para si mesma, para mitigar a dor da

inevitável perda.

Mas a tristeza pela separação era uma pura sombra comparada com isso. Desde o começo tinha sabido que ele voltaria para sua família e amigos. Secretamente tinha esperado que ele a recordasse de vez em quando com afeto, mas de verdade sempre tinha desejado que fosse feliz. Não que jazesse enterrado na fria, fria terra.

Então compreendeu com clareza muitas coisas. A tristeza que tinha percebido nele, a distância que mantinha quando a paixão e a mútua harmonia mental os reunia uma e outra vez, sua insistência em partir, sua perda de peso e os sulcos que foram se formando em seu rosto.

Sua mente era um torvelinho de pensamentos. Quão único devia evitar era carregá-lo com sua terrível aflição. Concentrando-se em manter firme a voz, disse-lhe:

—Não estou de acordo com isto. Sua morte vai ser um horrível esbanjamento.

Ele abriu os olhos e ela observou que tinha as pupilas dilatadas. Provavelmente a pastilha que tinha tomado continha ópio, e isso explicaria por que finalmente lhe tinha revelado o que ocultava tão esmeradamente.

—Eu também creio que é um esbanjamento —disse ele, com um sorriso irônico—. De qualquer modo, todos temos que morrer algum dia. Eu simplesmente vou fazê-lo antes do que esperava.

Uma coisa é saber que a morte chega para todos, e outra muito diferente ter à frente da mesa a Morte que veio para tomar o chá. Rosalind tentou imaginar-se como se sentiria ela enfrentando uma morte iminente, e não conseguiu. Apertou-lhe com mais força a mão.

—Por isso fugiu de sua vida habitual?

Ele assentiu cansativamente.

—Depois que o doutor me deu o diagnóstico, senti uma terrível necessidade de fugir de casa por um tempo, para me adaptar à idéia.

—Os médicos podem se equivocar.

—É certo —disse ele, com os sulcos do rosto mais acentuados—, mas o corpo não mente. Cada dia que passa noto como avança a enfermidade. É só questão de tempo, e não resta muito.

—Que enfermidade tem?

—O médico a chamou de uma tumefação do estômago e fígado.

—E eu que acreditava que só tinha tirado férias de um matrimônio difícil —disse ela, odiando-se por sua falta de percepção.

—Estive casado —disse ele, olhando as vigas de madeira do teto—. Louisa morreu recentemente mais de um ano.

O direto de suas palavras a fizeram supor que a tinha amado muitíssimo.

—Como era? —perguntou docemente. Ele tentou encontrar as palavras.

—Gentil — disse finalmente—. Uma dama perfeita, sempre.

Ninguém a chamaria de dama, e muito menos perfeita, pensou Rosalind. Mas Stephen a desejava, o que significava que estava dentro de seu poder lhe dar, e dar-se a si mesma, uns poucos e breves momentos de felicidade. E bem poderia fazê-lo, porque nada que fizessem juntos poderia fazê-la sofrer mais do que estava sofrendo nesse momento.

Devia adotar exatamente o tom correto, se não ele se recolheria em seu rígido autodomínio. Depois de pensar um momento, disse-lhe tranquilamente:

—Creio que foi muito nobre ao manter distâncias, por temor que eu me pusesse histérica se me inteirasse de sua enfermidade.

Ele abriu os olhos e ficou olhando. Depois curvou os lábios em um sorriso irônico.

—Não empreguei essas palavras, mas em essência, é exato.

—Que homem mais orgulhoso e tolo é.

Inclinou-se e lhe beijou os lábios frios, desejando que o ataque não o tivesse deixado muito esgotado para sentir desejo. Separando o rosto menos de uma polegada, sussurrou-lhe:

—Não tenho nada de histérica, nem sou propensa a emoções impróprias. — engoliu a aflição, pensou em coisas agradáveis e conseguiu esboçar um sorriso travesso—: Posto que parte amanhã, eu gostaria muitíssimo lhe dar uma despedida para recordar. Pelo bem dos dois.

Por espaço de dez batidas, houve silêncio, enquanto ele a olhava com penetrante intensidade. Tinha-lhe voltado o tom verde aos olhos. Era tal o silêncio que ela ouvia o roçar da língua da gata limpando seus gatinhos.

Então Stephen lhe rodeou a cintura com os braços e a atraiu para si para outro beijo, que começou onde tinha terminado o dela, e foi rapidamente fazendo-se mais profundo e exigente. Ela sentiu como lhe subia a temperatura, do frio à normalidade e logo a um ardor febril.

Desde o começo tinha havido uma forte atração entre eles, apesar de todos seus esforços por negá-la. A revelação dele acabava de derrubar dolorosamente as barreiras erguidas. Estiveram preparando esse momento desde que se conheceram; cada contato, cada olhar, cada beijo teatral e cada beijo real tinha jogado um pouco de lenha e palha para o fogo, e nesse momento ela tinha aceso o fósforo e os dois estavam ardendo.

Seus corpos se amoldaram, os seios dela se esmagaram no peito dele, enquanto lhe acariciava as costas e os quadris. Lhe abriram as pernas e caíram a cada lado dele, juntando as pélvis com assombrosa intimidade. Ela abafou uma exclamação, assombrada de sua desenfreada reação. Entre ela e Charles tinha havido paixão, ao menos no começo, mas não como essa, nem sequer começava a parecer-se.

—Desejo fazer amor, Rosalind —disse com voz rouca—. Se tiver alguma dúvida, diga agora.

Beijaram-se até ficar sem fôlego. Depois, em meio de uma nuvem de doces aromas e erva, ele a agarrou em seus braços e rodou com ela até ficar em cima, seu corpo pressionando-a sobre a mole capa de palha.

O palheiro resplandecia de uma luz ouro e mel, formando um halo em seus largos ombros e cabelos castanhos. Como um anjo? Como um amante. Levantou a mão e lhe acariciou a face com o dorso.

—Não tenho nenhuma dúvida, Stephen. O que lamento é que não tenhamos feito isto antes.

Ele a envolveu com seu corpo, lhe beijando o pescoço enquanto lhe desatava os laços que seguravam o corpete. Depois colocou as mãos sob as costas, e lhe soltou o espartilho, para poder tirá-lo e lhe descer as alças da combinação. Com sua boca seguiu as arredondadas curvas deixando uma esteira ardente. Quando teve os seios nus, cavou ambas as mãos neles, beijando a sensível pele com um ardor que deixaram marcas de posse.

Ela se esticou quando lhe lambeu o mamilo. Uma vez que este ficou duro, foi beijando o resto do seio, sugando com uma intensidade que quase lhe produziu dor. As sensações a alagaram, expulsando todo pensamento e deixando só desejo.

Rosalind colocou as mãos sob seu casaco e lhe soltou a camisa, deslizando depois as palmas por sua pele. Estremeceram os compridos e tensos músculos sob a carícia. Acariciou-lhe a pele das costas, e depois introduziu a mão entre seus corpos, procurando e encontrando o comprido vulto de carne dura que vibrava sob a roupa.

O apertou e ele gemeu e lhe esticou todo o corpo. Depois moveu o corpo para um lado, lhe beijando o pescoço e lhe acariciando todo o corpo como uma espuma de fogo; agarrando-lhe as saias com uma mão, as subiu até os quadris e deslizou a mão pelo interior de suas coxas.

Ela sufocou um grito quando lhe acariciou as partes íntimas. Quando introduziu seus longos dedos entre as sensíveis dobras e as encontrou molhadas, involuntariamente ela separou as pernas e se arqueou. Era uma descarada, uma lasciva, ao sentir essa excitação.

—Por favor —gemeu—, por favor, agora...

Houve uma pausa que lhe pareceu uma eternidade enquanto ele desabotoava a roupa; ansiava encher esse vazio, não só pelas semanas desde que o conhecia mas também por todos os anos que não o tinha tido. Ele se instalou entre suas pernas, excitado, duro, e lhe agarrou as nádegas e as apertou impaciente, aproximando-se mais.

—OH, Deus —gemeu ele enterrando-se em seu poço acolhedor.

Rosalind sentiu uma suave pontada de dor, porque fazia muito tempo que não deitava com um homem, mas esta passou em um instante, enrolado por uma tormenta de excitação.

Ele começou a mover-se, penetrando-a uma e outra vez, e ela a responder com todo seu ser, ofegando, arqueando-se e lhe enterrando os dedos, encontrando juntos um ritmo selvagem, céu e inferno de uma vez, prazer e frenética necessidade.

Chegaram juntos ao orgasmo, um fulgurante torvelinho de sensações em que as violentas contrações dela desencadearam a estremecida reação dele. Rosalind se sentiu como se a tivessem esfolado viva, e ao mesmo tempo experimentou uma doce e calmante liberação.

Passou a tempestade, deixando-a débil e absolutamente esgotada. Inspirou baforadas de ar, todo seu corpo estremecido, obstinada a ele. A selvageria do ocorrido entre eles era quase aterradora, mas compreendeu com todas as fibras de seu ser que nada poderia jamais fazê-la lamentar o que acabava de fazer.

Stephen recuperou a lucidez em partes fraturadas. Já não podia duvidar se era capaz da paixão. Jamais tinha imaginado que o desejo pudesse ser tão violento, tão rápido e tão desrespeitoso. Envergonharia-se de seu cego egoísmo se ela não tivesse participado tão plenamente de sua loucura e profunda satisfação.

Pela primeira vez entendeu por que o ato sexual se chamava às vezes de pequena morte. Tinha sido aniquilado, e entretanto continuava vivo, suspenso em um tempo em que não havia nem passado nem futuro a não ser um presente eterno. E jamais havia se sentido tão, tão vivo.

Estava quase dolorosamente consciente da suavidade perfumada do feno, dos febris batimentos de seu coração, do tenro corpo de Rosalind preso sob o seu.

Deslizou para um lado até ficar de lado, agarrando-a em seus braços e estreitando-a contra seu peito. Sentiu o comichão de seu fôlego no pescoço, e notou sua pele salgada ao lhe beijar a têmpora. Suas roupas e suas pernas estavam embaraçadas em profunda intimidade.

De repente lhe veio a lembrança viva do sonho que tivera aquela noite depois de resgatar Brian do rio. Ia perseguindo uma mulher risonha, Rosalind, por um campo de flores que a luz do sol fazia brilhar com as cores do outono. Quando a alcançou ela se virou e se jogou em seus braços, entregando-se com uma ânsia igual à sua. Deitaram-se no chão e fizeram amor com delírio.

Esse dia o sonho se fez realidade, e o único motivo de pesar era que tivesse

acabado tão rápido. Isso e o fato, amargamente irônico, de ter descoberto a paixão muito tarde.

Não, não tão muito tarde. Não podia deixá-la sair de sua vida, não permitiria.

Fez tudo o que estava em seu poder para manter-se afastado, para admirar e paquerar sem atar-se; tinha tentado comportar-se honradamente e evitar uma situação que pudesse causar dano.

Mas ao inferno a honra. Desejava-a, e seu implacável sangue Kenyon lhe dizia que devia tê-la com ele enquanto tivesse ar nos pulmões.

Refletiu sobre o que significava isso e viu que o preço seria alto. Custaria-lhe seu orgulho, porque não poderia lhe ocultar sua crescente debilidade. Esse assombroso prazer que acabavam de experimentar juntos não duraria até o final. Por muito intensa que fosse a paixão que os unia, chegaria o dia em que seu corpo já não seria capaz, e isso seria amargo. E sua necessidade dela iria crescendo, crescendo, à medida que aumentasse sua debilidade; e esse foi o pensamento mais amargo de todos.

Inclusive esse preço, ela valia. Sem dar-se conta, tinha-a tratado como a uma flor de estufa, uma florzinha frágil incapaz de suportar uma brisa, como Louisa. Mas Rosalind era forte; tinha sobrevivido nessas imundas ruas do porto quando apenas era pouco mais que um bebê; adaptou-se à exaustiva vida do teatro ambulante, convertendo-se na alma e o coração de sua família e sua companhia. Sua sabedoria, bom senso e natureza otimista a tinham ajudado a agüentar mais que sua parte nas vicissitudes da vida. E, felizmente, seu tosco marido a tinha curado das ilusões românticas.

Havia amizade e paixão entre eles; isso seria suficiente. Embora ela não o amasse, não lhe seria muito pesada a carga de compartilhar sua vida e sua cama durante umas semanas, sobre tudo se sua recompensa seria a segurança para sua família.

Enquanto decidia qual seria a melhor maneira de dizer-lhe acariciou-lhe meigamente a nuca, notando a umidade entre os cachos de seus cabelos castanhos. Não queria deixar nada sem dizer, porque não tinha tempo para dedicar a cortejá-la.

Ao final decidiu que o melhor seria lhe perguntar. Ela era bastante inteligente para ver as vantagens de um convênio, e talvez bastante bondosa para ficar com ele por compaixão...

Essa idéia lhe produziu uma pontada de tristeza, mas compreendeu que inclusive isso seria aceitável, com tanto que a tivesse a seu lado.

—Rosalind —sussurrou.

Ela abriu os olhos e o olhou com um sorriso sonhador.

—Sim?

Ele sentiu que se derretia, mas pensando que devia ater-se ao tema, disse-lhe em tom tranqüilo:

—Tenho uma proposta a lhe fazer. Consideraria a possibilidade de se casar comigo?

Capítulo 15

—Matrimônio? Quase muda de surpresa, a Rosalind só ocorreu dizer, como uma estúpida:

—Eu diria que uma oferta de matrimônio é uma proposição, não uma proposta. Ele sorriu sem humor.

—Normalmente, mas nestas circunstâncias, «proposta» é uma palavra mais exata. Não seríamos marido e mulher o tempo suficiente para formar um matrimônio, e não há amor entre nós. Mas sim há amizade —seus olhos se posaram nos seios semi descobertos—, e certamente desejo.

Envergonhada diante do aviso de seu descarado comportamento, ela se sentou e arrumou a roupa até ficar respeitável, enquanto tentava ordenar seus pensamentos.

—Isto é... inesperado.

Ele sorriu com um verdadeiro sorriso.

—Creio que a frase correta seria: «Senhor, isto é verdadeiramente inesperado».

Ela pôs-se a rir e diminuiu em parte sua comoção.

—Bom, é uma surpresa. —Começou a passar os dedos pelo cabelo para tirar a palha—. Seriamente quer se casar? O rosto dele recuperou a seriedade.

—Sei muito bem que é pouco atraente casar-se com um homem que está morrendo. Mas haverá compensações. Deixarei de lhe estorvar dentro de uns meses. Não pedirei que me acompanhe até o desagradável final; na verdade, insistirei em que vá. —Titubeou um momento—. Além disso, sou rico. Estou disposto a fazer acertos financeiros para assegurar seu futuro e o de sua família.

Ela abaixou as mãos da cabeça e ficou olhando atônita. Até deitado de flanco, todo coberto de palha e com a roupa desordenada, era uma presença imponente. Um cavalheiro e, por própria admissão, rico.

E, evidentemente, também meio transtornado. Pensaria a sério que ela era tão venal que só se casaria com ele por dinheiro? Que lhe agradaria ficar viúva rapidamente? Que se se casassem ela permitiria que a jogasse fora quando estivesse em seu leito de morte? Se ele acreditava em tudo isso, por que demônios a desejava como esposa?

Ocorreu-lhe um motivo.

—Se o que deseja for um herdeiro, é muito improvável que eu possa lhe dar um —disse francamente—. É muito possível que seja estéril.

—Isso não importa —disse ele com a expressão tensa—. Meu matrimônio durou muitos anos e não tivemos filhos. A causa poderia estar tanto em mim como em minha esposa.

Honrava-o que não tivesse culpado sua esposa dessa «falha», mas Rosalind ficou perplexa. De repente apareceu a gata parda que lhe tinha aproximado antes, avançando laboriosamente pela palha a pequenos pulinhos. Mecanicamente agarrou a bichinho e o embalou em sua saia.

—Se não for um herdeiro o que deseja, para que me oferecer matrimônio então? Como atriz, eu sou mais apta para amante que para esposa. Seria tolo por sua parte permitir que um... apaixonado interlúdio anuvie o cérebro de tal maneira além do que lhe convém.

Ele fez um rápido gesto de irritação.

—A morte iminente tem sua maneira de fazer parecer absolutas tolices as considerações mundanas. É muito o que peço. Desejo seu tempo, sua companhia, sua paciência e sua paixão. O mínimo que posso dar em troca é respeito. —levantou-se até ficar sentado—. Além disso, devo passar um tempo em Londres, arrumando meus assuntos. Será mais simples tê-la comigo se estivermos casados.

—Mas seu irmão, sua irmã e o resto de sua família —protestou ela—. Seguro que porão objeções a um matrimônio com uma inferior.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Eu sou o cabeça da família. Não lhes corresponde julgar meus atos. Se o

desaprovarem, podem ir todos ao diabo.

Sua altivez aristocrática era tão profunda que ela quase riu. Não era de estranhar que seu pai lhe desse sempre papéis de nobre. Mas...

—E se não morrer? Os médicos costumam errar. Lamentará ter se casado com uma inferior?

—necessitaria-se um milagre para me salvar a vida, e não creio em milagres. — Olhou-a francamente—. Mas se acontecesse isso, não lamentaria minha escolha. E você?

—Não, não lamentaria —disse ela docemente.

Mas seguia sem saber o que responder. Essa maneira pragmática de falar não tinha nada que ver com a ardente e feroz paixão que tinham compartilhado, e muito menos significava amor.

Então o olhou nos olhos e compreendeu. Se ele estivesse são, não se teriam conhecido, e certamente não lhe teria devotado matrimônio, até no caso de que por alguma estranha circunstância se apaixonou por ela. Mas nesse momento estava enfrentando à morte, só e assustado, e era muito orgulhoso para reconhecer. Compreendeu que ele preferiria morrer a dizer que a necessitava, a ela ou a ninguém. Mas a necessitava, sim que a necessitava.

Com brutal claridade viu o que significaria casar-se com ele. Haveria certa felicidade, mas ao mesmo tempo, uma quantidade muito maior de sofrimento. Teria que vê-lo consumir-se sem lhe permitir saber quanto lhe afetava sua dor, porque a ele esse conhecimento só conseguiria fazer mais pesada a carga. Também teria que entrar em seu mundo e ser forte, sem ter o consolo de sua família ao redor. Inclusive contando com o apoio dele, seria desprezada pela maioria de seus familiares e amigos.

Uma mulher sábia agradeceria a oferta e a declinaria. Uma mulher orgulhosa se sentiria insultada pela frieza com que fazia a proposição.

Olhou a gata e lhe acariciou o pequeno pescoço com o indicador. Estava claro que ela não era orgulhosa, e muito menos sábia. Levantou a cabeça e lhe estendeu a mão, lhe dizendo brandamente:

—Sim, casarei-me contigo.

Agarrou-lhe a mão e a estreitou fortemente.

—Me alegro muitíssimo. Farei todo o possível para que não lamente sua decisão.

O imenso alívio que viu em seu rosto lhe demonstrou que tinha tomado a decisão correta. Amava-o, e muito, e a só idéia de que ia morrer a fazia sofrer terrivelmente. Mas se passassem juntos o tempo que restava, pelo menos teria lembranças felizes. E seria uma embusteira se não reconhecesse que agradeceria a segurança econômica de seus pais. Passando a assuntos mais práticos, disse-lhe:

—Sendo atriz ambulante, não pertenco a nenhuma paróquia, por isso supondo que temos que ir à sua para nos casar.

—Isso não será necessário. Enviarei o pedido de uma licença especial a Londres. Isso não deveria demorar mais de —fez o cálculo— três dias; digamos quatro para maior segurança. Casamo-nos na quarta-feira?

Ela pestanejou, surpreendida um pouco por essa pressa. Mas não havia nenhum motivo para esperar, e sim todos os motivos para apressar-se.

—Muito bem.

Enquanto atava a gravata, ele a olhou preocupado:

—Poderá deixar a companhia imediatamente ou será necessário esperar até que seu pai encontre substituto?

Rosalind fez um repasse mental do repertório da companhia.

—Haverá um par de obras que terão que deixar de lado enquanto achem outra

atriz, mas minha marcha não causará nenhum problema insolúvel. Há menos papéis para mulheres que para homens.

—Estupendo. Eu gostaria de ter tempo para uma curta lua de mel antes de ir a Londres. —tirou a palha do casaco escuro—. Descuidei de minhas obrigações ficando tanto tempo na companhia. Não queria retornar para casa.

Sorriu-lhe.

—Alegra-me que tenha descuidado de suas obrigações por uma vez. Assim todos desfrutamos que sua companhia. —Olhou para a janela e viu a posição do sol—. Céus, temos que voltar para a estalagem. Meu pai deve acreditar que nos comeram uns cordeiros selvagens.

Stephen ficou de pé e a ajudou a levantar-se. A gata lhe tinha subido ao ombro e estava obstinada ali, suas garras como agulhas. Desenterrou-lhe as garras com supremo cuidado e a devolveu a sua mãe. Depois tomou Rosalind em seus braços. Era um abraço muito diferente dos apaixonados beijos que se deram antes; um abraço tranquilo e possessivo.

—Estou me tornando horrorosamente egoísta —sussurrou ele—, mas nem sequer consigo me sentir culpado.

Ela jogou a cabeça para atrás para olhar seu rosto. O emagrecimento o fazia ressaltar seus formosos e fortes ossos.

—por que é egoísmo tomar um par? Cada um dará e cada um receberá. É o mais natural do mundo.

—Espero que tenha razão —suspirou ele, lhe deslizando um dedo pelo contorno da orelha.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro, pensando que pouco sabia dele. Não conhecia ninguém de sua família, não tinha visto sua casa, não sabia nada de sua vida além de que era «granjeiro». Mas sim sabia que era amável e sincero. Isso era suficiente.

Entregou-se um momento mais à doçura de seu abraço. Ele a fazia sentir-se segura, em paz. No momento havia um equilíbrio emocional entre eles. Quanto duraria? Muito em breve trocariam os papéis e ele necessitaria sua força mais do que ela necessitava a dele. Ele detestaria isso e talvez chegasse a odiá-la.

Pois seja. Se tivesse desejado uma vida fácil, poderia tê-lo rechaçado.

Afastou-se e começou a limpar-se.

—Pareço uma leiteira a qual acabam de dar uma boa queda no feno —disse com travesso pesar.

Ele a olhou de cima abaixo com carinho em seus olhos:

—Tem muita elegância natural para parecer uma leiteira.

—Mas sim que tenho aspecto de que me deram uma boa queda —riu ela—. Poderia me tirar a palha das costas?

Isso ele fez, passando brandamente as mãos por todo seu corpo para lhe alisar o vestido e tirar os pedaços de palha. Demorou mais que o necessário, mas não se importou.

Uns poucos minutos de trabalho lhes devolveram uma relativa respeitabilidade. Enquanto Stephen recolhia a concha de sopa para devolvê-lo ao poço, Rosalind desceu a escada. Deu um último olhar ao palheiro. Que lugar mais humilde para ter sido o lugar de tanta paixão e drama.

Sentiu uma combinação de felicidade e tristeza que temia não a abandonaria nunca.

Desdenhando uma vez mais o que pensaria as pessoas, Stephen agarrou a mão

de Rosalind quando caminhavam de volta à estalagem Green Man. Sentia-se... feliz. Era agradável ter algo ditoso no que pensar com ilusão. E inclusive em circunstâncias normais, que mais podia pedir um homem em uma esposa que uma amiga que, além disso, era apaixonada companheira de cama?

Zumbia-lhe a cabeça de planos. Ainda estavam perto do castelo Bourne, de modo que podia pedir emprestado um homem de confiança ao duque de Candover para enviar a Londres; o amigo de seu irmão estaria feliz de lhe fazer esse favor. Este agente poderia lhe procurar uma licença em Doutor's Commons e levar um cheque a seu banqueiro, posto que estava acabando o dinheiro. Também poderia levar Júpiter ao estábulo da casa Ashburton e de passagem recolher um pouco de roupa; estava francamente farto dos poucos objetos que tinha trazido para essa viagem.

Além disso, só precisava de Rosalind. Observou-a pela extremidade do olho, maravilhando-se de sua sorte. Ela o olhou de esguelha, com um sorriso quente e íntimo. Teve a tentação de levá-la novamente ao palheiro. Ah, bom, logo ela seria dele e poderiam compartilhar uma cama sempre que quisessem. Ou um palheiro.

Uma pontada de dor o trouxe para a realidade. Tinha considerado, e rechaçado, a idéia de dizer a Rosalind seu verdadeiro sobrenome e seu título. Ela teria que saber, logicamente, mas seria melhor esperar até depois das bodas. Ela já tinha suas dúvidas por suas diferentes situações na vida; se se inteirasse de quão imensa era essa diferença, poderia mudar de opinião.

Por um momento tentou imaginar qual teria sido a reação de seu pai ao saber que seu filho e herdeiro ia se casar com uma atriz. Se o velho não estivesse morto, essa notícia o mataria. Mentalmente deu de ombros; por muito que tivesse tentado agradar seu pai, jamais o tinha conseguido; finalmente deixou de tentar.

A seu pai também teria vexado o fato de que Michael seria o próximo duque. Lástima que morresse sem sabê-lo, pensou com ironia. O velho duque tinha sido um homem difícil e duro, mas em muitos sentidos tinha sido justo. Entretanto sempre odiou seu filho mais novo e, a modo de vingança, sempre fez todo o possível por inimizá-lo com ele, seu irmão mais velho; esse era o único ato que ele não podia lhe perdoar.

Claudia também se horrorizaria, e isso era um problema maior. Com sorte, ele conseguiria reconciliá-la com sua nova esposa. Se não... voltou a dar de ombros.

Já estava à vista a estalagem. Quando se aproximavam, parou uma carreta diante da porta e dela desceram um jovem e uma jovem, com a roupa enrugada pela viagem, com sua bagagem. Quando o casal entrou na estalagem, Rosalind disse, pensativa:

—Esse pode ser Simon Kent. Não sabia que tinha esposa, mas me deu a impressão de que essa jovem poderia ser uma atriz.

—Não é muito atraente. Mas bom, tampouco o era Edmund Kean.

—Viu Edmund Kean? —perguntou ela, olhando-o. Ao ver que ele assentia, perguntou-lhe muito interessada—: É tão bom como proclama sua reputação?

—É soberbo. Vi-o a noite de sua famosa estréia em Londres, quando interpretou Shylock no mercado de Veneza. Ela aumentou os olhos.

—Dizem que o Drury Lañe estava dois terços vazios quando começou, e que sua atuação foi tão potente que as pessoas saíram à rua no primeiro intervalo a dizer a outras pessoas que entrassem. É verdade que ocorreu isso?

—Sim, certamente —disse Stephen sorrindo—. Embora fosse janeiro e o tempo estava fatal, eu fui a um restaurante próximo e arrastei três amigos a meu camarote. Quando acabou a representação, o teatro estava cheio. Foi absolutamente extraordinário.

—Eu gostaria de ter estado ali - disse ela, melancólica.

Apertou-lhe a mão.

—Levarei-a ao Drury Lañe quando estivermos em Londres. Dentro de uma semana mais ou menos começará a temporada.

—E tem camarote —disse ela rindo—. Estarei muito distinta.

Mais distinta do que ela imaginava, ou do que acharia cômodo, pensou ele, preocupado. Preferiu mudar de assunto:

—Kean é excelente, mas creio que seu pai está a sua altura.

Foi recompensado por um maravilhoso sorriso de Rosalind. E era sincero ao dizê-lo; se Thomas Fitzgerald tivesse sido capaz de levar-se bem com os diretores de teatro, ele e Maria seriam tão famosos como Kean e Sarah Siddons. Era triste, mas certo que o talento só não era suficiente para produzir grande êxito.

Chegaram à estalagem e seguiram o som de vozes até o salão reservado. Ali estavam reunidos a metade dos membros da companhia Fitzgerald, rodeando aos dois recém chegados pobremente vestidos. O jovem tirou o chapéu e estava falando com Thomas.

Thomas levantou a cabeça quando eles entraram.

—Rosalind, Stephen, apresento-lhes Simon Kent, que chegou um dia antes do previsto. E a sua irmã Mary Kent.

Terminadas as apresentações, Stephen contemplou seu substituto. Kent era de estatura um pouquinho maior que a mediana, e seus cabelos loiros e revoltos necessitavam um bom corte. Nada de aparência agradável; na realidade escassamente apresentável. Mas tinha uns imponentes olhos cor cinza escura.

—O celeiro que fomos ver serviria, mas é um pouco pequeno —disse Rosalind. Thomas assentiu.

—Não importa, que fui ver está bastante bem. Já tenho tudo arrumado para atuar ali esta noite. —voltou-se para Kent—. Vejamos como atua. Que papel você gostaria de interpretar para vê-lo?

—Agora? —exclamou Kent horrorizado.

—Agora.

A voz de Thomas soou jovial, mas seus olhos estavam muito sérios. Stephen supôs que esse era uma intencionada prova para comprovar a têmpera do jovem ator.

Tendo piedade do recém-chegado, Jessica deu um passo adiante e lhe disse com um brilho travesso nos olhos:

—Nomeou Romeo como um de seus papéis, senhor Kent. Façamos juntos a cena do balcão?

—Isso me seria muito útil —disse o jovem, agradecido.

Outros se moveram para trás para deixar espaço aos dois atores. Mary Kent, uma juvenzinha miúda e loira, parecida com seu irmão, contemplava tudo muito nervosa.

Jessica se encapitou em uma cadeira firme e adotou uma pose no ar como se estivesse apoiada no batente de sua janela contemplando a noite. Suspirou, fazendo como que não via o jovem que a admirava de abaixo.

Simon Kent esclareceu garganta e começou:

—Mas, silêncio! Que resplendor se abre passo através daquela janela? É o Oriente, e Julieta ao sol!

A voz lhe soou insegura nas primeiras palavras, mas rapidamente adquiriu sonoridade e potência. Diante do fascinado olhar de Stephen, o ator se transformou em um desejoso apaixonado. Kent não era simplesmente um ator competente; tinha a paixão para ser um dos grandes.

Enquanto ele falava, desvaneceu-se a frivolidade de Jessica. Seu olhar se encontrou com o de Kent, e quando recitou sua primeira fala o fez com o doce desejo nascente de Julieta. O diálogo correu ao ritmo depravado da conversação natural, realçando a excitação quase insuportável do amor juvenil. Uma atuação fascinante.

Stephen sentiu que lhe arrepiava a pele. Isso era mais que uma cena entre dois atores de talento; a atração entre Simon Kent e Jessica era evidente. Ou estaria ele imaginando devido que estava em ânimo romântico?

Quando Jessica disse suas últimas frases em um sussurro rouco, estendeu comovedoramente a mão para seu admirador, desejando tocá-lo. Ele também estendeu a sua, e por muito pouco espaço não a tocou.

—boa noite! Boa noite! A despedida é uma dor tão doce que estaria dizendo boa noite até que chegue o dia.

Desceu da cadeira indicando que saía do cenário, mas não sem antes dirigir um último e desejoso olhar ao homem que lhe tinha cativado o coração e seria sua perdição.

Kent disse as últimas frases de Romeo com a paixão de um homem que encontrou o amor de sua vida. Depois se virou e retrocedeu vários passos para assinalar o final da cena.

Fez-se um silêncio profundo. Depois os espectadores estalaram em um aplauso espontâneo.

—Muito bem, senhor! —exclamou Jessica.

Com o rosto rosado de prazer, ofereceu a mão a Simon, e juntos fizeram uma reverência como se estivessem sobre um cenário.

Sem deixar de aplaudir, Stephen sussurrou a Rosalind, que estava olhando fixamente sua irmã:

—Quanto disso foi atuação?

—Apostaria que nem tudo.

Do outro extremo da sala, Maria estava observando Kent com olhar inquisidor, provavelmente avaliando-o como possível genro. Kent parecia feliz e aliviado; tinha esquecido de soltar a mão de Jessica.

Na opinião de Stephen, a expressão de Thomas era a mais interessante. Em seu rosto havia entusiasmo e aprovação, mas também o triste pesar de um leão velho que vê o leão jovem que algum dia o vai substituir. Dito seja em sua honra, aproximou-se de Kent e lhe deu uns tapinhas no ombro.

—Fará muito bem, filho, mas se importaria de soltar minha filha? Kent ficou avermelhado e soltou a mão de Jessica. Ao leão jovem faltava um longo caminho para ser o rei de sua selva particular. Stephen rodeou com o braço a cintura de sua noiva.

—Creio que este é um bom momento para anunciar que Rosalind me deu a grande honra de aceitar ser minha esposa. Espero contar com a bênção de sua família também.

Todos se aglomeraram a seu redor para contemplar o casal de noivos.

—Que maravilhoso! —exclamou Maria de seu canto—. Mas não é um pouco cedo? Só faz um mês que se conhecem. Rosalind olhou Stephen e sorriu afetuosa.

—Suficiente.

—Ah, fala igual a mim quando conheci Thomas. —Maria atravessou a sala para abraçá-los, primeiro Rosalind e depois Stephen—. Sempre desejei outro filho, e quem melhor que o homem que salvou meu nenê de afogar-se?

Stephen lhe correspondeu o abraço tentando recordar se alguma vez sua mãe o teria abraçado com tanto entusiasmo. Se o tinha feito, ele tinha esquecido a ocasião.

Viu que Thomas os olhava com os olhos cerrados e pensou se não teriam deixado

algumas delatadoras palhas na roupa. Com uma expressão que dizia «Comprometidos, e bem a tempo!», Thomas apertou a mão dele e deu um longo abraço em sua filha. Outros membros da companhia se aproximaram para felicitá-los, os homens lhe estreitando a mão e as mulheres abraçando-os efusivamente.

Stephen tinha clara consciência de até que ponto se casava não só com uma pessoa mas também com uma família. Quando se casou com Louisa teve menos consciência disso, provavelmente porque os pais dela, o conde e a condessa de Rotham, pareciam-se muito a seus próprios pais. Mas agora ia entrar na família Fitzgerald, como eles entrariam na sua. Sorriu ao cair na conta de que Brian seria seu cunhado.

Tão logo Jessica terminou de abraçar sua irmã, perguntou:

—Quando será as bodas?

—na quarta-feira —respondeu Rosalind, imperturbável. Isso produziu outro impressionado silêncio. Jessica o rompeu exclamando:

—Temos muito trabalho que fazer!

Agarrando da mão de sua irmã a puxou para a escada. Rindo, Rosalind conseguiu dar um último olhar a Stephen antes de desaparecer.

—Eu tinha pensado que fosse casado —disse Thomas a Stephen, em voz baixa e controlada, não acusadora mas que exigia uma explicação.

—Sou viúvo, sem filhos —respondeu sucintamente—. Havia... outros motivos que me faziam duvidar em lhe fazer a proposição, mas expliquei minha situação a Rosalind, para que ela decidisse.

Fitzgerald assentiu, com aspecto aliviado.

—Minha filha tem bom julgamento. Se ela o achar material decente para marido, isso me basta.

—fui sincero com ela, e agradeço muitíssimo a decisão que tomou. —Guardou silêncio um momento e acrescentou—: Rosalind diz que sua saída não causará problemas para a companhia. É certo isso, ou deveríamos ficar até que encontre alguém que a substitua?

—vai levar nossa filha —disse Thomas tristemente.

Stephen assentiu.

—Mas não para sempre. Ela querará ver sua família com freqüência. Thomas franziu o cenho e se voltou a olhar ao redor. Seu olhar posou em Mary Kent.

—Você, moça —disse com sua voz retumbante—. Sabe atuar?

A jovem deu um salto diante dessa inesperada atenção. Depois de engolir saliva respondeu:

—Sim, senhor. Não sou tão boa como Simon, mas tenho vários anos de experiência em papéis pequenos. —Sorriu inesperadamente—. Seria uma boa criada para as heroínas da senhorita Jessica.

—Muito bem —disse Thomas rindo—. Trabalhará para mim por duas libras à semana?

—Ah sim, senhor —exclamou ela com ardor.

Stephen calculou que seu irmão ganharia entre três e quatro libras por papéis importantes. Os dois passariam bem.

Tudo estava saindo incrivelmente bem. Quanto lhe duraria essa sorte? - pensou.

Falando sem parar, entusiasmada, Jessica se deixou cair na cama do pequeno quarto que compartilhava com Rosalind.

—O que vai usar para as bodas? Esse precioso vestido azul que usou quando se casou com Charles? Rosalind fez uma careta de desagrado.

—Certamente não. Estava pensando no vestido de Ofélia que temos na arca de

roupas. O que lhe parece?

—Perfeito! —exclamou Jessica, sorrindo—. Sempre lhe ficou maravilhoso. Os laços nas costas que o rodeiam lhe realçam a figura. Stephen ficará assanhado com sua beleza. Irei procurá-lo agora mesmo, para ver que acessórios vai precisar.

Rosalind assentiu e tirou o vestido. Tão logo o deixou a um lado viu que Jessica a estava olhando fixamente. Desceu a vista e viu as marcas nas curvas de seus seios que a combinação deixava descoberto. Acendeu-lhe o rosto e tentou inutilmente cobrir as marcas das dentadas amorosas. Antes que conseguisse decidir o que dizer, Jessica lhe disse horrorizada:

—Fez-lhe mal? Juro que se...

—Não, não, de maneira nenhuma!

Recordando que, apesar de sua aparente mordenidade, sua irmã ainda era virgem, sentou-se na cama afundada e lhe disse agradavelmente:

—Perdoa, deveria ter tido mais cuidado, mas levamos tantos anos compartilhando quarto que nem pensei. De verdade, asseguro-lhe que Stephen não me fez nenhum dano. Portamos-nos muito mal, e foi... absolutamente maravilhoso. Mas tenha presente que eu sou uma viúva de idade amadurecida, e me permito uma certa licença. E você não deve imitar meu comportamento por muito romântico que seja seu Romeo!

Tocou a Jessica ruborizar-se.

—Não é meu Romeo. Mas o senhor Kent é um excelente ator, não é?

—Sim, estou segura de que vai desfrutar iniciando-o na companhia —brincou Rosalind—. Pode descobrir se você gosta tanto de seu beijo como de seu talento.

Pensou na trêmula expressão maravilhada que viu entre sua irmã e o novo ator, e de repente, inexplicavelmente, sentiu um nó na garganta e pôs-se a chorar.

Cobriu o rosto com as mãos e sentiu os braços de sua irmã abraçando-a.

—Rose, o que se passa? —perguntou Jessica, preocupada—. Essas não me parecem lágrimas de felicidade.

Rosalind soluçou ainda mais forte. Sentia a desesperada necessidade de contar a alguém a história completa, e Jessica era sua melhor amiga. Juntas tinham ficado muitas noites até tarde fazendo confidências.

—Stephen está muito doente —disse, entre lágrimas—. É possível... talvez não sobreviva mais de uns poucos meses.

—meu Deus —murmurou Jessica, abraçando-a mais forte—. Que pena, Rose, sinto muito. Por isso demorou tanto em declarar-se, quando era evidente que estava apaixonado por você?

Rosalind assentiu.

—Tinha a intenção de partir sem me dizer nada, mas teve um ataque terrível, e eu o obriguei a me dizer a verdade, e... uma coisa levou a outra, e agora vamos nos casar dentro de quatro dias.

Virou-se entre os braços de sua irmã, seu corpo estremecido pelos soluços. Jessica a sustentou em silêncio, lhe dando tapinhas nas costas até que lhe acabaram as lágrimas. Não poderia chorar assim diante de Stephen. Com ele devia estar serena e controlada. Fazendo um esforço por serenar-se, endireitou-se e tirou seu lenço.

—Não diga a meus pais. Não quero que sofram antes que seja necessário.

—De acordo —disse Jessica muito séria—. Mas... está segura de que quer se casar com ele? Eu gosto muitíssimo de Stephen, mas penso que não tinha nenhum direito de pedir que faça algo tão doloroso.

—Tinha todo o direito do mundo. —Apertou fortemente as mãos na saia e

acrescentou, com a voz tão suave que mais parecia estar falando consigo mesma que com sua irmã—: E não há nada na terra que deseje mais que ser a esposa de Stephen, pelo tempo que for.

Capítulo 16

Desde a alvorada, esteve caindo uma chuva fria e penetrante, fazendo cair as folhas amarelas das árvores e transformando em lodaçais os caminhos. Lorde Michael Kenyon estava cansado e absolutamente exasperado. Depois de duas semanas em busca de seu irmão desaparecido, inteirou-se de muito pouco, além de que seguir um homem a cavalo era muito mais difícil que seguir um coche.

Face às repetidas afirmações do doutor Blackmer de que era muito improvável que Stephen estivesse doente de cama em alguma parte, Michael se sentia aliviado cada vez que alguém podia lhe dizer com certeza que seu irmão havia passado por ali. Quando levavam um tempo sem encontrar ninguém que o tivesse visto, retrocediam laboriosamente o caminho e provavam outros até voltar a encontrar uma pista.

Não ajudava em nada o fato de que a rota que seguia Stephen parecia ser totalmente ao acaso.

Ele serpenteou o caminho do norte, fez uma parada na propriedade de seu amigo Lucien, conde de Strathmore e extraordinário chefe de espiões, para lhe pedir ajuda. Luce lhe fez várias boas sugestões e lhe prometeu ocupar-se de fazer averiguações entre sua enorme rede de informantes. De qualquer modo, ele prosseguiu a busca, detendo-se na metade das tabernas e povoados da região dos Midlands ocidentais, para perguntar se alguém tinha visto Stephen. Por sorte seu irmão cavalgava Júpiter, um dos extraordinários cavalos puro sangue criados por seu amigo Nicholas, conde de Aberdare. Os homens recordavam o cavalo, nem sempre o cavaleiro.

Júpiter era o cavalo que ele mesmo tinha presenteado a Stephen pelo seu aniversário no ano anterior. A lembrança lhe produziu um nó o estômago. No fundo não podia acreditar que Stephen estivesse realmente doente de morte. Os médicos estavam acostumados a equivocar-se, e a última vez que o viu, seu irmão estava em excelente forma física.

E, entretanto, homens e mulheres morriam a qualquer idade, e por muitas causas. Talvez tivesse chegado a hora de Stephen. Sua mente reconhecia isto, mas achava muito injusto que pudesse perder seu único irmão tão logo depois de terem se feito amigos.

Era extraordinário que Stephen tivesse resultado tão boa pessoa, pensou Michael, tendo tido que suportar, como herdeiro, todo o peso do olho crítico e a mesquinharia de espírito do velho duque. Ele, em troca, havia passado o menor tempo possível na abadia; essa distância o tinha protegido da destruição emocional. Stephen, em troca, era feito de material mais resistente; tinha sobrevivido e crescido forte e justo. Sua fortaleza e sua disposição normalmente imparcial era o que fazia tão estranho seu desaparecimento.

Michael olhou seu acompanhante, que ia curvado para proteger-se da chuva em atitude taciturna. Embora soubesse que era um sentimento irracional, desejava culpar o médico da enfermidade de seu irmão. O médico devia ter-lhe dado a notícia de um modo melhor, ou não ter-lhe dito nada. Ele sabia, por sua experiência com soldados gravemente doentes, que o estado mental tinha muito que ver com a recuperação. Dizer a um homem que vai morrer influía muitíssimo em fazer certo o prognóstico. Em um

médico, a sinceridade nem sempre é o melhor método.

O taciturno médico era um enigma. Depois de duas semanas de estar juntos virtualmente todas as horas de vigília, Michael não conseguia perceber o que havia atrás de seus inescrutáveis olhos, além de que estava muito preocupado pela saúde de Stephen. Ou a preocupação se deveria simplesmente a que perder seu paciente mais proeminente seria mau para seus negócios?

—vamos parar para jantar? —perguntou uma voz lenta, interrompendo seus pensamentos.

—Pensava me deter na próxima cidade, Redminster, parece-me —respondeu Michael—. Aos cavalos irá bem uma hora ou assim de descanso. Depois podemos continuar até que escureça.

Blackmer voltou para seu silêncio e assim continuaram até entrar em Redminster a última hora da tarde. Tinha deixado de chover e os atoleiros do caminho brilhavam com o reflexo da luz do sol. Justo antes de chegar a uma estalagem chamada Three Crowns, Michael teve que frear bruscamente seu cavalo para não atropelar a uma garotinha que saiu correndo atrás de uma bola. A mãe, uma bonita morena, saiu também correndo do pátio a agarrar à menina. Ofereceu um sorriso de desculpas a Michael e levou a menina nos braços.

Cansativamente virou o cavalo para entrar na Three Crowns. Com certo sentimento de culpabilidade por exigir tanto de um homem que não estava endurecido por anos de campanha, disse a seu companheiro:

—Eu me encarregarei dos cavalos. Você entre e peça algo de comer para os dois.

Blackmer assentiu, agradecido, desmontou e entrou na estalagem. Michael conduziu os cavalos ao estábulo. Dentro estava um cavaleiro com um cachimbo de argila na boca limpando uns arreios. Michael estava a ponto de lhe falar quando o homem levantou a cabeça e lhe sorriu.

—Alegra-me voltar a vê-lo, senhor. É um dia terrível para viajar, sem dúvida.

Michael ficou alerta.

—equivoca-se de pessoa. Nunca estive aqui antes, mas estive alguém que se parece comigo?

O homem estreitou os olhos para olhá-lo melhor e logo fez um gesto de desculpa com seu cachimbo.

—Pois sim, você e seu cavalo se parecem muitíssimo com um hospede e seu cavalo que tivemos aqui faz umas semanas.

—Na realidade, estou tentando localizar meu irmão, que tem um cavalo que é filho do mesmo garanhão que gerou este.

O cavaleiro assentiu satisfeito.

—Ah, então você é outro senhor Ashe. Isso explica tudo, porque a semelhança é muito grande para ser coincidência. Vai deixar os cavalos aqui a noite, senhor?

Senhor Ashe? Stephen devia estar viajando incógnito. Não era possível que houvesse dois homens com seu rosto e um cavalo similar percorrendo a região central.

—Meu companheiro e eu só nos deteremos para comer. Agradeceria-lhe se cuidasse dos animais uma ou duas horas. —tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo úmido—. Sabe por acaso para onde foi meu irmão daqui?

O cavaleiro pensou franzindo o cenho.

—Creio que a Companhia de Teatro Fitzgerald ia atuar em Whitcombe depois daqui.

—Companhia de teatro?

—Sim, seu irmão foi com eles —explicou o homem—. Salvou de afogar-se o filho

pequeno de Fitzgerald, e ficou ferido. Todo um herói.

—Ferido?

—Não de gravidade —assegurou o homem—. O senhor Ashe estava muito bem quando partiu daqui. De fato, dizem que atuou em uma das obras. —deu uma piscada—. Parece-me que foi com a companhia pelas atrizes. A companhia Fitzgerald tem umas moças muito bonitas e, bom, atrizes, já sabe.

Michael o escutava com uma mescla de assombro e de esperança. Seriamente Stephen teria atuado com uma companhia de atores ambulantes? De acordo, sempre tinha gostado do teatro, e tinha atuado muito bem em produções de amadores junto a seus amigos, mas isso era muito diferente. Teria uma aventura com uma vulgar atriz? Sempre tinha sido muito formal. Mas quem demônios podia saber o que pode fazer um homem quando lhe dizem que tem seus dias contados? Stephen já não estava casado, de modo que não havia nenhum bom motivo para que não se enredasse em um pouco de musselina se quisesse.

Se estava com essa companhia de teatro, seria fácil encontrá-lo, porque os atores tinham que viajar lentamente, e deixariam rastros claros. Agradeceu o cavaleiro e entrou na estalagem. Enquanto comia carne com batatas fervidas, relatou a seu acompanhante o que acabava de saber. Blackmer pareceu igualmente surpreso de que o duque se dedicasse ao palco, mas, como era característico nele, não fez nenhum comentário. Simplesmente se levantou quando acabou de comer e se preparou para continuar viagem para Whitcombe.

Enquanto isso fora, a trégua temporária da chuva tinha sido seguida por abomináveis nuvens de tormenta. Quando saíram ao pátio, viram um relâmpago, seguido rapidamente por uma série de retumbantes trovões. Em seguida se descarregou uma forte chuva.

Enquanto brilhavam mais relâmpagos no céu, Blackmer comentou com voz neutra:

—Não são as melhores condições para viajar.

Era o mais parecido com um pedido de pausa que dizia o médico. Michael vacilou. O fato de que estivesse acostumado a árduas campanhas não significava que gostasse de molhar-se, nem o frio nem o esgotamento. De qualquer modo, a informação dada pelo cavaleiro o fazia desejar continuar.

—As tormentas costumavam passar rápido. Poderíamos chegar a Whitcombe antes que anoiteça.

Blackmer soltou um suspiro mas não protestou.

Acabavam de sair do estábulo quando um imenso raio iluminou o céu, enchendo o pátio com uma luz azulada. A estrondosa chicotada foi imediata.

Michael se agachou por reflexo, como se o tivesse surpreso uma rajada de artilharia francesa. Quando se endireitou, um comprido som de repente reverberou no ar empapado pela chuva.

—Deus santo, o que foi isso? —exclamou Blackmer. Michael girou em redondo, tratando de localizar o lugar onde se produziu o golpe.

—Suponho que o raio derrubou uma árvore.

Ouviu-se o grito de uma mulher nos arredores. Reconhecendo o som do desastre, Michael correu pelo pátio e saiu à rua. Imediatamente viu a causa do golpe e do grito. Um enorme olmo tinha sido derrubado pelo raio e caído em cima da casinha da mulher morena que tinha saído a apanhar sua filha na rua anteriormente. A casa com a moldura de madeira era feita de fitas de seda e de um tipo de argila chamado zarzos e barro, e o olmo a tinha esmagado como casca de ovo.

Imediatamente Michael foi investigar. A fumaça subia em espiral do tronco enegrecido do olmo, mas ao menos a forte chuva tinha impedido o incêndio. Quando chegou à casa, encontrou a mulher morena agarrada às ruínas.

—Está ferida? —gritou Michael, para fazer-se ouvir por cima do ruído da chuva e dos trovões.

Ela se voltou para ele, com o rosto alagado e os olhos velados pela comoção.

—Saí a recolher ervas para o jantar, e não me tocou, mas meu marido e minha filha estão dentro, na parte de trás. —Agarrou o braço de Michael com as mãos tremulas—. Por favor, ajude-os.

Ele apertou os lábios quando olhou o desastre. Era muito possível que qualquer um que estivesse dentro da casa já tivesse morrido ou estivesse gravemente ferido. Nesse momento chegou Blackmer correndo, ofegando.

—Há pessoas dentro?

—O marido e a filha desta senhora.

Michael olhou a casa acidentada com os olhos experimentados de um proprietário de mina. Um mau trabalho de resgate poderia derrubar os madeirames e paredes, condenando à morte qualquer um que estivesse vivo dentro. Mas pelo menos o resgate não ia ter lugar a cento e cinquenta jardas sob a superfície, como daquela vez que explorou sua mina de carvão em Gales.

Já tinham chegado vários vizinhos. Um deles gritou:

—meu Deus, olhem a casa do Wyman.

Outro, provavelmente o irmão da mulher, a julgar pela semelhança, exclamou:

—Emma, Jack e Lissie estão dentro?

A mulher assentiu e ele a abraçou com o rosto pálido como cinza.

Michael já sabia há muito tempo que é melhor concentrar-se no que é necessário fazer que preocupar-se inutilmente pelos feridos. Posto que ninguém tomasse o comando, começou a dar ordens. Uma vez oficial, sempre oficial, disse-se ironicamente enquanto mandava homens a procurar madeiras, polia e cordas e uma junta de bois.

Então se ouviu o grito de uma menina dentro da casa. Emma se soltou de seu irmão e se aproximou correndo.

—Lissie! Está bem?

—Sim! —gritou a menina—, mas meu papai está sangrando e não posso despertá-lo.

Michael contemplou atentamente os destroços. A garotinha estava muito perto, aparentemente do outro lado do que tinha sido a cozinha. Talvez fosse possível liberá-la antes de tirar a árvore. Agarrou o extremo de um bloco de tijolo cru e tentou movê-lo, com todo cuidado para não precipitar um desmoronamento.

Blackmer agarrou o outro extremo. Sempre surpreendia Michael comprovar que o médico e ele eram da mesma estatura; a personalidade humilde do médico o fazia parecer mais baixo. Os dois conseguiram tirar o bloco sem provocar desmoronamento. Ficou um buraco irregular ao nível do chão.

—Vejo luz, mamãe! —gritou Lissie, entusiasmada. Emma limpou a chuva do rosto tenso.

—Pode engatinhar para a luz e sair, Queridda? —disse-lhe com forçada calma.

Houve um momento de silêncio. Depois Lissie gritou:

—Não posso sair daqui. Meu papai e partes da casa estão no meio.

Blackmer olhou atentamente o buraco.

—Tentarei entrar por aqui. Se Wyman estiver entre isto e a menina, talvez possa atendê-lo.

—Não pode fazer isso —disse Michael imediatamente. Blackmer o olhou depreciativamente.

—Se tiver tanta pressa, vá sozinho a Whitcombe. Eu lhe alcançarei amanhã.

Normalmente a expressão do médico era uma máscara impenetrável, por isso a Michael surpreendeu ver uma combinação de emoções em seus olhos verdes cinzas. Ressentimento e, certamente, irritação.

—Não seja estúpido —exclamou irritado ele também—. O que me preocupa é o perigo. O resto da casa poderia vir a abaixo a qualquer momento.

—Sou médico, devo tentar salvar vidas.

Blackmer se deitou no chão lamacento e começou a avançar de rastros pelo buraco enquanto os observadores continham o fôlego. Michael se esticou para ouvir um rangido dentro, mas foi curto e não ocorreu nada.

Ao fim de dois longos minutos, Blackmer gritou:

—Wyman está vivo. Tem o coração forte, mas está inconsciente e sangra por uma artéria rompida.

—Graças a Deus —murmurou Emma, respeitosamente. Michael sabia o suficiente de feridas para entender o perigo.

—Pode deter a hemorragia com um torniquete? —perguntou.

—Não, há uma maldita viga no meio —grunhiu o médico—. No momento posso fazer pressão na artéria, mas tirem rapidamente a maldita árvore.

Tinha chegado a equipe, de modo que Michael fiscalizou a montagem da polia e as cordas. Quando estavam preparados para começar, gritou:

—Blackmer, estamos preparados para levanta-la. Será melhor que saia.

—Não posso —respondeu o médico—. Wyman já perdeu muito sangue.

—Mas o doutor vai morrer se desmoronarem as paredes —disse um homem mais velho.

—Ele sabe —respondeu Michael, e deu o sinal para começar.

Com um rangido de juntas, os bois começaram a mover-se. As cordas chiaram em protesto pelo peso. Michael conteve a respiração enquanto se esticavam. Se rompessem teria que provar um método mais perigoso de resgate, caso que a falha não matasse às três pessoas que estavam dentro.

Elevaram-se vivas quando o olmo se levantou lentamente da casa destruída. Houve ruído de escombros ao cair, mas não se produziu um desmoronamento importante. Mãos impaciente ajudaram a mover a árvore para um lado. Justo quando o tronco estava fora do espaço ocupado pela casa, rompeu-se uma das cordas, e imediatamente se romperam as outras duas, e o tronco caiu com uma força que fez estremecer a terra molhada. Por um fio não golpeou um dos olheiros, mas milagrosamente não machucou ninguém.

Tal como tinha suposto Michael, o movimento da árvore deixou descoberto um imenso buraco no teto, que fazia possível entrar na casa. Com todo cuidado os homens chegaram muito em breve até a garotinha. O primeiro a chegar foi o irmão de Emma.

—Tio John! —gritou Lissie.

Passado um momento saiu o tio das ruínas com a menina obstinada a ele. Emma agarrou à menina em seus braços, abraçando-a como para não voltar a soltá-la jamais. As lágrimas de gratidão se mesclaram com a água de chuva que lhe encharcava o rosto.

Sem perder tempo em olhar o emotivo encontro, Michael voltou sua atenção ao resgate. Trabalhando com supremo cuidado, entre ele e um ferreiro forte e taciturno conseguiram limpar o caminho até o homem ferido. Wyman estava de costas, com a camisa ensopada de sangue. Felizmente a viga que bloqueava o acesso pelo outro lado

também o tinha protegido de feridas mais graves; só tinha uma longa ferida no braço.

O que se via de Blackmer era sua mão direita que aparecia por um buraco em meio dos escombros que rodeavam o braço de Wyman. Trabalhando totalmente a provas, o médico tinha conseguido localizar a ferida do homem e deter a hemorragia mortal.

Michael tirou seu lenço e o atou fortemente mais acima da ferida.

—Agora pode sair, Blackmer. O tiraremos por este lado.

Ele e o ferreiro liberaram o homem dos escombros, levantaram-no e o passaram às mãos que esperavam fora. Logo que puseram o homem no chão, Emma se ajoelhou junto a ele, com um braço rodeando sua filha e com a outra mão agarrada na de seu marido.

—Obrigado Deus —sussurrou—, e graças a todos.

Cansativamente Michael saiu da casa em ruínas. O ancião que lhe tinha falado antes disse:

—Sou William Johnson, prefeito de Redminster. Todos estamos muito agradecidos pelo que têm feito você e seu amigo, sobre tudo sendo desconhecidos.

—Devo minha vida a desconhecidos —disse Michael com um leve sorriso—, e sempre pago minhas dívidas.

Depois foi olhar o outro lado da casa a ver se Blackmer necessitava ajuda. Tinha deixado de chover e estava quase escuro.

O médico estava retrocedendo pelo estreito túnel. Estava quase fora quando tudo começou a mover-se com um estrondo horroroso. Michael agarrou Blackmer pela cintura e o tirou justo antes que se desmoronasse o túnel. Uma parte de argila dura golpeou a face do médico, mas pelo resto estava ileso.

Agradecendo em silêncio que a sorte tivesse estado de seu lado, Michael o ajudou a levantar-se.

—Dá a impressão de que Wyman ficará bem. Como se encontra você?

Blackmer limpou o arranhão do rosto, manchando de sangue a face.

—Ileso. Supondo que a divina justiça tem outros planos para mim. Quando o médico começou a voltar-se, Michael o deteve lhe pondo uma mão no braço.

—Agiu muito bem —disse muito sério. Blackmer se encolheu, olhando a mão de Michael como se fosse um escorpião. Depois respondeu com seu acostumado sarcasmo:

—Significa isso que é hora de que continuemos viagem a Whitcombe?

Michael esboçou um sorriso enviesado.

—Creio que aos dois virá bem um banho, um par de taças de conhaque e uma boa noite de sono na Three Crowns.

O médico soltou o ar em um resfolegante suspiro, revelando seu cansaço.

—Excelente idéia —disse, e se dirigiu a atender Wyman.

Michael o seguiu com o olhar. Blackmer seguia sendo um mistério para ele, e seguia sem cair particularmente bem, mas tinha que reconhecer que era muito valente.

Capítulo 17

—Fica quieta, Rose, se não quiser ir a suas bodas com a metade do cabelo sem prender —disse Jessica em tom ameaçador.

Obedientemente, Rosalind se acomodou em sua cadeira e juntou as mãos na saia. Não acabava de adaptar-se totalmente à comoção de casar-se tão às pressas. Não

sabia bem como as tinha arrumado, mas Stephen conseguiu uma licença especial de Londres. Posto que a licença especificava que as bodas podia celebrar-se em qualquer momento e lugar, Maria tinha sugerido que, que como fazia bom tempo, celebrassem-na em uma linda clareira de um bosque dos subúrbios de Bury St. James, onde estava a companhia nesse momento.

Era um seco e ensolarado dia outonal, e dentro de uma hora estaria casada.

Jessica terminou de lhe prender o cabelo em um delicioso coque e o adornou esmeradamente com pequenos crisântemos de bronze.

—Está esplêndida. Acredita que será capaz de não se colocar em dificuldades enquanto vou vestir-me?

—Creio que conseguirei —respondeu Rosalind com um sorriso irônico—. Já passei por isso antes, sabe?

—Sim, mas então não parecia tão aturdida —disse Jessica mordazmente da porta.

Rosalind se reclinou no respaldo suspirando, agradecendo uns poucos minutos de quietude. O fato de que fosse uma segunda boda não significava que estivesse livre de ficar nervosa.

No que se diferenciava esta boda da primeira?

Na primeira ela estava cheia de sonhos e entusiasmo, mais impulsionada por paixões juvenis que por amor a Charles Jordão. Era uma menina então, agora era uma mulher, e o que sentia por Stephen era muitíssimo mais profundo que o que tinha sido capaz de sentir antes.

E desta vez sabia o que a esperava na cama de matrimônio. Acendeu-lhe o rosto ao pensar, mas não pôde deixar de sorrir de espera. Não tinham tido nenhuma oportunidade de estar sozinhos desde àquela hora mágica no palheiro; era ridículo o desespero com que desejava Stephen quando só haviam passado quatro dias. Graças ao céu que dentro de umas horas estariam unidos; e legalmente.

Soou uma batida na porta, e a seguir a voz de seu noivo perguntou:

—Cairá o céu sobre nossas cabeças se eu entrar? Rosalind se levantou e foi abrir a porta, aliviada.

—Quanto me alegra vê-lo! Deveríamos ter fugido a Gretna Green. Como podem uma mãe e uma irmã armar tanto alvoroço em quatro dias?

Rindo, ele deixou sobre a mesa uma caixa média de madeira e a agarrou em seus braços.

—me alegra; merece ter um dia especial. —afastou-se e lhe colocou os braços sobre os ombros—. Está francamente linda - disse docemente—. Sou um homem muito, muito afortunado.

Sim que era bonito o vestido de Ofélia. Rosalind olhou de cima abaixo seu noivo. Havia procurado um traje novo, e tampouco sabia como. Embora estivesse um pouco magro, a excelente feitura realçava sua figura alta de ombros largos.

—Esta tão distinto que quase me dá medo casar contigo —disse, brincando só em parte.

—Tem bons motivos para não se casar comigo, mas a distinção não é um deles. —Titubeou um momento e logo continuou—: vim para adverti-la para que não se surpreenda durante a cerimônia. Na realidade o sobrenome de minha família é Kenyon, não Ashe.

Ela pestanejou, surpreendida.

—por que demônios disse que era Ashe?

—Você entendeu mal o que disse quando estava semi-consciente —disse ele

sorrindo—. Não corrigir o engano me pareceu uma boa maneira de desaparecer durante uns dias.

Isso era capaz de entender, mas perguntou, receosa:

—Mas se chama Stephen? Porque se não, talvez tenhamos que cancelar isto.

—Felizmente me batizaram Stephen Edward Kenyon. Aproximou-se para beijá-la com lábios quentes e firmes.

—Senhora Stephen Kenyon. Soa muito bem.

Relaxou em seus braços suspirando de prazer. Por esse dia ao menos tentaria não pensar no terrivelmente pouco tempo que teriam. Mas o pensamento estava nas curvas de sua mente. Abraçou-o com mais força, movida pelo instinto.

Acariciou-lhe a nuca, por debaixo do coque que lhe prendia o cabelo, com tanta delicadeza que lhe produziu formigamentos por todo o corpo.

—Há outra coisa que preciso dizer.

Ela jogou a cabeça para trás e o olhou com as pálpebras preguiçosamente cerradas.

—Está cheio de surpresas, senhor Kenyon. Vai-me revelar que é um salteador de estradas fugitivo de Newgate?

—Quase tão mau — disse ele, sorrindo fracamente.

Antes de poder continuar, saiu um chiado da caixa que tinha deixado na mesa. Rosalind olhou por cima do ombro e viu que a caixa tinha um bracelete de latão e um bom número de buracos na madeira.

— Que demônios... ?

—É seu presente de núpcias — disse ele.

Levantou a tampa. Dentro da caixa havia uma pequena manta de tecido frisado, uma bandeja com areia, e a gata parda do palheiro. A gata se levantou sobre as patas traseiras e se colheu com as garras do lado da caixa, seus grandes olhos verdes brilhantes de curiosidade.

—A princípio tive problemas para decidir entre diamantes e uma gata de celeiro sem nenhum valor —explicou ele—. Sendo um tipo miserável, decidi-me pela gata.

—Ah, Stephen!

Encantada, Rosalind agarrou a gata. Esta tinha a carinha quase inteira negra, mas uma raia cor laranja lhe atravessava a testa e no queixo tinha uma mancha branca. Deixou-a subir no ombro, sem preocupar-se com a esteira de pêlos negros que deixou na seda cor marfim. Olhou seu futuro marido com os olhos brilhantes:

—Este é um presente melhor que todos os diamantes da Inglaterra.

—Me alegro que goste —disse ele, lhe acariciando meigamente a face.

A comoveu compreender que um dos motivos para escolher a gata era lhe dar uma fonte de prazer sem complicações nos difíceis meses que a aguardavam. Que bom era, que perigosamente adorável.

Baixando a vista para que ele não visse seus sentimentos em seus olhos, tirou a gata do ombro e a colocou na cama. Imediatamente a gata começou a saltar vigorosamente pela colcha, com a cauda curta e peluda elevada reta no ar.

Abriu-se a porta e entrou Maria, magnífica no vestido azul que usava quando interpretava uma rainha. Junto a ela entrou também Aloysius, caminhando tranqüilamente, mas tão logo cheirou a gata, levantou as orelhas, interessado. De um salto cobriu a distância que o separava da cama e aproximou o nariz a recém chegada.

—Não! —exclamou Rosalind, lançando-se para a cama para impedir que o cão tragasse inteiro o bichinho.

Stephen também se aproximou para intervir, mas não foi necessária nenhuma

ajuda. Sem alterar-se, a gata olhou o enorme focinho de Aloysius e com despreocupada precisão levantou a mãozinha e lhe arranhou elegantemente o nariz.

O cão uivou e de um salto retrocedeu um pouco. A gata avançou outros dois passos e ficou olhando com a ferocidade de um tigre siberiano. O tenso silêncio que seguiu só foi interrompido por um agudo bocejo felino. A Aloysius falharam os primeiro nervos; correu a esconder-se atrás de Maria.

—Que demônios passa aqui? —disse Maria rindo—. O pobre Aloysius talvez não se recupere nunca desta humilhação. Rosalind agarrou a gata e lhe coçou a cabeça.

—Porcia é o presente de núpcias que Stephen me deu.

—Porcia? —repetiu ele, divertido.

—Bom nome para uma gata —decretou Maria. Deu-se uma volta completa com a teatral magnificência de lady Macbeth—. Mas, o que faz aqui ilegalmente, homem traçoeiro? Alguma vez não lhe disseram que é má sorte que o noivo veja a noiva antes das bodas?

—Precisava falar com Rosalind —respondeu ele, mansamente.

—Têm toda a vida para isso —disse Maria com firmeza e o empurrou para a porta—: Fora, fora, fora!

Stephen olhou Rosalind com um pesaroso gesto de impotência e partiu derrotado. Por um instante ela pensou o que outra coisa poderia lhe ter querido dizer; logo deu de ombros; isso podia esperar. Comparado com a triste realidade de sua enfermidade, todo o resto era corriqueiro. O que importava que se chamasse Kenyon em lugar de Ashe?

—me deixe lhe olhar — disse Maria, dando uma volta com olho crítico a seu redor; depois fez um assentimento de aprovação—: Está como deve luzir uma noiva, querido.

—Só que com uns anos a mais —sugeriu Rosalind.

—A beleza é atemporal, não tem idade.

Sua mãe se sentou na cama e imediatamente se aproximou Porcia a esfregar-se em sua mão em busca de atenção. Maria começou a acariciá-la.

—Todas as criaturinhas indefesas se aproximam confiadas —disse Rosalind docemente—. Eu o fiz.

—Parece-me que só foi ontem quando Thomas e eu a encontramos nessa horrível situação —disse Maria, sorrindo nostálgica—. Como se fez mulher tão rápido?

—Ah, mamãe. —Com os olhos cheios de lágrimas, Rosalind se sentou na cama e a abraçou—. Não posso imaginar como teria sido minha vida se não fosse por ti e papai. Deste-me, tudo e tudo; devo-lhes mais do que jamais posso lhes pagar.

—Levar você conosco foi o melhor trabalho que temos feito na vida. —Maria lhe agarrou a mão e a apertou fortemente—. Às vezes penso que é uma bênção que jamais tenhamos entrado em uma das companhias famosas. O êxito da escalada teria entranhado muitas tentações e distrações para os dois. Teria sofrido a família, e quando tudo está dito e feito, a família é o que mais importa. —Um sorriso lhe iluminou o rosto—. Não é que me tivesse incomodado representar Isabella no Covent Cardem enquanto Sarah Siddons fazia o mesmo papel no Drury Lane. Creio que o público que me visse não haveriam se sentidos defraudados.

—Teria feito melhor que a senhora Siddons, mamãe —disse Rosalind sinceramente.

Maria deu de ombros.

—Possivelmente sim, possivelmente não. Não importa que não tenha tido nunca a oportunidade de atuar diante de públicos elegantes; interpretei os papéis

elegantemente, e isso me basta. —Tocou com seu nariz o nariz da Porcia—. Temos uns poucos minutos. Conviria que lhe desse um sermão de mãe sobre os fatos da vida e o amor?

—Creio que já sei a maioria, mamãe —respondeu Rosalind rindo—. Depois de tudo estive casada três anos. —Franziu o cenho ao ver que sua mãe estava limpando os olhos—. O que se passa? Não vai me dizer que não se agrada que me case com Stephen, não é? Pensei que você gostaria.

—Eu gosto, e muitíssimo. É um homem muito especial. —Tirou um lenço e soou o nariz—. O que passa é que a partir de hoje a vida não será nunca igual. Quando se casou com Charles não nos deixou, mas Stephen vai levá-la a outro mundo. E muito em breve haverá outras mudanças. Já viu como se olham Jessica e Simon Kent. Não passará muito tempo e irão ao altar também, sobre tudo se seu pai pegar os safados beijando-se em cima da arca de roupas. Partirão a uma companhia mais importante. Isso nos deixará somente Brian, e ele é um menino que está crescendo

Rosalind engoliu o nó que lhe estava formando na garganta.

—Se... se, Deus não permita, ocorresse algo a Stephen, deixariam-me voltar, não é?

—É claro, mas a perda de seu marido não é tema para seu dia de núpcias —disse Maria escandalizada.

Rosalind se alegrou de não haver dito a seus pais da enfermidade de Stephen. Haveria tempo para isso depois, quando precisasse voltar para casa. Jessica não havia tocado no assunto, embora às vezes a via olhando a ela e a Stephen com olhos tristes.

Basta. Rosalind se levantou e agarrou o ramalhete que ia levar. Era feito de flores de outono em ouro, laranja e âmbar.

—É a hora, mamãe.

Quando desciam juntas a escada, recordou a vez que Stephen lhe disse muito sério: «É hora, Rosalind». O tempo era seu inimigo.

Dia cinquenta e cinco

Face aos comentários tranquilizadores do pároco ancião, Stephen não parava de passear inquieto pela ensolarada clareira onde ia se celebrar a cerimônia. O lugar era maravilhoso para celebrar umas bodas, estando as árvores a brilhante altura de sua glória de outono. Estavam presentes todos os membros da companhia, e outras mulheres também tinham assaltado a arca das roupas para estar em sua melhor aparência para a ocasião.

Também estavam presentes alguns cidadãos de Bury St. James que se fizeram amigos da família ao longo dos anos, entre eles o latifundiário amante do teatro que era o proprietário do bosque onde estavam. Enquanto os músicos da companhia tocavam Haendel, os convidados revoavam famintos ao redor das mesas cheias de aprimoramentos dispostos a uma margem da clareira. Stephen oferecia o café da manhã de núpcias ao ar livre, e o hospedeiro se ocupou de pôr uma impressionante seleção de carnes frias, pratos preparados e um pernil de boi que estava assando ao fogo ali perto. A velha Nan montava guarda junto à comida, fazendo sua melhor imitação de bruxa shakespeariana quando alguém tentava roubar um bocado antes do tempo.

Stephen passeava, rogando ao Deus em qual não acreditava, não sofrer um dos ataques convulsivos de dor. Esse era um dia que desejava que fosse perfeito.

Jeremiah Jones, que atuaria de testemunha das bodas, disse-lhe em tom tranquilizador:

—vais fazer um sulco na terra de tanto passear, Stephen. Não tema, Rose chegará. Jane Landers e Mary Kent a substituirão bastante bem em seus papéis de atriz,

mas sem dúvida vamos sentir saudades como diretora de cena. As próximas semanas serão caóticas.

Mas chegaria Rose? Pensou Stephen. Talvez tenha sofrido uma mudança de opinião no último minuto. Ainda não conseguia compreender por que estava disposta a casar-se com ele apesar de sua enfermidade. Não era pela segurança financeira que lhe tinha prometido, posto que nenhum Fitzgerald parecia se importar muito com dinheiro. Devia tê-lo aceito por compaixão.

Droga, se isso era certo, que não lhe acabasse a compaixão nesse momento. Continuou passeando.

Então parou a música. Virou-se e viu que o séquito nupcial acabava de chegar ao outro extremo da clareira. Rosalind estava tão linda que lhe doía vê-la. O vestido de Ofélia estava desenhado com sóbria elegância; a seda cor marfim caía em delicadas dobras; sua simplicidade assentava maravilhosamente bem a Rosalind, como também as flores de bronze no cabelo e os laços das costas que rodeavam sedutoramente o tecido e sua esplêndida figura. Estava muitíssimo mais atraente que qualquer Ofélia que tivesse visto em um cenário. A dama de Hamlet era uma criatura débil, enquanto que Rosalind irradiava simpatia e força feminina.

Ocupou seu lugar diante do altar com Jeremiah a seu lado. Os músicos iniciaram uma marcha solene. Posto que não havia corredor, a noiva avançava graciosamente pela erva, com seu pai e Brian de um lado e Maria e Jessica do outro. Toda a família Fitzgerald a acompanhava para entregá-la.

A garganta de Stephen se oprimiu. Não tinha nenhum direito de tirá-la de sua amada família; mas não podia lamentar seu egoísmo.

Quando o séquito chegou até ele, Thomas lhe disse em um sussurro teatral que ressonou em toda a clareira:

—Cuida bem dela, moço, se não quiser amaldiçoar o dia.

—Farei todo o possível, senhor.

Sorrindo, Stephen agarrou a mão de Rosalind. Essa era as bodas mais insólita que tinha visto em sua vida. E a melhor.

Ela se agarrou firmemente em sua mão, com os olhos radiantes. Ele teve que refrear-se para não beijá-la nesse mesmo instante. Os dois se voltaram para o pároco enquanto sua família se retirava a ocupar seus lugares junto com os convidados.

Com uma voz profunda, comparável a de Thomas Fitzgerald, o pároco iniciou a cerimônia nupcial. Stephen escutou como nunca antes as conhecidas palavras, talvez porque seu primeiro matrimônio não tinha sido escolhido por ele.

Produziu-se um suave revôo de perplexidade quando o pároco disse o sobrenome Kenyon, mas ninguém reagiu. O momento difícil para Stephen chegou com a primeira pergunta do padre «... até que a morte os separe?».

Involuntariamente, Rosalind o olhou, e ele viu em seus olhos o reflexo de suas próprias emoções agridoces.

—Sim —respondeu com firmeza.

Sua mão apertou a dela, e lhe dirigiu um trêmulo sorriso.

Quando chegou o momento dela, respondeu «Sim», com uma voz clara, formada no cenário, que não continha nem um indício de dúvida.

Jeremiah apresentou o anel com o gesto de um homem que sabe aproveitar ao máximo seu momento no centro do cenário. Stephen o pôs no dedo de Rosalind, dizendo gravemente:

—Com este anel a faço minha mulher, com meu corpo a venero, e com todos meus bens mundanos a doto.

Ela sorriu e fechou a mão sem olhar o anel. Ele pensou em que momento se fixaria que o anel estava encravado por pequenos e deliciosos brilhantes. Porque afinal tinha desejado lhe dar de presente as duas coisas: diamantes e uma gata de celeiro. Desejava lhe dar tudo o que estivesse em seu poder pelo milagroso presente que o fazia de si mesma.

—Declaro-lhes unidos como marido e mulher.

A cerimônia tinha acabado e Stephen podia beijar sua radiante esposa. Seus lábios se tocaram muito ligeiramente, mas ele a estreitou em seus braços, sentindo pulsar seu coração contra o seu. Rosalind, sua esposa, sua rosa perfeita.

Então se aproximaram todos a lhes oferecer seus parabéns, os homens lhe dando uma palmada nas costas dele e lhe estreitando a mão, e todos abraçando a recém casada. A informalidade do lugar dava um ar de alegre relaxamento às felicitações.

Quando acabaram os abraços e folguedo, Stephen rodeou com o braço sua nova esposa.

—Damos começo ao café da manhã de núpcias?

—Um momento —disse Thomas, carrancudo—. O padre disse que seu sobrenome é Kenyon?

—Stephen me disse isso esta manhã —explicou Rosalind. Olhou afetuosamente seu marido—: Eu entendi mal seu sobrenome quando me disse isso a primeira vez, e ele foi tão cavalheiro que não me corrigiu.

Várias pessoas riram, mas Thomas franziu ainda mais o cenho:

—me parece condenadamente irregular. —de repente aumentou os olhos, espantado—. Kenyon, Ashe, Ashburton! Não se chama Stephen Kenyon, o duque de Ashburton?

Stephen se armou de valor. Não era essa a maneira que teria escolhido para dizê-lo, mas Maria o tinha interrompido quando tentou dizer a Rosalind.

Olhou Rosalind, aumentando a pressão de seu braço em sua cintura.

—Sim, e a duquesa de Ashburton se chama Rosalind Fitzgerald Kenyon.

Capítulo 18

Produziu-se um assombrado silêncio. Rosalind olhou fixamente seu novo marido; sem dúvida estava brincando. Mas não viu travessura em seus olhos, só uma receosa resignação.

Stephen era Ashburton, um dos nobres mais ricos do país?

—Se isso não for uma brincadeira —disse fracamente—, não é de estranhar que meu pai sempre te desse papéis de duque.

—Não é brincadeira, Rosalind —repôs ele com um sorriso torcido.

—Maldito seja, Ashburton —exclamou Thomas Fitzgerald—, que tipo de brincadeira é esta? Consegui uma licença de matrimônio falsa para poder simular que se casava?

—De maneira nenhuma —respondeu Stephen em tom apazível—. O matrimônio é totalmente legal. Tudo o que disse de mim é certo, à exceção de meu sobrenome.

Thomas abriu a boca para replicar, mas Maria se adiantou lhe pondo uma mão no braço.

—Controla esse gênio irlandês, querido.

—Mentiu —grunhiu Thomas—. E para isso não existe nenhuma desculpa.

—Não? —Maria dirigiu um penetrante olhar a Stephen—. Thomas, meu amor,

você e eu podemos interpretar qualquer papel que queiramos no cenário e logo sair dele. É mais difícil para um homem sair do papel de duque.

—Exatamente. Nunca tive a oportunidade de ser menos que um duque. — Stephen passou um olhar irônico pelo círculo de convidados—. Se observar a forma como todos retrocedem, como se de repente eu tivesse contraído a lepra, talvez possa entender por que desfrutei do anonimato de ser um simples senhor Ashe.

Jessica se aproximou.

—Bom, eu, para começar, acho-o decididamente esplêndido. Como anseio dizer às pessoas «Acabo de jantar com meu cunhado, o duque de Ashburton», ou talvez «Você gosta de meu xale? É um presente de minha querida irmã, a duquesa de Ashburton». Vou pavonear-me com seu título desavergonhadamente. —Deu um enérgico abraço em Stephen—. E me cai muito bem, embora seja irremediavelmente nobre.

Abençoando em silêncio sua irmã por romper o gelo, Rosalind disse:

—Tentou me dizer isso papai, mas mamãe o expulsou antes que pudesse fazê-lo.

De qualquer modo, enquanto instintivamente tentava suavizar a violenta situação, tinha problemas para superar sua própria comoção. Olhava Stephen sem conseguir compreender do todo o que implicava sua nova posição. Duquesa? Rosalind Fitzgerald Jordão, menina enfeitada, atriz e viúva?

Seu olhar posou em seu anel de núpcias; cintilava com uma fortuna em brilhantes. Apertou os lábios. Até o anel era clara prova de que procediam de mundos muito diferentes.

Depois pensaria nisso; nesse momento, compreendeu, Stephen necessitava que ela aceitasse que ele seguia sendo o mesmo homem de antes.

—vou necessitar um colar com incrustações de diamantes para minha gata, querido —disse alegremente.

Ele relaxou a expressão.

—Se isso for o que deseja, Porcia o terá.

Thomas seguia insatisfeito. Rosalind supôs que embora grande parte de seu desgosto se devia a que o tinham enganado, uma pequena parte eram os sentimentos ambivalentes de um pai pelo homem que arrebatava sua filha. Logo passaria a raiva, sempre passava.

Antes que Thomas pudesse voltar a falar, Brian disse com sua melhor voz de Puck:

—Amáveis senhores e senhoras, posso sugerir respeitosamente que é hora de começar o banquete de núpcias? —Dirigiu um travesso olhar aos recém casados—: Supondo que os duques e duquesas também precisam comer.

O comentário foi causa de risada geral, e todos começaram a caminhar para as mesas de banquete. O braço de Stephen continuou firme ao redor de Rosalind enquanto atravessavam a clareira. Ela o achou tranquilizador. Entretanto não podia deixar de pensar o que significaria para ela essa notícia.

A festa das bodas foi um grande êxito, embora Rosalind tivesse os nervos muito atados para desfrutá-la. Ria, conversava e colaborava discretamente com Maria em manter separados Thomas e Stephen.

Abundantes quantidades de comida e bebida foram eliminando o receio que tinham experimentado os membros da companhia ao inteirar-se de que tinham estado pedindo a um duque que conduzisse decorações e objeto de cenário. Stephen se comportou do mais encantador, modesto e natural. Quando o casal de recém casados se dispunham a partir, quase todos já se inclinavam a considerar o assunto como uma

fabulosa brincadeira.

Rosalind abraçou todos pelo menos uma vez, e seus familiares duas vezes, e depois aceitou a ajuda de Stephen para subir ao elegante coche que ele tinha alugado, ao menos ela acreditava que era alugado; igual o tinha comprado com moedas soltas que levava no bolso. Depois, com a caixa de Porcia na mão, subiu ele, fechou a portinhola e se sentou frente a ela, no assento que olhava para trás.

Quando o carro empreendeu a marcha, ela agitou a mão e sorriu, e continuou assim até que perdeu de vista sua família. Depois, quando o carro começou a correr a uma velocidade só alcançada por cavalos de primeira classe, apoiou-se no respaldo do assento estofado em veludo e contemplou seu novo marido. Curiosamente, uma vez passada a primeira impressão, não a surpreendia saber que ele era um par do reino. Sempre tinha tido muito claro que era um cavalheiro, e sempre tinha visto emanar dele esse ar de autoridade. Com um só olhar tinha deixado calado ao agressivo capataz encarregado de liberar sua paróquia do cumprimento da lei de assistência pública. Ela tinha tendido a passar por cima desse lado de sua natureza devido ao trato tão agradável e acomodadiço que tinha com seus familiares e amigos.

Mas era um dos homens mais capitalistas da Inglaterra. Se ele falava, o príncipe regente devia escutá-lo. Fechou os olhos e pressionou as têmporas.

—Dói a cabeça? —perguntou Stephen preocupado.

—um pouco. Jessica me esticou muito o cabelo para fazer o coque. —tirou as agulhas e os crêpons dourados, e exalou um suspiro de alívio quando os cabelos lhe caíram soltos ao redor dos ombros. —À parte, certamente, de que me sinto como se tivesse entrado no conto do rei Copetua e a mendiga.

Ele ensombreou o rosto.

—Eu não sou rei e você não é uma mendiga.

—Mas a situação é bastante similar. —Começou a passar os dedos pelo cabelo para soltá-lo—. Que um cavalheiro se case com uma atriz de origem duvidosa é bastante escandaloso; que um duque faça isso é monstruoso. Todo mundo me considerará uma caça fortunas, e você um tolo.

—Não há nada de monstruoso em nosso matrimônio —disse ele categoricamente—. Criou-se na família de um cavalheiro, embora seja um que decidiu dedicar-se ao teatro. É uma dama na forma de falar, em maneiras e refinamento; ninguém que a conheça poderia pensar outra coisa. E qualquer homem que a conheça vai me invejar, não vai me considerar um tolo.

Seria um ingênuo? Ou estava tão acostumado à deferência que não lhe ocorria pensar que essa deferência não se estenderia a ela quando ele não estivesse ao seu lado? Com humor negro pensou que igual estava bem que o matrimônio fosse ser curto, porque jamais seria aceita em seu mundo.

Mas na realidade isso não importava. Quando ele se for, ela voltaria para os seus. Enquanto isso...

—Que desejas de mim, Stephen? Quais são as obrigações sociais de uma duquesa?

Ele a olhou surpreso.

—Desejo que seja minha esposa, Rosalind, minha amiga, minha companheira, minha amante. Seus deveres sociais podem ser tantos ou tão poucos como você queira. Se desejar ser apresentada na corte, arrumarei. Se preferir não pôr nunca um pé nos salões elegantes, isso também estará bem. A decisão é sua.

Parecia fácil, mas ela não acreditou.

—Sua classe o converte em uma pessoa pública, com responsabilidades. Deve

haver muitos homens que exigem sua atenção.

—por que acredita que escapei? —disse ele, com visível amargura.

—Tão terrível é ser um duque?

—Na realidade —disse ele, reprimindo a onda de emoção—, nos dois anos passados desde que acessei o título, tenho descoberto que é muito mais agradável ser duque que ser o herdeiro. Agora posso fazer quase qualquer coisa que goste, inclusive me transformar em plebeu, ao menos por um tempo.

—Desfrutou sendo o senhor Ashe?

Ele guardou silêncio um momento e depois disse serenamente:

—Nunca havia me sentido mais eu mesmo que neste mês passado. Ninguém tinha nenhuma idéia preconcebida de como devia ser, o que devia fazer ou dizer. Sentia-me como um falcão que se soltou de suas correias.

Compreendendo que esse era um tema que valia a pena explorar, lhe perguntou:

—Disse que ser herdeiro era pior que ser duque. Por que?

Ele endureceu o rosto.

—Fui o marquês de Benfield no instante em que comecei a respirar. Toda minha vida foi uma preparação para o elevado título que teria algum dia. Um menino que vai ser duque não chora por qualquer motivo, não chora por sentimento nem muito menos quando o açoitam, e o açoitam freqüentemente. Não sente prazer em atividades indignas, como brincar com meninos plebeus. Deve sobressair em seus estudos e esportes. Não se queixa quando meninos mais velhos o atormentam no colégio, nem por nenhum outro motivo. Jamais esquiva suas responsabilidades, e não pede desculpas a seus inferiores, que são quase todos. Honra seu soberano, mesmo que o rei seja um hannoveriano arrivista de gostos vulgares. Escolhe seus companheiros exclusivamente de entre os que são dignos de sua consideração. Casa-se... —interrompeu-se bruscamente.

—Que terrível —disse ela olhando-o consternada. Inconscientemente ele começou a friccionar a área sob a caixa torácica, sinal seguro de que lhe doía.

—Terá notado que toda minha formação não se fixou. A meu pai enfurecia que eu nunca desse um elevado valor a minha classe. Considerava-me brando, carente de dignidade. —Sorriu, irônico—. Segundo seus critérios, ele era e eu sou.

Mas grande parte dessa formação sim tinha enraizado, pensou ela. Com razão era tão bom para ocultar a dor. Se não tivesse sido por sua decência e sentido de justiça inatos, teria se convertido no tipo de monstro que aparentemente tinha sido seu pai.

—E o código ducal deixava algum espaço para o amor?

Ele desviou o olhar para a janela.

—O amor era... não formava parte do programa. A luxúria era bastante aceitável, meus pais tiveram notórias aventuras. Mas o amor era outro idioma. —Saltou-lhe um músculo na mandíbula—. Eu penso que, igual aos idiomas, o amor deve aprender-se de pequeno; do contrário, nunca terá o ouvido para ele.

Ou seja, que mesmo se amasse sua esposa, talvez não tenha sido capaz de dizer as palavras, pensou Rosalind, compassiva. Desejou que a duquesa tivesse tido bom ouvido para ouvir o não dito.

—Faz com que me alegre muito de ser plebéia. Mas apesar de tudo, você saiu-se bastante bem.

—Então, não se arrepende de ter se casado comigo?

Embora dissesse essas palavras em tom ligeiro, ela viu em seus olhos que a pergunta era muito séria. Senhor, para que falar sequer de coisas como a classe social quando tinham um tempo tão limitado?

—Claro que não, felicito-me por meus excelentes instintos. Eu acreditava que era simplesmente um homem encantador e pecaminosamente atraente, e resulta que ganhei o prêmio do ano em marido sem sequer sabê-lo —respondeu em tom de brincadeira—. Quão único lamento é que agora esteja muito longe.

—Isto tem remédio fácil.

Levantou-se de seu assento, passou por cima da caixa de viagem de Porcia e se sentou junto a ela. No espaço restringido do carro, isso significava estar tocando-se dos ombros até as coxas. Agarrou-lhe a mão e entrelaçou seus dedos com os dele.

—Aonde vamos e a que hora chegaremos ali? As coisas estiveram tão alvoroçadas que me esqueci de perguntar isso.

—Tenho uma pequena casa junto ao mar não muito longe de Chester. É muito bonita e discreta, só há um casal de criados. Chegaremos ao redor do pôr-do-sol.

—Quantas casas possui? —perguntou por curiosidade.

Ele pensou um momento.

—Seis. Lembra-se que perguntei se você gostaria de uma abadia com claustro? A sede da família, a abadia Ashburton, tem um claustro com jardim. É muito bonito.

Então havia passado de não ter teto próprio a ser a senhora de seis casas. Moveu a cabeça confusa, e de repente lhe veio um longo bocejo. Cobriu a boca com a mão e se desculpou:

—Perdoa, ontem à noite não dormi muito.

—me use de travesseiro —disse ele rodeando-a com um braço.

Ela se Acomodou contra ele, com a cabeça apoiada em seu ombro. Casavam tão bem assim. Ao diabo as diferenças de classe social; isso estava bem. Isso era o que desejava de um marido, essa paz, e essa ardente espera.

Caiu em um sono tranqüilo, sem sonhos, seus lábios curvados em um sorriso.

Enquanto atravessavam as verdes e suaves colinas da planície de Cheshire, Stephen saboreava a tenra e confiada forma de sua nova esposa. Sentia-se... satisfeito, contente; talvez mais que nunca antes em sua vida. Essas últimas semanas tinha aprendido a viver o momento, e esse dificilmente podia melhorar.

Então sentiu descer uma dor lhe queimando pelo esôfago, que se estendeu por todo o ventre. Esticou-se, dominando o impulso de dobrar-se para aliviar a dor. Não, nesse momento não, esse dia não.

Intensificou a pressão do braço ao redor de Rosalind e ela emitiu um suave som. Obrigou-se a permanecer imóvel, para não despertá-la. Embora, como era possível que ela não sentisse essa cruel dor que ardia a tão pouca distância de suas arredondadas faces, nem a fria viscosidade de sua mão apoiada em sua cintura?

Mas ela só se moveu ligeiramente e continuou dormindo, doce e tranqüilizadora só por sua presença. Com o maior cuidado colocou a mão esquerda no bolso interior de seu casaco e pinçou até encontrar uma pastilha de ópio. Tinha tomado uma justo antes de terminar o café da manhã de núpcias, e teria preferido não voltar a tomar outra tão cedo. Não queria perder nem um instante do tempo que restava nesse estado de atordoamento provocado pelo ópio, mas talvez ao final a covardia superaria seus escrúpulos. O maior desejo de muitas pessoas era ter «uma boa morte», com fortes dose de ópio para manter a raia a dor.

Se outra pastilha significava impedir que Rosalind se inteirasse de seu ataque, valia a pena tomá-la. A engoliu com certa dificuldade e depois fechou os olhos e esperou. Pouco a pouco foi minguando a dor, deixando atrás de si adormecimento. Em todo caso, devia considerar-se afortunado por não ter vomitado nem sofrido algum dos outros desagradáveis sintomas que às vezes acompanhavam o ataque.

Afortunado. Inferno.

Uma mão amorosa acariciou o braço de Rosalind.

—É hora de despertar, lady Calibán. Já quase chegamos.

—Mmmm.

Ficou outro momento com os olhos fechados, desfrutando do contato de Stephen. De repente, justo quando se deteve o carro, sentiu algo frio e úmido na face. Abriu os olhos e viu Porcia que estava lhe roçando o nariz com seu narizinho.

—Estou sonhando ou tenho uma gata sobre o seio?

—Deixei-a sair. Depois de cansar-se fazendo cambalhotas, decidiu que seu seio era cômodo e fofo. —Seus olhos brilharam peraltas—. Eu não poderia estar mais de acordo.

Ela ruborizou um pouco, sentou-se e esticou os músculos duros.

—Já chegamos?

—Pois sim. —Stephen agarrou Porcia e a pôs em sua caixa de viagem—. Tem um grande talento para dormir. Apenas se moveu as duas vezes que trocamos de cavalos.

—A capacidade para dormir em qualquer parte é muito útil para uma atriz ambulante —explicou ela, olhando pela janela.

Diante dela se estendia uma área verde muito bem mantida que pouco a pouco descia até mesclar-se com brilhantes areais. No horizonte, o sol vermelho como sangue estava caindo sobre o mar; o fogo de seus raios convertia as nuvens em bancos de coral que contrastava com o índigo da água.

—Que precioso! Como se chama este lugar?

—Kirby Manor. Está olhando o Mar da Irlanda através do estuário do rio Dee. —Puxou o fecho da porta e a ajudou a descer—. A casa está atrás de nós.

Começou a voltar-se para a casa, mas lhe segurou a mão.

—A casa pode esperar.

Em silêncio observaram o sol se inundar no oceano depois do horizonte e obscurecer o céu e as nuvens. Tão rápido que era o final do dia. Rosalind pensou na próxima morte de Stephen e a tristeza lhe oprimiu a garganta.

Voltou-se para a casa. Kirby Manor estava construída com vigamento de madeira, ao estilo local, uma estrutura esparramada, em branco e negro, de tortuosas travessas e janelas com painéis em losango, nos quais se refletia o brilho laranja e ouro da última luz do dia. Também era linda. Contemplou fascinada as complicadas figuras em espiga que formavam as madeiras.

—É maravilhosa, mas certamente não é minha idéia de uma casa pequena.

—É a menor residência que possui; só tem cinco quartos.

Aproximaram-se um homem e uma mulher que aparentemente estiveram esperando a atenção ducal.

—Bem-vindo a Kirby Manor, excelência —disse o homem, com uma inclinação de cabeça, enquanto a mulher fazia uma reverência dobrando o joelho—. Espero que encontre as coisas a sua satisfação. Se tivéssemos tido mais tempo... —lhe cortou a voz, de nervos.

—Desde que estejam limpos os quartos principais e tenham alguma boa comida de Cheshire, estaremos muito bem. —Stephen fez avançar Rosalind—. Rosalind, estes são o senhor e a senhora Nyland. Permitam-me lhes apresentar à duquesa de Ashburton.

Ela quase fez um gesto de espanto quando a senhora Nyland fez outra reverência e seu marido uma desajeitada vênia. Ela não era uma duquesa, pelo amor de Deus; era uma atriz, com o cabelo metido atrás das orelhas como uma colegial. Mas pelo visto sim

era uma duquesa, e devia agir como tal, se não por ela, por Stephen.

A solução lhe chegou como um relâmpago: fazer o papel de duquesa como se estivesse em um cenário. Inclinou a cabeça e sorriu, amável mas sem exagerada familiaridade.

—Alegra-me que tenham tudo preparado com tão pouco tempo de aviso. Quando entrarem a bagagem, tomem cuidado, por favor, com a caixa de minha gata. Porcia viajou muito bem, mas imagino que já está disposta para jantar.

Os Nyland agarraram Porcia e a bagagem e entraram. Enquanto o cocheiro levava o coche ao estábulo, eles subiram os degraus de braço dados. Ele abriu a porta e inesperadamente se agachou e a levantou em seus braços. Enquanto ela ria, obstinada a ele, para não cair, ele explicou:

—Embora esta não seja a abadia Ashburton, é minha soleira.

—vai ocorrer isto em cada uma de suas seis casas? —perguntou ela a ele que a levava para dentro.

—Se quiser, mas creio que não querará pôr os pés no pavilhão de caça. Todo o revestimento é de madeira escura e está cheio de cabeças de animais dissecadas.

E não haveria tempo para ir a todas suas casas, pensou ela.

—Tem razão, deve ser horivelmente lúgubre —disse em tom mais apagado.

Ele a levou por um corredor em semi-penumbra até um vestíbulo bastante amplo; ela teve a impressão de carvalho esculpido e macios tapetes. Ali a desceu, fazendo-a deslizar lentamente presa a seu corpo. Quando esteve novamente com os pés no chão já estava com a respiração entrecortada.

Acabou-se a risada. Stephen estava com expressão sombria, como se estivesse memorizando seu rosto nesse momento. Depois a beijou com dolorosa ternura. Ela abriu a boca e estremecimentos de excitação dançaram por toda sua pele. Os quatro dias passados desde que fizeram amor lhe pareciam uma eternidade.

Quando a tinha reduzido a cera derretida, ele levantou a cabeça e lhe disse com voz rouca:

—Depois que nos tenhamos refrescado e comido, posso ir a seu quarto?

Ela o olhou atônita durante um momento, e depois soltou uma gargalhada.

—Stephen, meu queridíssimo marido, nada ilustra mais claramente nossa diferença de classe. Entre a gente de minha classe, não existe a menor dúvida sobre se um casal deve compartilhar ou não um quarto ou uma cama. Suspeito que isso serve para reconciliar-se mais rápido depois das brigas. —tornou para trás o cabelo que lhe tinha caído sobre a testa, desejando poder lhe dizer palavras de amor—. Sempre será bem-vindo em minha cama. Na realidade, sentirei-me ofendida se dormir em outra parte.

O olhar dele se intensificou.

—Então posso supor que a resposta é sim.

—É claro que é. —Tocou-lhe os lábios com a língua—. Na realidade, posto que foi um longo dia, talvez devêssemos saltar o jantar e ir à cama agora.

—Não. —Stephen se afastou e lhe agarrou a mão—. A primeira vez tudo ocorreu muito rápido. Esta noite saboreemos os prazeres da espera.

Muito mais de espera e estaria frenética como uma pantera, pensou ela. Mas ele tinha razão, não havia nenhuma necessidade de precipitar-se, e sim muitos motivos para tomar seu tempo.

—Isso me parece sensato, embora não posso dizer que me sinto muito sensata neste momento. —Inclinou a cabeça—. Tenho uma sugestão. Enquanto preparam o jantar, me leve a um percurso pela casa. Depois poderíamos jantar informalmente em

nossos aposentos.

—Esplêndida idéia.

Beijou-lhe os dedos, colocou-lhe a mão sob seu cotovelo, e adotou o pomposo tom de um mordomo solene:

—Este, minha querida duquesa, é o vestíbulo principal. Acredita-se que as partes mais antigas da casa datam de começos do século quinze. Observem, vos rogo, as esplêndidas molduras ornamentais de gesso.

Ela riu, pensando que ele poderia ter sido um excelente ator cômico.

—Esplêndidas, sem dúvida, excelência —disse no tom de um visitante fascinado—. Mas acha decentes esses querubins fornicando no céu raso de um vestíbulo?

—Não estão fornicando, senhora, simplesmente são muito bons amigos.

Assim continuou guiando-a pelo andar térreo, lhe assinalando traços interessantes e lhe fazendo comentários similares que a faziam rir sem parar.

Como em todas as casas com vigamento de madeira, o piso variava em altura, as janelas com divisões de chumbo tinham as bordas brandamente oblíquas, e não havia nenhuma só linha reta. Adorou a casa; também adorou como ele arrumava para tocá-la de modos aparentemente inocentes; cada contato era outra lenha acrescentada à fogueira. Quando começaram a subir a escada, perguntou-lhe:

—Com que frequência vem aqui?

—Talvez uma vez ao ano. Estou acostumado a me alojar aqui uns dias quando devo ver meus assuntos de negócios no norte. —Sorriu pesaroso—. Sei, que desperdício mais triste, não é? Ela moveu a cabeça, surpreendida.

—Não há nenhum primo Kenyon pobre que necessite uma casa?

—Sim, mas todos preferem viver muito mais ao sul, mais perto da civilização. Um primo vive em minha propriedade de Norfolk, aonde foi viver Ellie Warden com seu bebê. —Seu sorriso se fez satírico—. À margem do que eu possa lhe dizer, o primo Quintus e sua esposa vão acreditar que o bebê é meu, o que assegura ao menino um bom cuidado.

—Alegra-me por Ellie e o bebê, embora fique em interdição sua reputação.

Apertou-lhe o braço quando entraram em um corredor irregular iluminado por lamparinas. Embora tenha sonhado com casas durante anos, nenhuma era tão bonita como essa. Desejou que algum dia houvesse um primo Kenyon que tivesse a sensatez de valorizá-la.

Quando chegaram ao final do corredor, ele disse:

—O quarto do senhor está à esquerda e o da senhora à direita, compartilhadas por um closet e portas.

Abriu a porta da direita. Ela entrou e novamente conteve o fôlego. O lado esquerdo do longo aposento estava dominado por uma imensa cama de quatro postes com dossel; o lado direito era o setor sala de estar, com um divã, cômodas poltronas e outros móveis. Mas o que mais a fascinou foram as rosas. Nas mesinhas, mesas e cômodas havia floreiros cheios de fragrantes rosas, vermelhas, rosadas e brancas, resplandecentes à luz do fogo que crepitava na lareira. O aroma era embriagador. Admirada, tocou uma rosa carmesim.

—Stephen, isto é assombroso. Como demônios o fez?

—Sou bastante bom para organizar coisas. —Beijou-a no pescoço, na parte incrivelmente sensível onde se une com o ombro—. A idéia foi da mais natural: rosas para minha rosa perfeita.

Ela tragou saliva, pensando que Deus ele nunca se desse conta de quão imperfeita era.

—As flores são deliciosas, mas vão morrer muito rápido.

—Esse é grande parte do motivo de que sejam lindas - disse ele em voz baixa.

Seus olhares se encontraram durante um emotivo silêncio. Inclusive nesse momento, em sua noite de núpcias, era impossível escapar das insinuações da mortalidade. Mas enquanto vivessem, prometeu-se ela energicamente, arrancariam cada momento de sorte possível, da tempestade do tempo.

Capítulo 19

Stephen bebeu um pouco de vinho de sua taça, com o olhar fixo em Rosalind, que estava sentada do outro lado da mesa redonda. Escovou o cabelo, deixando-o solto ao redor de seus ombros, e cada vez que movia a cabeça os cabelos brilhavam com reflexos ouro e âmbar. Sua sugestão de comer em seu quarto tinha sido inspirada, porque ali gozavam de uma intimidade que não teriam tido na enorme sala de jantar.

Ele tinha pedido expectativa e o quarto iluminado pela lareira estava impregnado dela; cada bocado, cada gole de vinho, estava enriquecido pelo conhecimento de como acabaria a refeição.

Tinha uma absurda sensação de ambivalência respeito a sua noite de núpcias. Por um lado, desejava-a com uma avidez feroz, implacável; desejava fazer amor até não poder mais, dormir o resto da noite com ela em seus braços, e logo despertar e voltar a fazê-lo.

Mas ao mesmo tempo se sentia tão tímido como um novato. Antes de seu primeiro matrimônio tinha tido as experiências normais em um jovem rico; deitou-se com várias das melhores cortesãs de Londres e desfrutado sem complicações.

Isso acabou quando se casou, e não porque Louisa o fosse reprovar por ter amantes; tinham-na educado na crença de que uma esposa bem criada não devia fixar-se nos pecados de seu marido. Mas seu orgulho teria sofrido, e era tão pouco o que ele podia fazer por ela que não podia lhe negar sua fidelidade. Tampouco queria seguir os passos promíscuos de seu pai.

A princípio lhe custou limitar-se a uma cama de matrimônio fria e insatisfatória; incontáveis noites solitárias e desassossegadas tinham ansiado abandonar-se em um corpo feminino acolhedor e bem disposto. Mas com o tempo chegou a aceitar os limites de sua vida. Afinal não era de natureza muito apaixonada, nem supunha que fazer o correto fosse algo fácil.

Ao menos ele acreditava que não era de natureza especialmente apaixonada. E de repente conheceu Rosalind; fazer amor com ela tinha sido a experiência mais intensa e gratificante de sua vida. Mas essa vez foi uma rápida tempestade de sensações que acabou muito depressa. Desejava fazer todo o possível para que essa noite fosse diferente, como também todas as demais noites que pudessem ter.

Até que grau seria capaz de dar prazer a Rosalind? Ela era uma mulher sensual, que participava, respondia na relação sexual, enquanto que ele não tinha voltado a ver um corpo feminino nu desde que se casou com Louisa. Para sua primeira esposa o ato sexual era algo tão desagradável que deviam fazê-lo às escuras, sob as mantas e com camisolas, e ela se espantava cada vez que ele tentava fazer algo que não fosse o mais básico do coito. Em consequência ele não tinha o menor domínio das sutis artes sexuais.

Tampouco tinha muito tempo para aprendê-las. Mesmo que tivessem completos seus desejos de que o dia fora relativamente bom, sempre estava ali a dor como aviso da deterioração de seu corpo. Também estava perdendo forças; até o momento, só um

pouco, mas muito em breve chegaria o dia em que não serviria Rosalind como marido. Ela não o reprovava, era muito compassiva para isso. Mas ele tinha o potente desejo de lhe deixar lembranças que nenhum outro homem pudesse apagar. Isso significava que devia disciplinar-se, fazer amor com lentidão, e não com essa pressa febril que ansiava seu corpo.

Sorriu com ironia ao pensar em praticar a disciplina, quando já estava meio louco de desejo. Ela não havia mudado o magnífico vestido de Ofélia e insinuava um decote deslumbrante cada vez que se inclinava. Tinha visto mais dela no palheiro que de Louisa em todos os anos de matrimônio. De fato, estava vendo mais dela nesse momento.

Rosalind não só era irresistivelmente sedutora; também esteve lhe contando maravilhosas anedotas da vida de teatro durante tudo o jantar.

—Então o gato —disse ela, deixando o garfo na mesa—, que segundo o diretor de cena era absolutamente dócil, despertou e mostrou a cabeça fora da cesta na metade da cena. Minha mãe simplesmente lhe colocou a cabeça na cesta e lhe disse: «Não seja tão ambicioso, bichano, isto não é Dick Whittington».

—teria gostado de ver isso —comentou Stephen rindo—. E existe uma obra sobre Dick Whittington e seu gato?

—Sim —repôs ela com os olhos faiscantes—. Não é muito boa, mas eu tenho agradáveis lembranças de ter feito o papel de gato quando era pequena.

Ele a imaginou como uma encantadora garotinha com cauda e bigodes, e voltou a rir. Deixando de um lado a taça de vinho, cortou várias fatias pequenas de queijo da parte que tinham na mesa.

—Quer um pouco deste excelente queijo de Cheshire? Dirigiu-lhe um preguiçoso sorriso.

—Sim, por favor.

Ele se inclinou sobre a mesa e lhe pôs um pedaço na boca. Ela fechou brandamente os lábios sobre seus dedos e saboreou o queijo esmigalhado.

—Delicioso —sussurrou—. Quer um pouco você?

—Creio que sim.

Ela agarrou uma fatiazinha de queijo e a pôs na boca. Seus dedos eram magros e fortes. Ele os cobriu com a boca e os acariciou sensualmente com a língua.

Ela retirou a mão lentamente.

—Há... notaste que faz muito calor no aposento?

—Cubro o fogo?

—Tenho uma idéia melhor. —levantou-se e ficou junto a ele de costas—. Posto que Jessica não está aqui para se fazer de criada, faz-me o favor de soltar os laços do vestido?

Com o sangue lhe ardendo acelerado, ele se levantou e lhe desatou o laço de acima que fechava o entrecruzado. Embora ela estivesse descalça, só com as meias, a parte superior de sua cabeça chegava ao nariz. Adorava que fosse alta e de silueta cheinha, não frágil como Louisa.

Devia esquecer-se de Louisa; as comparações não eram justas para nenhuma das duas. Começou a soltar os laços passando-o pelos ilhós.

—Este é o vestido de núpcias mais belo que vi em minha vida. É muito lindo para desperdiçá-lo em uma chorona como Ofélia. Ela riu.

—Sempre pensei que este vestido é digno de uma rainha. Ou de uma duquesa.

À medida que soltava os laços se ia abrindo às costas do vestido, deixando descoberta a elegante curva de sua coluna. A pele que se via por cima de sua regata decotada era suave como seda, como nata morna.

Antes tinha gostado de seu beijo no ombro. Inclinou-se e lhe mordiscou brandamente a nuca, através do brilhante véu de seus cabelos. Ela emitia um suave suspiro sufocado e arqueou o pescoço. Desejando voltar a ouvir esse som seguiu depositando beijos ao longo do pescoço e lhe acariciou o lado da orelha com a língua.

Ela estremeceu inteiramente.

—Isto... isto é muito mais agradável que ter uma criada.

—Meu objetivo é agradá-la, minha querida duquesa.

Terminou de soltar os laços e desceu o vestido pelos ombros.

Ela fez um embelezador movimento para liberar-se, e o corpete e as mangas lhe caíram até a cintura. Ele sentiu a boca ressecada quando puxou para baixo a pesada seda passando-a por seus arredondados quadris. O vestido caiu ao chão com um melodioso frufu e ela ficou com apenas a regata, as meias e o espartilho de algodão acolchoado, necessário para o vestido apertado. Ele puxou o laço do espartilho e desceu a manga direita da regata para lhe beijar a imaculada pele.

—Estou com menos roupa, mas sinto mais calor que antes —disse ela com um indício de risada.

—Isso quer dizer que ainda tem muita roupa. Soltar os laços do espartilho foi mais fácil que soltar os do vestido. Tirou-lhe o objeto de tecido fino e lhe acariciou o flexível arco da cintura.

—Ahhh, muito melhor assim.

Ela apoiou as costas nele. As aréolas estavam atormentadoramente visíveis através do fino linho da regata, e seu sedutor aroma se mesclava com a fragrância mais forte da enorme quantidade de rosas. Deus, Deus! Com a boca ressecada, ele cavou as mãos em seus seios; sentiu seu peso quente, delicioso, nas palmas. Ela suspirou estremecida com a carícia.

—Basta já de espera? —perguntou ela com voz rouca. Sublinhou essas palavras meneando as nádegas contra ele. Ele sentiu um puxão nas virilhas.

«Não»; haveria muito poucas noites como essa. Mas ela tinha razão, fazia muito calor no quarto. Afastou-se tirou o casaco. Estava pensando se tirava também o colete bordado quando Rosalind se virou e começou a desabotoá-lo.

—Agora é minha vez, excelência —disse com sorriso travesso.

Quando soltou o último botão, o tirou e o jogou para trás por cima do ombro; o objeto foi cair sobre o divã, que estava em posição perpendicular a lareira. Depois lhe passou as mãos pelos ombros e o peito. A ele aceleraram os batimentos do coração, sentindo pequenas vibrações de sensação por onde ela ia acariciando.

Quando começou a lhe desamarrar a gravata, contemplou-o inteiro, admirando-o.

—Se não tivesse a desgraça de ser duque, poderia ter tido uma fabulosa carreira no teatro, representando heróis galhardos e fazendo desmaiar de desejo as senhoras do público.

Atirou ao chão a gravata enrugada e lhe acariciou o pescoço com seus dedos frescos. Agarrou-lhe a mão e beijou a palma.

—Não tenho nenhum desejo de impressionar senhoras anônimas de um público hipotético. Basta-me se interesse a você.

Ela o olhou no rosto, seus olhos escuros empanados de desejo.

—Interessa-me, Stephen, mais que qualquer outro homem que tenha conhecido em minha vida.

Seus lábios eram exuberantemente carnudos, absurdamente eróticos. aproximou-se para beijá-la; tinha o gosto do fino vinho francês que tinham bebido;

docemente forte; embriagador.

Concentrou a atenção no interminável e embriagador beijo, quase sem dar-se conta de que lhe soltava as abas da camisa e lhe desabotoava as meias. Depois acariciou em todo o comprimento a dura ereção por cima do tecido da cueca.

Ficou rígido, o sangue lhe pulsando nas veias, cegando-o a tudo o que não fosse essa carícia dela e sua ardente necessidade. A cama estava muito longe, no outro lado do quarto. Sucumbindo à loucura, agarrou-a nos braços, levou-a os dois passos que os separavam do divã e a deitou sobre o desgastado brocado, deitando-se ao lado dela. Quantas vezes estariam juntos assim? Sua vida e sua paixão eram como uma vela ardendo na escuridão, consumindo-se rapidamente até que não restasse nada. Quantas vezes tocaria a seda de seus cabelos castanhos e aspiraria seu enfeitiçador perfume misteriosamente feminino? Quantas vezes saborearia o sal de sua pele? Quantas vezes mais arderia seu sangue com essa sede selvagem que só ela podia acalmar?

Desceu-lhe a regata e deslizou a boca por seu seio esquerdo; o gemido abafado que ela emitiu foi ambrósia, um afrodisíaco que o fez sugar mais até que sentiu duro o mamilo na língua.

—Stephen, OH, Deus, Stephen —gemeu ela, lhe agarrando punhados de cabelos e apertando as mãos sobre sua cabeça com movimentos que seguiam o ritmo da agitada respiração dele.

Subiu-lhe a regata até mais acima dos joelhos. Ela levava presas as meias com ligas adornadas com botões de rosas vermelhas bordadas. Desatou-lhe o laço da direita com um puxão dos dentes. A liga caiu de um lado, mas ele deixou ali a boca. Lambeu-lhe o interior da coxa, sentindo na língua o pulso de seu sangue na lisa pele.

O suave pêlo de seu sexo era mais escuro que o cabelo da cabeça, um recatado castanho. Ela emitiu um grito de surpresa quando lhe soprou seu quente fôlego nos cachos; mas ele notou prazer nesse grito. Prazer e desejo. Com uma embriagadora sensação de poder, beijou-lhe a fenda, introduzindo a língua por entre as carnudas dobras de mais abaixo. Ela gritou e arqueou os quadris, movendo-se ao ritmo das carícias de sua língua.

Notou como o corpo dela ia estremecendo inteiro, e estava preparado quando ela agitou os quadris convulsivamente. Continuou estimulando-a assim até que se acalmaram as contrações e seu corpo relaxou no fofo divã.

Apoiou a cabeça em seu ventre, tentando recuperar o fôlego. Passou-lhe as mãos por seus desordenados cabelos.

—meu Deus —sussurrou—, não tinha idéia...

Por um momento os dois ficaram imóveis; depois, estremecido de tensão, ele abriu a roupa e a montou, lhe separando as pernas com as coxas. Sua excitação já era insuportável quando a penetrou, afundando-se nessa profundidade sedosa e acolhedora.

Ela abafou uma exclamação, com os olhos aumentados. Depois dobrou o joelho direito e apoiou o pé no respaldo do divã e deixou cair o outro pé no chão, abrindo-se; lhe rodeando a cintura com os braços para apertá-lo mais contra ela, começou a mover os quadris. Ele investiu uma e outra e outra vez, alagado pelo prazer que o percorria inteiro em ondas ardentes, enlouquecidas, aumentando, aumentando...

Até estalar em um desenfreado êxtase. Apertou a face contra a dela, gemendo diante da intensidade do orgasmo que chegou rápido e durou muito. Morte e transfiguração.

Ficou jogado sobre ela, seu esgotado corpo estremecido, recuperando o fôlego. Quando pôde mover-se levantou, apoiado em um cotovelo, e lhe olhou atentamente o rosto rosado. Tinha uns cachos de cabelo colados à testa e os olhos lânguidos de

satisfação. Vê-la assim lhe produziu igual satisfação. Bem podia não ser um amante perito, mas tinha conseguido lhe dar prazer uma vez que encontrava esse violento êxtase para ele. Beijou-lhe a têmpora.

—Não posso acreditar que tenha voltado a fazê-lo —disse, pesaroso—. Tinha tão boas intenções de tomar meu tempo e venerar cada polegada sua.

—Não conta que eu tenha venerado cada polegada de você? —perguntou ela, travessa.

Ele riu, afastou-se e se sentou no lado do divã.

—É a mulher mais deliciosamente descontraída que conheci.

Ela ficou tensa e ele compreendeu que tinha cometido um engano; devia acreditar que suas palavras eram uma alusão a seu passado de atriz. Acariciou-lhe o rosto, lhe jogando para trás os cachos de cabelo da testa.

—Esse era um cumprimento — disse docemente—. Tendo sido eu muito formal, valorizo sua receptividade, sua sensibilidade, sua capacidade de reagir.

Ela relaxou a expressão, mas sua naturalidade tinha desaparecido. Esticou a regata, cobrindo os seios e os joelhos.

Ele apagou as velas, deixando o quarto iluminado somente pelo fogo da lareira, e lhe ofereceu a mão. Ela se levantou e a agarrou, e juntos atravessaram o quarto. Quando chegaram à cama, ele se voltou para ela e lhe pôs as mãos nos ombros. Embora o desejo estivesse satisfeito no momento, adorava olhá-la, e desejava ver mais ainda.

Um cavalheiro respeitaria sua modéstia, mas um homem ao qual lhe estava acabando o tempo não podia permitir-se esse luxo. Desceu lentamente as mãos por seus braços até a cintura e lhe agarrou as dobras da regata.

—Permite-me?

Ela assentiu com certo acanhamento. Tirou-lhe o objeto pela cabeça; depois se ajoelhou e lhe desatou o laço da outra liga, esta vez com os dedos, e lhe desceu as meias; sentiu nas palmas o deliciosamente formadas que eram suas panturrilhas e tornozelos.

Levantou-se e a contemplou encantado, regalando os olhos. Liberada da tirania da roupa, era magnífica; feita para o amor, para dar e receber prazer.

—Que linda é —disse com voz rouca—. Terrível, dolorosamente linda.

Ela tragou saliva, dobrando o delicado pescoço.

—Faz-me sentir como se realmente fosse.

—Não duvide, Rosalind.

Ajudou-a a subir a enorme cama com dossel. Depois tirou a roupa, muito consciente de que embora a enfermidade não lhe tinha produzido marcas externas, estava mais magro do que devia. Aparentemente, a vaidade era outro vício insuspeitado. Bom, sua aparência iria piorando, de modo que valia mais que enterrasse a vaidade. Meteu-se na cama.

—Estou cansado, mas não quero que o dia acabe tão depressa.

—Sei exatamente o que quer dizer —disse ela, lhe agarrando a mão.

Ele se deitou a seu lado e apoiou a cabeça no cotovelo para olhá-la. Seriadamente fazia calor no quarto, de modo que por mútuo acordo deixaram dobrada a colcha aos pés e relaxaram nos frescos lençóis com as mãos agarradas.

Ela desfrutou olhando seu novo marido: seus ossos largos e seus músculos bem definidos; a elegante mancha escura que formava o pêlo de peito, descendo em ponta de flecha por seu torso; sua deliciosa virilidade que não tinha necessidade de demonstrar nada a ninguém,

Tinha sido uma noite de surpresas, começando pela revelação de sua própria

capacidade para a paixão. Embora com Charles tivessem desfrutado de uma sã relação conjugal, suas relações sexuais tinham sido muito simples, acabavam rápido e logo ele se virava para o outro lado e dormia. Embora às vezes ela encontrasse satisfação, com muita frequência ficava acordada olhando a escuridão até que acalmava seu frustrado desejo. Uma só noite de matrimônio a tinha feito compreender que Stephen era um amante mais generoso e mais imaginativo.

Achava agradável, cômodo, esse companheirismo de estar juntos na cama desavergonhadamente nus.

—Há uma velha expressão para definir a nudez —sussurrou—: vestido de céu. Não é preciosa?

—Vestido de céu —repetiu ele—. Eu gosto. Sinta a nudez. É uma lástima que não possa ficar assim todo o tempo, mas com o clima da Inglaterra simplesmente não é prático. —Acrescentou com ironia—: Tampouco quero que nenhum outro homem a veja assim.

Ela pensou em seu pouco respeitável passado.

—Você se incomoda que tenha feito papéis de homem, vestida com meias apertadas, diante de públicos de todas as Midlands ocidentais?

—Como vai me incomodar algo que fez antes de conhecê-la? Embora... —titubeou—. Na realidade não tenho por que me meter, mas houve algum outro homem além de Jordão?

—Algum amante quer dizer? Nunca. —Fez um gesto, revirando os olhos—. Não há escassez de homens interessados em levar para cama uma atriz, sobre tudo a uma com uma figura bastante superabundante. Mas não há nada como lhe agarrar um caipira fedido a cerveja depois de uma representação exaustiva para lhe fazer perder o interesse nos pretendentes.

—Não é superabundante —disse ele. Tirou uma rosa de caule comprido de um floreiro da mesinha de noite e lhe acariciou brandamente a curva inferior do seio com a flor—. É perfeita exatamente tal como é.

Ela pôs-se a rir, desfrutando da fresca carícia das pétalas sobre sua pele e da sutil fragrância que desprendia a flor, isolada do resto dos arranjos florais.

—Sou bastante atraente, o que é útil para uma atriz, sobre tudo para uma sem muito talento, como eu. Mas perfeita? —Posto que ele tinha começado o assunto do passado, desviou a vista e lhe perguntou—: Houve muitas outras mulheres para você?

Imediatamente lamentou a pergunta. Os homens com o poder e a riqueza de Stephen tinham acesso às mulheres mais lindas da Inglaterra, já fossem cortesãs ou as esposas amorais de sua própria classe. Isso sabia da nobreza, a maioria aproveitava essas oportunidades, e Stephen parecia ser um homem de apetites fortes. Ante sua surpresa, ele respondeu:

—Não desde minhas primeiras bodas. Eu não gostava do adultério, e depois que Louisa morreu... suponho que não estava com ânimo para procurar uma amante.

Então tinha amado muitíssimo sua esposa. Ironicamente, Rosalind reconheceu que talvez tivesse preferido que lhe houvesse dito que tinha feito um monte de fascinantes conquistas. Deus santo, mas que tola era. Ele era dela, no momento, e não podia pedir mais.

—Me alegre —se limitou a dizer.

Ele deslizou brandamente a rosa para o outro seio.

—No fundo devo ter sabido que havia algo esperando, ou melhor dizendo, alguém.

—Tem um dom especial para as palavras românticas —comentou ela, distraída

pela forma como lhe atormentava o mamilo com a rosa, fazendo-o endurecer-se de formigante prazer.

—Só a sinceridade é romântica —riu ele. A rosa se afundou no umbigo e começou a deslizar-se daqui para lá, prazerosamente, pelo abdômen.

—É irônico que não nos teríamos casado nunca se não fosse por sua enfermidade. —interrompeu-se bruscamente, pensando que tinha cometido um horrível deslize ao mencionar sua enfermidade; mas imediatamente decidiu que era melhor continuar—: Se me tivesse visto no cenário, não teria se fixado em mim.

—Isso não é certo —protestou ele, fazendo desenhos com a rosa pela virilha—. Atraiu-me a atenção logo que tirou a cabeça de Calibán. Teria ido à porta do cenário como os caipiras fedidos a cerveja se tivéssemos estado em Londres e... —interrompeu-se e depois continuou fracamente—: as coisas fossem diferentes.

Suas palavras ficaram suspensas perigosamente no ar, como um jarro de água fria. O primeiro impulso dela foi mudar de assunto, mas compreendeu que isso voltaria a acontecer.

—Sua enfermidade é como... como ter um elefante no quarto. Enorme, impossível de esquecer, sempre aí. Não sei como falar dela. Creio que nenhum dos dois sabe. —Buscou-lhe os olhos, tentando ler sua expressão—. Prefere que finja que não está doente, Stephen? Ou falo de sua enfermidade com naturalidade, como se fala do inverno, dos impostos, ou de qualquer outro assunto lamentável que não se pode ignorar?

Ele ficou muito sério. O silêncio era tão profundo que ela podia escutar o roçar das pétalas da rosa contra sua pele, até que ele repetiu:

—Um elefante no quarto. É assim, não é? Os dois caminhando nas pontas dos pés em torno do feito de minha iminente morte, como se caminhássemos sobre ovos. —Continuou acariciando-a com a flor, pensativo—. Creio que prefiro a sinceridade; na verdade sei que a prefiro. Não temos tempo para perder nem sequer um instante dele em vigiar as palavras.

O imenso alívio que sentiu fez Rosalind compreender o quão preocupada tinha estado, inconscientemente, de dizer algo incorreto.

—Realmente é um homem extraordinário.

—Eu? —perguntou ele surpreso—. O mais extraordinário de mim é que escolhi bem meus antepassados.

—Seriamente acredita nisso, não é? —disse ela rindo—.Acredite-me, como uma que viu homens de todas as posições sociais, posso dizer com certeza que você teria sido extraordinário à margem de quantos antepassados tivesse escolhido.

Ele sorriu e moveu a cabeça.

—Alegra-me que pense isso.

A rosa lhe acariciou o sexo, e ela conteve o fôlego ao sentir que o suave prazer se intensificava transformando-se em algo mais.

—Perdoa, estou lhe fazendo cócegas?

—Não de modo desagradável —repôs ela, sentindo acender em seu interior as brasas do desejo—. Mas me surpreende voltar a me sentir assim outra vez, tão logo depois de... o que acabamos de fazer..

—Interessante. Eu estava pensando o mesmo —sussurrou ele—. A rosa se introduziu no suave pêlo de seu sexo, seu frescor em contraste com seu ardor.

—Isto é absurdo, quando se ouviu que alguém seja seduzida por uma flor? —disse ela rindo, embora sua risada era metade diversão e metade sobressalto.

—Se procurarmos, seguro que encontrariamos alguma lenda grega em que Zeus

adota a forma de um girassol para seduzir uma ninfa —disse Stephen com fingida seriedade—. Ou talvez de um nabo?

—O rei dos deuses, um nabo? Certamente não —protestou ela rindo.

Fechou os olhos, intensificando o efeito da sensual carícia. Separaram-se suas pernas e as pétalas dançaram em cima dela íntima e delicadamente eróticos. Sentiu alvoroçar o sangue em seus lugares mais secretos. Seus quadris se moveram sem controle; desejava uma pressão e uma plenitude que uma flor não podia dar.

Acabou a carícia suave da rosa. Abriu bruscamente os olhos.

—Homem malvado! Ou devo dizer flor malvada? Não pode parar agora!

—Não é minha intenção parar, mas desta vez pode fazer você o trabalho.

Abraçou-a e a montou em cima dele; estava tão excitado como ela. Embora ela nunca antes tivesse feito o amor assim, pareceu-lhe simples a teoria. Levantou-se até ficar de joelhos e agarrou o membro entre as pernas. Depois, saboreando cada fragmento de movimento, desceu o corpo enterrando-o nela até que a encheu. A modo de experiência, contraiu os músculos internos.

Ele abafou uma exclamação e lhe agarrou os quadris.

—Vamos, quem é a malvada agora?

Ela riu e apoiou a cabeça em seu ombro, deslizando lentamente os quadris contra os dele. Esse contato era diferente dos anteriores, era um torvelinho sensual que a alagava inteira, não concentrado em um só lugar. Gostou disso de controlar o ritmo, poder sentir a aceleração do coração dele quando o atormentava com uma provocadora investida com seus quadris. Mais que nada, adorou a reciprocidade, esse fluxo e vazante entre eles tão diferente da violenta paixão que tinham compartilhado antes, embora igualmente profundo.

A frouxidão se transformou lentamente em urgência, até que estava agarrada a seus ombros, lhe enterrando as unhas enquanto se movia freneticamente esfregando-se contra ele. Quando gritou, ele fez um som gutural, apertando os braços em sua cintura e derramando-se convulsivamente dentro dela.

Pouco a pouco foram relaxando seus corpos molhados pelo suor. Ele começou a acariciá-la, sua palma quente sobre suas costas. Nenhum fez gesto de separar-se. Ela desejou continuar assim, seus corpos unidos, entrelaçados para sempre.

Quando estava ficando adormecida, sentiu a ardência das lágrimas nos olhos, ao pensar que essa angustiosa beleza do amor se acabaria como a rosa.

Capítulo 20

Stephen despertou cedo, com Rosalind a seu lado, acomodada contra ele, com um braço sobre seu peito. A chuva golpeava a janela, e a luz perlada da aurora iluminava o leque de seus cabelos pulverizados sobre seu ombro. Acariciou-lhe brandamente a cabeça. Ela suspirou e se apertou mais contra ele.

Imensamente satisfeito, pensou no dia anterior. Tinha sido quase perfeito, além de um moderado ataque de dor, e sua noite de núpcias lhe havia ofuscado os sentidos. Desejou outro dia igual, outra noite igual, outro despertar com Rosalind em seus braços, e a sensação de paz absoluta. Certamente esse dia seria igualmente bom. Melhor ainda.

Voltou a dormir, e quando voltou a despertar, o céu estava mais claro e tinha deixado de chover. Rosalind seguia dormindo; sinal de boa consciência, pensou. Ele se sentia transbordante de energia, muito para continuar na cama. Pensou em despertá-la, para voltar a fazer amor, mas um marido atencioso devia deixar sua mulher dormir,

devia deixá-la recuperar forças para depois.

Decidindo dar um passeio, desprendeu-se com todo cuidado do abraço de Rosalind e começou a vestir-se. Ela se moveu para o lugar que tinha ocupado ele, rodeando com o braço o travesseiro. Estava tão relaxada como uma gata, e dez vezes mais encantadora.

Esse pensamento recordou Porcia, que a noite anterior se enrolou feliz em sua caixa depois de comer. Seguia dormindo ali, de modo que a agarrou e a pôs ao lado de Rosalind. A gata fez um enorme bocejo e voltou a dormir.

A noite anterior não tinha tomado sua medicação, e não por acidente; não tinha querido arriscar-se a estar adormecido pelo ópio. Apartir desse momento trocaria a hora; tomaria a pastilha diária pela manhã, não de noite.

Engoliu a pastilha e terminou de vestir-se; depois escreveu uma nota para Rosalind e a deixou na mesinha de noite. Seu rosto adormecido e seus braços nus eram tão belos que tirou as pétalas de uma rosa rosada e os pulverizou sobre sua esposa e a gata. Porcia abriu os olhos e golpeou com a mão uma pétala; depois ficou de costas com as patas no ar.

Vestiu o casaco e desceu. Ainda era cedo e não havia sinais dos Nyland. Fora, o ar estava frio, outonal, e o céu só de um matiz mais claro que o mar cinza ferro. A maré estava alta, e cobria a maior parte da areia do estuário, de modo que caminhou pelos penhascos baixos dos quais se contemplava a água e que discorriam para o norte, por volta do mar da Irlanda. O ar lhe fazia cócegas na pele e se sentiu intensamente vivo. Poderia a paixão curar sua enfermidade? Pôs-se a rir; isso seria um golpe para o sério George Blackmer.

A alegria lhe durou ao redor de uma milha. Devido aos fortes ventos marinhos não havia casas perto do mar, além de uma antiga capela de pedra que tinha servido a uma aldeia de pescadores já desaparecida há muito tempo. Desfrutava da solidão; esta era um novo prazer, que só tinha descoberto desde que saiu da abadia Ashburton com seu exército de criados.

Estava muito perto da capela quando uma terrível dor lhe passou a garganta e o ventre, com tal rapidez que cambaleou. Conseguiu chegar até uma árvore retorcida pelos ventos e se aferrou a ela, fazendo náuseas; tinha o estômago muito vazio para vomitar. Apoiou a testa na árvore; a rugosa casca era sua única realidade em um mundo de sofrimento devorador.

Pouco a pouco a dor diminuiu até um grau suportável, embora estivesse tiritando de frio e muito fraco para caminhar. Virou-se e apoiou as costas no tronco, tentando dominar a debilidade e o desespero. Além de um horrível formigamento, tinha os pés adormecidos e as mãos. A paralisia o deixaria inútil inclusive antes da morte? Deus santo, como podia ter acreditado, embora fora por um instante, que havia esperança?

Sentindo-se incapaz de voltar para Kirby Manor, caminhou cambaleante os cem metros até a capela. Felizmente, a maciça porta estava sem chave. Entrou no santuário em penumbra e se deixou cair no último banco de carvalho. Embora o ar estivesse frio como pedra, pelo menos estava protegido do vento.

Como a capela estava em seu terreno, ele pagava sua manutenção. Recordou vagamente que fazia pouco tinha recebido uma carta de um grupo de metodistas lhe pedindo permissão para usar a capela para seus serviços religiosos. Era uma mais da interminável corrente de petições que chegavam ao duque de Ashburton. Ele deu a permissão com gosto, porque os edifícios estavam para ser usados, embora só fosse por um grupo de dissidentes. A congregação tinha respondido com uma carta de surpreendida gratidão, que lhe agradou muitíssimo, e depois esqueceu totalmente o

assunto.

Contemplou as janelas com vidros emoldurados em chumbo e finalmente seu olhar posou no altar singelo, que só tinha uma cruz de latão. Aparentemente os metodistas tinham limpo o interior e caiado as paredes de pedra, mas ainda não tinham começado a render culto ali. Dentro de um ano, provavelmente a capela teria um ar acolhedor embora estivesse vazia. Nesse momento estava lúgubre como uma tumba.

Cada manhã, a primeira coisa que pensava ao despertar era o número de dias que restavam de vida, mas estava começando a duvidar que sobrevivesse os noventa dias que tinha prognosticado Blackmer. Quantos dias teria depois desse? Quarenta e cinco? Trinta? OH, Deus, que pelo menos tivesse um mês para estar com Rosalind.

Mas que tipo de mês seria esse? E por que invocava o nome de Deus quando não tinha fé? Curvou a boca em um gesto de amargura. Nem sequer ali, em uma igreja que provavelmente tinha visto os vikings içar as velas de seus navios no Dee, sentia a presença divina; não sentia nenhum consolo, nenhuma percepção do plano divino.

Uma onda de raiva lhe eliminou a depressão. Maldito seja, não era justo que encontrasse a felicidade pela primeira vez em sua vida para que se acabasse rapidamente na solidão da tumba. Não era justo!

Pela primeira vez em muitos anos, invadiu-o o infame gênio Kenyon. Desejou golpear e destruir, castigar a injustiça essencial da vida. A terrível força de seus sentimentos o deixou enjoado e sem fôlego. Cruzou os braços sobre o respaldo do banco da frente e apoiou a cabeça neles, tentando controlar-se.

E sob essa raiva vermelha sentiu o batimento do coração frio e insistente do medo.

Rosalind despertou quando alguém lhe deu um golpe no estômago. Abriu os olhos bem a tempo para ver saltar da cama uma raia negra com laranja: Porcia. Sorriu ao ver a gata fazer cambalhotas saltando do divã até uma das poltronas. Certamente Porcia se recuperou da viagem e tinha energia para queimar.

Mas onde estava Stephen? Sentou-se na cama, sentindo-se pouco decente por ter dormido sem camisola. Estava toda rodeada por pétalas de rosas, silencioso presente de seu marido. Agarrou uma e a passou pela face, pensando no que ele tinha feito com uma rosa a noite anterior. Isso a fez sentir-se ainda mais indecente.

Viu um papel na mesinha de noite e o agarrou; dizia: «Saí a dar um passeio. Voltarei logo. A quem devoraremos para tomar o café da manhã? S.».

Ruborizou-se ao ler isso e desceu da cama. Apagou-se o fogo da lareira e o quarto estava frio, de modo que se lavou e vestiu rapidamente. Depois desceu à cozinha e pediu uma xícara de chá à senhora Nyland, que ficou muito nervosa porque não estava acostumada a ter duquesas em seus domínios.

Quando acabou de tomar seu chá, Stephen ainda não tinha retornado, por isso decidiu sair também a caminhar. Vestiu a capa e saiu. Seguro que ele teria decidido caminhar ao longo da praia, e provavelmente para o norte, por volta do atraente mar aberto. À frente estava a Irlanda, pensou. E mais à frente o Novo Mundo e seus mistérios. Uma perspectiva irresistível.

Desfrutou da caminhada, apesar do frio e do céu nublado, mas não viu sinais de Stephen. Talvez tenha escolhido outra direção; quando chegasse à pequena capela, retornaria para casa; o mais provável era que ele já estivesse esperando-a.

A capela resistia firmemente ao forte vento, testemunho da perícia de seus construtores. Impulsivamente, empurrou a porta, que se abriu a sua pressão. Entrou no austero santuário e parou em seco ao ver uma figura conhecida agachada no último banco. Deus santo, Stephen, não podia ser que estivesse... que estivesse...

Antes que se formasse do todo o horrível pensamento em sua mente, ele levantou a cabeça e a viu. Por um instante se olharam em silêncio. Ele devia ter tido outro ataque, forte, pensou ela, porque seus olhos tinham uma cor cinza apagada e aparentava vinte anos mais que a noite anterior. Quase pior ainda, percebeu que ele se distanciara muitíssimo emocionalmente, como se estivesse no outro lado de um abismo sem fundo que ela nunca poderia cruzar.

Essa idéia a aterrou quase tanto como o medo que sentiu ao entrar. Rogando que sua intuição estivesse equivocada, jogou para trás o capuz e avançou com um alegre sorriso.

—bom dia, decidi sair para caminhar também e ver se me encontrava contigo.

Sentou-se junto a ele no banco e lhe agarrou a mão. Ele desviou a vista para o altar, com seus dedos murchos em sua mão. Encolheu-lhe o coração; só fazia umas horas, a noite anterior, tinham acordado falar-se com sinceridade e ela já havia rompido essa promessa. Mas talvez ele não tenha escutado seu frívolo comentário, porque quando falou, foi para perguntar lúgubrememente:

—Rosalind, tem medo de morrer?

Se alguma vez Stephen necessitava sinceridade, era nesse momento.

—Tenho medo da dor —repôs—, e como desfruto da vida e não desejo morrer, suponho que poderíamos dizer que tenho medo de morrer, mas, estranhamente, não tenho medo da morte.

—por que não? Acredita no céu e o inferno? Em anjos alados e demônios com tridentes? —perguntou ele em tom sardônico.

—N-não sei. —Suspirou, consciente de que estava falhando—. Deus tivesse melhores respostas, mas nunca pensei muito em coisas de religião.

Ele curvou a boca em um sorriso sem humor.

—Este último tempo me surpreendo pensando muitíssimo nesses assuntos.

—Dá a impressão de que seus pensamentos não são satisfatórios —disse ela docemente.

—Creio que a religião é uma fraude. Está voltada para oferecer esperança aqueles cujas vidas são desgraçadas. —Apertou os lábios—. Ouro para tolos, e só boa para tolos.

—Não estou de acordo —protestou ela—. Muitos homens e mulheres sábios foram crentes. Creio que o mundo é um lugar muito magnífico e complexo para que tenha ocorrido por acaso.

Ele levantou as mãos agarradas e lhe beijou os nódulos.

—me dê uma prova de que a vida é algo mais do que vemos ao nosso redor, Rosalind, e lhe agradecerei isso eternamente. —Sorriu fracamente—. Não foi minha intenção fazer um trocadilho.

Ela apertou a mão dele contra sua face, tentando conter as lágrimas. A paixão que desfrutaram na noite anterior tinha sido incandescente, tão cheia de vida que lhe tinha parecido eterna. Essa manhã ele levava a marca da morte.

Soltou-lhe a mão e se levantou.

—Está tiritando de frio. É hora de levá-lo para casa para se esquentar junto a lareira.

Assentindo, ela se levantou e saiu ao corredor; ele começou a segui-la, mas cambaleou e teve que afirmar-se no respaldo para não cair.

—Não está bem, Stephen —disse ela horrorizada—. Irei à casa a procurar uma caleche para o levar ali.

—Não! —exclamou ele, endireitando-se com expressão feroz—. Estou bem.

—Não está bem! —replicou ela, não querendo fazer nada contra seus desejos, mas dolorosamente consciente de sua debilidade—. Espera aqui. Voltarei com o cocheiro dentro de meia hora.

—O matrimônio foi um engano —disse ele com voz dura e olhar glacial—. Ontem tivemos um dia perfeito. Volta para sua família e me recorde como estava ontem.

Ela o olhou atônita.

—Expulsa-me no dia seguinte de nossas bodas?

—Não se preocupe, cumprirei as promessas financeiras. —Flexionou distraidamente a mão, sem poder fechá-la em punho—. Quer Kirby Manor? Parece que você gosta. Posto que não está vinculada, posso deixar isso para você, junto com os ganhos para mantê-la.

Rosalind era perita em reprimir a raiva, mas não nesse momento.

—O que acreditaste! Pensou que me casava contigo só por seu maldito dinheiro? Se voltar a sugerir isso se encontrará com seu criador muito antes do que tinha planejado. —Começaram a lhe correr as lágrimas pelas faces e as limpou furiosa—. Que te leve o diabo, Stephen. O que tenho feito para que deseje se libertar de mim?

Passado um momento de consternado silêncio, ele se aproximou e a estreitou em seus braços, tão forte que lhe fez doer as costelas.

—Maldição. Perdoa, Rosalind —disse, contrito—. Não tem nenhuma culpa. É só que... detesto a idéia de que veja minha deterioração. Disse-me que poderia suportá-lo, mas quanto mais se aproxima a realidade, mais odioso o encontro.

Ela escondeu o rosto em seu ombro. Tão sólido que era, tão parte dela, mesmo que seis semanas atrás nem sequer o conhecia. Quando esteve segura de que a voz lhe sairia firme, disse-lhe:

—Não escutou as promessas que fizemos nas bodas? No bom e no mau, na saúde e na enfermidade, até que a morte nos separe. Eu sabia o que fazia quando aceitei me casar contigo, tal como você sabia quando me pediu isso. Não permita que um episódio de dor o faça esquecer isso. —Jogou a cabeça para trás e o olhou furiosa—. Além disso, tem que haver alguma regra que diga que não se dá ordens às duquesas.

—Está adotando muito bem as maneiras imperiosas —disse ele, com um brilho travesso nos olhos, que em seguida voltou para a seriedade—. Desejo tê-la comigo, muitíssimo. Mas não sei se meu orgulho e meu sentido de justiça podem suportar.

—E meu orgulho o que? —repôs ela com fingido humor—. Jamais poderei me recuperar se meu segundo marido me expulsar depois de uma só noite. O meu primeiro marido levou seis meses para aborrecer-se de mim.

Quebrou-lhe a voz, e repentinas lágrimas lhe encheram os olhos. Voltou a ocultar a cabeça, desejando que Stephen não as notasse, mas ele era muito perceptivo.

—A infidelidade de Jordão lhe doía mais do que aparentava diante dos outros, não é? Ela assentiu.

—Se meus pais se deram conta do muito que me doía, teria se armado uma confusão na companhia. Meu pai poderia ter assassinado Charles. Certamente o teria despedido da companhia, e eu teria tido que escolher entre ir com ele como uma submissa esposa ou ficar com minha família. Assim, fazia o possível por ocultar suas escapadas e simulava que seu comportamento não me incomodava. Pensava que com o tempo me resultaria mais fácil suportá-lo. Mas na realidade foi fazendo cada vez mais difícil. Senti-me aliviada quando foi para Irlanda. Aliviada, e depois terrivelmente culpada quando o mataram.

Stephen lhe acariciou meigamente as costas.

—O matrimônio não foi amável contigo. Um marido que a traiu e um que s está

morrendo. Merece algo melhor.

Rosalind não podia lhe permitir que se preocupasse com ela, quando seus problemas eram muito mais graves. Tratou de serenar-se e pouco a pouco o conseguiu.

—Meu matrimônio com Charles está no passado. Estou preocupada presentemente, e não tenho nenhuma queixa do pacto que fiz ao me casar contigo. — Levantou a cabeça para olhá-lo, aproveitando sua habilidade de atriz para projetar sinceridade—. Não estaremos muito tempo juntos. Isso é triste, mas também significa que nunca chegaremos a nos aborrecer um do outro. Se qualquer de nós chegar a lamentar este matrimônio, pelo menos não terá que suportar as conseqüências muito tempo. Não teremos nenhuma das vulgares irritações que corroem no melhor dos matrimônios. Só teremos a nata: a emoção e a maravilha de descobrir a outra pessoa.

Ele arqueou as sobrancelhas e ela observou que lhe tinha voltado a cor verde aos olhos. Parecia estar forte e alerta outra vez. Tinha tido uma recuperação rápida do horrroso ataque.

—Essa é uma idéia interessante —disse ele—. Passando por cima do fato de que uma parte dessa nata será azeda, mas é certo que nosso matrimônio nunca será aborrecido.

—Então não voltemos a falar de me enviar para longe. —afastou-se e colocou o capuz na cabeça—. Não irei, sabe? Tenho que tomar em conta minha reputação.

Ele soltou uma risada profunda e autêntica.

—É melhor remédio que todo esse frasco de pastilhas. Muito bem, prometo não voltar a ter esta briga contigo ao menos durante duas semanas. Enquanto isso, desfrutemos da nata. —Ofereceu-lhe o braço—. Qual será a melhor maneira de aproveitar o tempo que temos, o que for? Eu gostaria de passar uns dias aqui, depois tomar uma pausada rota para Londres, visitando alguns lugares para os quais nunca encontrei tempo. Tem algum interesse especial?

Ela se agarrou em seu braço.

—Sempre desejei ir a York. Seria possível isso?

—É claro. —Abriu a porta e saíram da capela—. Eu também desejo ver a região dos lagos, embora tenha que ser uma visita muito breve.

O sol começava a mostrar-se entre as nuvens. Rosalind o interpretou como um bom presságio. Stephen se via quase tão bem como no dia anterior, embora ela ainda percebesse um sutil distanciamento emocional. Não tanto como quando se encontraram na capela, mas o suficiente para fazê-la lamentar a perda da intimidade que tinham experimentado a noite anterior.

Supôs que um certo grau de distanciamento o ajudaria a resolver o conflito entre desejar sua companhia e detestar sua debilidade. Talvez essa distância também serviria a ela para arrumar-se com as difíceis semanas que a aguardavam.

De qualquer modo, detestou-a.

Capítulo 21

—Lorde Michael Kenyon —entoou o mordomo.

Michael entrou no salão do castelo Bourne rente aos calcanhares do mordomo, seguido por seu acompanhante, atrasado vários passos mais atrás. Sentados junto a

lareira, tomando uma xícara de chá na última hora da tarde, estavam o duque e a duquesa de Candover. Os dois se levantaram para recebê-lo sorrindo.

—Que prazer mais inesperado, Michael —disse Rafe, lhe dando um forte aperto de mão—. E muito oportuno também. Se tivesse vindo dois dias depois, nós já iríamos a caminho de Londres.

—Tendo começado já a atividade da temporada curta, temi que já estivessem ali. —Michael soltou a mão de seu amigo e se voltou para a duquesa—. Margot, que gosto vê-la.

Deu-lhe um carinhoso abraço.

—Como estão Catherine e o bebê?

—Muito bem a última vez que os vi, que faz já muito tempo. —voltou-se para seu acompanhante, que estava movendo-se nervoso perto da porta—. Rafe, Margot, me permitam que vos presente ao doutor George Blackmer.

Terminadas as apresentações, Margot dirigiu um sagaz olhar a Michael e disse:

—Passarão aqui a noite, é claro. Doutor Blackmer, levarei-lhe a seu quarto para que possa descansar e refrescar-se antes do jantar. Michael, ocupará seus aposentos de sempre.

Conduziu o médico, para dar a seu marido e seu amigo a oportunidade de falar em privado.

—Sente-se —disse Rafe.

Sem perguntar serviu uma xícara de chá, pegou uma garrafa de conhaque e acrescentou uma boa quantidade ao chá. Depois passou a xícara a Michael.

—Que horrível chuva aí fora. Tem cara de que lhe assentará bem isto.

—Não vai bem nem a homem nem animal.

Michael se acomodou em uma poltrona com braços, relaxando um pouco a tensão pela primeira vez desde que recebeu a carta de Blackmer a respeito de Stephen. O fumegante chá fortalecido com conhaque lhe produziu um agradável calor.

Rafe voltou para seu assento.

—fomos abençoados por uma plenitude de Kenyon ultimamente.

Michael se avivou imediatamente.

—Viu meu irmão?

—Ashburton esteve aqui faz duas semanas —repôs Rafe. Sorriu—. Atuando em uma obra, no papel do duque de Atenas em Sonho de uma noite de verão, para ser mais exato. Fez um trabalho bastante decente, por certo.

Michael se inclinou para ele.

—Como estava?

—Muito peludo. Usava uma barba postiça para que ninguém o conhecesse, mas Margot lhe reconheceu a voz. Depois da representação falei com ele. Tive a impressão de que estava passando muito bem.

—Não parecia doente?

—Não. —Rafe franziu o cenho—. Devia parecê-lo? Michael deixou a xícara na mesinha e levantou, nervoso.

—Meu irmão está muito doente. Está morrendo, segundo o doutor Blackmer. Quando Stephen se inteirou de quão grave era sua enfermidade, partiu da abadia sem dizer quando retornaria. Ao final, Blackmer me escreveu, e depois estive tentando lhe seguir a pista por meia Inglaterra. —Começou a passear inquieto—. É como dar caça a uma maldita espiral de fumaça—. Nem sequer Lucien, com todas suas iníquas conexões, conseguiu localizá-lo.

—sinto muito —disse Rafe com expressão grave—. Poderia estar equivocado o

médico?

—Quem pode saber? Blackmer não fala muito, mas o só feito de que tenha insistido em me acompanhar não é um bom presságio. Está mais nervoso que uma lebre em uma prancha quente. Creio que tem medo de que não encontremos Stephen antes de... —interrompeu-se, mas se obrigou a terminar a frase—: antes que seja muito tarde.

Rafe, que raras vezes amaldiçoava, soltou um veemente xingamento em voz baixa.

Michael olhou de esguelha seu amigo.

—Diz que o viu bem.

O duque titubeou.

—Não o vi claramente, com boa luz. Agora que o penso, estava um pouco delgado e abatido. No momento não lhe dava importância, porque estava de bom ânimo.

—Acredita que continua viajando com essa companhia de teatro?

—É possível, embora me dissesse que logo voltaria para sua vida normal. —Novamente franziu o cenho—. Um ou dois dias depois de estar aqui, enviou-me uma mensagem me pedindo que emprestasse um homem de confiança para lhe encarregar umas coisas em Londres. Enviei meu administrador ajudante Gardiner, que esteve fora três ou quatro dias.

—Sabe o que queria que lhe fizesse em Londres?

—Não lhe perguntei, porque me pareceu que não era meu assunto, mas talvez os encargos arrojem alguma luz sobre seus planos. Mandarei chamar Gardiner.

O duque puxou o cordão para chamar um laçai, e lhe deu a ordem de ir procurar o administrador. Quando voltaram a ficar sozinhos, disse a Michael:

—Não seria mais fácil esperar que seu irmão voltasse? Sempre me pareceu um homem admiravelmente sensato. Voltará para casa no seu devido tempo.

—Você acredita? Já esteve fora muito mais de um mês. Blackmer diz que é improvável que a enfermidade lhe tenha afetado a mente, mas quem pode dizer ao certo? Seu comportamento foi tão estranho que temo o pior. —Michael fez um ricto de amargura—. Partir sem um criado; atuar em teatro sob um sobrenome falso. Sempre gostou de teatro, mas mesmo assim, isso é quase incrível.

—Acredito. —O duque acabou seu chá e deixou a xícara na mesinha—. Tem algum motivo especial para encontrar seu irmão o mais rápido possível?

O passeio pelo salão levou Michael até a janela.

—Há muitos bons motivos práticos para encontrá-lo, mas esses não são os importantes. —Contemplou sem ver a chuva cinza—. Eu... ainda não aceitei a possibilidade de que esteja morrendo. Preciso vê-lo com meus olhos; preciso descobrir se esta realmente doente ou se Blackmer foi um enganador pessimista. Se sua enfermidade for grave, quero que veja Ian Kinlock... e Catherine também, é claro. Foi um método de Ian e os cuidados de Catherine que me salvaram a vida. Talvez possam fazer o mesmo por Stephen.

—E se já não há nada humano que possa salvá-lo? —perguntou Rafe docemente.

—Então quero me despedir. —Michael tragou saliva—. Quero lhe dizer o muito que cheguei a valorizá-lo estes dois últimos anos. Os Kenyon são gente resistente, eu pensava que teríamos uns trinta ou quarenta anos para conversar. —friccionou a nuca, que lhe doía de tanto cavalgar e de ansiedade—. É interessante comprovar os diferentes tipos de amizade que há. Você, Luce, Nicholas e eu crescemos juntos, conhecemo-nos a maioria dos segredos. Eu lhes confiaria qualquer coisa. Mas Stephen... é meu irmão.

Estamos conectados pelo sangue, pelas lembranças da infância e pelo temperamento. Às vezes isso é incômodo. Estivemos distanciados durante anos. Mas quando morrer, deixará um buraco em minha vida que ninguém poderá encher jamais. Preciso lhe dizer isso.

—Sempre lamentei ser um filho único —disse Rafe—. Não sei se o que diz me alivia porque minha vida é mais simples, ou me faz lamentar ainda mais o que perdi.

Michael guardou silêncio um instante e depois disse:

—Como todos os tipos de carinho, é melhor amar e perder que não ter amado jamais. Mas perder uma pessoa que ama é o mesmo inferno.

E perder seu irmão, um homem vigoroso só dois anos mais velho que ele, punha muito perto à morte. Não a morte rápida e o azar a qual tinha enfrentado tantas vezes, e sim uma morte insidiosa, mais pessoal. Se Stephen podia sucumbir a uma enfermidade mortal, também ele podia, e também Catherine e seu filho pequeno Nicholas, e esse conhecimento era quase insuportável.

Nenhum dos dois voltou a falar até que chegou o administrador ajudante. Quando Michael o sentiu entrar, separou-se da janela e se voltou para ele. Era um jovem ruivo de figura compacta.

—Queria me ver, excelência? —perguntou o jovem, um tanto nervoso.

Rafe assentiu.

—Gardiner, apresento lorde Michael Kenyon, o irmão do duque de Ashburton. Quer saber o que o encarregou de fazer em Londres.

—Bom, levei seu cavalo à casa Ashburton —respondeu Gardiner—. A governanta preparou um pacote com roupas para que as levasse, e fui ver seu banqueiro para sacar um cheque, e a Doutor's Commons para pedir uma licença especial.

Fez-se um assombroso silêncio, que rompeu Michael, dizendo, incrédulo:

—Maldição. Enviou-lhe a pedir uma licença de matrimônio?

O administrador retrocedeu um passo ao ver a expressão de Michael.

—Sim senhor. Esse era o principal motivo da viagem. Outros encargos eram para aproveitar minha estadia em Londres.

Como Michael estava a ponto de explodir, interveio Rafe:

—Recorda o nome da mulher com a qual queria casar-se?

A expressão do Gardiner foi de confusão.

—Sinto muito, senhor, limitei-me a entregar ao dependente o papel que me entregou Ashburton. Supondo que o olhei, mas não recorde o nome da dama. —Pensou um momento, e acrescentou—. Não empregou muitas palavras, mas tive a impressão de que ia se casar com uma das moças da companhia de teatro Fitzgerald.

—Uma atriz —exclamou Michael horrorizado—. E não lhe pareceu estranho isso?

—Não me corresponde julgar as decisões de um duque, milorde.

Rafe dirigiu um rápido olhar a seu amigo.

—Se não tem mais informação, pode partir, Gardiner, muito obrigado.

Logo que saiu o administrador e se fechou a porta, Michael exclamou:

—meu Deus, se tivesse encontrado Stephen a tempo. A enfermidade deve lhe ter afetado à mente, se não, nunca lhe teria ocorrido converter em duquesa de Ashburton uma puta fácil.

—O fato de que tenha pedido uma licença não significa automaticamente que tenha havido bodas —observou Rafe—. Além disso, o que, se tivesse estado resolvido a casar-se não poderia tê-lo impedido.

—Poderia ter tentado —repôs Michael, implacável.

Rafe suspirou.

—A mulher não é necessariamente uma puta. Fitzgerald é uma pessoa muito decente, um cavalheiro de nascimento. Ele e sua esposa dirigem uma companhia muito respeitável, dentro do que são estas coisas.

—dentro do que são estas coisas —repetiu Michael acidamente—. Eu não necessito da fortuna de Stephen, mas que me pendurem se for observar tranqüilamente que uma pérfida oportunista se aproveite de sua vulnerabilidade para pôr suas mãos em seu dinheiro.

—Talvez tenha se apaixonado por ela.

Michael emitiu um eloqüente bocejo.

—Cético —disse Rafe em tom tranqüilo—. Até no caso de que não seja amor, se lhe faz mais felizes seus últimos dias, tem direito de intrometer-se?

Michael ficou com o rosto tenso.

—Stephen é um homem de gostos refinados. Sua primeira esposa era um modelo de decoro. Custa-me acreditar que uma vulgar prostituta que só quer se aproveitar vá alegrar seus últimos dias.

—Ah, sim, sua primeira esposa. Incomoda-lhe a idéia de que a substitua uma plebéia porque lhe tenha querido?

Michael guardou silêncio um momento.

—devido a meus anos no exército, nunca conheci bem Louisa. Era muito linda, de maneiras impecáveis. Fazia... fazia uns bordados preciosos.

—Fazia seu marido feliz? —perguntou Rafe, carrancudo.

—Não sei —reconheceu Michael—. Eram muito... corretos em seu trato.

—Isso não é exatamente o retrato de um matrimônio dinâmico —disse Rafe ironicamente—. Segundo minha experiência, pelo geral se pode ver se um casal se quer verdadeiramente, por muito corretamente que se tratem em público. Se nunca viu um vínculo assim entre seu irmão e sua defunta duquesa, é muito possível que ele fizesse o melhor possível de um matrimônio arrumado enquanto em seu coração teria preferido um tipo de mulher muito diferente.

—Mas uma atriz de uma companhia de teatro de quarta classe? —protestou Michael.

—Eu me casei com uma espiã, Nicholas com uma metodista professora de escola rural, Lucien com uma niveladora de moradas que também tinha uma prometidora carreira como atriz de comédias ligeiras, e você com uma viúva embusteira —disse Rafe, com um brilho travesso em seus olhos cinzas—. Por que Stephen não pode se casar com uma atriz?

Sabendo que Rafe lhe estava pondo o laço para que pisasse, Michael engoliu a onda de raiva.

—Essa não é uma definição justa de Catherine nem das demais. Pode ser que sejam pouco convencionais, mas todas são damas.

—Talvez a noiva de Stephen também o seja.

Michael suspirou e passou a mão pelo cabelo.

—Estou um pouco ofuscado pelo cansaço da viagem. Talvez pudesse me explicar com mais claridade o que quer dizer.

—Sei que seus instintos protetores estão em seu apogeu quando se trata de Stephen —disse Rafe amavelmente—. Mas não pode evitar; que um homem adulto faça tolices, se é que de verdade é uma tolice. Se encontrar seu irmão e se lançar rugindo como a cavalaria, acusando sua nova esposa de puta mercenária, poderia ser desastroso. Como cavalheiro, seguro que Ashburton vai defender sua esposa, inclusive de você. Se realmente a amar, sua intemperança poderia causar outro distanciamento, e

é possível que não haja tempo para superá-lo antes que morra. Se ocorresse isso, duvido que possa lhe perdoar alguma vez.

Essas palavras golpearam Michael com a força de um martelo.

—Senhor, nunca aprendo, não é? —disse pesaroso—. Quantas vezes me destes bons conselhos ao longo dos anos?

—Em inumeráveis ocasiões.

—Quantas vezes fiz conta? — Rafe pensou.

—Talvez a metade das vezes.

—Acréscenta hoje ao lado «feito caso» da balança. —Michel voltou a olhar pela janela; viu que a chuva tinha adiantado a noite—. E quando conhecer à nova duquesa, tratarei-a com a devida cortesia, mereça ou não. —Sorriu fracamente—. Mas por favor, não esqueça que um velho oficial de infantaria nunca se precipita como um da cavalaria.

Rafe pôs-se a rir.

—Terei-o presente a próxima vez que necessite freios.

E haveria uma próxima vez, pensou Michael; conhecia-se e conhecia suficientemente bem seu temperamento para estar seguro disso. Mas, graças a Rafe, procederia com mais prudência. Encontraria à companhia Fitzgerald, descobriria se tinha tido lugar umas bodas e, se assim fosse, quem era a nova duquesa.

E quando por fim a encontrasse, recordaria que o que realmente importava era Stephen e seus desejos para o que poderia ser o final de sua vida. E se isso significava que tinha que ser educado com a puta com que se casou seu irmão, pois seja.

Capítulo 22

Rosalind contemplava pela janela do coche as ruas lotadas de gente.

—Não estive em Londres desde que era pequena. Acreditava que minhas lembranças eram exageradas, mas não o eram. A cidade é ainda maior e mais buliçosa do que lembrava.

—É impossível exagerar Londres —disse Stephen sorrindo.

—Nem o cheiro da cidade.

Enrugou o nariz, desejando que Mayfair fosse menos buliçosa. Depois voltou a reclinar-se no assento, lhe segurando a mão outra vez. Sentia o absurdo desejo de tocá-lo sempre que fosse possível, como se isso o fosse conservar a seu lado para sempre. Felizmente, ele também parecia desfrutar do contato tanto quanto ela.

Apesar do tempo variável de outono, tinham tido uma lua de mel fabulosa. Dias de risadas tinham sido seguidas por noites de assombrosa paixão. Talvez o terrível conhecimento de que tinham o tempo limitado para estar juntos era o responsável por essa especial intensidade. Às vezes chorava, ao pensar na rapidez com que deslizava a areia do relógio; mas nunca diante de Stephen.

Ele tinha sofrido estoicamente vários ataques mais, embora nenhum tão forte como os primeiros que ela tinha presenciado. Grande parte do tempo lhes tinha sido possível simular que tudo estava bem, embora depois da noite de bodas havia sempre um ligeiro e infranqueável distanciamento emocional entre eles.

Dessas coisas não falavam nunca. Tinham caminhado pelas antigas muralhas de York e visitado a maravilhosa York Minster, uma das catedrais mais importantes da Grã-Bretanha. A região dos lagos era tão espetacular como sua reputação, uma terra de sonho de colinas acidentadas e tranquilos lagos. Tinham contratado os serviços de um barqueiro para que os levasse pelo Windermere, deslizando por sua superfície cristalina

e penetrando em suas silenciosas névoas. Stephen era um companheiro maravilhoso; tinha esse intenso interesse pelo mundo que ela tinha visto nas crianças pequenas, só que em seu caso via as coisas não pela primeira vez mas sim pela última. Parecia contente de ter alguém com quem comentar seus descobrimentos. Ela estava feliz simplesmente por estar com ele.

O coche se deteve com um estrondo. Porcia, que tinha estado apoiada na janela com as patas traseiras na maçaneta, perdeu o equilíbrio e caiu ao chão, aterrissando de pé com um estalo de acrobacias felinas. Tinha crescido notavelmente nas duas semanas passadas, e tinha se adaptado a viajar com surpreendente facilidade.

Stephen agarrou expertamente à gata, fez-lhe umas afetuosas carícias e a meteu em sua caixa.

—Grosvenor Square. Chegamos.

O cocheiro abriu a portinhola e Stephen a ajudou a descer do enlameado veículo. À luz do crepúsculo, a casa Ashburton se via enorme. Mentalmente se armou de forças. Durante a lua de mel tinham viajado como o senhor e a senhora Kenyon, recebendo o trato educado devido a um cavalheiro e sua esposa, mas ninguém se fixou especialmente neles. Isso vinha muito bem a ela. Mas isto era Londres; Stephen voltava a ser o duque de Ashburton, e ela se sentia muito incapaz para o papel de duquesa. Colocou um sorriso no rosto.

—A casa é muito impressionante.

—Bastante opressiva também. —Stephen apanhou a caixa de Porcia em uma mão e o braço do Rosalind na outra, e subiram os largos degraus—. Será agradável estar em uma mesma casa várias noites seguidas, mas desejo voltar para a abadia logo que acabe meus assuntos.

Ele desejava morrer na abadia Ashburton; havia dito quando estavam olhando as tumbas reais de York Minster.

Stephen bateu, e passado um momento saiu a abrir um lacaio de libré que ficou pasmado ao ver quem estava na porta.

—Excelência! N-não o esperávamos.

—Sei. Estaremos aqui pelo menos duas semanas, Milton. Ponha a aldrava e faça vir os criados que trabalham de dia. Queremos um jantar ligeiro e água quente para nos banhar logo que seja possível. —Fez avançar Rosalind—. A nova duquesa de Ashburton; obedeça-a em tudo. —Passou-lhe a caixa de Porcia—. A gata da duquesa; por favor, leva-a a nossos aposentos.

Milton quase deixou cair a caixa quando Porcia lançou um estridente chiado de irritação. Depois se precipitou a obedecer, sustentando a; caixa com supremo cuidado. Então Stephen tomou Rosalind nos braços.

—É hora de cruzar minha segunda soleira.

—Ainda restam outras três soleiras —disse ela rindo—, posto que decidi saltar o pavilhão de caça.

—Sábia decisão. —Deixou-a no reluzente chão de mármore e a; beijou até que a ela começaram a fraquejar as pernas. Depois; levantou a cabeça e lhe sorriu—. Bem-vinda à casa Ashburton, duquesa.

Ela experimentou um de seus periódicos golpes de incredulidade de que um homem tão vital pudesse estar morrendo. Imediatamente reprimiu o pensamento, porque já sabia que lhe produziria vontade de chorar, e isso não era conveniente quando estava com ele. Ele a guiou para a escada.

—Se Edmund Kean estiver atuando no Drury Lane, você gostaria de ir vê-lo amanhã a noite?

—Seria fabuloso —disse ela alegremente.

Mas quando passeou o olhar pela grandiosidade dourada que a rodeava, fez uma oração mental rogando que logo fossem à abadia. Uma mansão assim não era um lugar para que uma atriz provinciana representasse muito tempo o papel de duquesa.

A primeira manhã em Londres, Stephen despertou com o ruído da chuva de outono que golpeava ininterruptamente as janelas do quarto. Não lhe incomodavam nem o ruído nem a chuva porque Rosalind estava acomodada junto a ele, com as costas apertada contra seu peito. Ficou deitado, feliz de saborear o contato com sua pele quente, deliciosamente nua. Entesourava em sua memória esses momentos tanto como os da ardente e selvagem paixão de que desfrutavam na escuridão da noite. Posto que dormiam tão juntos como duas colheres, logo tinham descoberto que não tinham nenhuma necessidade de camisolas para manter-se abrigados.

Acariciou-lhe os cabelos, novamente maravilhado de havê-la encontrado. Sua natureza alegre tinha feito dessas últimas semanas as mais felizes de sua vida. Que diferença de sua primeira mulher; com Louisa não tinha compartilhado nenhuma só vez uma cama durante toda uma noite. Pensou em seu primeiro matrimônio com pesar e com um certo sentimento de culpa. Se ele se esforçasse mais, poderia ter descoberto alguma paixão oculta atrás da fachada recatada de Louisa? Poderia outro homem havê-la feito feliz, coisa que ele não pôde? Jamais saberia.

Deixou de pensar em Louisa e beijou a cabeça de Rosalind. Dada sua posição social, tinham-no criado com uma instrutora francesa, de modo que falava o francês com a mesma fluidez que o inglês. Talvez o francês era um idioma naturalmente mais emotivo, porque lhe saiu mais fácil lhe dizer palavras de carinho nessa língua:

—Minha doce duquesa —sussurrou—. Enfeitiça-me. Ela agitou as pestanas.

—É meu amadíssimo —respondeu em impecável francês.

Ele se avivou e lhe voltou a falar em francês; novamente lhe respondeu no mesmo idioma. Continuaram o diálogo uns instantes mais até que ela abriu os olhos e o olhou com um encantador sorriso sonolento.

—bom dia —disse em inglês.

—bom dia —respondeu ele, enrolando um cacho de cabelo no dedo—. Acreditei que não falava francês.

—Isso porque não falo —riu ela—. Meu pai sim, porque o educaram como a um cavalheiro. Mas nós só aprendemos umas poucas frases, necessárias para algumas obra.

Pensando que semi-adormecida ela tinha demonstrado ter um domínio maior do idioma do que supunha, repetiu algumas das frases que tinham trocado antes. Ela franziu o cenho.

—O que querem dizer essas frases? Tenho a impressão de que deveria as entender, mas não as entendo.

—Você disse essas mesmas palavras faz um minuto, quando estava semi-adormecida. —Acariciou-lhe o lado da orelha com a língua—. Poderia ser francesa de nascimento?

Ela pensou e depois negou com a cabeça.

—Duvido-o. Maria me disse que eu falava bom inglês quando me adotaram.

—Se na realidade foi tão horrorosamente bem criada como eu, poderia ter aprendido francês no berçário —sugeriu ele.

O assunto era interessante, mas de aplicabilidade só teórica, posto que era improvável que soubessem quem foram seus verdadeiros pais. Mas seu lindo corpo não tinha nada de teórico, como tampouco sua reação a ele. Colocou a mão sob a manta e começou a descrever círculos com a palma sobre seu estômago.

—Creio que o motivo de que o matrimônio seja tão popular é que combina o máximo de tentação com o máximo de oportunidade.

Ela pôs-se a rir, colocou-se de costas e começou a explorá-lo também com as mãos.

—Creio que acaba de enunciar um importante princípio. O chamemos de Máxima de Ashburton.

Ele desceu a manta e se inclinou a lhe beijar o seio. Ela suspirou extasiada, e logo emitiu um suave gemido quando o lhe puxou o mamilo com os lábios. O se deteve imediatamente.

—Perdoa. Não era minha intenção ser brusco.

—Não o foste —tranqüilizou ela—. Suponho que esta manhã estou especialmente sensível. —Sorriu-lhe travessa—. Talvez esteja se desgastando algumas de suas partes favoritas de minha anatomia.

—Que idéia mais terrível. —Mentalmente somou o número de vezes que tinha feito amor desde as bodas, e começou a afastar-se—. Talvez seja melhor que lhe dê a oportunidade de se recuperar.

—Nem pense! —exclamou ela. Deslizou a mão por seu corpo até encontrar o que procurava—. Era uma brincadeira, querido. A prática está me pondo maravilhosamente em forma.

Ele abafou um gemido ao ser acariciado lentamente.

—Minhas honoráveis intenções se foram ao inferno, lady Calibán. —De qualquer modo, quando começou a deixar uma esteira de beijos em seu abdômen, sussurrou-lhe—: Avise-me se houver alguma outra parte em perigo de desgastar-se.

A julgar pela respiração acelerada dela, suas partes favoritas estavam todas em muito bom funcionamento. Quando ela começou a retorcer-se sob as carícias de sua língua, ele se instalou entre suas coxas para saudar a manhã da melhor maneira possível.

Seu último pensamento consciente antes de sucumbir por completo à paixão foi que tinha razão: o matrimônio estava abençoado pelo máximo de tentação e o máximo de oportunidade.

Depois que fizeram amor, Rosalind voltou a dormir, e despertou quando Stephen lhe beijou a orelha.

—Sinto muito, querida —sussurrou—. Devo ir ver meu advogado esta manhã.

Essa seria quase a primeira vez desde suas bodas que ele não estaria a sua vista. Não lhe pareceu uma melhora. De qualquer modo, toda lua de mel têm que acabar finalmente. Cobriu a boca para tampar um bocejo.

—vou seguir dormindo. A manhã está muito cinza.

—Desde que esteja acordada para nossa visita ao Drury Lane esta noite... —Acariciou-lhe a face com o dorso da mão e se dirigiu a seu quarto de vestir.

Ela dormitou e despertou uma hora depois, meio aturdida. Embora por ser atriz ambulante estivesse acostumada à viagem constante, com Stephen tinham viajado a velocidades muito maiores e coberto mais terreno. Talvez por isso havia se sentido tão cansada há alguns dias. Bocejando, desceu os pés da cama, começou a levantar-se e se voltou a sentar bruscamente ao sentir uma onda de enjôo.

O enjôo passou logo. Levantou-se, desta vez com mais lentidão, pensando em quão desagradável seria cair doente, com o frio do outono; não queria perder nenhum precioso momento em enfermidade. Vestiu o robe e chamou para pedir água quente. Um dia de mimos lhe curaria o que fosse que a afligia, porque sempre tinha gozado de uma saúde robusta muito imprópria de uma dama.

Durante o banho voltou a notar uma estranha sensibilidade nos seios. Quando saiu da banheira teve que secar-se com cuidado. Talvez fosse começar a regra. Quando foi a última?

A resposta a golpeou como um raio. Suas regras sempre tinham sido regulares como um relógio; começavam-lhe a cada quarta sexta-feira pela tarde. Levava uma semana de atraso.

Uma emoção quase insuportável a percorreu inteira. Dominou firmemente a reação e tentou pensar com lógica. Nos primeiros dias de seu primeiro matrimônio, tinha pedido a Maria que lhe explicasse os primeiros sintomas de gravidez para poder reconhecê-lo o mais breve possível. Durante esses três anos tinha estado alerta se por acaso sentia esses primeiros sintomas, cada vez com menos esperança.

Mas agora estava casada com outro homem. Deixou cair a toalha ao chão e foi olhar a figura no espelho de corpo inteiro. Segundo Maria, as mudanças nos seios eram quase imediatas. Deixava-os maior? Sim, talvez estivessem um pouquinho mais cheio, e certamente muito mais sensível que antes.

Quais eram os outros sinais? Maria também tinha mencionado uma aguda sensibilidade aos cheiros. Isso tinha notado no dia anterior, mas o atribuiu simplesmente a sua reação aos agressivos cheiros de Londres. Cansaço? Certamente se sentia mais cansada que de costume. E tinha tido esse enjôo, coisa quase inaudita nela.

Ficou olhando sua imagem no espelho e repentinamente soube. Soube. Ela e Stephen, cada um seguro de que jamais conheceria a sorte de ter um filho, fizeram um bebê naquele palheiro cheio de sol e gatinhos.

Pasmada por esse conhecimento, envolveu-se no robe e se deixou cair no sofá de brocado, onde estava dormindo Porcia. A gata saltou a sua saia e dali subiu até seu ombro; automaticamente lhe acariciou a sedosa pelagem. Desde esse dia no palheiro havia se sentido uma mulher diferente, mas pensava que a causa era o amor e o matrimônio. Mas não, havia outro motivo mais profundo. Sentiu desejos de abrir a janela e anunciar a gritos a boa notícia a toda Londres. Quando Stephen voltasse a casa...

Esse pensamento lhe moderou o entusiasmo. Era muito cedo para dizer a seu marido. Provavelmente um médico poria-se a rir se lhe explicasse esses sintomas sutis e sua intuitiva convicção de que dentro dela estava se formando uma nova vida. E talvez tivesse razão ao rir.

Objetivamente se obrigou a considerar a possibilidade de que seu desejo de ter um bebê lhe tinha afetado o julgamento. Na realidade não acreditava, mas se anunciasse que estava grávida e resultasse ser um engano, Stephen se sentiria aniquilado. Devia esperar.

Sonhadora, reclinou-se no sofá, embalando Porcia como a um bebê. Havendo dado à lógica o devido, voltou para sua intuição. Na medula dos ossos sentia que estava grávida, e que o bebê nasceria são e forte. Por motivos de sucessão, seria agradável que fosse um menino; Stephen lhe havia dito que seu irmão estaria encantado de ver-se liberado da carga do ducado; mas se fosse uma menina seria igualmente maravilhoso.

Uma sombra passou por seu coração ao compreender que, a menos que ocorresse um milagre, Stephen não estaria com ela para celebrar o nascimento do bebê.

Essa terrível compreensão foi seguida por outra: se tinha o bebê de Stephen, não poderia retornar a sua família.

Casou-se com o Stephen com a idéia de ser sua companheira até que ele morresse, e depois voltar para sua família e a sua própria classe. Mas um bebê a separaria irrevogavelmente de sua antiga vida, com o peso e a inflexibilidade de uma

porta de prisão. Um filho seria um duque; uma filha, uma grande herdeira. Em sua qualidade de duquesa viúva de Ashburton, seria seu dever criar o filho ou a filha de Stephen de acordo com sua posição social; isso significava que devia aprender a viver entre os de sua classe.

E a única oportunidade que tinha de ser aceita era ao lado de seu marido. Teria que aproveitar essas semanas que estariam em Londres para conhecer as amigas de Stephen. Se a achassem apresentável, talvez depois continuariam recebendo-a, se não por ela por, Stephen e seu filho.

Mais importante ainda, teria que estabelecer relações com a família dele, porque assim como mãe de um Kenyon, pertenceria à família. Pensou na altiva irmã mais velha e o formidável irmão mais novo, e quase gemeu em voz alta. No caso de que a aceitassem, embora fosse a contra gosto, seguro que quereriam que cortasse toda comunicação com sua família não suficientemente educada. É claro que ela não aceitaria jamais isso, mas haveria pressões.

Suspirou e fechou os olhos. Preocuparia-se com isso depois. No momento se concentraria em pôr um pé na sociedade londrina. Primeiro uns vestidos elegantes, objetos folgados que tolerassem uma cintura em expansão. Depois deveriam assistir a alguns dos eventos sociais da temporada curta. Teria que encantar suas amigas para que não a considerassem «essa atriz que caçou Ashburton quando estava morrendo», e sim uma mulher suficientemente refinada para receber em suas casas. Se não, seu filho sofreria.

Voltou a apalpar o abdômen e lentamente se estendeu um sorriso por todo seu rosto. O futuro não se via fácil, mas se tinha razão, qualquer pedaço de dificuldade valeria a pena.

Capítulo 23

Stephen se reclinou no assento do coche e exalou um suspiro. Nada como passar uma manhã com seu advogado, modificando sua última vontade e testamento para deprimir um homem, pensou. E nos dias seguintes haveria sessões similares. Embora a maior parte da herança Ashburton estava vinculada a Michael, devia dispor o legado de sua considerável fortuna pessoal. Morrer era um assunto complicado.

Mas ao menos nesse dia já tinha acabado a sessão, e podia voltar para Rosalind e sua risada. Quando estava com ela, conseguia esquecer do cansaço e da dor crônica no estômago. Logo que entrou na casa Ashburton, entregou seu chapéu e seu casaco molhados ao lacaio e se dispôs a ir procurar sua esposa.

Então voltou a soar a aldrava na porta e o lacaio fez passar à condessa de Herrington. Stephen se preparou mentalmente; teria preferido retardar esse encontro, mas já não tinha alternativa. Colocou um sorriso no rosto.

—bom dia, Claudia.

Ela passou junto ao lacaio, sua estatura Kenyon e seus reluzentes cabelos castanhos convertidos em elegante altivez.

—Ia passando por aqui e vi que estava posta a aldrava. Alegra-me que tenha decidido vir a Londres para a temporada curta, Ashburton. Na abadia não encontrará nunca uma esposa adequada. —Rogou-lhe a face em um beijo frio, apenas perceptível, e continuou—. Por certo, esta manhã minha criada me contou uma história da mais absurda. Assegura que ouviu sua prima dizer, que está empregada em uma casa por aqui, que chegou ontem com uma nova esposa. Logicamente lhe disse que tinha ouvido

mal.

Não querendo que essa conversa o tivesse lugar diante do lacaio, Stephen a agarrou pelo braço e a levou até o salão.

—Vejo-a muito bem, Claudia. Como estão Andrew e os meninos? Ela curvou a boca em um amplo e verdadeiro sorriso.

—Muito bem, obrigado. James está muito contente em Cambridge; já é todo um juvenzinho intelectual.

Enquanto ele chamava para ordenar que lhes levassem um refrigério, lhe contou outras notícias de sua família; chegou a bandeja com chá e bolos. Quando voltaram a ficar sozinhos, Stephen lhe disse:

—Na realidade, a informação de sua criada   exata. Cheguei ontem com minha nova esposa.

Claudia se engasgou com o chá e começou a tossir. Quando pôde voltar a respirar, exclamou:

—Que extraordinário! Casou-se com a filha de Chumleigh? É a única mulher de categoria conveniente em cinqüenta milhas a volta da abadia. Uma jovem de aparência bastante agradável, embora não me impressiona muito sua linhagem.

—Não conhece minha esposa.

Stephen estava a ponto de continuar quando se abriu a porta e entrou Rosalind. Sorrindo atravessou a sala, sem ver Claudia, que estava sentada em uma poltrona de costas para porta.

—Foi horivelmente aborrecida sua sessão com o advogado? Eu posso lhe animar a tarde se quiser —disse alegremente e, levantando o rosto lhe deu um bom beijo.

Sabendo que ia quebrar o pau, lhe correspondeu o beijo, agarrou-lhe firmemente a mão e se voltou a olhar Claudia.

—Rosalind, temos a boa sorte de receber a primeira visita de minha irmã, lady Herrington. Claudia, minha esposa Rosalind.

Claudia a olhou horrorizada, muda de surpresa.

—Desculpe-me, isto é muito inesperado —disse recuperando-se.

Rosalind estava igualmente surpreendida, mas lhe dirigiu um sorriso amistoso.

—  um grande prazer conhecê-la.

Stephen se sentiu orgulhoso dela; embora notasse a tensão em seus olhos, suas maneiras eram irrepreensíveis. Claudia franziu o cenho.

—Seu rosto me é conhecido, mas não consigo localizá-la. Qual é seu sobrenome de solteira?

—Fitzgerald —respondeu Stephen, que desejava atrair sobre si todo o possível da inevitável fúria—. Mas Rosalind era viúva, e seu sobrenome de casada era Jordão.

Houve um momento de silêncio. De repente Claudia se levantou de um salto da poltrona.

—Agora sei onde a vi. Foi nessa peça de teatro no castelo de Candover.   você uma atriz! E fazia papel de fada com uma roupa da mais indecente.

—Tem boa memória para rostos, lady Herrington —disse Rosalind amavelmente.

Sem fazer caso do comentário, Claudia se virou para enfrentar seu irmão:

—Ashburton, como pôde se casar com uma atriz vulgar? -ficou calada um momento e depois acrescentou, quase suplicante—. Esta   sua idéia de uma brincadeira, não é? Na realidade   sua amante. Sempre tiveste um estranho senso de humor. Não é de bom gosto apresentar sua amante a sua irmã.

Stephen fez uma funda inspiração.

—Não   brincadeira, Claudia. Rosalind   minha esposa e duquesa de Ashburton.

Passado um momento de atordoamento, Claudia o olhou com os olhos castanhos empanados pela fúria.

—É... é um libertino asqueroso. Um cavalheiro se deita com sua amante, não se casa com ela. Será que não tem nenhum sentido de decência? Ou de decoro? O que diria nosso pai? —Olhou Rosalind com ódio—. O mataria saber a desonra que tem feito cair sobre nós.

Stephen notou que a Rosalind começava a lhe tremer a mão na sua. Por um instante a raiva ferveu dentro dele como fogo branco. A dominou, recordando que um de seus objetivos antes de morrer era melhorar sua relação com sua única irmã. Se não mordesse a língua nesse momento, não haveria esperanças disso.

—Não me cabe dúvida de que o duque não o teria aprovado —disse em tom sarcástico—. Por outro lado, eu nem sempre aprovava seus atos tampouco, de modo que é bastante justo.

As faces de Claudia se avermelharam violentamente; por um momento ele acreditou que lhe ia jogar sua bolsa no rosto.

—Este não é assunto para brincadeiras! Céu misericordioso, muitas vezes me perguntei como é possível que um verdadeiro homem como meu pai tenha gerado a alguém com tão pouco sentido de decoro. Ou é um produto de uma das malditas aventuras de nossa mãe?

—Basta! —exclamou ele com dureza—. Sei que está comocionada. Se tivesse tido tempo teria lhe dado a notícia com mais amabilidade. Mas o fato é que Rosalind é minha esposa, e não permitirei que a insulte.

—Mas não se importa que o insulte? —perguntou Claudia amargamente—. É um covarde, Stephen, indigno de levar o sobrenome Ashburton.

Rosalind abafou uma exclamação diante do cruel comentário. Temendo que ela dissesse algo, Stephen lhe apertou a mão, advertindo-a.

—Temo que não estou de acordo com sua definição de dignidade. Claudia —acrescentou, suavizando a voz—, o que lhe peço é que tome tempo para conhecer Rosalind. Quando a conhecer compreenderá que fará honra ao sobrenome que leva. —Voltou para seu tom seco—: Certamente é muito mais moral e dama do que foi nossa mãe.

—Se nosso pai estivesse vivo a repudiaria —disse sua irmã com voz tremula—. Como não está, eu devo fazê-lo em seu lugar.

Deu meia volta e se dirigiu à porta. A lástima moderou a raiva de Stephen.

—Claudia, compreendo que ninguém pode estar jamais à altura de sua imagem do velho duque, e lhe dói que eu nem sequer o tente. Entretanto, fica o fato de que sou o quinto duque de Ashburton e cabeça, da família. Um distanciamento não beneficiará ninguém e causará sofrimento às pessoas que nos são mais queridas. Não pode ao menos tentar nos aceitar, a mim e à mulher que escolhi por esposa?

Claudia se deteve um momento, com o rosto branco como giz.

—Não posso, Stephen —murmurou—. Não posso.

Dito isso, dirigiu-se à porta com lágrimas nos olhos. O silêncio que se fez depois da portada foi ensurdecedor. Stephen fez uma longa inspiração entrecortada.

—Lamento muito que tenha tido que presenciar isto, Rosalind.

Embora ela estivesse se esforçando por manter a calma, saiu-lhe insegura a voz quando se voltou para ele:

—Eu sabia que nosso matrimônio causaria problemas, mas não que se separaria de sua única irmã. Ah, Stephen, lamento tanto ser a causa disso.

Ele a estreitou em seus braços, tanto para consolar-se como para consolá-la.

—A culpa é de Claudia, não sua. Ela passou a maior parte de sua vida tentando agradar a um pai ao qual era impossível agradar. Meu irmão e eu, cada um a sua maneira, chegamos a entender que nada que fizéssemos seria suficientemente bom. Michael se transformou em um franco rebelde, e eu, suponho que me transformei em um subversivo discreto. Mas a pobre Claudia sempre tentou ser a filha perfeita.

Recordou com tristeza a época de sua infância quando brincavam juntos, Claudia com toda paciência cortando seus passos para que ele pudesse segui-la. Uma das primeiras lembranças que tinha era dela, chamando-o para lhe dar um abraço; ele sempre corria a seus braços.

—De tanto esforçar-se, finalmente adotou os piores de seus preconceitos.

Rosalind escondeu o rosto em seu ombro.

—Seu irmão vai reagir igualmente mau?

—Não. Michael vai se surpreender e possivelmente a princípio vai desaprovar. Mas ao menos ele vai tomar o tempo para conhecê-la. —Acariciou-lhe os cabelos, desejando não ter se equivocado em sua análise—. E quando a conhecer, compreenderá e aceitará.

Ela levantou a cabeça e tentou sorrir.

—Sabe? Esta manhã depois que saiu tomei a decisão de ter uma vida social contigo para que ninguém pensasse que sua esposa é muito vulgar para que a vejam. Mas agora... —lhe quebrou a voz. Ao fim de um momento continuou—: Não sei se tenho valor para sequer sugerir-lo.

A raiva de Stephen com Claudia se transformou em resolução.

—Por Deus, essa é a resposta. Vamos lhe adornar com os melhores trajes londrinos e vou exibi-la acima de todo mundo. O mundo elegante vai se inteirar de que o duque de Ashburton está orgulhoso de sua esposa. —Beijou-a e logo a olhou intensamente nos olhos—. O ocorrido com Claudia foi o pior. Todo o resto será mais fácil, juro-lhe isso.

Ela não pareceu ficar muito convencida, mas ergueu corajosamente o queixo.

—Farei todo o possível para não deixá-lo envergonhado.

—Certamente não o fará. Embora Claudia tomasse isto como se eu tivesse cometido alta traição, não sou o primeiro lorde que se casa com uma atriz. Elizabeth Parren era filha de atores ambulantes, e atuou em papéis principais no Covent Cardem e no Drury Lane. Agora é a condessa de Derby, e muito respeitável. Como vê, há precedentes para nosso matrimônio.

—Parece que a senhorita Parren era melhor atriz que eu —disse Rosalind sorrindo pesarosa—. Influi isso em ser aceita?

—O que importa é seu caráter, não onde atuou. —Pensou um momento—. Posto que a notícia de nosso matrimônio se propagou pela rede de fofocas dos criados, já deve sabê-lo a metade do mundo elegante. Teremos que começar por exibi-la esta noite no Drury Lane. Esta tarde podemos ir a uma costureira, mas demorará dias em ter algum traje novo, de modo que isso não nos serve para esta noite. Vamos ver se Catherine deixou algo apropriado.

Agarrou-lhe a mão e saiu com ela do salão.

—O que quer dizer? —perguntou ela, receosa.

—Michael e sua esposa usam esta casa como própria, e Catherine deixa aqui alguns de seus trajes mais formais, dado que em Gales tem pouca necessidade de elegâncias. —Olhou-a de cima abaixo com olhos aprovadores—. Você é um pouco mais alta, mas há uma similitude geral em volume e forma. Um de, seus vestidos lhe servirá para ir ao teatro esta noite.

Rosalind fez uma brusca inspiração e parou em seco, praticamente enterrando os calcanhares no chão.

—Não posso pôr roupa de outra mulher sem sua permissão! Com toda segurança isso fará de sua cunhada uma inimiga, e provavelmente de seu irmão também.

—Catherine não se importará, de verdade.

—Só um homem poderia dizer isso —bufou ela—. Com Jessica compartilhei quarto durante quinze anos, e ainda duvidaria em me pôr algo seu sem sua permissão.

—Catherine não é Jessica —disse ele alegremente—. Vêem, vamos ver o que deixou ali.

Rosalind cedeu e se deixou levar aos aposentos de seu irmão, em grande parte porque era mais fácil ir e esperar que não houvesse nada apropriado que discutir com um homem que certamente não tinha o menor entendimento da natureza feminina.

Os aposentos de Michael e Catherine eram tão esplêndidos como os aposentos ducais. Rosalind entrou inquieta, meio temendo ver aparecer um homem de «olhar de cem jardas» lhe fazendo um mau gesto. Mas tudo estava em silêncio, os móveis cobertos por cobertores de Holanda, à espera da volta de seus ocupantes. Stephen a levou ao quarto de vestir, onde havia roupeiros em ambos os extremos, e abriu as portas de um.

—O que lhe parece?

Rosalind arregalou os olhos. No cenário tinha usado de todo tipo de roupa, desde ásperos farrapos até roupa aristocrática que compravam de segunda mão para convertê-lo em trajes adequados às obras. Mas jamais tinha visto uma coleção tão magnífica de trajes reunidos em um só lugar. Brilhantes sedas, sutis veludos, cascatas de complicadas rendas. Lady Michael tinha um gosto delicioso. Reprimindo o desejo de tocar os tecidos, disse:

—É evidente que lady Michael tem o cabelo escuro. Estas cores não me assentam bem.

—Sua coloração é quase a oposta à sua —concedeu ele—. É morena e tem uns olhos de uma interessante cor verde mar. Mas tem que haver alguma coisa que assentem bem a você também. —Olhou atentamente todos os vestidos e de repente tirou um de seda, de noite, de um bonito matiz de azul—. Este, por exemplo.

Pôs-lhe o vestido diante, seguro pelos ombros e a fez virar-se para que se visse no espelho de corpo inteiro. Ela conteve o fôlego; Stephen tinha um olho condenadamente bom para as cores. O tecido verde azulado vinha de mil maravilhas a seus cabelos e pele claros.

—É precioso, mas é possível que não seja de minha estatura —disse fracamente—. Sou bastante volumosa.

—Tem uma figura gloriosamente feminina —disse ele sorrindo—, característica que compartilha Catherine.

—Isto é uma terrível ousadia —disse ela, não convencida. Ele moveu a cabeça, insistente.

—Catherine foi esposa de um oficial que acompanhou o exército por toda a Espanha. Foi ameaçada por soldados franceses, procurava feridos nos campos de batalha, e atendia a homens em estado moribundo em horrorosos hospitais de campanha. Em consequência, tem idéias muito firmes sobre o que é o que realmente importa, que não é a roupa. Não lhe incomodará saber que necessitaste um de seus vestidos para uma noite.

Essas explicações a convenceram de um modo que não tinham obtido suas outras palavras para tranquilizá-la. Em silêncio se virou para que lhe desabotoasse o vestido de

manhã. Durante a lua de mel se converteu em perito em despi-la. Esse pensamento a fez sorrir.

E também ele tinha razão a respeito do vestido. Esse estilo simples de cintura alta lhe sentava muito bem, embora tivesse um decote bastante espetacular. Duvidosa, olhou o corpete recamado em contas de cristal.

—Seriamente acredita que isto vai convencer à sociedade de que sou respeitável? Isto é mais decotado que qualquer coisa que jamais tenha usado no cenário.

Rindo ele ficou atrás e lhe rodeou a cintura com os braços.

—Está à última moda. Deslumbrará os homens e porá invejosas às mulheres. O que tem que fazer é atuar elegante e régia, como quando interpretava Hipólita.

Ela olhou o reflexo dele no espelho, seu afetuoso abraço e seu belo rosto, e soube que essa era uma imagem que não esqueceria jamais. Cada dia se gravava mais imagens para levá-las em seu coração os longos anos que a aguardavam sem ele. Ocultando sua tristeza, disse-lhe alegremente:

—Posso levar as armas de Hipólita para me defender? Posto que era rainha das amazonas, tenho direito a levar pelo menos um arco e flechas.

—Tenho armas melhores que essas.

Agarrou-a pelo braço e a levou escada abaixo até o estúdio.

—Observa. Tem que aprender a fazer isto.

Foi a mesa e lhe mostrou a forma de abrir uma gaveta secreta; dentro havia uma chave; depois de lhe mostrar uma segunda gaveta secreta que continha outra chave, foi até uma parede e moveu um quadro com uma paisagem, deixando a descoberto uma caixa forte. Necessitavam-se as duas chaves para abri-la. Essa total confiança nela a comoveu, e a assustou um pouco também.

Dentro da caixa forte havia uma pilha de documentos e caixas, tudo muito ordenado. Ele agarrou a caixa maior.

—As jóias mais importantes da família estão na abadia, mas aqui há algumas peças lindas. Põe a caixa em uma mesa e a abriu.

—Você escolhe.

Ela olhou boquiaberta o brilhante conteúdo, perguntando-se se alguma vez seria capaz de olhar essa riqueza como se tal coisa fosse normal. Provavelmente não.

Depois de longa consideração, tirou um colar formado por medalhões filigranados em figura de grinalda floral em ouro e esmalte coordenado. No centro de cada placa esmaltada havia um pequeno diamante. As pedras fariam conjunto com as contas de cristal do corpete, e as folhas esmaltadas em um tom verde azulado iriam bem com a cor do vestido.

—Isto deveria ficar bem.

Agarrou um dos brincos do conjunto e o levou a orelha para olhar-se em um espelho. Ele assentiu.

—O colar e os brincos de uma boda Habsburgo. Muito apropriados.

—Diz a sério? —Olhou o brinco—. A realeza usou isto?

—Só uma princesa de pouca importância. Os Habsburgo eram muitíssimos.

Ela deixou a jóia na caixa, sentindo-se repentinamente deprimida. Stephen a aceitava, mas tinha um grau de tolerância excepcional em qualquer classe social. Podia realmente uma enjeitada e atriz viver entre pessoas que consideravam as jóias Habsburgo entre as posses familiares menos importantes?

Ao pensar no contraste entre suas respectivas classes lhe ocorreu uma idéia aterradora. Se tivesse um filho quando Stephen já não estivesse, tentaria sua irmã tirar o bebê de sua «indigna» mãe? Provavelmente lady Herrington sozinha não conseguiria,

mas com o apoio de Michael sim. Se o novo duque não aceitasse à esposa de seu irmão, ela estaria a mercê dos Kenyon.

Fez uma funda inspiração, ordenando-se a frear sua imaginação. Provavelmente isso não aconteceria. E se havia algum intento de lhe tirar o bebê, ela fugiria aos Estados Unidos e arrumaria para criar seu filho por qualquer meio disponível.

—Está muito calada —disse Stephen lhe tocando o ombro.

Um pensamento cobrou forma em sua mente, surpreendente mas em certo modo correto. Desde que tinha memória, tinha tentado deliberadamente apagar de sua mente tudo o que tinha ocorrido antes do dia em que a encontraram os Fitzgerald. Mas se ia ter um filho, era hora de obrigar-se a olhar seu passado.

—Estava pensando que eu gostaria de visitar o cais algum dia, logo —disse.

Ele compreendeu imediatamente.

—Quer dizer o lugar onde Maria e Thomas a encontraram?

Ela assentiu e ele franziu o cenho.

—Umas cinco ou seis milhas do Tamisa se usam para desembarque. Tem alguma idéia de por onde poderíamos começar a olhar?

Ela tentou recordar algo que lhes pudesse ser útil.

—Tinham ido visitar a Torre de Londres, e logo decidiram explorar um pouco os arredores. Para o este, creio que disse uma vez meu pai.

—Essa parte se chama Saint Katherine, pela fundação que esteve ali durante séculos. É um labirinto de ruelas, um bairro muito povoado e pobre, o que casa muito bem com o que diz de se alimentar de sobras. —Acariciou-lhe o braço com uma de suas grandes mãos—. Iremos amanhã. Que espera encontrar?

Ela pensou.

—Não sei muito bem. Minhas raízes, suponho.

—Não me importa quem foram seus pais naturais —disse ele docemente—. Não mais que o que importou a Thomas e Maria.

—Sei —disse ela com voz apenas audível—. Mas me importa.

Olhou o colar Habsburgo e sentiu uma surpreendente e triste pontada de compaixão por Claudia. Ninguém de sua família pensaria jamais que ela valia o suficiente.

Capítulo 24

Rosalind ouviu nascerem murmúrios logo que entraram no vestíbulo dos proprietários de camarotes do Drury Lane. Enquanto avançava no braço de Stephen e ele saudava amigos, ouviu comentários como «Ou seja que é certo que há uma nova duquesa», «Sabe alguém de que família vem?», «Condenada mulher; eu tinha esperanças de conseguir Ashburton», e uma voz masculina que resmungou, «Não é justo que os duques levem às melhores mulheres para a cama».

Fazendo ouvidos surdos aos comentários, Rosalind manteve a cabeça erguida e se concentrou nas apresentações que fazia Stephen. Aliviada, comprovou que ninguém reagia como lady Herrington. Todos a trataram com educação, e a maioria com franca simpatia. Isso se devia a Stephen; estava claro que gozava de grande estima e que tinham lamentado sua ausência da vida social enquanto fazia luto por sua primeira esposa.

De qualquer modo, foi um alívio subir a seu camarote. Tinha sido um dia exaustivo. Passaram a tarde na oficina da melhor costureira de Londres encomendando

um vestuário digno de uma duquesa; Stephen participou ativamente na escolha do que devia comprar sua esposa, alegando, com toda verdade, que se lhe deixava a decisão, não gastaria dinheiro suficiente para estar elegante.

Quando chegaram ao camarote de Ashburton, olhou avidamente seu entorno. O Drury Lane era o teatro maior e mais esplêndido que tinha visto em sua vida. Graças a Deus que Stephen a tinha convencido de colocar o magnífico vestido de lady Michael. Haveria se sentido esfarrapada se tivesse colocado qualquer um de seus vestidos.

—É precioso. Que capacidade tem este teatro?

—Em lotação completa, mais de três mil pessoas. Depois que queimou o teatro antigo, faz uns nove ou dez anos, reconstruíram-no de modo que fosse o maior de Londres.

Ela se instalou em um dos cômodos assentos, estendendo cuidadosamente as saias.

—Igual a me acostumar a tanto luxo.

Sorrindo, ele se sentou a seu lado e lhe agarrou a mão.

—Estupendo, isso é o que quero. —Acariciou-lhe provocativamente a palma enluvada com o polegar—. Mas meu teatro favorito será sempre o celeiro de Bury St. James.

—Não atuamos ali —assinalou ela.

—Não?

O malicioso brilho de seus olhos a fez ruborizar-se. Levantou seu leque e escondeu atrás dele seu sorriso, movendo-o lentamente para refrescar o rosto acalorado. Os leques eram úteis acessórios para as mulheres no cenário, e ela era perita em usá-los. Abanar-se com elegância era uma habilidade essencial quando tantos olhos curiosos estavam posados na misteriosa nova duquesa.

Começou a obra, e ao menos uma parte do público voltou sua atenção ao cenário e deixou de olhá-la. Inclinou-se entusiasmada ao ver a primeira entrada de Kean.

Este era um homem baixo, de cabeça muito grande, mas seus lampejantes olhos escuros e presença sobre o cenário eram cativantes. Essa noite representava Otelo, um de seus mais famosos papéis; interpretava o trágico mouro ciumento com intensidade assassina. Rosalind estava tão imersa na representação que se esqueceu de tudo, até que a mão de Stephen se aferrou convulsivamente a dela.

Olhou-o e viu que tinha os olhos fechados e o corpo rígido de dor.

—Stephen! —sussurrou, alarmada.

Fez gesto de levantar-se, mas lhe apertou mais a mão e negou quase imperceptivelmente com a cabeça. Evidentemente, detestaria que sua debilidade se fizesse pública, e o teatro estava tão bem iluminado que qualquer atividade não comum atrairia a atenção.

Obrigou-se a continuar olhando o cenário, embora sem deixar de observá-lo pela extremidade do olho. Ele tinha o rosto brilhante de suor, e a mão lhe estava esfriando. Todo seu ser estava sintonizado com ele, até tal ponto que sua dificultosa respiração ressonava nela e não ouvia nenhuma só das ensurdecedoras palavras de Kean.

Agudamente consciente de que esse ataque estava durando mais que quão anteriores tinha visto, disse-lhe com urgência:

—Deveríamos partir. Deixa que chame um criado para que o ajude.

Ele abriu os olhos, brilhantes de verdadeira raiva.

—Não!

A contra gosto ela obedeceu e voltou a olhar o cenário, sem ver. Pouco a pouco se foi afrouxando a pressão da mão de Stephen na sua. E muito a tempo. Acabava de

chegar o primeiro intervalo, e com ele uma batida na porta do camarote. Olhou-o aterrada.

—Stephen...?

Ele abriu os olhos e ela viu neles a cor cinza apagada da dor.

—Estou bem —disse ele. Fez um visível esforço para armar-se de valor e elevou a voz—. Adiante.

Rosalind lhe soltou a mão e rapidamente mudou de assento, para ficar entre Stephen e a porta. Desse modo as visitas não o veriam com tanta claridade.

Desejou gritar a todos que se fossem. Mas em lugar de fazer isso, sorriu e correspondeu às apresentações, atraindo de propósito a atenção para ela. Não era linda, mas sabia o suficiente de atuação para dar a ilusão de animada beleza.

Enquanto ela fazia o papel da bela, Stephen interpretava o papel de marido amável e indulgente, falando pouco e não movendo-se de sua poltrona. Qualquer que o observasse de tão perto como estava ela se daria conta de que não se sentia bem, mas aparentemente ninguém mais o notou.

Foi um alívio quando anunciaram o seguinte ato. Várias pessoas se fizeram lentas, como que esperando que as convidassem a ficar, mas ela lhes dirigiu o olhar mais aristocrático de Maria, e partiram.

Quando começou o ato, Stephen lhe disse com voz forçada mas matizada de humor:

—Está se adaptando com notável rapidez a este assunto de ser duquesa.

—Com gosto representarei qualquer papel que queira de mim —repôs ela voltando a lhe agarrar a mão.

—O único papel que desejo de você é o de esposa —disse ele docemente.

Ela sorriu e lhe levantou a mão até seu rosto.

—Esse não é um papel e sim a realidade.

O resto de Otelo correu sem incidentes. Ela conseguiu convencer a Stephen a partir antes da farsa final, mas só lhe assegurando que estava cansada, o que era certo. Embora seu marido estivesse cinza de esgotamento, não teria partido por ele.

Quando foram no coche a caminho de casa, lhe perguntou.

—O que lhe pareceu Edmund Kean?

—É um ator muito poderoso. Compreendo por que ganhou sua fama. —Guardou silêncio um momento. — Sem dúvida é preconceito de filha, mas penso que meu pai é seu igual.

—Estou de acordo. —Agarrou-lhe a mão e acrescentou—. Teve um êxito enorme. Suponho que isso lhe calma os temores de como vai considerá-la a sociedade?

—A maior parte. —Correspondeu ao aperto de mão—. Enquanto você está comigo, sinto-me segura. Cai bem a todo mundo.

—Não fui duque o tempo suficiente para criar muitos inimigos —disse ele, dando de ombros.

Ela observou, e não pela primeira vez, que ele tentava tirar-se de cima os elogios. Talvez se devesse a que também o tinham criado na crença de que nunca valeria o suficiente.

O resto do trajeto o fizeram em silêncio, e logo que chegaram à casa Ashburton, retiraram-se a seus aposentos. Pela primeira vez desde as bodas, não fizeram amor essa noite. Stephen ficou dormido em seus braços, com a cabeça apoiada em seus seios.

Meigamente lhe acariciou as costas e os ombros. O papel de esposa tinha dimensões que não tinha imaginado, pensou. Não só devia ser sua amante, amiga e

companheira, mas também sua cúmplice, porque ela não era a única que tinha algo a demonstrar.

Embora não podia lhe salvar a vida, fez-se a promessa de fazer tudo o que estivesse em seu poder para salvar seu orgulho.

Dia trinta e dois

O dia seguinte amanheceu com um pálido sol de outono. Posto que seu destino estava a várias milhas para o este, Stephen tinha alugado uma chata de seis remos, um dos longos barcos que transportavam passageiros pelo rio. O trajeto de barco não só seria menos agitado mas também mais rápido.

Também tomou certas precauções, pois o bairro que foram visitar não era particularmente seguro. Uma das precauções foi pedir a dois de seus lacaios, veteranos de guerra que tinham combatido sob as ordens de seu irmão, que os acompanhassem vestidos com roupa normal, não com a aristocrática libré. Embora ele pudesse arriscar sua vida já quase sem valor, não desejava pôr em perigo Rosalind.

Rosalind ia encantada pela viagem, olhando com atenção os botes, as gabarras e as lanchas a reboque que deslizavam pela água em todas as direções.

—Não tinha idéia de que houvesse tanta agitação no rio —comentou.

—Londres não existiria sem o rio. Se lhe parece que há agitação aqui, espera que passemos sob a Ponte de Londres e entremos no chamado grande remanso de Londres, onde jogam amarras os grandes navios de altura. Posto que lhe encontraram nesta área, provavelmente chegou a Londres em um navio costeiro ou um dos que fazem a travessia pelo Canal.

Ela assentiu e levantou a vista para a ponte Blackfriars, enquanto a chata passava veloz sob um de seus arcos. Stephen observou seu rosto encantado, desfrutando de seu prazer ao ver paisagens novas. Voltaria a casar-se, com algum nobre talvez? A noite anterior no teatro tinha cativado todos os homens que a conheceram. Certo que os muito cerimoniais não aprovariam seu passado de atriz, mas logo seria uma viúva rica e bela. Poderia casar-se com quem quisesse.

Ficou a pensar em quem poderia lhe convir, mas ao fim decidiu que não estava preparado para esse exercício de auto tortura. Pediria a seu irmão que cuidasse dela e mantivesse a raia dos caça fortunas.

O grande remanso de Londres estava lotado de veleiros ancorados e das barçaças que transportavam as cargas ao cais. A chata diminuiu a marcha, pois os remadores tinham que escolher cuidadosamente a rota. Logo passaram junto às maciças e imponentes muralhas da Torre de Londres.

Stephen ordenou que remadores atracassem junto à primeira escada ao leste da Torre, pois assim ao subir entrariam no cais St. Katherine. Se as lembranças de Rosalind eram corretas, os Fitzgerald a tinham encontrado ali. Depois de dizer aos lacaios que os seguissem a distância, ajudou sua esposa a descer do barco.

Ela pisou no molhado degrau de pedra e empalideceu, sentindo-se enjoada.

—Essa fetidez! —exclamou—. Nunca a esqueci. Devemos estar perto.

A fetidez era uma combinação do mau cheiro e sujeira de gente apinhada com o fedor do pescado podre nas restingas, o cheiro de lúpulo e as emanções exóticas dos carregamentos provenientes de outras terras. Interessante mas não agradável.

—Está segura de que lhe convém fazer isto? —perguntou ele, preocupado ao ver sua palidez.

Ela se agarrou firmemente em seu braço.

—Não, mas quero fazer de qualquer maneira.

Subiram a escada até a beirada do rio e escolheram uma das ruelas ao azar. As

desmanteladas casas de ambos os lados da rua estavam enegrecidas pela fumaça de carvão e a velhice. Quando já tinham caminhado duas quadras, lhe perguntou:

—Reconhece algo?

Ela olhou ao redor, envolvendo-se mais na capa embora a manhã não estivesse fria.

—Não, mas tem o aspecto. Havia uma igreja e uma cervejaria.

A igreja de Saint Katherine está perto, e certamente há uma cervejaria; cheira-se o lúpulo. —Sortearam um monte de lixo inidentificável—. Fala-se de derrubar todo este bairro para construir um cais fechado, como o que usa a Companhia das Índias Orientais. Nada disto será muita perda.

Entraram mais no labirinto de ruelas sujas. Rosalind olhava tudo com olhos inquietos.

—Há mais silêncio do que me lembro.

—Pensei que era melhor vir a primeira hora. —Pela extremidade do olho viu um rápido movimento furtivo. Um rato—. Os que têm trabalho estão trabalhando, e com sorte, os malfeitores não se levantaram ainda.

Ela sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos. Stephen teve a absurda idéia de que era como uma flor em um estábulo.

Apareceu um homem sujo e andrajoso caminhando para eles, com olhar curioso como de furão. Embora Stephen e Rosalind fossem vestidos com suas roupas menos elegantes, chamavam a atenção nessas ruas tão pobres. Ao passar junto a eles, o homem olhou Rosalind com insultante minuciosidade. Ela apertou os dedos no braço de Stephen.

—Esse homem... —não lhe saíram as palavras.

—Conhece-o? —Stephen olhou para trás por cima do ombro, mas o homem já se perdeu de vista.

—Não, não seria tão velho. M-mas recorda alguém de então. Limpou a boca com o dorso da mão.

Preparando-se para o pior, Stephen lhe perguntou:

—Esse outro homem lhe fez mal?

—Me... ofereceu-me algo para comer —disse ela, com a voz entrecortada—. Creio que era uma salsicha. Eu não gostei da forma como me olhava, mas tinha tanta fome que a aceitei. Ele me agarrou e, meu deus, beijou-me e me... colocou-me a mão sob a saia. Cheirava mal, e sua língua... pensei que queria me comer.

Voltou a limpar boca com a mão tremula. Stephen sentiu impulsos homicidas.

—A tocou?

—Só até certo ponto. Eu lhe mordi a língua até que lhe sangrou, e quando me soltou gritando, pus-me a correr. —Fez uma inspiração para serenar-se—. Consegui conservar a salsicha. Lembro que me escondi dentro de um monte de lixo e ali comi a salsicha.

Stephen sentiu uma terrível combinação de impotência e fúria ao compreender com horrorosa e viva claridade o que ela tinha suportado.

—Como sobreviveu? Onde dormia?

—Há muitas curvas onde se pode colocar uma menina. Claro que também se ocultam outras coisas ali. —subiu a manga e mostrou uma pequena cicatriz quase invisível no cotovelo.

—Essa foi uma dentada de um rato.

Ele desejou tomá-la nos braços e levá-la de volta à chata e à segurança de Mayfair. Mas ela desejava fazer isso, de modo que se controlou.

—Há algo que lhe traga lembranças de sua vida anterior antes de ficar órfã?

Ela pensou um momento.

—O navio que me trouxe para Londres. —Guardou silêncio um momento e logo disse, surpreendida—. Partimos de um lugar onde falavam francês e eu o entendia. Ao menos, entendia como entende alguma coisa uma menina dessa idade.

—Com quem viajou?

—Com uma mulher. —deteve-se, com os olhos desfocados—. Eu não me enjoei, mas ela sim. Lembro que lhe levei algo de comer. Ela gemeu e me disse que saísse. Eu não entendia por que se sentia tão mal.

—Era sua mãe essa mulher?

—Não! —exclamou ela bruscamente—. Não era minha mãe.

Surpreso por essa veemente negativa, pensou qual poderia ser o motivo, mas não era nem o momento nem o lugar para explorar mais a fundo. Ofereceu-lhe o braço e reataram a marcha, entrando em outra rua ao dobrar uma esquina. Tal como tinha destacado Rosalind, o lugar estava tranqüilo. Várias vezes havia sentido que alguém o olhava de uma janela suja, mas as poucas pessoas com que cruzavam olhavam com indiferença. Receoso, fez um pequeno rodeio para não passar junto a um cão fraco que andava farejando, e comentou:

—Agora que vejo o lugar me resulta mais fácil compreender por que ninguém se incomodou em ajudar uma garotinha órfã. Ela sorriu triste.

—Quanto devo aos Fitzgerald!... Confiei em Maria imediatamente. Quando me segurou nos braços e me perguntou se desejava uma nova mamãe e um novo papai, lembro muito bem que me fiz a promessa de não lhes causar jamais nenhum problema.

—E a cumpriu. Thomas me disse que foi uma menina perfeita —esboçou um sorriso—, de um modo antinatural.

—Tinha medo de que se me portasse mal me trouxessem de volta aqui. —Nervosamente jogou para trás uma mecha que lhe tinha caído no rosto—. Era uma tolice, é claro, mas nunca pude tirar do todo essa idéia da cabeça.

Stephen sentiu um nó de dor no estômago ao pensar no terror com que teria vivido Rosalind durante anos depois de sua adoção.

—Não estranho que fosse anormalmente boa.

Viraram por outra esquina. Em uma ruidosa casa na metade da quadra havia uma anciã sentada no degrau da porta, com um cachimbo de argila colocado entre as gengivas desdentadas.

—Reconheço-a! —exclamou Rosalind—. Ao menos havia uma mulher que via sentada assim todos os dias. A velha Molly. Creio que estava casada com um marinheiro, e quando ele estava embarcado, passava a maior parte do tempo observando o que ocorria na vizinhança.

—Poderia ser essa a mesma mulher? —perguntou Stephen.

Rosalind mordeu o lábio, pensando.

—Molly me parecia muito velha então, mas tinha o cabelo mais escuro. Esta mulher se vê igual, além de ter o cabelo branco e estar mais enrugada. Creio que é ela. —Olhou as sujas e desmanteladas casas—. Porque esta é a rua onde vivia. Lembro a estranha forma das fachadas dessas casas.

—O estilo é holandês. —Stephen tentou imaginar que impressão daria essa rua a uma garotinha assustada. O pensamento não foi agradável—. Há algum motivo especial para que a recorde depois de tantos anos?

Rosalind assentiu.

—Thomas e Maria me encontraram justo aqui, e Molly estava observando quando

ocorreu.

—Então vejamos se ela também recorda esse dia.

Com a mão firme no cotovelo de Rosalind, Stephen se aproximou da anciã. Ela se jogou para trás, mas não fez nenhum intento de fugir. Tinha o rosto tão enrugado e curtido que bem poderia haver passado as últimas décadas sentada ali ao ar livre.

—bom dia — saudou ele amavelmente—. Minha esposa queria lhe fazer uma pergunta.

A anciã tirou o cachimbo da boca.

—Sim?

—Faz muito tempo — disse Rosalind—, vinte e quatro anos, havia neste bairro uma menina órfã que se alimentava de sobras. Recorda-a?

—Há muitas órfãs —respondeu a anciã dando de ombros.

—Esta era uma garotinha muito pequena.

A anciã deu uma chupada no cachimbo, pensativa.

—Ah, sim, ela. Não há muitas garotinhas pequenas nas ruas. Valem mais em um prostíbulo. Um homem e uma mulher de cabelo moreno a recolheram. Não pareciam traficantes de crianças, embora fossem igual. —Olhou Rosalind e Fechou os olhos—. É você essa menina? Não se vêem muitas de cabelo loiro e olhos castanhos.

Rosalind assentiu. O olhar da mulher passou a Stephen.

—Se este for seu marido, saiu-se bem, menina.

—Isso sei muito bem, o asseguro —disse Rosalind—. Você foi boa comigo. Uma vez me deu pão.

—Não lhe dei isso - riu a velha—. A velha Molly não dá alimento por nada.

—É verdade, eu lhe dei algo em troca —disse Rosalind—. Mas não recordo o que foi.

—Um lenço. Tecido fino, bonito bordado. Tive-o muito tempo, e ao final o vendi por dois xelins.

Rosalind reteve o fôlego e arregalou os olhos.

—Um lenço. Recorda como era? Molly entreabriu os olhos.

—Flores, algo como um animal e uma letra. Era um M, como meu nome. —Emitiu um cacarejo—. Quase deixei isso por isso.

—Stephen, tem papel e lápis? —perguntou Rosalind, nervosa.

Ele lhe passou um lápis e uma carta dobrada. Rosalind desenhrou rapidamente um quadrado com um leão estilizado em um canto e um M no canto da frente, cada figura rodeada por flores dispersas. Mostrou o desenho a Molly.

—parecia-se com isto o bordado?

A mulher olhou atentamente o desenho, entrecerrando os olhos.

—Sim, era assim. Era seu então.

Stephen agarrou a mão livre de Rosalind; estava tremula. A Molly perguntou:

—Recorda alguma outra coisa sobre como minha esposa chegou a estas ruas?

Molly deu de ombros.

—Disseram que uma chata trouxe ela e uma mulher mais velha de um veleiro grande. A mulher teve uma espécie de ataque logo que pisou no cais. Como estava morrendo, um guarda tentou agarrar à menina, mas ela fugiu. Isso disseram.

Uma mulher mais velha; isso confirmava a crença de Rosalind de que não viajou com sua mãe.

— Quanto tempo viveu nas ruas minha esposa antes que a adotassem?

—Dois meses possivelmente. Não me lembro.

Então Rosalind havia passado talvez oito ou nove semanas vivendo na sujeira,

esquivando-se de ratos e perversos, comendo restos de mantimentos sempre que podia. Sessenta dias, talvez mais. Pensar quase o fez sentir-se doente fisicamente, e reforçou sua resolução de fazer algo por Thomas e Maria.

—Obrigado, senhora —disse a Molly, lhe fazendo uma inclinação de cabeça. Sorriu-lhe, mostrando as gengivas.

—Um senhor elegante como você deve ter algo para ajudar à velha Molly.

Ele tirou uma moeda de ouro do bolso, o salário de um ano de uma criada, e a entregou à anciã. Cacarejando alegremente, ela entrou na casa com a moeda, antes que ele mudasse de opinião.

Stephen agarrou o desenho de Rosalind e o olhou atentamente.

—Este leão tem aspecto de ser de um escudo. Recorda algo mais dele?

Ela negou com a cabeça.

—A imagem simplesmente apareceu de repente em minha cabeça.

Ele seguiu com o dedo a deliciosa forma da inicial.

—Poderia ser que seu verdadeiro nome começasse por m? Mary? Margaret?

Ela afogou uma exclamação e se separou dele bruscamente, com o rosto branco como um papel.

—meu Deus, isto foi um engano. Não deveria ter vindo aqui. Perguntando-se que terríveis lembranças lhe teriam evocado suas palavras, lhe rodeou os ombros com o braço.

—Agora iremos para casa —disse, tranquilizador—. Não esta acontecendo nada, Rosalind. Seja o que for que tenha acontecido então, tudo está bem agora.

Ela o olhou com os olhos velados.

—Nunca voltará a estar tudo bem —disse em francês. Tinha sido um condenado estúpido ao aceitar levá-la ali, pensou ele. Agarrando-a pelo braço pôs-se a andar para o cais.

—Não demoraremos para chegar ao rio, e dali iremos para casa. Nunca terá que voltar aqui, minha rosa. Jamais.

Ela caminhava a seu lado sem ver, tropeçando de tanto em tanto no chão irregular; sua preocupação por ela o distraía de vigiar mais por onde passavam. Ao dar a volta a uma esquina quase se chocaram com um homem alto e gorducho que os apontava com uma faca de temível brilho.

—Solta o ouro, chefe —disse o ladrão em tom ameaçador. Cheirava a uísque—. Vi dar algo à velha Molly, mas certo que há muito mais para mim. —Esticou os lábios em um sorriso, mostrando os dentes cheios de buracos negros—. Venha, rápido, e não farei mal nem a você nem à senhora.

Mas seu olhar passou a Rosalind e ficou observando atentamente.

—Não —sussurrou ela, apertando-se contra Stephen.

A fúria que foi se acumulando em Stephen desde que puseram os pés no cais explodiu com uma violência letal. Com um soco na mão do homem lhe arrancou a faca, que saiu girando pelo ar, e com o mesmo impulso lhe deu um chute com o pé direito que o jogou no chão.

O ladrão uivou uma obscenidade. Stephen tirou sua pistola de bolso, engatilhou-a e a apontou à testa do homem, entre as sobrancelhas. Seu dedo estava apertando o gatilho quando viu o terror nos olhos injetados em sangue. Pobre maldito bastardo.

Dizendo-se que se alguém se meter em um ninho de serpentes não deve surpreender-se em encontrar serpentes, soltou o gatilho.

—Busque um trabalho honrado —disse em tom glacial.

Nesse momento apareceram na esquina os dois lacaios aos quais havia dito que

se mantivessem a distância. Ao ver que havia problema, aproximaram-se correndo.

—Excelência —exclamou o mais alto, muito pálido—. Estão bem?

—Não aconteceu nada. Mas agarra a faca deste indivíduo —disse apontando a faca com o canhão da pistola—. Uma serpente sem presas não pode fazer muito dano. Desengatilhou a pistola e voltou guardá-la no bolso interior do casaco; depois se voltou para Rosalind e a abraçou.

—Deixemos este lugar aos ratos?

Ela não respondeu imediatamente; tinha todo o corpo tremulo e se via bem mais frágil, apesar de sua altura. Acariciou-lhe os sedosos cabelos, lhe sussurrando palavras tranquilizadoras. Notou nele uma confusa mescla de desejo e atitude protetora. Então ela o olhou e ele viu em seu rosto uma estranha serenidade.

—Não pára de demonstrar inesperados novos talentos, Stephen. Se tivesse sido você o irmão mais novo que entrou no exército, faria uma excelente carreira nele.

Ele compreendeu que estava vendo uma capacidade quase sobrenatural para separar o medo e a aflição. Assim deve ter sido como conseguiu sobreviver aos horrores que tinha sofrido. Afrouxando o abraço lhe disse:

—Nunca vai mal a um homem saber defender-se.

Manteve o braço sobre os ombros dela enquanto caminhavam de volta à escada e à chata que os esperava. Desta vez os lacaios os seguiram muito mais de perto.

Mas embora pudessem partir desse imundo bairro, Stephen duvidava que as lembranças evocadas em Rosalind pudessem enterrar-se facilmente.

Capítulo 25

Durante a primeira parte da viagem de volta, Rosalind vagou pelo lugar de sua mente onde tinha aprendido a ocultar-se quando era uma menina pequena. Sua mente estava cheia de luz, e deixava às escuras o mundo aterrador; ali nada podia lhe fazer mal. Pouco a pouco foi saindo dali, recordando o ocorrido, mas segura, separada das paralisantes emoções que tinha experimentado.

Quando se deu conta de que Stephen a estava observando muito preocupado, sorriu-lhe e lhe segurou a mão.

—me conte algo sobre os navios que estão atracados ali junto à Alfândega.

Ele relaxou e começou a lhe fazer comentários sobre o que foram vendo. Quando a chata saiu da enorme concentração de barcas e lanchas, disse-lhe:

—Se não esta muito cansada, eu gostaria de lhe mostrar algo perto do Covent Cardem.

—Não estou cansada — assegurou ela, desejosa de ter uma distração.

Talvez Stephen devesse estar cansado, mas se via muito bem; aparentemente ia bem derrotar algum vilão. Desembarcaram junto na nova ponte Waterloo, sem os criados, que continuariam o resto do trajeto na chata, por ordem de Stephen. Depois ele fez parar uma carruagem de aluguel e empreenderam a marcha para Covent Cardem.

Quando terminaram de passar pelo buliçoso mercado, Stephen fez deter a carruagem e pagou ao cocheiro para que os esperasse. Rosalind apeou e se encontrou diante de um pequeno teatro.

—Teatro Atheneum? Nunca ouvi falar dele.

—Leva anos fechado. Pensei que poderia gostar de visitá-lo devido a seu valor histórico. É o único exemplar que resta dos teatros de Londres construídos depois que

Carlos II foi restaurado no trono e aboliu a proibição puritana imposta aos teatros. Outros se incendiaram ou foram derrubados para reconstruí-los.

Dirigiu-se a uma porta pequena à direita da entrada principal e bateu forte.

Enquanto esperavam que abrissem, se aproximou uma florista do mercado com uma cesta cheia de flores de cores outonais. Avaliando Stephen com um olhar, disse-lhe, lhe mostrando um tentador ramo:

—Flores para a bela senhora, senhor?

A jovem tinha escolhido bem seu objetivo. Stephen pagou um generoso preço pelas flores e as ofereceu a Rosalind com um sorriso:

—Não há rosas aqui, temo.

—Um mundo com apenas rosas seria menos interessante. —Colocou o nariz nas flores—. Obrigado, Stephen. Cuida muito bem de mim.

Ele torceu a boca.

—Se isso fosse certo, não haveria lhe levado jamais a esse horrível bairro.

Ela estremeceu, como se tivesse agitado algo tenebroso e ameaçador sob essa bem construída serenidade. Mas negou com a cabeça.

—Foi bom que fôssemos. —Curvou a boca em um sorriso triste—. Mas como muitas coisas que são boas para nós, não foi uma experiência agradável.

Nesse momento se abriu a porta, e viram um ancião com um pedaço de queijo na mão e um cão de olhos tristes a seu lado.

—Sim?

—Sou Ashburton —disse Stephen—. Lamento haver interrompido o almoço. Se for você o senhor Farley, o zelador, terão o informado que eu viria logo.

—Ah, sim.

Farley se fez a um lado para deixá-los entrar no maltratado vestíbulo. Stephen esperou muito sério que o cão o farejasse e fizesse um gesto de aprovação, para perguntar:

—Importaria-lhe que explorássemos sozinhos?

—Como goste, senhor. Eu estarei atrás, na sala de espera dos atores.

Farley mordeu um bocado de queijo e pôs-se a andar pelo corredor lateral, com o cão caminhando preguiçosamente a seu lado.

Rosalind passou pelas portas do vestíbulo e entrou na sala do teatro, que estava tenuemente iluminada pela luz que entrava pelas clarabóias, muito altas.

—Que teatro mais bonito —disse, percorrendo com olhar perito o cenário, os camarotes e o pátio de poltronas—. É suficientemente grande para ter um bom público, mas suficientemente pequeno para que o ator possa ser sutil e não tenha que gritar. Não como o Drury Lane, que é lindo, mas faz parecer um celeiro acolhedor.

—Como o Atheneum não foi construído por decreto real nem por subvenção do rei —explicou Stephen—, teve um papado muito heterogêneo; muitos diretores e diferentes tipos de espetáculo. —Avançou pelo corredor da esquerda, passando junto aos bancos sem encosto—. A falta de prosperidade o salvou de ser derrubado para reconstruí-lo em forma de teatro enorme como o Covent Cardem e o Drury Lane. Eu gostava muito de ver representações aqui, e o lamentei muitíssimo quando o fecharam.

Ela espirrou, seguindo-o.

—Está precisando terrivelmente de restauração.

—Muito certo. —Chegou ao fosso da orquestra. Uns estreitos degraus encostados à parede de um lado conduziam ao cenário. Voltou-se e estendeu a mão—. Hipólita, acompanha-me?

A vida tinha sido muito mais simples quando ele era o senhor Ashe e ela uma

atriz ambulante. Desejando voltar para isso, embora só fosse por uns minutos, ela jogou atrás a capa, como se fosse um manto real, pôs o personagem da rainha das amazonas, e agarrou a mão de seu marido:

—Com supremo prazer, amadíssimo Teseo.

Subiram ao cenário como se fizessem sua majestosa entrada em Sonho de uma noite de verão. Uma vez acima, Stephen trocou de papel: agarrou-a em seus braços e, com o gesto ridiculamente histriônico do duque malvado na falsa amante, deitou-a para trás e a beijou, só que desta vez ao estar o teatro vazio, o beijo foi autêntico. Certamente seu marido se recuperou do ataque da noite anterior.

Rosalind saiu do beijo rindo, com um calor de paixão que lhe dissipou o frio interior produzido pela viagem a seu passado nessa manhã. Ele cavou a mão em seu seio e lhe acariciou lentamente o mamilo com o polegar. Ela fez uma inspiração entrecortada.

—Senhor, isto é muito atrevido. Esqueceste que estamos diante do público?

Ele sorriu, e lhe formaram ruguinhas ao redor de seus olhos.

—Só ratos e aranhas.

—Nada disso. —desprende-se do abraço e ficou no centro do cenário—. O teatro está cheio dos fantasmas de velhos públicos, dispostos a rir, a chorar ou a jogar laranjas podres se não gostarem da atuação. —inclinou-se em uma elegante reverência diante os espectadores invisíveis, segurando-as saias com a mão esquerda e sustentando o buquê de flores na direita.

—Significa isso que deveríamos praticar o beijo até que o façamos adequadamente? —perguntou ele, muito interessado. Sorriu-lhe travessa mas negou com a cabeça.

—Sabe aonde nos levaria isso, senhor meu marido. Assustaríamos de morte às aranhas.

Rindo, ele deixou o pré-cenário e entrou nas sombras do cenário.

—A julgar pelos cenários, o último que se representou aqui foi um tenebroso melodrama gótico. —Empurrou um pano de fundo liso em que estava pintado um ameaçador castelo na distância, e este deslizou lentamente pelo trilho. Atrás havia outro pano de fundo com uma ensolarada cena pastoril idealizada que deveriam usar para o final feliz.

Rosalind observou seus tranqüilos e atléticos movimentos, gravando o momento como outra imagem para sua galeria secreta. Mentalmente a titulou «Stephen charmoso e heróico»; causaria sensação com a roupa negra tradicionalmente usada por Hamlet. O espartilho e as pantalonas dariam realce a suas pernas longas e musculosas e a seus ombros largos. E a braguilha...

Ruborizou-se ao ver a direção que tomavam seus pensamentos. Sentiu a forte tentação de lhe sugerir que voltassem imediatamente para casa, mas isso seria uma ingratidão, havendo ele organizado a visita a esse encantador teatro simplesmente porque pensou que lhe agradaria. Além disso, a espera aumentaria a satisfação final.

Aspirou a fragrância das flores do ramo, sentindo-se mimada. Embora o amor de Stephen estivesse reservado para sua primeira esposa, a segunda não tinha nenhum motivo de queixa.

Ele estava olhando para cima.

—Essas cordas e passarelas lá encima se usam para cenas de vôo suponho?

Ela assentiu.

—E contei nada menos que três alçapões para que saiam fantasmas e outras criaturas. Brian adoraria este lugar.

—Não são necessários arranjos tão complicados para criar efeitos de vôo —disse ele sorrindo—. No castelo Bourne, até mesmo Maria se balançava pelas árvores como um macaco.

Ela riu ao recordar. Saint Katherine e a velha Molly lhe pareciam com anos de distância.

—Exploremos o resto do Atheneum? —meteu o ramo coquetemente no decote—. Depois, ai de mim, precisarei ir para casa e me colocar na cama um momento. Os rigores do dia, sabe?

—Ah, sim, isso é o que vai acontecer. —Assentiu pormenorizado e abriu a porta para a parte de trás do cenário—. Rigores.

Rindo, ela passou pela porta fazendo como se flutuasse. Stephen teria sido um excelente ator cômico; quando queria, sabia dar um sentido malicioso ao mais simples dos comentários.

O Atheneum era um labirinto de camarins e oficinas. Criada no teatro, Rosalind sabia uma enorme quantidade de ditos e comentários mordazes e divertidos que faziam Stephen rir quase sem parar. Amenizando o percurso, os dois participavam de um delicado dueto de miríades e contatos que os fazia saborear de antemão o que ocorreria quando chegassem em casa. Ela passava muito perto dele quando ele abria uma porta, roçando-o provocativamente com as saias; ele aproveitava qualquer pretexto para lhe agarrar a mão e lhe acariciar a palma. O máximo de tentação e o máximo de oportunidade. Depois de explorar o primeiro andar subiram ao piso superior. Grande parte da sala estava ocupada pela oficina de construção de cenários e objeto de cenário.

—Isto é francamente estranho —comentou Rosalind ao ver um cenário ao meio construir instalado no centro da sala—. O teatro deve ter fechado muito de repente.

—Pois sim. O principal promotor financeiro caiu em bancarrota. O proprietário do teatro conservou a propriedade, mas não conseguiu encontrar um novo promotor que estivesse disposto a pagar as dívidas já existentes. Tudo está bastante igual a como estava no dia que fechou o teatro.

Stephen começou a abrir outras portas. A maioria davam a sótãos, abarrotados de móveis velhos e decorações.

A última porta conduzia ao departamento de vestuário. Nas prateleiras havia chapéus e roupas reais falsos e outros materiais pelo estilo, e ganchos na parede penduravam-se silenciosos trajes. Rosalind foi até o que tinha mais perto e levantou o tecido protetor que o cobria.

—Ah, este tem que ser o rei Enrique oitavo. Está vestido exatamente igual no retrato de Holbein.

Stephen sorriu ao reconhecer as mangas acolchoadas com aberturas e o excelente tecido.

—Thomas estaria esplêndido com isto. Muito régio. —Levantou o cobertor de Holanda do seguinte — Este tem gola e botas cavalheirescas. Falstaff, supondo?

—Provavelmente, assim é como se vestia normalmente. Este último tempo houve mais interesse na exatidão histórica do vestuário, mas ainda nos falta muitíssimo. —Agarrou uma coroa dourada muito resplandecente com as duas mãos—. Esta viria muito bem a meu pai. Está planejando representar o Rei Lear na próxima temporada. Diz que nenhum homem deveria interpretá-lo antes dos cinquenta anos.

Stephen agarrou uma espada de um monte empilhado junto à parede e a Brandiu, pensativo.

—Thomas tem razão. Os jovens acreditam que a juventude é imortal. Poderia um ator jovem compreender realmente as vaidades e a desesperada tolice da idade quando

a morte é inevitável?

Fez um gesto de moléstia ao perceber o tom laudatório de sua voz, tão perigosamente próximo a auto-compaixão. Depois fez um passe com a espada para provar o equilíbrio.

—Esta espada não serve nem para cortar queijo. Rosalind o olhou com provocadora admiração.

—Supondo que a esgrima é uma das habilidades aristocráticas que aprendeu desde muito jovem.

Ele assentiu.

—E era bastante bom. Em minha melodramática juventude às vezes sonhava que se me desafiassem a um duelo em que pudesse escolher a arma, eu então preferiria a espada à pistola. —Fez um lance em que enterrava a espada em um competidor invisível.

—Que sanguinários são os homens. —Rosalind deixou a coroa grande e agarrou uma menor—. Terei que procurar um fabricante de vestimenta teatral para comprar uma nova coroa para meu pai. A velha está em muito má forma.

—Ao mesmo tempo deveria comprar uma coroa de rainha para Maria.

—Na realidade, tinha pensado lhe dar de presente uma capa forrada em arminho realmente suntuosa. —Olhou a sala com certa tristeza—. Acredita que o Atheneum poderia recuperar vida alguma vez?

—É muito possível. —Deixou a espada na pilha de armas. Pensando que o momento era o oportuno, acrescentou—. Seus pais gostariam do Atheneum?

—adorariam. Imagine minha mãe deitada em um sofá representando à moribunda Isabella, com todo o público chorando histérico. —Sorriu com carinho—. Ou meu pai no papel de Lear, cambaleando cego pelo cenário guiado por Jessica no papel de Cordelia.

—Compro-lhes este teatro? —perguntou Stephen em tom coloquial.

Absorta como estava imaginando seus pais em seus papéis, Rosalind demorou um momento em registrar suas palavras. Ao as assimilar desceu as mãos com a coroa e o olhou com os olhos arregalados.

—Brinca.

—Não, não. Estive pensando de que forma dar segurança a seus pais para o futuro. Que melhor que possuam seu próprio teatro? Como diretor proprietário, seu pai pode fazer exatamente o que queira. Juntos podem por fim encontrar o êxito que merecem.

—Olhou atentamente um pilar de cartão que sustentava um esmurrado busto de Julho César—. Como tenho tão boas lembranças do Atheneum, pedi a meu advogado que investigasse sua situação atual.

—É possível alugá-lo? —perguntou Rosalind em voz baixa.

—Na realidade, o teatro, com todo seu conteúdo e uma casa modesta na parte de trás, estão à venda. Pensei em dar de presente o teatro a seus pais, em propriedade absoluta, e pagar os gastos de restauração, e deixar recursos para cobrir dois anos de gastos de impostos.

—Agarrou a coroa das mãos murchas de Rosalind e a pôs garbosamente na cabeça do César—. Posto que não teriam que pagar aluguel, poderiam obter substanciosos benefícios, embora pequenos para a mentalidade moderna. Felizmente nos últimos anos se relaxaram as normas para os teatros sem licença, o que é muito bom. As diversões de Londres necessitam sangue novo. A elegante mandíbula inferior de Rosalind se afrouxou.

—Comprar e redecorar este teatro custaria uma fortuna!

—Possuo uma fortuna —disse ele—.Na realidade possuo várias, e não posso levar nenhuma comigo.

Ela passou a mão atordoada pelo cabelo.

—Meu pai é muito independente. É possível que não aceite um presente assim.

—De seu genro? Por que não? É independente mas não estúpido. —Sorriu—. Pensa no Atheneum como em seu preço de noiva. Eu poderia tê-lo pago em vacas ou camelos, mas pensei que um teatro seria mais apropriado.

Os olhos do Rosalind começaram a brilhar ao ir compreendendo as possibilidades.

—Se viessem a Londres, Jessica não teria que deixar a companhia para conseguir êxito. Nem tampouco Brian, quando chegar o momento.

—E se sua irmã se casar com Simon Kent ou com outro ator, podem seguir com o Atheneum até meados do século. Talvez tenham filhos que sigam seus passos—. Sorriu com certa tristeza—. Embora eu não esteja aqui para vê-lo, agrada-me a idéia de contribuir a estabelecer uma dinastia teatral Fitzgerald.

—Oh, Stephen, essa é a idéia mais maravilhosa que ouvi em minha vida, e você é o homem mais maravilhoso do mundo. E não só por sua generosidade econômica. —jogou-se em seus braços, abraçando-o estreitamente—. Olhou Thomas e Maria e não viu somente um casal de atores ambulantes provincianos que vivem precariamente. Viu sua bondade, seu talento e seus sonhos. —Olhou-o com os olhos empanados pelas lágrimas—. E se tomaste esses sonhos o suficientemente a sério para contribuir a fazê-los realidade.

Ele olhou seus cabelos brilhantes e sua graciosa figura feminina, pensando na garotinha aterrada que tinha sido.

—Eles lhe salvaram a vida. Se não lhe tivessem resgatado desse bairro horróreo, teria morrido de uma forma terrível. Maria e Thomas eram jovens, tinham pouco dinheiro e nenhuma segurança, mas lhe adotaram e lhe deram um lar amoroso. —Agarrou-lhe meigamente o rosto entre as mãos—. Por isso lhes daria feliz todo o dinheiro que tenho.

—Um teatro será bastante —disse ela rindo entre lágrimas.

Levantou a cabeça e o beijou, lhe dizendo com os lábios mais do que jamais poderiam dizer as palavras. Correspondeu-lhe o beijo. O desejo que tinha ido aumentando lentamente entre eles se converteu nele em feroz necessidade, em um desejo de possuí-la com tanta profundidade que ela não voltasse a sentir medo nunca mais.

Ela interrompeu o beijo para lhe dizer com voz rouca:

—Vamos para casa.

Seus olhos castanhos se viam quase negros e seus lábios estavam cheios de promessa sensual.

—Depois —disse ele.

Desejava-a já. A noite anterior estava muito debilitado pela dor para fazer amor. Quantas vezes mais teria a força para fazê-lo? Devia começar a contar para trás essas vezes igual aos dias que restavam de vida?

Com uma terrível urgência a apertou contra a parede, entre os trajes. A vestimenta do rei Enrique VIII se desprende de seu cabide e caiu ao chão. Quando se apoderou de sua boca, seu corpo aprisionou o dela, lhe esmagando com o peito o buquê de flores contra o corpete, fazendo emanar um aroma agridoce. Ela exalou um suspiro, surpreendida, mas sua língua tocou a sua com ânsias, enquanto seus quadris se arqueavam apertando-se contra sua virilha.

Colocou-lhe a mão sobre o seio cheio; maturidade feminina, erótica e sustentadora.

Deus santo, ela poderia ter morrido de fome ou de enfermidade, ou de uma horrível violação nas mãos de um monstro adulto. Igualmente se não a tivesse conhecido jamais. Só A idéia era insuportável.

Veio-lhe à mente um verso de um poema do Andrew Marvell: «Se tivéssemos mundo suficiente, e tempo...».

Mas não tinham. Os dias e as horas voavam. Deslizou a mão entre eles até o sexo dela, acariciando. Ela gemeu e colocou as mãos sob seu casaco, descrevendo círculos em suas costas.

«Mas as minhas costas sempre ouço o carro alado do tempo que se aproxima, às pressas». Levantou-lhe as saias, manipulando entre as capas de roupa íntima até encontrar suas partes íntimas; o pulso da vida. Ela fechou os olhos e apoiou a cabeça na vestimenta real enquanto ele movia a mão ritmicamente lhe acariciando a carne secreta, úmida.

«A tumba é um bom lugar secreto, mas creio que ali ninguém abraça». Mas nesse momento ele estava vivo: sangue, osso, fibra, vivos.

Desabotoou as calças, levantou-lhe a perna esquerda, pondo-a ao redor dele, e penetrou no ardente e acolhedor túnel, enterrando-se nela.

Mente, coração e sexo, vivos.

Ela inspirou fortemente. Ele ficou quieto um instante, envergonhado de sua precipitação.

«Um bom lugar secreto...» Seu domínio se desmoronou, porque como Rosalind estava total e desesperadamente vivo. Voltou a penetrá-la, esmagando-a contra a parede acolchoada por trajes.

Ela emitiu um som rouco, gutural, saído do fundo da garganta, lhe enterrando os dedos nas costas. Ele voltou a investir, uma e outra vez, e ela aumentou a pressão da perna com que o rodeava, agitando contra ele seu gracioso corpo dentro do fechamento em que a tinha o corpo dele.

«Creio que ali ninguém abraça». Mas nesse momento eles estavam abraçados, fundidos em uma união grosseiramente importante. Sua esposa, seu par, impressa em sua alma, se é que tinha alma. A paixão multiplicando-se, transformando-se em um fogo avassalador. Vivos, vivos.

Ela emitiu um grito tremulo. Ele enterrou o rosto em seus cabelos e esfregou os quadris contra seu corpo dócil. Enterrou-lhe os dentes no ombro e estremeceu inteira. O orgasmo desencadeou a explosiva liberação dele, derramando vida dentro dela, vida misteriosa e pródiga, a pequena morte que aniquilou seu ser, fundindo-o breve e profundamente com a dela. Vida além da vida.

Então, muito cedo, sozinho. Dois seres separados em lugar de um somente.

Aferrou-se a ela, respirando em entrecortados fôlegos. A perna levantada dela deslizou para baixo, lhe roçando a panturrilha, até ficar apoiada no chão, mas pelo resto, não se moveram. Ela estava moldada contra ele, femininamente mole. Com os olhos fechados ele sentia mais intenso o calor do íntimo contato e os aromas almiscarados suspensos no ar.

Que pouco tempo restava, lamentou. Que pouco tempo...

Ouviu um tinido na distância e logo algo lhe tocou a panturrilha. Sobressaltado, abriu os olhos e olhou. O cão de Farley o estava olhando com moderado interesse. O cão tinha subido e entrado pela porta aberta.

—Volta a realidade —disse, com um sorriso irônico.

Afirmando-se com uma mão no braço de Rosalind para não cair, embora não sabia qual dos dois necessitava mais o apoio, separou-se dela e com a outra mão arrumou a roupa para recuperar a decência.

Rosalind, maravilhosa e pecaminosamente desejável, alisou as saias e passou a mão pelo cabelo revoltado em um inútil intento de domá-lo.

—Esta foi uma bela forma de celebrar o renascimento do Atheneum —disse, cobrindo recatadamente com a capa o vestido da manhã.

Ele se sentiu alagado por uma espécie de paz, que substituiu a frenética urgência que havia sentido. Sim, sua morte era iminente, mas a vida continuaria, com novos nascimentos, novas crises e novos triunfos.

Só desejava poder estar presente para celebrar mais deles.

Capítulo 26

A vida social começou logo que Rosalind e seu marido chegaram em casa depois da visita ao teatro Atheneum e se encontraram diante de uma pequena montanha de cartões de convite. Pelo visto tinha passado no exame preliminar do Drury Lane.

Sem fazer caso dos cartões foram diretamente para cama, embora não para fazer amor. O fulgurante encontro na sala do vestuário tinha deixado os dois esgotados mental e fisicamente, de modo que dormiram abraçados. Rosalind se cansava com mais facilidade esses dias. A energia de Stephen também estava minguando, embora disso não se falasse. Embora tivessem acordado ser sinceros a respeito de sua enfermidade, ela tinha compreendido muito em breve que era melhor evitar alguns assuntos.

Dormiram toda a tarde. Depois de um jantar tranquilo, Stephen ficou a olhar a pilha de convites enquanto bebiam café em seu estúdio. Foi classificando os cartões com a rapidez de uma longa prática.

—Barnham não, Wigler não, Manningham não, Strathmore sim, Hillingford não, Devonshire talvez.

Rosalind o observava fascinada, acotovelada na mesa com o queixo apoiado na mão.

—Qual é seu critério para aceitar ou recusar?

—Posto que desejamos lhe apresentar socialmente, só escolho os anfitriões e os eventos mais prestigiosos. —Rechaçou outros três cartões.

—Seriamente se fixa no tipo de evento?

—um pouco. —deu uma olhada ao seguinte cartão—. Por exemplo, este é para um café da manhã veneziano. Muito frio para esta época do ano, e só anfitriões de segunda classe. Vai com as cabras, não com as ovelhas.

—E eu que pensava que não era esnobe —riu ela.

—A vida social entre os elegantes é em sua maior parte um jogo. Se a gente quer jogá-lo tem que conhecer as regras e jogar para ganhar. —depois de rechaçar vários cartões, deteve-se em um—. St. Aubyn sim; ele e sua esposa são amigos meus especiais; com as ovelhas.

Ela moveu a cabeça penalizada.

—A todos esses iludidos anfitriões lhes partiria o coração se vissem o desdém com que trata seus convites.

—Ao contrario. A maioria admirariam meu implacável critério e procurariam uma forma de entrar no grupo das ovelhas. Ela bebeu um pouco de café.

—No jogo da sociedade, ser duque deve ser como ter uma mão com puros

trunfos.

—E como minha duquesa, joga com a mesma mão —disse sorrindo. Não a mesma, mas bastante parecida, ao menos enquanto ele estivesse a seu lado.

—Não aceite muitas. Embora deseje conhecer gente, prefiro passar mais tempo a sós contigo.

Interrompeu-se ao compreender que o mundo elegante era o meio natural dele, e que provavelmente desejaria ver o maior número possível de seus amigos antes de... antes que fosse muito tarde.

Mas aparentemente a Stephen não incomodou sua presunção.

—Eu também quero isso, mas é importante que conheça alguns de meus melhores amigos. Assim poderá visitá-los depois se alguma vez desejar alternar a sociedade.

—Os mais importantes não me vão pôr com as cabras?

—Não os que são verdadeiros amigos. —Distraidamente ordenou a pilha de convites recusados—. Eu costumava a tomar mais a sério as obrigações sociais, porque acreditava que isso era o que devia fazer o herdeiro de um ducado. Nunca me ocorreu pensar que tinha opção. Nas últimas semanas compreendi que são muito poucas as coisas que vale a pena levar a sério.

O silêncio incômodo que seguiu foi interrompido por Porcia, que irrompeu na sala como um pequeno foguete negro com laranja; deteve-se bruscamente, olhou desconcertada seus donos e logo executou uma louca combinação de saltos para um lado e uma cambalhota para trás. Rosalind e Stephen ficaram rindo quando a gata saiu disparada pela porta.

—Posta a escolher entre a risada e a excessiva seriedade, escolho a risada disse ela—. Depois de tudo, vivi a maior parte de minha vida o trabalho de divertir.

Stephen assentiu.

—A primeira noite que a vi, em Fletchfield, vi duas irmãs anciãs esperando para assistir à representação. Era evidente que ver uma peça de teatro era para elas uma ocasião especial, excepcional, que a recordariam e comentariam com carinho durante anos. Levar prazer às pessoas é uma tarefa digna de levar a sério. —Agarrou outro convite e a desprezou atirando-o por cima do ombro—. Não é assistir a uma festa oferecida pelo homem mais ambicioso da Inglaterra assim que obtém ascensão social. Abriu a seguinte missiva e a leu por cima.

—Esta é do primo Quintus do Norfolk. Informa-me que a senhora Rés, esse é o sobrenome oficial de Ellie Warden, e seu bebê se estabeleceram muito bem e que o chefe dos cavalariaços a está cortejando. O jovem é um bom homem e aparentemente a moça gosta. Pergunta-me se eu poria alguma objeção a seu matrimônio.

Rosalind sorriu pesarosa.

—Tinha razão. Seu primo supõe que Ellie foi sua amante e que seu filho é seu bastardo. Imagino que não tem nenhuma objeção a que se case.

—Nenhuma absolutamente. O jovem é realmente um bom homem. Deveria ir muito bem juntos. —Abriu o último cartão—: Lady Cassell convida a uma noite musical. Não a conheço muito, mas eu gosto de música, e sempre contrata excelentes intérpretes.

—Ovelha —declarou ela—. Também gosto de música. Também poderíamos fazer alguma coisa simplesmente porque gosta.

Stephen riu e acrescentou esse cartão ao monte das aceitas.

—Se eu enviar um coche, seus pais poderiam vir a Londres por um ou dois dias? Quero lhes expor a idéia sobre o Atheneum, porque não comprarei o teatro se não lhes

interessar.

Agradou-lhe que ele não supusera automaticamente que os Fitzgerald se precipitariam a aceitar seu presente.

—Teriam que poder fazer uma escapada, embora sua ausência vá reduzir o número de obras que pode representar a companhia. Reservo-lhes quarto em alguma das estalagens próximas?

Ele arqueou as sobancelhas.

—negariam-se a hospedar-se sob meu teto?

Ela titubeou, mas ao fim decidiu lhe dizer a verdade:

—Não iriam querer lhe causar a vergonha de hospedar dois atores.

—Sei que pensa que sou um esnobe —disse ele triste—, mas seria um cavalheiro de muito má classe se não reconhecesse meus próprios parentes por casamento. Além disso, desejo ter aqui Thomas e Maria; senti saudades deles.

—Muito bem —repôs ela, contente de que Londres não o tivesse colocado muito cerimonioso—. O coche os pode trazer diretamente à casa Ashburton, para que assim não tenham outra opção.

Ele agarrou uma pluma.

—Também farei vir meu secretário e meu valete da abadia. Devem estar perguntando-se o que me aconteceu. Ela o olhou horrorizada.

—Em todas estas semanas não tem escrito a seus criados para lhes fazer saber seu paradeiro nem como está?

—Não —se limitou a responder ele—. Agradou-me bastante escapar. Embora não me incomodará voltar a ter os serviços de meu valete. Agora sei que sou capaz de me virar sozinho, mas como isso já comprovou a minha total satisfação, devolverei alegremente essas tarefas a Hubble.

Ela moveu a cabeça sorrindo. Mundos diferentes.

—Nada de sorrisinhos suficientes —disse ele severamente—. Temos que contratar uma criada para você. Vai precisar.

Ela gemeu, mas aceitou. Afinal sua incursão na sociedade não era por seu bem mas sim pelo de Stephen e o bebê que levava. Por eles faria a melhor atuação de sua vida.

Rapidamente se estabeleceram em uma rotina em que Stephen passava as manhãs em sessões de negócios. As tardes passavam juntos, conversando, lendo ou rindo das travessuras de Porcia, e as noites saíam. Cada dia era diferente, e tal como ela assegurou ao dia seguinte das bodas, estavam saboreando só a nata. Havia uma dolorosa ironia nisso; a maioria dos casais recém casados começavam logo a estabelecer os alicerces de sua vida futura. O matrimônio dela, em troca, acabaria antes que terminasse a lua de mel.

Porque continuavam em lua de mel, com todo o romance que isso entraña. Cada manhã encontrava uma rosa vermelha perfeita em um floreiro de cristal em sua mesinha de noite. Uma rosa vermelha pela paixão que vibrava e cantava entre eles.

Começou a chegar seu novo vestuário, de vários trajes por dia. Nada como um vestido assombroso para fazer uma mulher sentir-se capaz de qualquer coisa. As amigas de Stephen a faziam sentir-se bem acolhida, e a modo de bonificação, os eventos que Stephen tinha escolhido eram uniformemente prazenteiros. Apesar de seu ligeiro comentário sobre fazer o jogo social, era evidente que tinha decidido não desperdiçar seu limitado tempo em nada que não gostasse.

Um tema do qual nunca falavam era o relativo à primeira esposa de Stephen. Em uma ocasião em que ela fez um admirativo comentário sobre a formosa tapeçaria que

adornava o ralo protetor da lareira, ele se limitou a dizer que Louisa o tinha bordado. A partir desse momento ela começou a fixar-se nos soberbos trabalhos de agulha que tinha distribuídos por toda a casa: almofadas e assentos de cadeiras, uma linda tapeçaria pendurada, um ponto de livro com graciosas flores.

Quando encontrou o ponto de livro em uma Bíblia, contemplou-o atentamente, seguindo com as pontas dos dedos o bordado alegre de delicadas flores. Em um retrato em pastel emoldurado tinha visto como era sua predecessora. Louisa tinha sido verdadeiramente linda, e com alguma coisa de outro mundo, mãos pequenas e destros.

Às vezes pensava se a enfermidade de Stephen não teria sua causa na profunda aflição pela morte de Louisa. Tinha visto casos em que a perda do amado cônjuge tinha sido seguida pela morte do cônjuge sobrevivente. Na realidade, suspeitava que quando morresse um de seus pais, o outro não duraria muito. Era impossível imaginar Thomas e Maria separados.

Devolveu a tira de tecido bordado à Bíblia, onde marcava a página do salmo 23: «Sim, embora tenha que passar pelo vale tenebroso da morte, não temo mal algum, porque Você está comigo». Oprimiu-lhe a garganta. Stephen conhecia o medo; nunca falava dele, mas ela percebia sua insalubre presença, talvez porque ela também tinha vivido com medo. Sem fé em algo superior, como não ia ter medo? Ela tinha muitos medos menores, mas também uma fé profunda que sempre tinha sido parte dela. Era sinal do valor de Stephen que continuasse com tanta serenidade, desfrutando intensamente da vida quando era possível, agüentando a crescente e corrosiva dor sem queixar-se.

Resolutamente deixou de um lado a Bíblia e o pensamento. Depois se reclinou no sofá e fechou os olhos. Logo seria hora de vestir-se para a noite musical dos Cassell. Como fazia sempre antes de um evento social, trouxe para a memória um dos truques de Maria, e dedicou uns minutos a preparar-se mentalmente para estar muito encantadora e muito bonita.

Era tão pouco o que podia fazer por Stephen que pelo menos podia esforçar-se o máximo possível em procurar que se sentisse orgulhoso dela.

Enquanto o coche os levava para noite musical dos Cassell, Stephen pensava lúgubremente na exatidão dos trinta e um dias que restavam de vida, segundo sua conta mental. Tinha pensado que três meses era um mínimo, e que era possível que vivesse mais tempo. Mas já estava começando a duvidar seriamente de sobreviver ao terceiro mês. Quando estava são não fazia caso do funcionamento de seu corpo; agora estava muito consciente de seus ritmos e funções internas, como de sua inexorável deterioração física.

Muito em breve atravessaria um limite invisível e se sentiria tão mal que já não poderia manter a ilusão de uma vida normal. E se a dor continuasse aumentando, finalmente consideraria uma bênção a morte.

Mas não desejava morrer. Não desejava morrer. Olhou o nítido perfil de Rosalind recortado contra a luz que entrava pela janela. Havia tantas coisas mais que desejava saber dela; tantas coisas mais que desejava fazer com ela e por ela. Seu dia começava olhando seu sorriso sonolento pela manhã e ouvindo seu suave suspiro quando se aconchegava junto a ele na cama. Tinha visto sombras em seus olhos da visita ao cais St. Katherine, mas sempre tinha um sorriso para ele. Sempre estava dando, sempre carinhosa. Sua rosa perfeita.

Trinta e um dias, mais ou menos. «OH Deus, se existir, rogo-lhe que sejam mais.»

O coche se deteve diante da casa Cassell. Chegavam atrasados, e ouviram tocar

o clavecino³ quando o mordomo os fez entrar. O conde e a condessa já tinham terminado de receber suas visitas e foram caminhando para o salão onde estava começando o concerto; mas se voltaram a saudar amavelmente aos recém chegados.

Lorde Cassell se apresentou ele mesmo a Rosalind enquanto sua esposa, mulher alta e distinta de algo mais de cinquenta anos, estendia a mão para saudar Stephen.

—Ashburton, quanto me alegra que tenha podido vir. —Desceu a voz, fingindo falar em segredo—: Morro por conhecer a nova duquesa. Todo mundo fala de sua beleza e encanto.

—Cada palavra é certa —repôs ele, inclinando-se sobre a mão da condessa—. Lamento chegar tarde. Um cavalo coxo. Perdoa-nos e nos recebe?

—Um duque pode chegar tarde a quase qualquer parte, à exceção dos sagrados recintos do Almack —disse a condessa com ironia.

—É certo, mas é de má educação chegar tarde. —voltou-se para Rosalind, que estava rindo de um comentário de Cassell—. Vêem conhecer nossa anfitriã, querida.

Ela se voltou sorrindo. Com o vestido de seda âmbar estava particularmente radiante essa noite.

—É um prazer conhecê-la, lady Cassell. O clavecinista toca divinamente.

Lady Cassell estendeu a mão, mas ao olhar Rosalind a deixou cair, com o rosto branco como um papel, e, assim de repente, desmaiou.

Stephen, que estava só a um passo dela, alcançou segurá-la antes que golpeasse no duro mármore.

—Anne! —exclamou lorde Cassell precipitando-se a seu lado e segurando-a nos braços, tirando a maior parte do peso de Stephen. A condessa abriu os olhos.

—Estou... estou bem, Roger —sussurrou—.Ajude-me a caminhar até a biblioteca. Ashburton, você também. —Olhou Rosalind e estremeceu—. E sua esposa.

Stephen trocou um olhar de estranheza com Rosalind, e depois ajudou Cassell a levar a indisposta condessa à biblioteca, que dava ao vestíbulo. Enquanto seu marido a acomodava em um sofá, o mordomo serviu uma taça de conhaque e se retirou a um sinal do conde.

Lady Cassell bebeu um bom gole de conhaque e lhe voltou a cor ao rosto.

—Sinto lhes haver assustado. —Olhou Rosalind—. O que passa é que você tem uma semelhança, uma semelhança assombrosa, com minha irmã mais nova, Sophie. Meu sobrenome de solteira é Westley. É possível que sejamos aparentadas?

Rosalind se esticou.

—N-não sei. Eu era órfã, uma enjeitada, quando me adotaram; teria uns três anos.

—Quando? Onde? —apressou-se a perguntar a condessa. Rosalind se deixou cair em uma poltrona, cruzando os braços.

—Encontraram-me perto do cais aqui em Londres no verão de 1794.

No silêncio que seguiu, ouviram-se as doces e cristalinas notas de uma sonata de Mozart, procedentes do salão.

—meu Deus. —Lady Cassell levou uma mão ao coração e olhou seu marido—. Acredita que é possível, Roger?

A imobilidade de Rosalind fez Stephen pensar em um coelho que tenta evitar uma raposa. Ficou junto a sua poltrona e lhe colocou a mão no ombro. À condessa ele disse:

—nos fale de sua irmã.

—Sophie se casou com um francês, Phillipe Saint Cyr, conde du Lac. Ambos

³ Clavecino: instrumento musical

morreram durante o império do Terror. Tinham uma filha, Marguerite, que então tinha uns três anos e meio. Supusemos que a menina tinha morrido também. —Lady Cassell se inclinou para Rosalind, premente—. Se parece muitíssimo com Sophie, duquesa, só que tem os olhos castanhos, justamente como seu marido, Philippe. Recorda como chegou a encontrar-se aqui em Londres?

—Não.

Rosalind se afundou ainda mais na poltrona, com o rosto pálido, movendo lentamente a cabeça de um lado ao outro. Nesse momento o clavecino estava começando um movimento vivo, de notas rápidas e incisivas.

Olhando sua esposa preocupado, Stephen disse:

—Aparentemente a trouxe através do Canal uma senhora idosa que morreu logo que desembarcaram. Durante umas semanas, Rosalind viveu do que encontrava entre as sobras, até que um casal a adotou, Thomas e Maria Fitzgerald. E recentemente descobri que fala bem o francês quando está semi-adormecida, embora nunca aprendeu formalmente o idioma.

Lady Cassell deixou de um lado a taça de conhaque, com a mão tremula.

—Embora tivesse problemas cardíacos, nossa velha instrutora, a senhora Standish, foi a França com Sophie, porque minha irmã queria que seus filhos falassem inglês... —lhe quebrou a voz—. Na última carta que recebi, Sophie me dizia que sua filha já falava muito bem em francês e em inglês. Estava... tão orgulhosa da inteligência da menina.

—Poderia ser uma coincidência, Anne —disse lorde Cassell, olhando atentamente o rosto de Rosalind—. São passado quase trinta anos da última vez que viu sua irmã. Talvez exagere a semelhança.

Talvez, mas Stephen via uma semelhança entre Rosalind e a condessa, que era de constituição similar e cujo cabelo era uma combinação de cabelos prateados e cabelos castanhos claro. Aumentou a pressão no ombro de Rosalind ao responder por ela:

—Minha esposa recorda muito pouco do tempo anterior à adoção. Mas sim recorda um lenço de menina bordado com flores, a inicial «M» e um leão estilizado em cantos opostos.

—O leão do brasão de Saint Cyr! Minha mãe bordou dois lenços como esse para a filha recém-nascida de Sophia. —Com lágrimas nos olhos, lady Cassell estendeu a mão — Minha querida menina, é minha sobrinha. A senhora Standish deve tê-la salvado e trazido a Inglaterra. Marguerite...

Rosalind estremeceu, acabava sua imobilidade.

—Não me chame assim!

—por que não? —perguntou Stephen brandamente. Enquanto a música ia num crescendo, Rosalind se levantou e começou a passear nervosamente pela sala.

—Quando fugimos, perseguiam-nos os soldados. Me... advertiram-me que jamais dissesse meu verdadeiro nome. Jamais.

—Iam fugindo do Palais du Lac? —perguntou lady Cassell. — Essa era a casa de sua família, nos subúrbios de Paris. Era um palácio enorme, de pedra branca, com torres e um lago com cisnes.

—Os cisnes. Meu Deus, recordo dos cisnes. Eu adorava alimentá-los. —Rosalind parou em seco, como se tivesse recebido um golpe, baixou a cabeça e apertou a testa com os dedos—. Recordo... lembro que subi correndo a meu quarto a procurar Standy. Ia gritando, e ela me deu um tapa no rosto para que me calasse. Disse-me que não devia fazer nenhum ruído. Mas estava chorando. Nunca a tinha visto chorar.

Passado um momento, lady Cassell lhe perguntou, vacilante:

—O que aconteceu que a fez gritar? Os soldados estavam fazendo mal a alguém?

Sem responder à pergunta, Rosalind disse com voz tensa:

—Standy me levou pela escada de trás. Estava escuro; na porta de trás havia capas dos criados. Agarrou duas. Quando íamos saindo, passamos junto ao lago. Os soldados tinham disparado nos cisnes; seus corpos estavam flutuando na água. —Fez uma inspiração entrecortada—. Corremos e corremos até que me doeu o lado e não pude seguir correndo. Mas ainda se ouviam gritos de homens, assim Standy me pegou nos braços e continuou correndo. Repetia-me uma e outra vez que não devia dizer a ninguém meu verdadeiro nome, que tinha que comportar muito, muito bem, para que ninguém se fixasse em nós durante a viagem de volta para casa, a Inglaterra. Mas não parava de chorar.

—A menina deve ter visto outras coisas horríveis, Anne —disse lorde Cassell, em voz tão baixa que Rosalind não conseguiu entender as palavras—. Não lhe faça mais perguntas.

Silenciosamente e muito de acordo, Stephen se aproximou de Rosalind e lhe passou o braço pelos ombros tensos. Depois a levou até um sofá e se sentou a seu lado. Ela escondeu o rosto em seu peito, e começou a soluçar desconsoladamente.

—O que aconteceria exatamente a Sophia e Phillipe? —sussurrou a condessa, com o rosto cinza.

—Algo rápido e terrível —disse seu marido, gravemente—. Pelo menos podemos estar agradecidos pela rapidez.

Enquanto isso Stephen tinha Rosalind fortemente abraçada, pensando o que outros horrores teria ainda encerrados em sua mente. Não era estranho que tivesse fugido de um guarda uniformizado no porto de Londres, que lhe teria parecido um soldado. Não era de estranhar que se tivesse feito uma perita em separar a dor e se obrigou a ser uma filha adotiva perfeita, uma esposa perfeita.

Ele tinha aceitado com muito gosto sua natureza generosa porque fazia tudo mais fácil para ele. Droga, que egoísta tinha sido ao não pôr mais atenção ao olhar de tristeza que via nela sempre que saía o assunto de sua origem. Deveria comprar aos Fitzgerald todos os malditos teatros de Londres, em agradecimento pelo que fizeram por ela. Não só por havê-la adotado mas também pelo constante amor que lhe tinha sanado muitas, se não todas, suas feridas emocionais.

Do salão chegou um estalo de aplausos ao terminar a peça do clavecino. Terminaram os aplausos e começou outra peça, suas notas fluídas incongruentemente felizes.

Os soluços de Rosalind foram se acalmando. Stephen lhe colocou seu lenço na mão e lhe disse docemente:

—Levo-a para casa, querida?

—Ainda não. —sentou-se e soou o nariz, sua expressão seria, mas seus olhos serenos—. Sinto muito, lady Cassell. Deus pudesse recordar mais.

—Minha querida menina, sou eu quem deve pedir desculpas por fazê-la evocar essas lembranças tão terríveis. —Sorriu-lhe—. Encontramo-la, e isso é uma maravilhosa bênção.

Brandamente Stephen lhe jogou para trás as mechas molhadas que lhe tinham colado ao rosto.

—Assim Rosalind é a condessa du Lac —disse—. Tem muitos parentes pelo lado francês de sua família?

—Alguns primos, creio —respondeu lorde Cassell, semicerrando os olhos,

pensativo—. Agora que já não há Bonaparte e o rei francês foi restaurado no trono, é provável que sua esposa seja uma considerável herdeira.

Talvez, pensou Stephen, mas duvidava que em toda a França houvesse dinheiro suficiente para compensar tudo o que Rosalind tinha tido que suportar.

Capítulo 27

Durante anos Rosalind tinha sentido curiosidade por saber quem teria estado esperando em Londres à garotinha que nunca terminou sua viagem, mas jamais imaginou que alguém como a aristocrática lady Cassell fosse a irmã de sua mãe.

—Por favor, me conte algo de sua família, lady Cassell. Ou melhor dizendo, de minha família.

—me chame tia Anne —disse a condessa, aliviada de passar do passado ao presente—. Estão meu irmão mais novo, lorde Westley, sua esposa e quatro filhos; a sede da família está em Leicestershire. Roger e eu temos dois filhos e uma filha, e três netos também; nossa sede está em Suffolk. —Distraidamente deu uns tapinhas no joelho de seu marido, exibição de intimidade que nunca se fazia em público—. Muitíssimos primos. E minha mãe, é claro, lady Westley viúva. Vive em Richmond, e está muito delicada de saúde. Deve visitá-la muito em breve, Marguerite.

—Meu nome é Rosalind —disse ela com veemência, sentindo uma forte repugnância pelo nome francês—. Assim me chamei a maior parte de minha vida, e não quero mudá-lo.

—Como quiser, querida —disse agradavelmente sua tia—. Agora me conte das pessoas que lhe adotaram, Fitzgerald creio que disse Ashburton. É a família nobre irlandesa?

—Meus pais são atores ambulantes —repôs Rosalind francamente—. Criei-me no teatro, fazendo a excursão pelas Midlands ocidentais.

—Ah, caramba —disse lady Cassell em voz suave—. Tinha ouvido rumores, mas... Bom, seguro que os Fitzgerald são pessoas muito boas.

—São minha família, lady Cassell. —Notando seu tom defensivo, continuou em tom mais doce—: Quando me recuperar da impressão, alegrarei-me muito de havê-la encontrado. Muitas vezes me perguntei quem seriam meus parentes. Mas foram Thomas e Maria os que me criaram, movidos simplesmente pela bondade de seus corações.

—me orgulha os ter por família —demarcou Stephen.

—Então a mim também. —Lady Cassell se inclinou para eles—: Para minha mãe será muito importante saber que a filha de Sophia vive. Amanhã irei dizer-lhe eu mesma, para que não a emocione muito a notícia. Poderiam ir a Richmond depois de amanhã? Eu gostaria de convidar meus filhos e à família de meu irmão também.

Rosalind olhou Stephen, sentindo-se incapaz de decidir. Apertou-lhe protetoramente a mão e respondeu:

—Iremos, mas, por favor, que a reunião não seja muito numerosa.

A aliviou que ele a tivesse compreendido sem haver-lhe dito. Céus, tinha uma avó; e tias, tios, primos, sedes familiares. Isso era mais do que era capaz de assimilar.

—Podemos ir para casa agora, Stephen? —sussurrou.

—É claro. —Ajudou-a a levantar-se e disse a seus anfitriões—: Desculpem-nos, por favor. Rosalind precisa descansar. Façam-me saber a hora e o lugar em Richmond.

Lady Cassell assentiu; depois se levantou e se aproximou de Rosalind.

—Minha irmã mais nova me era muito querida —disse docemente—. Não posso

dizer quanto me alegra que uma parte dela tenha sobrevivido em você.

Deu-lhe um suave beijo na face, seus lábios quentes. Rosalind conseguiu formar um sorriso, mas estava muito aturdida para dizer algo. Provavelmente depois se alegraria do ocorrido essa noite, mas ainda não.

Ainda não.

Por sorte Stephen guardou silêncio enquanto fazia chamar o coche, levou-a para casa e lhe tirou eficientemente toda a roupa. Depois de despir-se, ele apagou as velas e se meteu na cama a seu lado. Ela se Acomodou em seus braços, encontrando um consolo importante no contato de sua pele com a dela.

—Como se sente? —perguntou ele, estreitando-a mais.

A busca de uma resposta sincera lhe serviu para ordenar um pouco seus caóticos pensamentos.

—Assombrada. Eca. Quem sou? Realmente não sou Rosalind Fitzgerald, mas Marguerite Saint Cyr morreu faz muitos anos.

—Mas muito certamente é a duquesa de Ashburton —disse ele, lhe deslizando uma mão quente pela coluna—. E minha esposa.

Que afortunada era o ter. O terror de ser perseguida ainda a torturava como um pesadelo, mas nos braços de Stephen se sentia segura. Por um instante pensou quantas outras lembranças tinha encerradas na mente, mas em seguida desprezou resolutamente esse pensamento.

—Que extraordinária coincidência ter conhecido minha tia assim.

—Na realidade não —disse ele, como se tivesse sido o mais natural do mundo—. Se não tivesse sido de família aristocrática, não teria tido que fugir da França. Com sua forte semelhança com sua mãe, era só questão de tempo que lhe identificassem, uma vez que tivesse entrado na alta sociedade.

E ela tinha decidido fazer isso pelo bebê que esperava. Levou a mão ao estômago. Muito em breve já haveria passado o tempo suficiente para dizer a Stephen. De repente viu uma ironia em sua situação.

—Se na realidade sou uma condessa francesa, não fez tão mau matrimônio apesar de tudo. É quase divertido.

—Eu sabia que tinha feito um bom matrimônio muito antes desta noite. —Acariciou-a do ombro ao quadril, sem exigência—. Espero que conhecer suas origens cure sua crença de que é indigna de ser minha esposa. Essa idéia foi sempre uma tolice, sabia?

O simples conhecimento de sua linhagem não lhe apagaria instantaneamente o efeito dos desprezos e desprezos que tinha tido que suportar em sua vida de atriz. Mas era um começo. Sorriu levemente na escuridão.

—Condessa de nascimento. Levará um tempo me acostumar. E minha família o que... ? —interrompeu-se, e disse—: O que vão pensar os Fitzgerald?

—Seguem sendo sua família, minha pequena rosa - disse docemente—. Tem a sorte de ter várias famílias agora. A de nascimento, a de adoção, a de matrimônio.

Sua nova posição deveria fazê-la mais aceitável aos Kenyon. Pensamento alentador. Abrandaria-se Claudia? Rosalind suspirou; isso era esperar muito.

Interpretando mal seu suspiro, Stephen lhe disse:

—Deve ser terrível descobrir quem foram seus pais e ao mesmo tempo saber que devem ter morrido de uma morte violenta. Mas isso ocorreu faz muitos anos. —Beijou-lhe a têmpora—. Agora seus pais estão em paz. Está bem que chore sua morte, mas o melhor monumento comemorativo que pode lhes fazer é sua vida e felicidade.

Ela sabia que ele tinha razão. Mas a dor viva de suas novas lembranças se

mesclava com o conhecimento da iminente morte de Stephen, formando um todo insuportável. Rodeou-o com seus braços; notou-o quente, potente e muito, muito vivo. Mas estava muito magro, lhe notavam as costelas, sentia-as duras contra seus seios. De quanto tempo disporiam?

Não podia lhe falar disso, mas tampouco pôde evitar lhe sussurrar triste:

—Não quero ficar sozinha.

Beijou-lhe o pulso da garganta, sua boca suave e conhecida.

—Não posso estar contigo sempre. Mas estou contigo agora.

Seus lábios se moveram até sua boca, tranquilizadores, sem exigir nada.

Ela notou que lhe formava um casulo protetor a seu redor, usando o primitivo poder do tato para chegar a ela de modo que as palavras nunca poderiam. Céu misericordioso, o que faria sem ele?

Abriu a boca sob seus lábios em silenciosa súplica de consolo. Se Deus quisesse, pela manhã estaria mais forte, mas essa noite o necessitava com descarado desespero.

Compreendendo, ele aumentou a intensidade de seus beijos e carícias, não protetor, mas sim seu amante. Lentamente o ardor da paixão começou a lhe esquentar o frio dos ossos. O passado se desvaneceu, não esquecido, mas sim apagado pela urgência do crescente desejo.

Desde o começo, seus corpos se reconheceram como par perfeito. Essa noite ele aplicou o íntimo conhecimento dela como um músico virtuoso que toca um amado instrumento, criando uma canção deliciosamente sensual que foi convertendo-se grau a grau em um crescendo de necessidade.

E quando lhe acelerou e entrecortou a respiração, lhe encheu o vazio, possuindo-a com uma fera ternura tão profunda que ela quase pôde acreditar que era amor. A união de seus corpos começou a lhe curar as feridas recém reabertas em seu espírito. Stephen, seu marido, o pai de seu filho, seu amado.

A dança eterna acabou em um orgasmo longo e profundo, que alagou de calor todo seu ser. OH, Deus, quantas vezes mais poderia abraçá-lo assim, compartilhando a loucura da satisfação e a paz que a seguia? Quantas vezes mais provaria o sabor salgado de sua pele e sentiria a dura potência de sua paixão?

Conteve as lágrimas, e pouco a pouco suas respirações foram se normalizando e seus corpos tensos relaxaram em um amoroso abraço. Basta de pensar em males pelo dia. No momento, quando necessitava desesperadamente de Stephen, ele estava ali.

—Dorme bem, pequena Marguerite —sussurrou.

Essas palavras, que deviam ter sido tranquilizadoras, deslizaram-se, em troca, através de sua satisfação e a fizeram entrar em outra capa de lembranças. Ouviu as mesmas palavras ditas por uma anciã inglesa, ditas em um sussurro quando a anciã e a menina encontraram refúgio em um celeiro. As imagens começaram a desfilar por sua mente, queimantes como lava.

—Céu misericordioso —exclamou, horrorizada—. Agora vejo como morreram meus pais.

—Estava ali? —perguntou ele, apertando-a com mais força em seus braços.

Ela assentiu, enquanto um calafrio lhe percorria todo o corpo. —Chegaram os soldados, sujos e levando garrafas de vinho. Irromperam no salão, onde estavam meus pais tomando café depois de jantar. Eu deveria ter estado em meu quarto, mas estava escondida na galeria dos menestréis com minha boneca Minette. Muitas vezes fazia isso.

—O que queriam os soldados? —perguntou ele em voz baixa e tranqüila.

Ela se agitou inquieta em seus braços.

—Queriam... disseram que Madame Guilhotina para todos os aristocratas. Meu

pai protestou, dizendo que ele sempre tinha sido simpatizante da revolução, mas um soldado o golpeou e o fez cair ao chão. Minha mãe gritou e tentou aproximar-se dele, mas os soldados a agarraram. Um disse: «Três belle é esta puta». Começaram a rir. Outro disse: «Para que mandar esta a Madame Guillhotina se nós podemos fazer seu trabalho aqui?».

O coração lhe pulsava com tal força que deixava fora o mundo, isolando-a com suas lembranças.

—Os soldados jogaram minha mãe ao chão e começaram a lhe rasgar a roupa.

Stephen fez uma inspiração entrecortada.

—Que horrível que estivesse ali vendo isso! O horror que tinha sido preso dentro durante tantos anos saiu a fervuras.

—Os soldados se esqueceram de meu pai. Ele se levantou e foi aos tropeções até uma mesa. Tinha colocado uma pistola na gaveta, porque estava preocupado pelos alvoroços da cidade. Tirou-a e disse... —estremeceu-se e retorceu freneticamente, como um animal enjaulado—. Disse «Que Deus me perdoe, Sophie». E então... então...

Quebrou-lhe a voz e não pôde continuar.

—Não tenha medo, querida. Aconteça o que for então, agora está a salvo.

Ela fechou os olhos, como querendo apagar a cena que lhe ardia em seu cérebro.

—Disparou em minha mãe, no coração —continuou, angustiada—. O disparo soou forte, muito forte, e a fumaça me fez doer os olhos. Eu não entendi, nem sequer quando ela ficou imóvel e deixou de resistir. Tinha o rosto... aprazível. Mas os soldados ficaram furiosos. Um gritou: «Este canalha matou à puta para que não pudéssemos gozá-la!» —depois de uma respiração tremula, continuou—: O soldado tirou sua espada e... e cortou o pescoço do meu pai.

Stephen soltou outra maldição em voz baixa e lhe acariciou a cabeça, embalando-a contra seu peito, como querendo protegê-la com seu corpo do terror que ela tinha no interior de sua mente.

Vagamente consciente de que não poderia ter recordado tudo isso se não se sentisse tão segura com ele, ela sussurrou:

—Havia sangue por toda parte, rios de sangue. Eu comecei a gritar. O chefe levantou a vista, viu-me e gritou: «A menina aristocrata se chama Marguerite. Tragam-na. Ela servirá em lugar de sua mãe». Dois soldados começaram a olhar por onde subir à galeria. Um deles gritou: «Aqui vamos, Marguerite»; havia algo horrível em sua voz... —Fez outra inspiração entrecortada—. Corri e encontrei Standy, e... já sabe o resto.

Estava tão acirrada a Stephen que sentia os fortes batimentos de seu coração, ou talvez eram seus próprios batimentos do coração.

—É uma história terrível, minha pequena rosa —sussurrou Stephen, com voz doce como bálsamo—. Parte-me o coração que tenha tido que presenciar isso. Entretanto, acabou rápido. Seu pai teve o valor e a resolução para salvar sua mãe de um sofrimento inexprimível. —Acariciou-lhe o cacho de cabelo úmido—. Tem que tê-la amado muito, muitíssimo.

Rosalind pensou na rápida e terrível decisão que se viu obrigado a tomar seu pai.

—Não só salvou a ela, também ganhou um final rápido para ele —disse com voz trêmula.

—Seu pai era um homem valente —sussurrou Stephen—. Não sei se eu teria tido o valor de apertar o gatilho.

—Dúvida de seu valor quando enfrenta à morte cada dia com serenidade e dignidade? —perguntou ela docemente—. É o homem mais valente que conheci em minha vida.

—Não o mais valente, mas o mais afortunado. —Beijou-lhe a têmpora—. Pensar que de todos os lugares da Inglaterra onde poderia ter ido, fui a aquele em que encontrei você.

Sua ternura era ainda maior da que demonstrou enquanto faziam amor antes. Começou a relaxar.

—Alegra-me ter recordado —disse pensando em voz alta, e surpreendida por sua sensação de alívio—. Toda minha vida soube que havia monstros escondidos nas curvas mais escuras de minha mente. Agora sei o que são.

—Os monstros não podem sobreviver ao poder da luz —afirmou ele—. A fez virar-se e a embalou colada a ele como uma colher. —Dorme, minha rosa, e sabe que está a salvo.

Segura na força de seu carinho, ela sucumbiu a um sono esgotado, sem sonhos.

Capítulo 28

Pelo ar revoavam brandos flocos de neve, aumentando a desolação da paisagem do condado nortista. O inverno chegava logo a Escócia. Michael estava debruçado a janela contemplando a neve, bebendo de tanto em tanto um pequeno gole do queimante ponche de uísque.

Alguém se reuniu junto à janela com uma jarra igual. Sem olhar soube que era George Blackmer. Suas viagens pela Inglaterra tinham produzido uma espécie de camaradagem que era, se não amizade, ao menos familiaridade.

—Acredita que vamos ficar presos aqui pela neve?

—Um ou dois dias provavelmente —suspirou Michael, cansado até a medula dos ossos—. Mas a tormenta é um sinal de que é hora de renunciar e viajar ao sul.

—Acreditava que não era partidário de render-se —disse o médico em tom sarcástico.

—Às vezes é necessário. Chame-o superstição de soldado, mas toda esta expedição esteve maldita. Procuramos durante semanas, sempre no lugar e o momento errado. —Tomou um pouco mais de ponche, sedento de calor—. O cúmulo da estupidez foi seguir até Escócia a um coche que correspondia à descrição mas levava outros viajantes. Deveria ter me portado como um homem sensato e ter esperado que meu irmão chegasse em casa a seu tempo.

—por que não o fez?

Essas semanas de viagem juntas tinham inclinado Michael ainda mais a não dizer que desejava levar Stephen a outro médico. Contentou-se respondendo:

—A necessidade de fazer alguma coisa, qualquer coisa. Suponho que acreditei em uma espécie de magia primitiva; como se ao pôr o esforço em buscá-lo ia prolongar a vida de meu irmão. —Dizer essas palavras em voz alta o fez compreender que tola tinha sido essa esperança instintiva. Olhou seu acompanhante, muito cansado para refrear sua curiosidade—: por que você me acompanhou? Pode ser que Ashburton seja seu paciente mais proeminente, mas está descuidando do resto.

—Sentido de responsabilidade, ou talvez de culpabilidade. —Torceu a boca em um ricto—. Se... se tivesse feito de outro modo as coisas, o duque não teria fugido.

—Se meu irmão está morrendo, não há muito o que se pode fazer. —Olhou sua bebida fumegante—. E se seu diagnóstico estava equivocado e ele está melhor, já não o necessita.

—Talvez não. —Blackmer moveu a cabeça—. Quanto mais tempo passa da última vez que o vi, mais difícil é prognosticar seu estado atual. Simplesmente não sei.

—É bastante sincero para ser médico. A maioria de seus colegas preferem enganar.

—Não lhe caem muito bem os médicos —disse Blackmer sem rodeios—. Por que? Michael deu de ombros.

—As pastilhas e poções, e os complicados tratamentos. A maioria têm como fim, creio, impressionar aos pacientes para que encham o bolso do médico. Eu tratei principalmente com cirurgiões. —Pensou em Ian Kinlock e quase sorriu—. Os que conheci eram tipos alegres e sanguinários que abordavam o mundo com um bisturi e um sorriso. Resulta-me muito mais fácil compreender esse tipo de franqueza.

Em silêncio continuaram um longo momento contemplando a nevada e a rápida queda da noite. Finalmente Blackmer disse:

—Tratei o velho duque quando estava na abadia. Como era o ter com pai?

Michael sorriu sem humor, contente de que o médico não soubesse quão irônica era sua pergunta.

—Difícil —disse.

—É melhor ter um pai difícil que não ter nenhum.

Michael pensou nos cruéis açoites que tinha suportado, nos duros sermões que eram ainda piores, nos humilhantes desprezos, e compreendeu que Blackmer estava errado. Ser criado por um homem que odiava a mesma existência de seu filho era pior que estar sozinho. Mas supôs que era natural que um enjeitado fizesse ilusões românticas do que nunca tinha tido.

—A família pode ser o céu ou o inferno. Você se livrou dos dois.

A família em que ele se criou era mesmo o inferno. Com Catherine tinha encontrado o céu. Supôs que seria preferível a ordem inversa.

Catherine. A nostalgia permanente que sentia por ela o atacou com urgência entristecedora. Precisava estar com ela, minguar em seus braços algo de sua aflição por Stephen. E, certamente, fazer amor até que os dois estivessem sem sentidos. Justo antes de receber a carta de Blackmer e de sair nessa malfadada busca, lhe havia dito que era hora de pensar em ter outro filho. Ele estava disposto, mais que disposto.

Fazia uns dias tinha escrito a Catherine, lhe pedindo que se reunisse com ele em Londres. Se Stephen não estivesse na casa Ashburton, poderiam ir juntos à abadia.. Stephen amava essa maldita casa, e provavelmente queria morrer ali

Stephen, morrendo... Fez uma funda e lenta inspiração e se separou da janela. Era hora de voltar para casa.

Capítulo 29

Uma pontada de dor despertou totalmente Stephen de seu adormecimento. Ficou quieto um momento, avaliando a força do ataque. De noite tinha tomado duas pastilhas, que lhe tinham servido para dormir um pouco, mas o efeito havia passado.

Rosalind, bendita ela, seguia desfrutando do sono dos puros de coração, lhe rodeando o peito com um braço e com o rosto enterrado em seu pescoço, pelo lado do ombro. Lentamente se soltou de seu abraço, pondo um travesseiro em seu lugar. Em suas numerosas más noites tinha aprendido a deixá-la sem despertá-la.

Fazia frio no quarto, um frio mais parecido ao de inverno que ao de outono. Tateando procurou o robe de lã que deixava sobre uma poltrona. Depois caminhou,

também tateando, até seu quarto de vestir. Quando havia fechado bem a porta, acendeu uma lamparina esfregando uma pederneira com aço.

O quarto de vestir se converteu em seu refúgio durante as escuras vigílias noturnas quando seu corpo o traía e ele queria ocultar suas provas. Além dos dois roupeiros e um lava mãos com bacia, bacia e urinol, tinha ali sua poltrona de braços favorita e uma jarra de leite na mesinha junto a ele. O leite tinha surpreendido Hubble, que tinha chegado da abadia fazia uns dias. O valete o tinha repreendido como uma galinha com pintinhos porque tinha escapado tanto tempo a seus cuidados.

Tomou outra pastilha de ópio, engolindo com um copo de leite. Em alguns dias, o leite se convertia no único alimento que conseguia reter.

Enquanto bebia o fresco líquido, correu a cortina da pequena janela; já era quase amanhecer.

Dentro de umas horas levaria Rosalind a Richmond a conhecer sua avó e outros parentes. Ela tinha se recuperado um pouco das exaustivas revelações daquela noite em casa dos Cassell. Embora notasse tristeza em seus olhos, percebia uma nova paz nela. O passado podia ser trágico, mas já não era um mistério.

Sabendo que não poderia dormir enquanto a pastilha não fizesse efeito, estirou-se na poltrona e repassou mentalmente a quantidade de trabalho que restava por fazer. Já estavam terminados sua última vontade e o testamento, todas as dívidas pagas, dispostos os recursos para suas obras de caridade, e a casa Kirby em nome de Rosalind. Tudo estava como deve ser para seu sucessor. dentro de uns dias estaria livre para voltar para casa e pôr em ordem os assuntos da propriedade.

Já tinha escrito a Michael em Gales, lhe pedindo que se reunisse com ele na abadia; alguns assuntos devia tratar pessoalmente com seu herdeiro. Também desejava ver uma vez mais seu irmão, embora fosse um encontro terrivelmente doloroso para os dois. Na realidade, tinha considerado a possibilidade de não lhe comunicar sua iminente morte, mas conhecia bastante bem seu irmão para saber que este não o agradeceria nem lhe perdoaria ter tomado o caminho fácil.

Haveria alguma possibilidade de aproximação com Claudia? Tinha-lhe enviado uma carta, que lhe devolveram sem abrir. Voltaria a tentar, mas não se iludia. Sua irmã não era famosa por mudar de opinião uma vez tomada uma decisão.

A corrosiva dor interna se voltou virulenta com se o esmagasse rapidamente. Sentiu desejo de vomitar e o copo lhe caiu dos dedos adormecidos. Levantou-se da poltrona, cambaleando para o lava mãos, com a esperança de agarrar o urinol a tempo. Mas antes de chegar caiu ao chão, consciente, mas impotente, atendido pela forte dor e por violentas e inúteis náuseas com que seu estômago quase vazio se rasgava a si mesmo.

Pouco a pouco passou o enjôo, mas continuou a paralisante debilidade. «aconteceu. A balança se inclinou irrevogavelmente da saúde à enfermidade.» Fechou os olhos, desesperado. Em lugar de ser um homem razoavelmente são com episódios de enfermidade, começava a ser um homem moribundo, cujos períodos de aparente normalidade requereriam uma enorme quantidade de energia e lhe seria impossível mantê-los muito tempo.

Seria capaz de ir a Richmond? Devia fazê-lo, porque Rosalind o necessitaria em seu primeiro encontro com a família de sua mãe. Concentrando-se nisso, lentamente reuniu suas forças e conseguiu ficar de quatro. Tremendo pelo esforço, conseguiu ficar de pé, agarrando-se à poltrona. Uma vez ali, deixou-se cair nela, esperando que passasse a debilidade.

A morte já estava perto, quase tão perto para tomar assento a seu lado e cercar

uma conversação. Como seria a morte? Céu e harpas? Inferno e chamas? Ou simplesmente desaparecimento e esquecimento? Esse era o grande mistério, junto com o mistério igualmente grande de qual era a finalidade de viver.

No dia anterior tinha visitado seu banqueiro na City. Quando ia para lá, o coche passou junto ao Hospital Saint Bartholomew, um desalinhado estabelecimento baseado no século XII. Olhou os esparramados edifícios, pensando que essas antigas paredes deviam conter muitos pacientes que estavam na soleira da morte. O desejo ordenar a seu cocheiro que se detivesse foi entristecedor. Desejou entrar para conhecer um moribundo e exigir que lhe dissesse o que via. Talvez alguém no Bartholomew tivesse a resposta, conheceria a realidade da morte e estaria disposto a comunicar o segredo.

E isso teria feito se tivesse acreditado que havia uma possibilidade de conhecer a verdade. Mas suspeitava que os que realmente sabiam eram justamente aqueles que já não podiam responder.

Seu corpo se recuperou um pouco enquanto deixava vagar seus pensamentos. De qualquer modo, o que conseguiu pô-lo de pé foi saber que fazer um supremo esforço o levaria de volta à cama e aos braços de Rosalind.

O dia estava ensolarado, o que parecia ser um bom presságio. Rosalind segurava a mão de Stephen enquanto o coche os levava a Richmond, comunidade situada ao oeste de Londres junto ao Tamisa. Stephen se via claramente indisposto. Ela sabia que se levantou de noite, porque despertou quando ele voltou para a cama, tremendo de frio. Sem dizer nada, ela o rodeou com seus braços e pouco a pouco ele foi se aquecendo.

Mas já não seria possível continuar ocultando seu estado de saúde. Qualquer um que o conhecesse bem, notaria imediatamente seu rosto abatido e veria a desolação em seus olhos. Engoliu a raiva que sentia no coração por essa horrível injustiça. Se alguma vez deixasse sair sua raiva, talvez não fosse capaz de controlá-la jamais.

O coche fez uma virada e entrou através de um par de portas de ferro em um caminho circular atrás do qual se elevava uma elegante casa estilo palaciano.

—Que casa mais bonita —comentou Rosalind ao descer do carro ajudada por Stephen.

—Encantadora —concedeu ele enquanto subiam os degraus da porta principal.

A porta se abriu antes que Stephen levantasse a aldrava e um mordomo ancião se inclinou diante deles.

—Bem-vindos, excelências —disse, com expressão séria mas os olhos brilhantes de entusiasmo.

Rosalind se preparou mentalmente. Um de seus papéis no cenário tinha sido o de uma filha pródiga separada muito tempo de sua família. Poderia representar esse papel outra vez.

Entraram no vestíbulo, e imediatamente foram saudados por uma mulher baixa de aspecto frágil, de cabelos branquíssimos e um rosto de ossos finos muito risonhos.

—Sou sua avó, filha —disse a anciã—. Deixe-me olhá-la.

Lady Westley agarrou a mão de Rosalind com seus dedos magros e a contemplou atentamente. Rosalind a olhava com igual interesse, embora se sentisse enorme e torpe. Certamente sua altura não vinha de sua avó.

Terminado seu estudo, lady Westley exalou um suspiro de satisfação.

—Anne tinha razão. Parece-se muito com Sophia. Mas não é ela, claro. É Rosalind.

Rosalind se inclinou para beijar a face pálida e apergaminhada.

—Nunca antes tive uma avó —disse—. Não sei o que fazer.

Lady Westley riu.

—Simplesmente me mime. Aproveitei sem piedade minha idade e minha debilidade geral para passar uns poucos minutos contigo a sós. Depois de tudo, nem todos os dias se tem uma neta, e muito menos uma bela e adulta. —voltou-se para Stephen—. Vimos-nos uma ou duas vezes, embora isso faça seus bons anos. Conheci sua mãe. Uma moça amalucada, mas de bom coração. Alegra-me muito que agora seja um membro da família.

Um brilho satírico brilhou nos olhos de Stephen ante a alusão de sua mãe, mas sua inclinação foi impecável.

—O prazer é meu, lady Westley.

—Será melhor irmos ver os outros, antes que saiam todos meus descendentes e armem um alvoroço aqui para conhecê-la. Os mais jovens acham da mais romântica sua história —disse enquanto os conduzia ao salão. Acrescentou fazendo uma careta—: Ainda não sabem que as histórias românticas são condenadamente desagradáveis.

Rosalind pôs-se a rir. Gostava muito de sua avó. Stephen abriu a porta do salão e imediatamente os três se viram rodeados de gente. Estava claro que esses parentes desconhecidos estavam encantados de conhecer um membro da família perdido fazia tanto tempo.

Enquanto lady Cassell se encarregava de fazer eficientemente as apresentações, Rosalind caiu na conta, pela primeira vez desde que era uma menina pequena, de que não tinha nenhuma necessidade de demonstrar nada. Pertencia a essa família por direito próprio; esse direito era visível nas pessoas que a rodeavam, nas fisionomias, a coloração, a altura e os ossos. Foi olhando um a um seus novos parentes procurando sinais de parentesco. Seu tio, lorde Westley, era um homem corpulento de aspecto doce e tranqüilo. Era seu caráter simplesmente um traço Westley que lhe tinha irradiado sua mãe? E essa bonita menina, Cassandra, que acabava de sair da sala-de-aula, quase poderia ter sido ela aos dezessete anos.

Enquanto ria, falava e tratava de aprender os nomes, a dor pela morte de seus pais se foi inundando no passado. Tinha experimentado a dor de uma família perdida; esse dia estava descobrindo a sorte de uma família encontrada.

Stephen se manteve em um segundo plano durante as apresentações e o almoço que veio a seguir. Esse era o dia de Rosalind, o qual era uma sorte, porque ele não teria tido a energia para compartilhar com ela o centro do cenário. dedicou-se a beber goles de vinho e a mover a comida em seu prato, observando sua radiante esposa. Ali havia mais pessoas que a apoiariam quando chegasse o momento. Sendo condessa por nascimento e duquesa por matrimônio, estaria segura em todo o sentido da palavra.

Voltou a pensar na possibilidade de que voltasse a se casar. Seu primo James, o herdeiro de Westley, via-se tão fascinado por ela que talvez tivesse lhe oferecido matrimônio ali mesmo se ela já não estivesse casada. O jovem Westley era mais ou menos da mesma idade que ele, e dava a impressão de ser boa pessoa; não estaria tão mal.

Mas o assunto não era um no qual desejasse pensar muito. Olhou ao resto do grupo. À frente estava a avó de Rosalind. Quando se encontraram seus olhares, lhe disse:

—logo que nos levantemos da mesa, deverá me acompanhar ao jardim, Ashburton. —Apareceu um brilho travesso em seus olhos azul claro—. É um privilégio da idade ordenar ao homem mais charmoso dos presentes que suporte minha companhia, e que não se atreva a negar-se.

—Não tenho nenhum desejo de negar —repôs ele rindo.

E era certo. A exuberante festa familiar o estava cansando. Agradeceria um passeio pelo jardim.

A jovem Cassandra correu escada acima a procurar um xale para sua avó, e quando voltou trazia também uma bengala e o velho cão da condessa viúva, um bichinho pequeno com enormes quantidades de pêlo e dignidade. Depois de trocar um sorriso com Rosalind, que estava no outro extremo da sala, Stephen saiu com a anciã, o cão caminhando muito tranqüilo junto a sua ama. Era um formoso dia de outubro, e o sol dava um brilho dourado às folhas e flores de outono.

Com uma mão em sua fortificação e a outra no braço de Stephen, a anciã o guiou para o jardim, que era um verde parque ajardinado que descia brandamente para o rio. Serpenteantes atalhos muito bem desenhados criavam a sensação de que o espaço era maior do que realmente era. Apesar do avançado da estação, por toda parte havia flores.

—Seu jardim é muito belo —comentou ele, admirando uma roseira que rodeava uma parede de tijolos crus.

—O outono é seu período final, creio. Muito em breve uma geada vai matar à maioria de minhas flores. Cairão as folhas e soprarão os fortes ventos de inverno que vêm do rio. —agachou-se a agarrar um crisântemo dourado e distraidamente fez girar o caule entre seus dedos—. Causa-me pena pensar que quando chegar a primavera já não estarei aqui. Vivi nesta casa a metade de minha vida, e cada primavera as flores estão mais lindas que no ano anterior.

—irá viver com um de seus filhos?

—Ah, não. Estarei morta —respondeu ela muito tranqüila. Stephen sentiu um estremecimento.

—Mas isso não o pode saber.

—Pois sim que posso —disse ela olhando-o—. Sei. Pensando que devia estar em uma situação similar a dele, perguntou-lhe.

—Está doente?

—Estou velha. Meu corpo está se desgastando, e a deterioração é mais rápida agora. Teria morrido antes, creio, mas talvez em algum plano sabia que Rosalind ia vir.

Chegaram a um claro em que havia uma fonte de pedra erodida pelo tempo. Lady Westley ficou contemplando o querubim sorridente que com seu vaso derramava água sobre o lago de lados musgosos.

—Não há dor semelhante ao de perder um filho —disse em voz baixa—. Eu nunca superei, nunca. Conhecer Rosalind é um pouco como voltar a ter a Sophia.

Levou o crisântemo aos lábios e o deixou cair na água junto aos pés gordinhos do querubim. Depois continuaram caminhando pelo atalho.

—Suponho que a semelhança é forte —disse Stephen—, mas Rosalind viveu uma vida muito diferente de sua mãe.

—Quando penso nessa preciosa garotinha escavando o lixo em busca de algo para comer... me gela o sangue. —Moveu a cabeça e acrescentou em tom mais alegre— : E imagine, uma Westley no cenário! Se tivesse podido vê-la.

—Rosalind é muito boa atriz, embora não tem essa intensa necessidade de atuar que têm muitos atores. —Sorriu, ao recordá-la no papel de Calibán—. Posto que só a idéia não a horroriza de morte, teria usufruído vendo-a atuar.

—É difícil horrorizar alguém de minha idade —disse a anciã rindo—. Com todas as dificuldades que teve que passar na sua vida, de qualquer modo se parece muito com sua mãe. No momento em que a vi, soube que tinha a disposição amável e doce de Sophia.

—Ninguém sabe isso melhor que eu —corroborou ele. No seguinte claro havia um banco ensolarado com uma boa vista do rio.

—nos sentemos ali um momento —disse ela—. Este é meu lugar predileto. Eu adoro observar os barcos e chatas.

Sentaram-se e o cão se acomodou aos pés da anciã.

—Sophia era minha filha mais nova, sabe? Quase morri quando nasceu. Talvez isso criasse um vínculo especial, embora, diga-se a verdade, tenho um vínculo especial com cada um de meus filhos. Com Anne, que cuida de mim como se fosse minha mãe; com Richard, meu único filho. Tive sorte com meus filhos.

Stephen sentiu uma conhecida pontada de pesar pelos filhos que nunca teve.

—E eles tiveram sorte com você.

Ficou em silêncio um momento, sopesando a melhor maneira de continuar. Via em lady Westley uma fé e uma serenidade que ansiava compreender. Não era muito correto fazer perguntas dessa natureza a uma mulher que era quase uma desconhecida, mas não tinha a ninguém mais a quem perguntar.

—Como pode estar tão serena diante de sua próxima morte?

Ela o olhou com certa surpresa.

—A morte é consequência natural da vida; algo que chega a todos, e não é algo mau.

—Eu também estou morrendo —disse Stephen asperamente—. Mas me falta sua calma filosófica.

—Compreendo —disse ela—. Chamou-me um pouco a atenção o que vi em seu rosto durante o almoço. Observava como se estivesse afastado de todos os outros. Quanto está avançada sua enfermidade?

Agradou-lhe sua naturalidade. Muitas pessoas teriam ficado mudas de sobressalto diante de seu anúncio.

—Muito avançada. Algumas semanas, quando muito. Cada dia que passa noto que me afastei um pouco mais da vida normal da humanidade.

—Rosalind sabe?

Ele assentiu.

—Eu disse antes de nos casarmos. Ela poderia não ter aceitado minha proposição se isso tivesse significado me suportar durante anos, mas estive disposta a me fazer companhia pelo pouco tempo que restava.

—Que tolice. Está absolutamente claro que o seu não é um simples matrimônio de conveniência. —Sua expressão pareceu preocupada—. A morte é muito mais penosa para uma pessoa jovem que não está preparada; e para ela será ainda mais dolorosa. Mas a morte não é o fim, sabe? Voltarão a se ver.

—De verdade acredita nisso? —perguntou ele olhando-a atentamente.

—Não acredito. —Dirigiu-lhe um tranqüilo sorriso—. Sei.

—Como? —perguntou ele, com ansioso interesse—. O que é que lhe dá essa fé?

—É possível que não aceite minha resposta.

—Talvez não, mas eu gostaria de ouvi-la.

Ela juntou as mãos retorcidas pela artrite sobre o punho de ouro de sua bengala, pensando a resposta.

—Como disse antes, quase morri de febre puerperal depois que nasceu Sophia. A dor era espantosa, e eu estava aterrada porque sentia como ia a vida. Então, repentinamente me dava conta; de que já não estava em meu corpo, mas flutuando acima, junto ao céu. Lembro que olhei meu corpo e senti muita pena pela pobre jovem que estava sofrendo na cama. «Então ouvi uma voz que dizia meu nome. Voltei-me a

olhar, e ali estava minha mãe, que tinha morrido fazia cinco anos. Não pude acreditar até que me abraçou. —Franziu os lábios—. É difícil explicar, posto que eu não tinha corpo, mas de qualquer modo foi um abraço muito agradável; eu tinha uma terrivelmente saudade. Agarrou-me a mão e me introduziu em um jardim de luz; o jardim mais lindo que tinha visto em minha vida. —Fez um gesto indicando seu entorno—. Depois tentei recriar esse jardim, mas este é só um pálido reflexo do que vi ali.

—O que ocorreu então? —perguntou Stephen, fascinado embora sem acreditar de todo.

—Vi outras pessoas que eu conhecia, todas as quais haviam morrido. Tinham ido fazer-me sentir bem acolhida e a ajudar se estivesse confusa. —Sorriu—. Era algo assim como a melhor noite da temporada, só que mil vezes melhor. Olhei ao redor e vi que no centro do jardim havia uma espécie de templo de cristal que resplandecia com a mais brilhante de todas. Senti um intenso desejo de ir ali, porque sentia o amor que emanava dele.

Sua expressão se fez distante, o desejo visível em seus olhos.

—Entrou no templo?

Ela pestanejou, com a volta ao presente.

—Não, ouvi um bebê chorar, e compreendi que era minha filha recém-nascida. De repente me encontrei no berçário, onde estava a ama-de-leite com minha filha nos braços chorando. —Sorriu—. Não estava muito bonita então, tinha o rosto vermelho de tanto chorar. Mas me preocupou a idéia que fosse crescer sem conhecer sua mãe. Passei por uma parede e entrei no quarto contíguo, e ali vi Anne e Richard acomodados em um canto. Estavam lhe dando tapinhas nas costas, lhe assegurando que a mamãe ficaria bem. Mas ela também estava chorando.

O cão lançou um gemido e a anciã se agachou a lhe acariciar a cabeça até que se tranqüilizou e ficou calado.

—Então me encontrei de volta em meu quarto, ainda no céu raso, isso sim. Meu marido James estava junto à cama, agarrado a minha mão. Não dizia nenhuma palavra, mas lhe corriam lágrimas pelas faces. Eu nunca o tinha visto chorar. —Olhou Stephen—. O nosso era um matrimônio de conveniência, sabe? Resultou melhor que a maioria. Dávamo-nos bem —um sorriso travesso lhe iluminou o rosto—, na cama e fora dela. Mas até então eu não sabia que James me amava. Não era o tipo de homem que recitava versos ou diz palavras românticas. Mas eu vi o amor dentro dele; resplandecia como uma lanterna, com a mesma luz que tinha visto no jardim que acabava de deixar. —Franziu o cenho—. Então foi quando compreendi que tinha escolha. Podia voltar para jardim ou voltar para minha família.

Olhou-lhe atentamente a expressão, tentando compreender.

—Imagino que a decisão de continuar com seu marido e seus filhos não foi difícil.

—Creia ou não, foi difícil —disse ela—. Nunca me havia sentido tão feliz, tão em paz, como nesse jardim. Ali havia pessoas que eu amava e tinha muitíssimo que aprender, mas sabia que minha família me necessitava, e que o jardim estaria sempre ali me esperando. Aproximei-me para tocar James, e no momento seguinte me encontrei de novo na cama, suarenta pela febre, e o médico estava me dizendo que estive três dias inconsciente.

—Então tudo foi um sonho —disse Stephen, profundamente decepcionado.

—Disse que não me acreditaria —disse ela. Deu de ombros—. Não tem nenhuma lógica, certamente, mas nesse jardim não vale nosso tipo de lógica. Se por acaso lhe serve de alguma coisa, depois perguntei a meu marido se tinha estado sentado junto a

minha cama, com minha mão na sua e chorando. Ficou vermelho como vinho porto, mas reconheceu. É difícil explicar como pude saber isso se estava inconsciente, a menos que realmente estivesse flutuando acima no céu raso.

Poderia ter estado delirante e depois esquecer que tinha visto seu marido, pensou ele. De qualquer modo, era uma história bonita, e a consolava.

—Alguma vez lamentou ter retornado a seu corpo? —perguntou-lhe.

—Na realidade não. Embora talvez sim, quando perdemos Sophia, e outra vez dez anos depois, quando James também morreu. —Olhou-o com um luminoso sorriso—. Mas logo estarei com eles.

Talvez realmente se reunisse com seus entes queridos mortos, mas se a fé era o que conduzia a esse jardim celestial, ele estava condenado à escuridão eterna.

Um grupo de nuvens tampou o sol e de repente esfriou o ar.

—Será melhor que a leve para casa, para que não pegue um resfriado. Sua família reunida ali me jogará no rio se não a cuidar bem.

Ela o olhou com uma percepção que pareceu penetrar até o centro de seu ser.

—Não é necessário que acredite em mim —disse—. De qualquer modo vai encontrar existência depois desta vida.

Ele sentiu um doloroso desejo de ter essa certeza, mas o desejo não era suficiente para criar fé.

—Espero que tenha razão —disse tristemente. Ficou de pé e se inclinou a lhe beijar a face—. E embora não a tenha, foi um prazer conhecê-la, lady Westley. Não sei se Rosalind se parece com sua mãe, mas certamente se parece com você, o que é um imenso elogio às duas.

E tudo isso era certo. Mas enquanto a ajudava a levantar-se e lhe arrumava o xale em seus magros ombros, pensou que não estava mais perto das respostas a suas perguntas.

Capítulo 30

O almoço com os Westley durou até bem entrada a tarde. Rosalind poderia haver ficado com eles toda a noite, mas quando olhou Stephen, que estava no outro extremo da sala conversando com seu tio Richard, notou que estava muito cansado. Arrepentida de sua falta de consideração, apressou-se a despedir-se de todos, e muito em breve empreenderam o trajeto de volta a Londres.

Cansada também, Rosalind se acomodou no coche e agarrou a mão de seu marido.

—Isto foi muito mais agradável do que esperava. Tinha razão, Stephen, sou afortunada ao ter tantas famílias. Talvez algum dia tenha a oportunidade de conhecer alguns de meus parentes franceses.

—Estive falando deles com lorde Westley —disse ele—. Explicou-me que seu primo mais próximo, outro Philippe Saint Cyr, lutou com os realistas e recuperou o título e a propriedade du Lac uma vez que os Borbones foram restaurados no trono. Aparentemente a propriedade está em mal estado, mas seu primo a está devolvendo pouco a pouco a seu antigo esplendor. —Olhou-a—. Certamente é sua, por direito.

—Céus —exclamou ela, sem compreender de todo—. Tenho direito a uma propriedade na França?

—Não creio que seja difícil demonstrar que é a legítima herdeira. Ele pensou um momento, perguntando-se se seu primo francês teria os olhos castanhos como ela.

Depois moveu a cabeça:

—Pode ser que eu seja a herdeira direta, mas me parece que a propriedade pertence a meu primo por direito de sangue e de suor. Além disso, não desejo viver na França. Que fique o primo Phillipe.

Sorriu-lhe.

—Imaginei que diria isso. É muito generosa.

—Posso permitir-me isso - riu ela—, posto que você cuida tão bem de mim.

—Direi a meu advogado que escreva a seu primo. Convém que ele saiba de sua existência. E seria melhor se renunciasse formalmente a seus direitos em seu favor. —Apertou-lhe a mão—. Em troca, talvez ele esteja disposto a lhe dar alguns móveis ou jóias da família, para que tenha uma lembrança de sua linhagem francesa.

Ela teve uma repentina e viva lembrança de lindos móveis não ingleses em um quarto; a penteadeira de sua mãe...

—Isso eu gostaria. —Sorriu—. Toda uma nova família por descobrir! Serão tão simpáticos como a família de minha mãe?

—Os Westley me recordam um pouco os Fitzgerald —comentou ele—. Não sabia que os membros de famílias aristocráticas se amassem tanto entre eles.

Certamente sua família não era um modelo de afeto mútuo.

—Minha avó disse que sua mãe era amalucada, mas de bom coração —disse ela com certa vacilação—. É certo isso? Na realidade nunca fala de sua mãe.

—Amalucada foi uma maneira educada de dizer promíscua —repôs ele, sarcástico—. Era muito linda, e meu pai estava obcecado por ela. Seu matrimônio era uma estranha e nociva luta pelo poder. A meu pai chateava não ser capaz de controlar seu desejo por ela, enquanto que ela detestava o autodomínio por princípio. Eu estava acostumado a agradecer não ter herdado o temperamento apaixonado de meus pais. Michael o herdou, lhe custou caro, embora agora já o domine.

Passou uma sombra por seus olhos.

— E, entretanto é certo que minha mãe tinha bom coração. Às vezes penso como teria sido se tivesse nascido menos rica ou feito um matrimônio diferente. Morreu quando eu tinha quinze anos.

Era estranho que não se considerasse apaixonado, pensou Rosalind. Ela tinha visto a paixão nele quando se conheceram, e após não tinha ocorrido nada que a fizesse mudar de opinião.

Ele tampou a boca com uma mão para ocultar um bocejo.

—Sinto muito, ontem à noite não dormi bem. Se me desculpar, creio que vou dar uma cochilada.

O bocejo foi contagioso. Ela também teve que cobrir um.

—Excelente idéia.

Stephen fechou os olhos e relaxou apoiado no respaldo do assento. Ao olhar seus traços em repouso, ela viu claramente as mudanças que tinham tido lugar pouco a pouco nessas últimas semanas. Sua perda de peso lhe acentuava os sulcos e ossos do rosto, fazendo-o ver-se vinte anos mais velho. Além disso, consternada, notou que sua pele tinha adquirido um tênue matiz amarelado. A enfermidade lhe estava atacando o fígado. Oprimiu-lhe o coração ao comprovar com que rapidez estava acabando o tempo.

Apoiou a cabeça em seu ombro e ele a rodeou com um braço. Que perfeito, que natural era estar assim os dois. Mas não pôde descansar, apesar de seu cansaço. Esse dia em que tinha colocado os alicerces em suas relações com sua nova família fazia ressaltar o fato de que ele não tinha sido tão afortunado com seus familiares. Fechando os olhos fez a silenciosa promessa de fazer quanto estivesse em sua mão para mudar

isso.

Rosalind desembarcou do coche Ashburton e subiu os degraus da casa Herrington. Golpeou a porta com a aldrava e esperou, sem dar nenhuma nota visível de nervosismo, embora tivesse o estômago feito um nó, meramente pensou no bem que vinha a formação teatral a alguém que queria nadar nas traiçoeiras águas da sociedade educada. Tinham-lhe ensinado a imitar as maneiras e a pronúncia, a usar bem a roupa e a ocultar as emoções. Nenhuma aspirante a dama poderia pedir mais.

Um lacaios abriu a porta e ela passou junto a ele como se fazê-la passar fosse o mais natural do mundo.

—Sou a duquesa de Ashburton. —Entregou-lhe um de seus bonitos cartões de visita recém impressos—. Desejo ver minha cunhada.

O lacaios titubeou.

—Lady Herrington não está acostumado a receber a esta hora tão cedo. Rosalind Fechou os olhos, com a expressão que punha Maria quando interpretava à rainha Isabel contemplando à armada espanhola. O lacaios retrocedeu.

—Claro que você é da família —se apressou a dizer o lacaios— tenha a bondade de tomar assento no salão, excelência. Informarei sua chegada a sua senhoria.

Rosalind entrou no salão ao qual a conduziu, mas preferiu passear a sentar-se. O salão estava belamente mobiliado, e imaculadamente mantido, e era mais ou menos tão acolhedor como uma tumba inequívoca. Não muito diferente de Claudia.

E nomeando o mal de Roma... abriu-se a porta e entrou lady Herrington, pisando forte e com expressão de fria cólera.

—Como se atreveu a vir a minha casa quando sabe em que conceito a tenho! Supondo que imagina que o decoro vai me impedir de expulsá-la. Pois bem, se equivocou. Se não partir em um minuto, ordenarei a meus criados que a joguem no esgoto, que é onde lhe corresponde estar.

Isso era pior que o que tinha esperado, pensou Rosalind.

—Asseguro-lhe que não tenho por costume me introduzir pela força onde não me querem —disse com o tom mais amável que pôde—. Mas tenho algo muito urgente que lhe dizer. Concede-me cinco minutos para explicá-lo? Se o fizer, prometo-lhe não voltar a incomodá-la.

Esfriou-se ainda mais a expressão de Claudia, mas disse a contra gosto:

—Muito bem. Cinco minutos de meu tempo valerão a pena se me derem a oportunidade de me liberar de você para sempre, embora duvide que se possa confiar em sua palavra.

Foi se colocar atrás de uma poltrona com braços, para proteger-se de um possível ataque.

Rosalind fez uma inspiração profunda.

—Talvez a faça mais tolerante saber que acabo de me inteirar de que minha mãe foi Sophia Westley, irmã do atual lorde Westley e de lady Cassell.

—Não é mais que uma ousada mentirosa —exclamou Claudia, movendo a cabeça com gesto de repugnância—. Conheci Sophia Westley; casou-se com um francês e morreu faz muitos anos, durante o império do Terror. Nunca soube que tivesse deixado filhos.

A imagem dessa morte passou pela mente de Rosalind, lhe produzindo uma pontada de tristeza.

—Teve uma filha, eu, nascida Marguerite Saint Cyr, condessa du Lac —disse tranqüilamente—. Minha instrutora inglesa me trouxe para Londres, mas morreu antes de poder chegar a casa da família de minha mãe. Adotaram-me os Fitzgerald, e já

conhece o resto. Não vou pedir desculpas nem por eles nem por mim. Entretanto, dada sua obsessão pela linhagem, deveria lhe agradar saber que os Westley me aceitaram como à filha de Sophia. Se duvidar, pergunte a qualquer membro da família. Quanto a isso, se conheceu minha mãe, simplesmente me olhe. Aparentemente, sou sua viva imagem.

Claudia semicerrou os olhos e a olhou atentamente. Rosalind compreendeu que desejava negar a semelhança, mas não pôde.

—É certo que se parece muito com Sophia tal como a lembro —disse a contra gosto—. Mas até no caso de que seja sua filha legítima, necessita-se algo mais que um bom berço para se fazer uma dama. Ser criada entre uns dos elementos mais ordinários da sociedade deixou seu rastro. Veja como usou seus ardis de atriz para, seduzir meu irmão e o afastar de seu dever.

—Super valoriza meus ardis e subvaloriza a inteligência de Stephen —disse Rosalind, francamente divertida—. É evidente que nada a fará mudar de opinião a respeito de mim. De qualquer modo, ao menos deve agradecer que aos olhos de seu mundo, Stephen faça um matrimônio digno do duque de Ashburton.

—O mundo talvez pudesse aprová-lo —repôs Claudia com os lábios apertados—. Meu pai não.

Guiada pelo que sabia dos Kenyon, por Stephen, Rosalind lhe disse docemente:

—Seu pai está morto. Por muito que se esforce, nada que faça vai lhe ganhar sua aprovação nem seu amor.

Claudia ficou branca.

—Saia desta casa imediatamente!

Dando-se chutes mentais por haver-se desviado de sua finalidade, Rosalind se apressou a dizer:

—Ainda resta um minuto para lhe dizer por que vim.—Pensou como dizê-lo, e se decidiu pela franqueza, sem rodeios—: Stephen está morrendo; é improvável que viva mais de umas poucas semanas. Despreze-me tudo o que quiser, mas por favor vá vê-lo antes que seja muito tarde.

Claudia arregalou os olhos espantada.

—Stephen morrendo? Isso é impossível; os Kenyon sempre viveram até uma idade muito avançada.

—Stephen não. Tem uma espécie de horrível enfermidade interna —disse Rosalind, sem poder evitar o tom desolado—. Clara prova de que os bons morrem jovens, porque é o melhor homem que conheci em minha vida. A ama profundamente, e seu repúdio o faz sofrer. Se morrer estando assim distanciados, creio que isso vai doer mais a você do que dói a ele.

—meu Deus, Stephen, não —sussurrou Claudia com expressão de dor. Estremeceu e fechou os olhos. Quando os abriu havia uma imensa amargura neles—: O montou muito bem, não? Como meu irmão é generoso até o excesso, umas poucas semanas de representar o papel de uma amante esposa vai lhe permitir viver o resto de sua vida com riquezas e posição social.

—Não me casei com ele por seu dinheiro —replicou friamente Rosalind, até sabendo que isso era inútil.

—Não? —exclamou Claudia com um ricto de fúria—. É certo que está morrendo por causas naturais? Ou se converteu em uma Borgia ao decidir que preferia a liberdade de ser uma viúva rica?

Rosalind conteve o fôlego como se a tivessem golpeado fisicamente. Embora fosse evidente que Claudia não dizia a sério essa acusação, e o insulto estava motivado

por sua aflição, doeram-lhe essas palavras.

—É difícil entender que um homem como Stephen possa ter uma irmã tão cruel como você —disse com voz trêmula—. Já estava mortalmente doente quando nos conhecemos. Se duvidar, pergunte ao médico de Ashburton, o doutor Blackmer.

Dito isso, dirigiu-se rapidamente para a porta; não podia suportar nem um segundo mais a malevolência de Claudia. Quando tinha a mão na maçaneta, decidiu fazer uma última súplica, pelo bem de Stephen:

—dentro de uns dias iremos à abadia. Sugiro-lhe que antes de partirmos, explore sua consciência para decidir o que importa mais, se seu maldito orgulho ou o irmão que a ama.

Depois saiu, com as têmporas lhe pulsando violentamente. Desejou acreditar que suas palavras teriam abrandado o coração de Claudia. Mas não pôde.

Durante o trajeto de volta à casa Ashburton, Rosalind chamou em seu auxílio toda sua disciplina de atriz para dominar suas emoções. Essa manhã Stephen estava trabalhando em casa, e não queria que visse sua aflição. Certamente não lhe diria nada sobre sua desastrosa visita a sua irmã.

Criado na mesma família que tinha produzido à venenosa Claudia, como podia Stephen ser tão bom? Tão eqüitativo? Lembrou-se de quando lhe disse que seu irmão e ele tinham compreendido que era impossível satisfazer os exigentes critérios de valores de seu pai, mas Claudia não. Esse pensamento lhe produziu um indício de compaixão por sua cunhada; tentar agradar um homem morto era como jogar para perder.

O coche se deteve diante da casa, atrás de outra carruagem maior, de viagem. Rosalind desceu, e descobriu que seus pais acabavam de chegar. Enquanto um laçao descia a modesta bagagem, sua mãe estava contemplando a imponente fachada com expressão duvidosa.

—Mamãe! Papai! —gritou, sem poder conter o estalo de alegria.

Correu a saudá-los como se voltasse a ter cinco anos. Seu pai estava mais perto, e quase o derrubou ao jogar-se em seus braços. Ele a abraçou com igual entusiasmo.

—Alegra-me vê-la, moça, mas só faz umas semanas que não nos vemos, não anos.

—É como se fossem anos. —voltou-se a abraçar Maria, embora o que realmente desejava era subir a sua saia para que a fizesse dormir balançando-a—. Antes de me casar com o Stephen estive vinte e quatro anos sem me afastar nenhuma só vez de vocês.

—É certo, mas está preciosa de duquesa, querida. —Rindo, Maria retrocedeu e fez um gesto para a casa—. O cocheiro insistiu em nos trazer aqui, mas estaríamos igual de felizes em uma estalagem. Mais felizes.

—Stephen não o consentiria, nem eu tampouco. —Agarrou no braço dos dois e juntos subiram os degraus, deixando o laçao a cargo da bagagem—. Foi rápido o trajeto.

—Isso é fácil quando se tem a disposição um luxuoso coche —disse seu pai de bom humor—. E agora, minha filha, qual é esse assunto tão urgente de Ashburton? Não o dizia em sua carta, mas seguro que você sabe do que se trata.

—Sei, mas prefiro que Stephen o explique. —Entraram no vestíbulo. Ao mordomo disse—: Faça o favor de levar refrigerios ao salão; e quando partir o advogado do duque, lhe diga que chegaram meus pais e que espero que possa ir reunir-se conosco.

Depois conduziu seus pais ao salão. Porcia estava dormitando ali, e imediatamente derreteu o sensível coração de Thomas ao saltar a seus joelhos e começar a ronronar.

Os minutos seguintes os dedicaram a trocar novidades. Jessica e Simon Kent ainda não estavam noivos, mas representavam que fariam logo o anúncio; Brian sentia falta de seu tutor, e não tinha feito nenhum progresso visível em latim depois da partida de Stephen; Mary Kent tinha tomado a seu cargo o trabalho de Rosalind como diretora de cena e o estava fazendo com muita eficiência.

Terminada a primeira ronda de conversação, Rosalind decidiu lhes comunicar a única notícia importante da que podia falar livremente: a história de sua recém descoberta identidade. Deixando muito claro que para ela sua verdadeira família eram seus pais adotivos, contou-lhes seu encontro com os Westley. Thomas e Maria manifestaram surpresa e curiosidade. Quando Rosalind terminou de falar, Thomas exclamou:

—Pensar que o passarinho que tínhamos em nosso ninho era uma condessa!

—Não, simplesmente uma pintinha terrivelmente necessitada de cuidado.

Chegaram os refrigerios, e Rosalind fez sua melhor atuação representando à anfitriã elegante. Enquanto servia o chá, repentinamente compreendeu o que deveria haver respondido a seu marido quando perguntou de onde procedia sua fé espiritual. Acreditava porque certamente um Deus bondoso tinha enviado os Fitzgerald a essa rua do bairro de Saint Katherine tantos anos atrás.

Dia vinte e sete

A sessão de Stephen com o advogado da família foi exaustiva, porque por fim lhe revelou o motivo da pressa nos trabalhos que tinham estado fazendo. O advogado se sentiu horrorizado e violento diante da notícia. O pobre diabo logo que tinha tido tempo para adaptar-se à morte do velho duque quando já se via diante da necessidade de adaptar-se a mais outro Kenyon.

Para Stephen foi um alívio sair da sessão de trabalho e inteirar-se de que tinham chegado os Fitzgerald. Com o ânimo mais elevado, dirigiu-se ao salão a saudar seus convidados. Os Fitzgerald e Rosalind estavam conversando como periquitos quando entrou. Imediatamente sua esposa se levantou e foi recebê-lo com um beijo.

—Papai morre por saber para que os fez vir —disse em voz baixa—. Tenho feito um admirável trabalho em não dizer-lhe.

—Sempre é admirável. —Teve-a um momento abraçada, sentindo que lhe diminuía o cansaço com seu contato. Depois se voltou para seus convidados—: Quanto me alegra lhes ver. Maria, está muito bonita, como sempre. —Abraçou sua sogra e logo estreitou a mão de Thomas—: Quanto tempo podem ficar ?

—Só uma noite, ou duas no máximo —respondeu Thomas—. A companhia as pode arrumar sem nós, mas a ausência de dois atores diminui drasticamente as obras que se podem representar. —Sorriu com malícia—: Tenho a esperança de ver o Kean esta noite para poder vaiá-lo.

Sabendo que seus sogros quereriam ver uma obra, Stephen tinha olhado os cartazes.

—Esta noite Kean interpreta sir Giles Overreach em Novo estilo de pagar antigas dívidas. Meu camarote no Drury Lane está a boa distância do cenário para jogar uma laranja podre.

—Meu marido não vai vaiar nem jogar frutas podres —disse Maria. Olhou majestosamente Thomas—. Então?

—Não —admitiu ele—, mas posso sonhar, não é?

—Sonhar está permitido —concedeu ela.

—Falando de sonhos... —Stephen se sentou e agarrou a xícara de chá que lhe oferecia Rosalind—. Conhecem o velho teatro Atheneum, perto do Covent Cardem?

Maria assentiu:

—Ali vimos Assim vai o mundo, faz muitos anos. Decente Mirabell, terrível Millamant.

—Mas tinha bons tornozelos —disse seu marido com uma piscada.

—Não melhor que os meus —respondeu Maria friamente.

—Vamos ver? —disse Thomas, inclinando-se para sua esposa com a clara intenção de lhe levantar a saia umas polegadas. Maria lhe deu uma palmada na mão.

—Já estão Os Pais outra vez! —exclamou Rosalind em perfeita imitação de Jessica.

Todos puseram-se a rir. Quando se apagaram as risadas, Stephen disse com estudada despreocupação:

—Vocês gostariam de ter o Atheneum para sua companhia?

—Seria um excelente lugar para atuar, sem dúvida —disse Thomas, depois de beber um pouco de chá acrescentou—: É uma lástima que não o possamos levar conosco pelos caminhos.

—Na realidade, estava pensando em lhes dar de presente o teatro para que a companhia possa transladar-se definitivamente a Londres.

Produziu-se um longo silencio, de incredulidade. Depois Thomas deixou a xícara no pires com um forte baque.

—Que diabos diz!

—O diabo não tem nada que ver com isto. O Atheneum está à venda, a um preço razoável, com todo seu objeto de cenário e uma casa modesta contigua onde podem viver. —Stephen esboçou um leve sorriso—. Não implica nenhum compromisso. Como proprietário e diretor, não tem que prestar contas de nada a ninguém além de Maria, por isso tenho a segurança de que os dois podem fazer dele um grande êxito.

—Mas... mas...

Assombrado, Thomas olhou sua esposa, que correspondeu seu olhar em tácita comunhão.

Stephen observou essa profunda compreensão pensando se ele e Rosalind teriam desenvolvido algo semelhante se levassem tantos anos juntos. As correntes que vibravam entre Thomas e Maria eram tão intensas que ele as percebia. Thomas estava surpreso, e era muito independente para desejar dever algo a alguém. Maria, por sua parte, recordava a seu marido todos esses anos de insegurança econômica, os sacrifícios que tinham feito e os sonhos que tinham tido que deixar de lado.

—De que forma poderíamos aceitar um presente assim? —disse Thomas, duvidoso.

—Muito facilmente —repôs Maria, sem afastar o olhar dele—. Estamos muito velhos para ir de lá para cá pelas Midlands dez meses no ano.

Durante todos os anos de seu matrimônio ela tinha subordinado seu talento ao bem de seu marido e de seus filhos. Agora desejava o Atheneum e esperava que Thomas o aceitasse.

Thomas lhe fez um leve assentimento e voltou a olhar a seu genro.

—por que? —perguntou-lhe.

—Pelo que fez por Rosalind —repôs Stephen docemente—, e por mim, e por outras pessoas. Em resumo, por ser bons. Por que não se pode recompensar a bondade alguma vez?

—Aceita, Thomas —disse Maria—. Há muitas obras que precisa de uma grua. Por que não podemos representar alguma em nossa vida? —levantou-se e deu um beijo em Stephen—. Deus o abençoe, Stephen. Não preciso dizer o que significa isto porque já

sabe. —voltou-se para seu marido—: Que obra poremos para a noite de reabertura? Tem que ser uma com sólidos papéis para você, para mim, para Jessica e Simon.

As dúvidas que restavam a Thomas se desvaneceram diante da visão da primeira noite em Londres que ocupou sua mente.

—Temos que começar com Shakespeare, logicamente. Que tal O conto de inverno? Substanciosos papéis para você, para mim e para os jovens também.

—Excelente escolha - aprovou Maria—. Jessica e Simon serão uns comovedores apaixonados, você deslumbrará o público com sua majestosidade e eu farei às mulheres chorar mares em meu papel de esposa acusada injustamente.

—Tudo isso mais um final feliz que enviará toda as pessoas sorrindo para casa. — Com um repentino movimento, Thomas agarrou Maria e a fez girar no ar—. Que tolice ir ver Kean esta noite. Vamos ver o Atheneum agora mesmo!

Rindo, os quatro saíram a fazer exatamente isso. Stephen passou a tarde com Rosalind a seu lado, enquanto seus pais percorriam o teatro como gaivotas, fazendo planos, calculando quantos atores e pessoal novo deviam contratar e tagarelado alegremente a respeito das obras de restauração. Os Fitzgerald também ofereceram ao casal a representação de um fragmento de Assim vai o mundo, em que Maria demonstrou como considerava ela que devia interpretar Millamant.

Stephen pensou que durante anos depois de sua morte, Thomas e Maria continuariam levando alegria e lágrimas aos públicos londrinos. A riqueza tinha muitas vantagens, e uma das melhores era como podia fazer os sonhos virar realidade.

Capítulo 31

O dia tinha sido exaustivo, de modo que para Rosalind foi um alívio que seus pais tivessem decidido não ir ao Drury Lane. Dentro de dois meses já estariam vivendo em Londres e poderiam ir ao teatro sempre que quisessem, ao menos até que se reabrisse o Atheneum. Provavelmente isso ocorreria no fim do inverno, depois de restaurá-lo e anunciá-lo convenientemente ao público.

Depois do jantar, os homens ficaram na sala de jantar a beber seu porto e falar de negócios, e Rosalind se retirou ao salão com Maria. Agradeceu a oportunidade de estar a sós com sua mãe, pois os Fitzgerald só ficariam duas noites.

—Não vejo a hora de que acabe nossa temporada para poder vir a Londres definitivamente —disse Maria, passeando pelo salão, com aspecto tão jovem como o que tinha quando resgatou Rosalind de sua horrível situação—. Uma casa própria, Rose! Um teatro em Londres que possamos levar como queremos! E o dinheiro para mantê-lo enquanto não estejamos estabelecidos. Stephen não é um deus ex-maquina, é nosso anjo guardião.

Reclinada no sofá, Rosalind sorriu indulgente, como se ela fosse a mais velha. Maria se deteve diante dela sorrindo travessa.

—Mas vai ter que exigir um pouco menos de seu marido. Você está vistosa enquanto ele se vê muito abatido. Tem que recordar que os homens são criaturas frágeis; sua resistência na cama não se pode equiparar a das mulheres.

O prazer de Rosalind pela companhia de seus pais se rompeu como uma bolha de sabão, ao ver-se assim enfrentada cara a cara com a dura realidade da enfermidade de Stephen. As lágrimas que nesses dias tinha estado contendo saíram em estremecedores soluços.

—O que se passa, querida? —perguntou Maria, alarmada—. Se dá muito bem

com Stephen, não é? Isso vejo na forma como se olham.

Rosalind tentou serenar-se.

—Se... está morrendo, mamãe. Eu sabia antes de nos casar, mas... mas nunca imaginei que seria tão terrível. As lágrimas se converteram em correntes.

—meu Deus —sussurrou Maria.

Rodeou-a com os braços e lhe apoiou a cabeça em seu peito, embalando-a como o fazia nos primeiros anos, quando sua filha adotiva despertava chorando de noite.

—Que terrível, que coisa mais terrível. Um homem tão jovem, e tão bom.

Rosalind chorou como tinha desejado chorar desde que se inteirou da enfermidade de Stephen. Embora não havia nada que sua mãe pudesse fazer, era um consolo lhe dizer a verdade. Quando lhe acabaram as lágrimas, disse-lhe com a voz enrouquecida:

—Mas há uma boa notícia. Creio que estou grávida.

—OH, Rose, que maravilhoso! Isso deve ser um grande consolo para os dois.

—Ainda não disse a Stephen. Queria estar segura.

—me diga como está se levando seu corpo.

Obedientemente, Rosalind lhe explicou todas as mudanças definíveis como também sua convicção interior. Ao final, Maria fez um gesto de satisfação.

—Certamente está grávida. Se Deus quiser, terá um bebê são e formoso que desviará a mente da tristeza. Meu Deus —exclamou ao cair na conta—, se for menino, será duque no momento em que respire pela primeira vez. Imagine, meu primeiro neto, um duque. Alegra-me que tenha descoberto seus parentes nobres, Rose. Quando Stephen já não estiver aqui, necessitará seu apoio, porque terá que alternar na alta sociedade pelo bem do menino.

Maria tinha deduzido isso com mais rapidez que ela, pensou Rosalind.

—Os Westley se mostraram muito carinhosos —Lhe agarrou a mão, e disse, tentando que a voz não lhe saísse lastimosa—: Mas você segue sendo minha mãe, não é?

—Sempre, Rose —respondeu Maria, sorrindo com tal carinho que lhe aliviou momentaneamente a aflição—, sempre.

Dia vinte e cinco

Por muito que desfrutasse da visita dos Fitzgerald, Stephen se alegrou de vê-los partir; sua exuberância era exaustiva, e estava muito consciente de sua necessidade de economizar forças. Quando estava despedindo-se junto a Rosalind, sentiu uma enorme pena ao compreender que não voltaria a vê-los. Cada dia lhe trazia uma nova perda.

Quando o carro se perdeu de vista, Rosalind o olhou sorrindo:

—Agora vou à casa Cassell a um almoço com minhas duas novas tias. —ficou nas pontas dos pés para beijá-lo—. E esta noite tenho algo especial que lhe dizer.

Ele a reteve abraçada um momento. Embora a paixão estava minguando, seguia ansiando sua proximidade e lamentava que fosse estar longe dele várias horas. Mas tinha trabalho a fazer.

Quando Rosalind partiu, foi a seu estúdio e deu a ordem de que não o interrompessem. Era hora de atender suas responsabilidades públicas. Era o representante da Coroa no condado de Somersetshire, membro do conselho de dois colégios, fideicomissário do Museu Britânico e um montão de outras coisas. Uma das vantagens de uma morte lenta, a diferença de uma rápida e inesperada, era que tinha tempo para atar os cabos soltos de sua vida. E quanto antes atasse esses cabos, mais depressa poderia retornar à abadia.

Nesse dia a dor era intensa. Avaliando-a, frente à necessidade de ter a cabeça

limpa, tomou duas pastilhas de ópio. Depois começou a trabalhar na pequena montanha de documentos preparados por seu secretário; tendo tudo tão ordenado, calculou que poderia ter acabado no final do dia.

Como sempre, o ataque chegou de repente, entre um documento e o seguinte. Ficou paralisado ao sentir as dolorosas náuseas no esôfago e o estômago. Contraiu-lhe a mão, lhe caiu a pluma e se dobrou em dois com violentas arcadas. Por sorte tinha pedido que não o interrompessem; ninguém entraria no estúdio por umas horas. Isso lhe daria tempo para recuperar-se.

Conseguiu ficar de pé apoiando-se com uma mão na mesa com a intenção de ir deitar-se no sofá que estava no outro extremo do estúdio. Mas enjoou, fraquejaram-lhe as pernas e perdeu o equilíbrio. Caiu desabado no chão quase sem sentir o golpe.

Ficou deitado de lado, sem poder mover-se, sentindo a dor que lhe roía os órgãos internos. De qualquer modo o surpreendeu dar-se conta de que estava perdendo os sentidos. Enquanto o mundo ia apagando, pensou, com incrível fúria, que não podia estar morrendo. Ainda restavam três semanas para que acabasse o tempo calculado por Blackmer.

Esse foi seu último pensamento antes de ser derrotado pela escuridão.

—Stephen!

A voz de Rosalind o tirou dos redemoinhos de névoas escuras. Estava ajoelhada junto a ele, com o rosto branco.

Sentiu o frufu de suas saias, seus dedos quentes no pulso, tomando o pulso; seu aroma, docemente floral.

—Não... não estou morto ainda —conseguiu dizer.

—meu Deus, obrigado! Quando entrei e o vi caído aqui... —interrompeu-se, com os olhos brilhantes de lágrimas—. Se o ajudar, acredita que pode subir ao quarto?

Ele pensou e compreendeu tristemente que os limites de seu mundo se reduziram aos limites dessa casa. Já não podia seguir mantendo a ficção de normalidade. Não voltaria a ver a abadia. Deus santo. Provavelmente não voltaria a fazer amor com Rosalind. A última vez... não sabia que seria a última. Depois de assimilar esse golpe, disse-lhe em um sussurro áspero:

—Não... chama dois dos lacaios.

Ela se levantou, foi até o cordão e deu um forte puxão. Depois voltou a ajoelhar-se a seu lado, lhe secando brandamente o suor do rosto com seu lenço.

Quando chegaram os lacaios, deu-lhes a ordem de subi-lo ao quarto. Sua voz soou serena, mas ele notou o matiz de angústia.

Os lacaios eram jovens, e se impressionaram e alarmaram ao ver seu amo nesse estado. Colheram-no com suma delicadeza. Vagamente Stephen pensou que um homem é recompensado por ter tratado bem a seus criados.

Conservou um tênue fio de consciência enquanto o levavam ao quarto e o metiam na cama; com camisa de dormir, a primeira que usava desde suas bodas com Rosalind. Pôs casaco, supôs, porque estava tiritando de frio.

Rosalind se sentou no lado da cama e lhe agarrou a mão na sua quente.

—Ouve-me, Stephen? —Quando ele assentiu, continuou—: vou chamar um médico. Deveria ter insistido nisso quando chegamos a Londres.

Começou a levantar-se, mas lhe agarrou o pulso, impedindo-lhe —

—Não! Vi o que fazem os médicos quando um homem rico está morrendo. Sangraram meu pai, purgaram-no, puseram-lhe ventosas e o fizeram passar por todo tipo de inferno. Os animais do campo morrem com mais dignidade que como morreu ele. Então jurei que quando me chegasse a hora não permitiria que me ocorresse isso -

Olhou-a fixamente nos olhos, para sublinhar sua seriedade—. Sou capaz de enfrentar a morte, afinal não tenho opção. Mas não vejo nenhum motivo para soltar sobre meu corpo uma coleção de açougueiros.

—Mas e se um médico o puder curar? —insistiu ela, suplicante—. Só tiveste a opinião de Blackmer. E se estivesse equivocado e sua enfermidade fosse curável?

—Se acreditasse isso, teria estado disposto a provar todos os curandeiros da Inglaterra. —Fez uma resfolegante expiração—. Mas o corpo não mente. Estou morrendo. Prometa-me que me deixará fazê-lo a minha maneira, Rosalind, por favor.

Ela mordeu o lábio, a ponto de tornar a chorar, e assentiu:

—Prometo. Trago suas pastilhas de ópio para a dor?

—Estão em minha cômoda. Traga-me três.

Era uma dose forte, mas deveriam ser suficientes para aliviar a terrível dor, ao menos um pouco.

Rosalind foi a seu quarto de vestir e voltou com o frasco.

—Este? Ele assentiu.

—Pensei que as pastilhas se acabariam antes do final, mas parece que Blackmer se equivocou pelo lado da generosidade em seu cálculo —disse, com o humor mais negro—. O remédio durará mais que eu.

Levantou-lhe a cabeça, pôs-lhe as pastilhas na boca e lhe deu água para que as engolissem. Inclusive o esforço de engolir o esgotou.

Meigamente, Rosalind lhe pôs a cabeça no travesseiro. Ele viu que lhe tinham solto uns cachos de cabelo castanho claro que lhe rodeavam o rosto, e seus olhos eram dois poços escuros de dor. Embora tivesse o corpo físico intumescido, sua sensibilidade emocional estava aumentada até tal ponto que sentiu seu medo e seu sofrimento como se fossem próprios. Em certo sentido lhe resultava mais difícil suportar isso que a dor física que lhe roía os órgãos vitais.

Desejou lhe dizer quanto significava ela para ele, quão preciosas tinham sido suas semanas juntos, mas não tinha as palavras; nunca tinha aprendido essas palavras.

Enquanto a escuridão voltava a envolvê-lo, observou-lhe o rosto, desejando desesperadamente que não fosse a última vez que a via.

Rosalind esteve segurando a mão de Stephen até que ele adormeceu. O que devia fazer? A menos que ele tivesse uma clara recuperação, não poderia voltar para a abadia Ashburton. Devia dizer a seu secretário que chamasse lorde Michael, que talvez já estivesse esperando na abadia. Ou talvez ainda estivesse em sua casa em Gales. Fyfield teria que enviar mensagens urgentes às duas casas.

E ela? Deveria pedir a sua mãe, ou a Jessica, que viesse a acompanhá-la? Iria-lhe muito bem ter perto uma das duas, mas isso não iria bem à companhia. Devia pensar nisso, e nesse momento não tinha cabeça para pensar bem.

A respiração de Stephen era lenta mas uniforme. Desejou que isso significasse que as pastilhas de ópio lhe tinham aliviado a dor. Levantou-se e foi dizer a Fyfield que enviasse uma mensagem a lorde Michael e se ocupasse de todos os assuntos que necessitavam atenção. Felizmente o pessoal a tinha aceito desde o começo e obedeciam todas as suas ordens sem objeções.

Depois falou com Hubble, o valete de Stephen. Igual a ela, a primeira coisa que pensou foi chamar um médico, até que lhe explicou por que Stephen não queria. Hubble formava parte do pessoal quando morreu o velho duque; a lembrança das torturas médicas que presenciou o fizeram aceitar os desejos de Stephen.

Hubble desejava velar junto à cama de Stephen, de modo que lhe deu permissão. O homem o conhecia muito antes que ela e ganhou o direito. Além disso, ela não seria

capaz de fazer tudo, por muito que quisesse.

Depois que o valete entrou no quarto de seu amo, ela esteve um momento no corredor, indecisa. Desejava esconder-se em algum lugar onde pudesse desmoronar-se sem que a ouvissem. Por desgraça, era difícil encontrar um lugar assim em uma mansão cheia de criados.

Então recordou a outra suíte, a que usavam lorde Michael e sua esposa. Além de entrar ali para fazer a limpeza semanal, normalmente os criados deixavam em paz esses aposentos. Aturdida, pôs-se a andar nessa direção.

Os móveis estavam cobertos por capas de Holanda, mas isso não importava. Entrou no quarto; ali, dolorida como se lhe estivessem arrancando o coração do corpo, deitou-se na imensa cama e se entregou a sua aflição.

Capítulo 32

Foi agradável estar novamente na abadia. Stephen caminhou pelo atalho que discorria em diagonal pelo jardim do claustro, desfrutando do rangido do cascalho sob suas botas. O jardim era um de seus lugares preferidos na propriedade; algumas de suas primeiras lembranças de ter estado brincando ali. Nunca o tinha visto mais bonito que nesse dia. As flores estavam em seu apogeu, balançando-se lânguidas e reluzentes sob o sol, e o aroma era embriagador. Mas como era possível que estivesse em Ashburton no verão?

Estava em Londres e era outono. Com o cenho franzido se deteve a olhar ao redor. Tudo se via normal, inclusive seu corpo, vestido como costume no campo, com botas de montar, casaco azul e calça de camurça.

Mas não sentia nenhuma dor; isso já não era normal. Perplexo, continuou caminhando. O jardim tinha sido o pátio principal de um monastério; antigas arcadas de pedra o rodeavam pelos flancos. Em outro tempo as monjas da abadia Ashburton tinham caminhado por ele para exercitar as pernas. Os atuais habitantes da abadia continuavam fazendo o mesmo. Sempre tinha gostado especialmente das galerias cobertas nos dias de tormenta, quando se sentia protegido pelas antigas pedras enquanto a chuva caía torrentes a poucos passos dele. Louisa também tinha muitíssimo carinho a esse lugar. Passava horas no jardim quando o tempo estava bom, ou refugiada nos claustros quando o tempo estava inclemente.

Na realidade, ali estava nesse momento, sentada em um banco de pedra e bordando com sua costureira meticulosidade. Vê-la ali lhe resultou tão natural que demorou um momento em cair na conta de que normalmente não havia nenhum banco ali.

Levou outro instante mais recordar que Louisa estava morta.

Seria um sonho? Tinha que sê-lo. Entretanto, nunca tinha tido um sonho que parecesse tão real.

—Louisa? —disse, duvidoso, e caminhou para ela.

Ela levantou a vista e lhe sorriu com uma serenidade que ele nunca tinha visto nela antes. Embora não falasse em voz alta, ele ouviu sua saudação em sua mente.

«Stephen, estive lhe esperando.»

Ele fincou um joelho diante dela para que seus olhos estivessem no mesmo nível. Louisa estava tão miúda e linda como sempre, mas sua expressão era diferente. Via-se... acessível, essa foi a melhor palavra que conseguiu encontrar. Já não havia essa parede invisível que sempre os tinha separado.

—Onde estou? —perguntou—. E por que estou aqui? Ela deixou seu trabalho na saia e o olhou com tranqüilos olhos azuis. «Isto é uma espécie de sala de espera do céu.»

—Então é certo que há vida depois da morte?

«A palavra morte é muito concludente. Na realidade só há uma vida. O que chamamos morte é simplesmente... uma transição, —Sorriu levemente—. De acordo, é uma transição drástica.»

Ele recordou o jardim de luz de lady Westley.

—Faz uns dias conheci uma mulher que me contou uma experiência bastante parecida com o que está ocorrendo agora. Morri e está aqui para me ajudar a fazer essa transição?

«Não morreste, mas está tão perto que o véu que separa o visível do invisível se fez muito fino. Por isso pode estar aqui. —Sorriu-lhe pesarosa—. Quanto a mim, é certo que vim a lhe ajudar, mas também a lhe pedir desculpas».

—Desculpas? Do que? —perguntou surpreso—. Nunca me fez nenhum dano. Sempre levou com amabilidade e cortesia. Não é culpa de ninguém que... que nossa relação conjugal não tenha sido mais íntima.

—Equivoca-se. Foi minha culpa. —Olhou-o com profundo pesar—. Sempre soube, inclusive quando era muito pequena, que não devia me casar. Mas me deixei convencer de que era meu dever porque sentia um desesperado desejo de voltar para a abadia Ashburton. Por isso aceitei ser sua esposa. Por satisfazer minha egoísta necessidade o privei do carinho que merecia, porque não estava em mim dá-lo. É um homem bom e amoroso. Embora o fizesse profundamente infeliz, sempre me tratou com consideração e respeito. Poucos homens teriam feito tanto. Pode-me perdoar o que fiz?

Ele se sentou em seus calcanhares, perplexo. Ele, amoroso? Ninguém tinha sugerido isso jamais. Era frio, fleumático, um cavalheiro, de temperamento equânime e comprometido com a justiça; um bom amigo. Mas certamente essas pacíficas virtudes não eram amor. Na realidade não sabia o que era o amor.

Então pensou nos dolorosos silêncios de seu primeiro matrimônio, no desespero físico e emocional que o afligia às vezes, e na raiva soterrada que ardia no fundo de seu ser. Talvez todas essas coisas fossem sinais do amor que nunca tinha tido oportunidade de expressar. Essa idéia era nova e bastante perturbadora, porque significava que não era o homem que acreditava ser. Entretanto, não podia negar que a apaixonada intensidade de seus sentimentos por Rosalind não eram os de um cavalheiro frio e fleumático.

Olhou Louisa nos olhos e viu arrependimento nessas profundidades azul claro.

—Não há nada que perdoar, querida. Eu também tinha dúvidas a respeito de casar contigo, e me deixei coagir para fazer algo contra meus instintos. Mas os dois tentamos fazer o melhor possível, não é? Se não houve amor nem paixão entre nós, pelo menos houve cortesia. —Titubeou e acrescentou—. E amabilidade também?

A ela iluminou o delicado rosto.

«Sim, houve amabilidade, especialmente de sua parte. Obrigado, Stephen.»

No mais profundo de seu ser sentiu uma sensação de liberação, ao dissolver o sentimento de culpa e remorso por seu primeiro matrimônio. Os dois tinham feito o melhor que tinham podido fazer. Não se podia fazer mais.

Louisa voltou a inclinar a cabeça sobre seu trabalho, e estiveram um momento sentados em amistoso silêncio. Nunca havia se sentido tão cômodo ao seu lado. O jardim estava tão tranqüilo que uma das mariposas de delicadas cores posou em sua mão um momento.

Mas não estava preparado para a paz definitiva. Recordou o comentário que tinha feito ela antes e lhe perguntou:

—Disse que aceitei minha proposição porque tinha muitos desejos de voltar para a abadia Ashburton. Por que? Nunca tinha visto esta casa antes que nos casássemos.

Ela fez o último ponto e o rematou com um nó no brilhante fio. Depois levantou o tecido bordado e mostrou uma preciosa tapeçaria do jardim do claustro; mas não como estava no presente. Os arcos de pedra não estavam desgastados, as plantas eram diferentes, e se erguia a forma quadrada do campanário de uma capela. Ele conheceu a cena de uma velha gravura de antes que dissolvessem o monastérios. Assim era a abadia Ashburton na época em que vivia; uma ordem religiosa.

Louisa sacudiu ligeiramente a tapeçaria, e de repente esta cobrou vida e os rodeou, como se tivessem retrocedido no tempo. Os dois estavam de pé sobre a aveludada erva, e ela usava um hábito escuro de monja.

Ela elevou seu sereno olhar para ele.

«Faz muito tempo, em outra vida, vivi na abadia e estava em paz. Nesta vida me senti atraída novamente à abadia porque instintivamente procurava o que desejava meu coração. Mas quando me casei contigo e vim viver aqui, dava-me conta de que não eram as pedras as que me chamavam. O que de verdade desejava meu coração era a comunidade de fé que tinha perdido.»

Começaram a soar profundas badaladas na torre, chamando à oração. Ela inclinou a cabeça e esteve assim um momento.

«Adeus, Stephen. Que a graça seja contigo».

Deu meia volta e se afastou, a borda de seu comprido hábito deslizando silenciosamente pela erva. Então ele viu que pelo claustro ocidental ia uma fila de mulheres igualmente vestidas; Louisa ficou ao final da fila, com a cabeça inclinada, seu véu lhe obscurecendo o rosto, caminhando ao majestoso ritmo das badaladas.

A primeira monja girou diante da porta da capela. Uma a uma as mulheres foram desaparecendo de sua vista. Depois que Louisa entrou, a porta se fechou e Stephen ficou sozinho.

Da mesma forma sem palavras como Louisa se comunicou com ele, compreendeu que em outro tempo ela tinha pertencido à irmandade espiritual que tinha vivido e orado ali durante séculos. Celibatária e devota, havia-se sentido completa; como não tinha encontrado essa compleição em sua vida com ele, tinha havido uma profunda tristeza nela que os separava com mais totalidade do que os teriam separado muros de pedra.

Agora novamente estava completa. Fechou os olhos e fez uma oração de agradecimento por ela; a primeira verdadeira oração de sua vida.

Se é que estava vivo. A vida era Rosalind, não um pátio vazio, que voltava a ser o jardim que ele conhecia e amava. Desassossegado olhou ao redor. Deu-lhe um baque no coração quando viu Rosalind caminhando para ele por um dos atalhos diagonais agarrada no braço de homem que a acompanhava. Sua esposa e seu acompanhante usavam trajes suntuosos e complicados de um quarto de século atrás.

Na realidade, a mulher não era Rosalind; tinha os olhos azuis, não castanhos, era um pouquinho mais baixa e a forma de seu espírito era diferente.

Com uma aceitação estranhamente serena, compreendeu que estava vendo Sophia Westley e a seu marido Philippe Saint Cyr. O casal eram o conde e a condessa du Lac.

Sophia lhe sorriu como se o conhecesse por toda a vida, e lhe estendeu a mão. Ele a agarrou e a sentiu quente, firme e muito real; inclinou-se sobre ela. Quando se endireitou, comprovou, com certa impressão, que Sophia era mais jovem que Rosalind,

e que seu marido, só uns poucos anos mais velho, era mais jovem que ele.

Ela continuou com sua mão agarrada, e por sua mente começaram a passar rapidamente umas imagens muito nítidas. Viu uma anciã correndo aos tropeções pelo bosque levando pela mão uma garotinha aterrorizada; viu-a ocultar-se dos soldados, e tirar moedas de uma pequena bolsa para comprar comida pobre de camponeses e pagar os trajetos em carretas de granjas, e finalmente, ao chegar a um porto, na Bélgica, da França? Comprar bilhetes para Londres. Stephen teve a estranha impressão de que Sophia e Philippe tinham viajado com a instrutora e a menina, as guiando e as protegendo tudo o que podiam.

Mas não puderam salvar à anciã quando seu muito esgotado coração lhe falhou finalmente no cais de Londres. Stephen viu o guarda que tentou agarrar Rosalind, viu ela correr aterrada com suas curtas pernas e entrar no fedido labirinto de ruas a trás do cais.

Sophia e Philippe continuaram com a menina, usando o pouco poder que tinham para protegê-la; Sophia também procurava alguém que pudesse levar dali sua filha e salvá-la, mas sem êxito. Só era um espírito, e um espírito novo e confuso.

Então chegou o dia em que Sophia viu sair Thomas e Maria da Torre de Londres, rindo e comentando sua visita às jóias da Coroa. Na Maria, Sophia viu um espírito afim ao que ela tinha conseguido alcançar; em silêncio a insistiu a caminhar pelas ruelas pobres de Saint Katherine, e os levou ao lugar correto. Foi Philippe que deu a sua filha pequena a cotovelada invisível que a fez jogar-se nos braços de Maria. Depois, por fim, o conde e a condessa du Lac ficaram livres para procurar seu próprio Jardim de Luz.

—Compreendo —disse Stephen, e se inclinou a beijar a lisa face de sua sogra.

Depois Philippe lhe estreitou a mão, firmemente. Era um jovem moreno, de aparência agradável, de simpáticos olhos castanhos; os olhos de Rosalind.

—Os dois fizeram muito bem seu trabalho —continuou Stephen;

«Não sozinhos». —Philippe fez um gesto e Stephen se encontrou olhando um jardim cercado; uma anciã de rosto sereno estava velando pela segurança de várias crianças que dançavam em grupo ao sol—. «Madame Standish, a valente instrutora de Marguerite.»

A anciã levantou a cabeça e sorriu a Stephen; depois voltou a atenção as crianças. Ele compreendeu que nesse lugar, que não era a Terra nem tampouco totalmente o céu, ela estava cuidando de crianças que tinham morrido.

Olhou novamente Sophia e Philippe.

—Obrigado —lhes disse docemente—. Sei que não salvaram sua filha para mim, mas me beneficiei que seus atos. Ela foi a maior felicidade de minha vida.

Em sua cabeça ouviu as palavras que os dois disseram juntos:

« diga a Marguerite o muito que a amamos. E que esperamos com ilusão o dia em que voltaremos a vê-la.»

Depois deram meia volta e se afastaram, caminhando para o sol, até desaparecer dentro da luz.

Com a garganta oprimida por sentimentos recém descobertos, ele os observou partir, sentindo que a luz lhe esquentava o interior, penetrando em todas as fibras de seu ser.

E a luz era amor. Sentou-se no banco onde tinha estado Louisa, tremulo pela força das emoções que o embargaram quando caíram queimadas as barreiras internas.

Viu com toda claridade como tinha erigido um muro a seu redor para proteger da dor de amar. Sua construção começou quando era um bebê; suas primeiras lembranças eram de ser castigado por deixar muito livres suas emoções; tinha acrescentado tijolos

quando seu pai o repreendia por chorar a morte de um bichinho doméstico, ou o açoitava por brincar com meninos humildes da propriedade. Tinha colocado fiadas inteiras a primeira vez que descobriu a promiscuidade de sua mãe. Medo, raiva, vergonha, descobrimento de traição, tijolo a tijolo, foi levantando o muro até separá-lo da dor de viver.

E separá-lo também da alegria. Quando o muro estava terminado, era um verdadeiro modelo de cavalheiro inglês. Tranquilo, fleumático, justo, nunca muito apaixonado por decoro; sem arriscar-se jamais a provar nem os topos nem as profundidades do amor.

A comoção e os dolorosos relâmpagos de emoção o fizeram sentir-se como uma parte de gelo rompendo-se no degelo da primavera. Mas a luz que o rodeava era quente, agradável, e Ihe estava sanando o espírito ferido com amor. Sempre tinha havido amor em sua vida, compreendeu, embora nunca se atrevesse a chamá-lo por esse nome. Tinha amado sua mãe, com todos seus defeitos, e a sua irmã, que era melhor para dar que para receber. Sempre tinha amado Michael, embora em seu caso a emoção estivesse entrelaçada com os complicados fios da rivalidade e do desprezo que tinha sentido em um não reconhecido desejo de ganhar a aprovação de seu pai.

E por cima de tudo, amava Rosalind. Sua simpatia e compreensão tinham iluminado os lugares escuros de seu espírito desde o começo, e a paixão que compartilhavam era o mais semelhante ao paraíso que tinha conhecido em sua vida. O fato de havê-la encontrado, apesar de todos os fatores contra, era clara prova de que devia haver uma espécie de plano divino para sua vida.

Fechou os olhos e se deixou alagar por essa bendita luz. Rosalind, sua esposa, sua amada. Sentiu uma profunda sensação de reverência e agradecimento por ter descoberto a natureza do amor na sombra da morte.

E nunca voltaria a sentir medo da morte.

Capítulo 33

Rosalind continuou deitada na cama até muito depois que Ihe acabaram as lágrimas; estava gelada pelo frio do outono, mas se sentia muito esgotada para mover-se. A enfermidade de Stephen ia avançando com aterradora velocidade, muito mais rápido que a capacidade dela para assimilá-la emocionalmente.

Mas não tinha escolha. Ele era seu marido e ela devia fazer todo o possível para ser uma esposa perfeita, significasse isso coagi-lo para que comesse ou manter afastados os médicos. O que não podia fazer era deixar-se debilitar e paralisar por sua aflição. Estava escurecendo. Levava horas ali. Logo teria que levantar-se para ir substituir Hubble junto à cama de Stephen. Porcia, que estava ao seu lado feita uma bolinha negra com laranja, voltou-se e abriu seus grandes olhos verdes. A gata tinha um dom especial para penetrar pelas portas; tinha-a seguido aos aposentos de Iorde Michael, e logo tinha saltado à cama e metido seu narizinho sob a cauda, fazendo silenciosa companhia a sua ama toda a tarde. Rosalind sorriu tenuemente e Ihe coçou o pescoço com um dedo. O presente de núpcias de Stephen, escolhido para Ihe dar prazer inclusive nas horas mais negras; e muito bem escolhido também. Era impossível ver suas travessuras ou sentir sua áspera lingüinha sem sentir-se um pouco melhor.

Vagamente ouviu sons no primeiro andar. Visitas, talvez. Sim, devia levantar-se, lavar o rosto e ficar apresentável. Era uma atriz; era capaz de dominar suas emoções e fazer o papel de senhora da casa, forte e digna. E o faria, dentro de uns minutos,

quando reunisse suas forças.

Abriu-se a porta da sala de estar e se ouviram uns passos enérgicos. Um instante depois, abriu-se a porta do quarto.

Com uma horrorosa sensação de vulnerabilidade, Rosalind se sentou e se encontrou diante da mulher mais linda que tinha visto em sua vida. A recém chegada tinha o cabelo escuro, o rosto com forma de coração perfeito e um porte muito elegante, inclusive com sua singela roupa de viagem.

Rosalind gemeu para si mesma; dolorosamente consciente das lágrimas que lhe molhavam o rosto, desceu da cama e apoiou uma mão em um dos altos postes.

—bom dia. Você deve ser lady Michael. Perdoe... perdoe que esteja em seu quarto.

—Não precisa desculpar-se. Não me esperava. E você deve ser... —Lady Michael inclinou a cabeça—. A nova esposa de Stephen?

Rosalind assentiu.

—Meu nome é Rosalind.

Lady Michael olhou para trás por cima do ombro e disse a sua criada, que tinha entrado atrás dela.

—Pode ir, Molly. —Depois atravessou o quarto sorrindo—. É um prazer a conhecer, Rosalind. Chame-me Catherine,

Enquanto Rosalind lhe estreitava a mão, surpreendeu-se dizendo a fervuras:

—Minha segunda noite em Londres vesti um de seus... de seus vestidos. Stephen me jurou que não a incomodaria, mas não sei se acredito.

—Por favor, acredite —disse Catherine rindo—. Stephen sempre tem razão. —voltou-se, para tirar o chapéu e a capa—. Está em casa?

Não devia saber nada da enfermidade de seu cunhado, pensou Rosalind. Fez uma funda inspiração para dominar suas emoções.

—Está aqui, mas muito doente. Esta tarde teve um forte ataque e é possível que ainda esteja dormindo.

Catherine se virou rapidamente, consternada.

—Então é certo? Seu médico, Blackmer, escreveu a meu marido faz umas semanas, lhe dizendo que Stephen não estava bem e que partiu de casa sem sequer um criado. Michael saiu imediatamente em sua busca. Depois o esteve procurando—. mordeu o lábio—. Posto que enquanto isso Stephen se casou e levou a Michael de cabeça nesta louca busca, convenci-me mesma de que Blackmer devia estar equivocado. Não... não queria acreditar que estivesse realmente doente com gravidade.

—Lorde Michael andou procurando seu irmão? —disse Rosalind surpreendida—. Stephen pensou que a ninguém preocuparia muito sua ausência. Simplesmente desejava escapar de sua vida normal por um tempo.

—E o fez com muita eficiência, por certo. —Catherine olhou ao céu, revirando os olhos—. Meu marido, que nunca se distinguiu por sua paciência, esteve bastante exasperado. Ao final me escreveu da Escócia me dizendo que renunciava à busca e que me reunisse com ele aqui em Londres.

—Da Escócia? —perguntou Rosalind, estranhando.

—Aparentemente ele e o doutor Blackmer, que o acompanha, seguiram a pista perto de Edimburgo de um coche que levava um casal que coincidia com a descrição que lhes deram.

—meu Deus —exclamou Rosalind—. A verdade é que não sei se devo me compadecer ou rir.

—Bem pode rir —disse Catherine, pragmática—. É mais agradável.

Tinha razão, mas nesse momento Rosalind não estava em ânimo para rir.

—Quando seu marido chegará a Londres?

—Creio que manhã ou depois. —Suspirou, enquanto acendia uma pequena vela—. Parece-me que estive longe uma eternidade.

—quanto antes chegue, melhor —disse Rosalind—. Até mesmo dois dias poderiam ser muito. Catherine levantou a vista da vela, horrorizada.

—Tão mal está?

—Seu estado é crítico. Esta tarde acreditei que morria. Creio... que poderia morrer a qualquer momento.

Catherine inspirou forte, retendo o fôlego.

—O que diz o médico?

—Stephen não quer que chame nenhum. Aparentemente seu pai sofreu terrivelmente com os tratamentos de diversos médicos quando estava morrendo, e Stephen não quer que lhe ocorra o mesmo.

—É difícil discutir isso —concedeu Catherine—. Posso vê-lo? Quero vê-lo de qualquer modo, mas também tenho bastante experiência em cuidar de doentes. Isso poderia ser útil agora.

—É claro.

Rosalind encabeçou a marcha da suíte de Michael até os aposentos do duque no outro extremo do corredor. O quarto brilhava acolhedor, esquentado pelo fogo da lareira e iluminado pelas velas de um candelabro. Um sombrio Hubble estava sentado junto à cama.

Stephen estava tão imóvel que um medo terrível encolheu o coração de Rosalind, até que viu que estava respirando. Catherine também se impressionou ao ver seu cunhado. Suas olheiras e seus traços marcados eram certamente os de um homem que está na soleira da morte.

Rosalind ficou a seu lado e lhe disse brandamente:

—Está acordado, querido?

Stephen abriu os olhos.

—Morte não seja orgulhosa, embora lhe tenham chamado temível e poderosa, porque não o é —sussurrou—. Depois de um curto sonho despertamos eternamente.

Por um instante encolheu o coração de Rosalind, porque acreditou que estava delirando, mas viu que seus olhos estavam quentes e lúcidos. Sorriu aliviada.

—Deve se sentir melhor, se foi capaz de citar John Donne.

—Sinto-me melhor. Lamento tê-la assustado antes. —Sorriu-lhe com imensa ternura—. Tenho que falar contigo, mas... não tenho muita energia neste momento.

—por que não descansa mais um pouco? —sugeriu—. Agora o vejo muito melhor que antes. Mais sono produzirá mais melhoria.

E não só o notava mais forte mas também diferente, de um modo que não conseguiu definir.

—Depois, então —disse ele, assentindo fracamente.

Ela compreendeu que o que via em seus olhos verde cinza era paz. Inclusive uma espécie de felicidade. Tinham desaparecido o medo e a raiva por seu destino que, embora dissimulados, tinham sido parte dele desde que se conheceram. Isso a aliviou imensamente. Mas compreendeu com tristeza que sua aceitação da morte o afastava outro passo mais dela. Enterrando o pensamento, disse-lhe sorrindo:

—Tem uma visita.

Sua cunhada se aproximou pelo outro lado da cama.

—Olá, Stephen.

A ele iluminou o rosto.

—Catherine. Michael está aqui também?

—Não, mas chegará logo. —inclinou-se a lhe beijar a face—. Foste muito mau ao adoecer. Não aprovo.

—Eu tampouco. Que condenadamente descuidado sou. Vejo que você e minha esposa se apresentaram.

—Ah, sim —riu Catherine—. E pretendo compartilhar uma garrafa de vinho com ela para comparar notas sobre o assunto de viver com um Kenyon

Ele fez uma exagerada careta de horror.

—Alegra-me, não ter que ouvir isso.

—Só aumentaria sua arrogância senhorial —disse Rosalind, com voz oprimida ao ver que ele ainda era capaz de brincar. Ele olhou para a escura janela.

—Deveriam descer a comer algo. Catherine deve ter fome se esteve viajando.

—Muito bem. —Rosalind agarrou o frasco de pastilhas da mesinha— Outra pastilha?

—Duas por favor.

Ela colocou as pastilhas na palma e as deu com um copo de leite para que as engolissem. Depois o beijou, apertando a face contra a dele um momento. Tinha a pele fria mas não pegajosa como antes.

Disse a Hubble que lhe enviaria algo para jantar e depois subiria para substituí-lo, e depois saiu com Catherine. Quando chegaram ao primeiro andar, sua cunhada lhe disse:

—Em suas cartas Michael ia dando todo tipo de tentadores pedaços de informação que ia recolhendo ao longo de sua viagem de busca, me deixando morta de curiosidade. Tenho entendido que é atriz, e que Stephen se uniu à companhia de sua família por um tempo. Eu adoraria ouvir toda a história, se não se importar de contar.

Rosalind exalou um suspiro, pensando se Catherine não iria resultar igual à irmã de Stephen.

—Não me casei com ele por seu dinheiro.

Catherine arqueou suas elegantes sombrancelhas.

—Isso me ficou muito claro ao os ver juntos.

—Alegra-me que veja isso —repôs Rosalind, relaxada—. Certamente Claudia não o vê.

—Ah, Claudia —disse Catherine, sarcástica—. Nunca me insultou cara a cara, não, mas isso só porque escassamente pode tolerar estar no mesmo aposento com Michael, e pensa que ele merece uma mulher vulgar como eu.

—Desaprova, a você?

—Claudia é capaz de desaprovar qualquer um, e eu lhe dei abundantes motivos. —Riu com os olhos—. Viúva com uma filha, uma mulher que atendeu a homens nus que não eram seu marido, e que acompanhou o exército por toda a Península; horroroso! Nenhuma dama realmente bem educada teria sobrevivido a essa vida.

Rosalind pôs-se a rir.

—Creio que temos bastante em comum, Catherine.

—Certamente. —Catherine se agarrou em seu braço—. Agora vamos fazer uma incursão na cozinha, e poderá me contar isso tudo.

E isso fez Rosalind. Enquanto comiam na sala de café da manhã um pouco de sopa com pão e queijo, que era o que as duas desejavam, contou-lhe como Stephen tinha salvado Brian de afogar-se, de como o «senhor Ashe» se converteu em membro da companhia, e as bodas no prado. Depois lhe contou algo de sua vida anterior. Poder

acrescentar que era uma condessa francesa contribuiu um toque de distinção ao recital.

Catherine contou a sua vez a respeito de seus adorados filhos e de sua casa em Gales. Estava claro que também adorava seu marido, o que para Rosalind foi um alívio; qualquer homem amado por uma mulher como Catherine não podia ser muito aterrador.

Quando terminaram de beber uma cafeteira entre as duas, Rosalind disse:

—Agora vou subir a substituir Hubble durante a noite. Tentaria ser uma boa anfitriã, mas imagino que você sabe mais da casa que eu.

—Provavelmente. Mas não se preocupe, estarei muito bem. —tampou a boca para cobrir um bocejo—. Irei à cama em seguida; a viagem foi rápida e exaustiva. Mas uma última pergunta. —Titubeou um momento, e logo perguntou—: Está grávida, por acaso?

Rosalind a olhou boquiaberta.

—Deve ter sido uma enfermeira maravilhosa.

—Algumas mulheres tomam uma aparência especial —explicou Catherine—. Então é certo?

—Estou quase segura.

—Aleluia! —exclamou Catherine, sorrindo de orelha a orelha—. Quanto me alegro. Stephen deve estar encantado.

—Ainda não lhe disse. Quero dizer-lhe esta noite, se estiver acordado.

—Agora roguemos que seja um menino.

—Stephen diz que Michael não quer ser duque, mas você, como mãe, não quer isso para seu filho? —perguntou-lhe Rosalind, curiosa.

—Na realidade não. Não me cabe dúvida de que quando for grande meu pequeno Nicholas estará à altura de qualquer coisa, mas Michael detesta a idéia de ser duque, e não quero vê-lo infeliz. —Sorriu—. Ou muito ocupado para ter tempo para mim.

Rosalind pensou que nenhum homem nunca estaria muito ocupado para Catherine Kenyon.

—por que lorde Michael detesta tanto a idéia de herdar? —perguntou, ainda curiosa.

Catherine pensou um momento, sopesando as palavras.

—Eu não conheci o velho duque, mas sei que tratou abominavelmente a Michael. Além de algumas ocasiões felizes com Stephen em sua infância, meu marido não tem boas lembranças da abadia Ashburton. Não lhe importa ir de visita, mas não quer nenhuma parte do título nem das propriedades.

Rosalind assentiu; isso podia compreender. Levantou-se e colocou brandamente a mão no ventre.

—Farei o melhor que possa pelos dois. Catherine também se levantou e lhe deu um abraço.

—Alegra-me tanto que Stephen a tenha encontrado.

Rosalind relaxou um momento nos braços do Catherine, compreendendo que um dos motivos de que lhe caísse tão bem era uma qualidade maternal que recordava a Maria.

—Eu também —repôs brandamente—. Apesar de tudo, alegro-me.

Stephen despertou de seu adormecimento e viu Rosalind sentada junto à cama com o rosto abatido.

—Que demônios faz nessa poltrona havendo uma cama perfeitamente cômoda?

Ela piscou, sonolenta.

—Seriamente quer que me meta na cama? Não quero lhe incomodar.

—Não creio que este tipo de dor aumente se dormir com minha mulher. De fato,

imagino que me sentirei melhor. —Titubeou—: A não ser que não deseje estar tão perto de um homem em meu estado.

Ela arregalou os olhos.

—Idiota. Como pode imaginar que não vou desejar estar contigo? —Bocejando, levantou-se—. Voltarei logo que tenha colocado uma camisola.

Ele suspirou; não lhe agradava a idéia da camisola; os dois estariam muito vestidos. Mas alguma alma bem intencionada poderia entrar para ver como estava. Já sabia que um dos pequenos preços de morrer era uma menor intimidade.

Em poucos minutos reapareceu Rosalind, vestida com uma camisola delicadamente bordada e seus longos cabelos presos nas costas. Depois de apagar as velas até deixar uma só na cômoda, amealhou-se à cama.

—Mais medicação?

—Não, só você.

Não queria desperdiçar um tempo precioso em um sono drogado. Ela se meteu na cama e ele estreitou seu mole corpo entre seus braços, sentindo um prazer tão grande que quase lhe doeu. Paradoxalmente, a ter abraçada lhe reduzia a dor interna, ou ao menos o fazia notá-lo menos.

—É maravilhoso te ter assim —sussurrou.

—Mmm, o mesmo digo eu.

Exaltou, lhe esquentando o pescoço com seu fôlego. Assim estiveram vários minutos, em silêncio. Finalmente lhe disse, timidamente.

—Tenho uma boa notícia. Esperei porque queria estar segura. Parece que vou ter um bebê.

Ele reteve o fôlego, temeroso de acreditar. Depois sentiu cheio de felicidade o coração, borbulhante como champanha.

—Isso é maravilhoso!

Uma onda de energia lhe permitiu levantar-se um pouco apoiado no cotovelo. A tênue luz, o rosto de Rosalind tinha a doce satisfação de toda mulher, desde Eva, que acaba de anunciar a seu marido vai lhe dar de presente um filho. Alisou-lhe para trás os cabelos,

—Que moça mais pronta é.

—Você também teve algo a ver nisto —riu ela, e lhe colocou a mão em seu ventre, onde a suave curva ainda não revelava seu segredo—. Creio que ocorreu a primeira vez que fizemos amor, no palheiro.

—É um milagre, Rosalind. —Voltou a apoiar a cabeça no travesseiro, sem retirar a mão do ventre dela—. Cada um se acreditava estéril, e entretanto juntos criamos uma nova vida.

Uma vida que ele não veria; amargo conhecimento. Talvez, como Sophia e Philippe, poderia fazer uma visita uma vez. Mas não seria o mesmo que ter um bebê nos braços, ou procurar em seu rosto semelhanças com Rosalind. Interrompeu esses pensamentos pouco proveitosos. Nesse momento estava ali, com Rosalind, e acabava de receber uma notícia ditosa. Em troca, ele devia lhe dar a mensagem que lhe tinham enviado.

—Depois do ataque de hoje —começou— ocorreu algo do mais extraordinário.

Contou-lhe sua visita não física à abadia. Guardou o que lhe havia dito Louisa sobre sua vida conjugal porque considerou que o assunto era muito pessoal, mas sim disse sua explicação sobre a morte como simples transição. Também lhe contou seu encontro com Sophia e Philippe, e como eles a tinham acompanhado para protegê-la. Acabou o relato lhe dizendo docemente:

—Seus pais me pediram que lhe dissessem que a amam muito.

No silêncio que seguiu pensou que talvez Rosalind estivesse tentando se decidir enviá-lo ou não ao Hospital Bedlam para doentes mentais. Então ouviu um som abafado e compreendeu que ela estava chorando com a o rosto apoiado em seu ombro.

—Rosalind? Não estou louco, sabe? —Beijou-lhe a têmpora—. Provavelmente só tive um sonho muito realista.

—jogue a culpa na gravidez; tudo me faz chorar —disse ela, secando-os olhos com o lado do lençol—. Se foi um sonho, foi um verdadeiro. Quando disse que meus pais estavam juntos vigiando que não me acontecesse nada, as palavras ressonaram em meu coração. Esfregou a face contra a dele, e ele se alegrou de que Hubble o tivesse barbeado.

—Uma vez me perguntou por que eu acreditava que a vida era algo mais que o mundo visível que nos rodeia, e eu não soube responder. Mas você acaba de explicá-lo. Tive a meus pais de anjos guardiães; vi-o logo que disse essas palavras.

E se Sophia e Philippe estavam juntos, ele e Rosalind também estariam algum dia. Acariciou-lhe as costas, sentindo-se muito unido a ela, tanto física como emocionalmente. O terrível era que desejava estar mais unido ainda, desejava entrar nela, ouvir seu grito extasiado, sentir o fulgurante prazer... engoliu uma maldição.

—Só agora me dou conta de até que ponto o desejo vem da mente, e não do corpo. Desejo tanto fazer amor... entretanto, não posso. —Curvou os lábios em um ricto—. Simplesmente não sou...

—Não se preocupe, Stephen —sussurrou ela, acariciando-o desceu a mão até apoiá-la em suas genitais, em um gesto de infinita ternura—. Não sei se seria capaz de suportá-lo agora, sabendo que poderia ser a última vez.

A ele formou um nó na garganta. Outra perda, e essa muito grande. Haveria união física no Jardim de Luz? Recordou ter lido uma vez que no céu havia uma união espiritual que era melhor que a união sexual, e dessa vez pensou como o escritor podia saber isso.

Nesse momento, fazendo amor tantas vezes com Rosalind duvidava que pudesse existir algo melhor.

Mas ao menos a possibilidade lhe dava uma esperança.

Rosalind permaneceu acordada até muito depois que Stephen estivesse adormecido. Sabia que a experiência que lhe tinha relatado era certa, exata; seus pais naturais tinham estado com ela, e a tinham levado aos braços de seus pais adotivos. Tinha sido duplamente abençoada, e entretanto tinha vivido com medo toda sua vida.

Compreender isso a fez sentir-se furiosa consigo mesma. Então passaram por sua mente as imagens das mortes de seus pais; sim, tinham sido mortes rápidas, mas o horror dessa noite lhe tinha gravado a alma. A essa tragédia tinham seguido semanas de terror, que culminaram na repentina morte de sua amada instrutora; e depois, sua luta por subsistir no meio do frio, a fome e o paralisante terror.

Com razão depois havia se sentido insegura, inclusive depois de ter sido resgatada milagrosamente. Tinha enterrado o terror, concentrando-se em ser a filha perfeita, para que Thomas e Maria não a abandonassem.

O medo tinha sido seu acompanhante durante todos os anos de sua vida: medo ao desconhecido, medo de deixar sua família adotiva, medo de amar muito a qualquer pessoa. Na quantidade havia segurança, e por isso tinha amado a muitas pessoas. Casou-se com Charles porque era algo seguro, formava parte de seu mundo conhecido. Inclusive casar-se com Stephen lhe pareceu seguro, porque sua enfermidade significava que logo poderia voltar para a vida que conhecia.

Mas amá-lo não era seguro, porque isso a exporia à dor de sua perda, semelhante à dor que a tinha acossado sempre, da perda de seus pais. Por isso não tinha querido reconhecer que o amava. Simpatia sim, paixão, certamente, mas amor não.

Na realidade era divertido; sempre tinha se considerado serena e sensata, e entretanto, nas profundidades secretas de sua mente não tinha sido sincera a respeito do muito que amava Stephen. Nunca tinha sido «seguro» amá-lo, e perdê-lo seria como se partissem em dois o coração.

Mas algum dia voltariam a estar juntos; isso compreendia nesse momento, e esse conhecimento finalmente lhe fez cair, esgotada, em um profundo sono.

Capítulo 34

Quando despertou pela manhã, Stephen se sentia surpreendentemente renovado; talvez isso se devesse a que Rosalind continuava dormindo em seus braços. Inclusive Porcia subiu à cama e passou toda a noite ali; era muito dorminhoca para ser uma gata.

Quando Rosalind despertou, a ele já voltava lhe roer a dor, embora diminuísse um pouco depois que lhe desse outras duas pastilhas de ópio. Depois o animou a beber ponche de ovo, lhe dizendo que o ovo e o mel batidos com o leite lhe dariam a força que tanto necessitava. Ele bebeu com cautela, mas a bebida passou sem problemas e afirmou no estômago.

Nem sequer considerou a idéia de levantar-se; suas forças não lhe permitiriam nem caminhar pelo quarto; mas sim se sentiu o suficientemente forte para sentar-se na cama. Catherine se reuniu, a convite deles, e passaram uma agradável manhã juntos, ele relaxado sobre o monte de almofadões que lhe pôs Rosalind, enquanto as mulheres faziam a maior parte da conversação. Bastava-lhe estar com duas de suas pessoas favoritas.

Calculou objetivamente quanto tempo mais de vida restava. Um dia, talvez dois. O principal desejo que ficava por cumprir era que seu irmão chegasse antes de sua morte.

De repente entrou Hubble no aposento com expressão consternada.

—Excelência, estão aqui lorde e lady Herrington. Ela insiste em lhe ver.

Rosalind abafou uma exclamação e a Catherine, que estava sentada no outro lado da cama, quase lhe caiu a xícara de chá. Igualmente surpreso, Stephen, disse:

—faça-os passar.

Passados uns minutos, entraram Claudia e seu marido Andrew. Claudia ficou paralisada quando o viu. Ele supôs que lhe haviam dito que estava doente, mas de qualquer modo a impressionou ver a realidade.

Com o rosto tenso, Claudia caminhou até a cama.

—Tinha que vir, Stephen.

—Alegra-me muito vê-la, e a você também, Andrew.

Seu calado cunhado lhe estreitou a mão, um apertão breve mas com carinho. Sempre tinha sido uma boa pessoa.

Rosalind olhou os recém chegados como uma leoa protegendo a um cachorrinho doente, mas Catherine disse educadamente:

—bom dia, Claudia. Espero que estejam bem; como estão seus filhos?

A Claudia adoeceu a expressão, como sempre que saía o assunto de seus filhos.

—Muito bem, obrigado. E como estão seu filho e sua filha?

—Muito bem também.

Ali acabou a conversa, até que Stephen acrescentou:

—Também poderia nos felicitar a Rosalind e a mim.

Claudia pareceu surpreendida mas sinceramente agradada; os bebês sempre eram o caminho mais rápido para chegar a seu bem defendido coração.

—Ah... que esplêndido! Deve se cuidar muito bem, Rosalind.

—Isso penso fazer —repôs Rosalind, novamente surpreendida. Stephen decidiu que não tinha forças para uma conversa ociosa.

—Rosalind, se não se importar, talvez Claudia deseje me ver a sós.

—Sim, mas primeiro... —Claudia olhou angustiada seu marido, ele lhe tocou ligeiramente o cotovelo, o que aparentemente lhe deu forças para continuar, com voz entrecortada—: Rosalind, Catherine, desejo... lhes pedir desculpas por meu comportamento com vocês.

—Desculpas aceitas —respondeu Rosalind, já absolutamente pasmada—. É natural que estivesse preocupada com o matrimônio de seu irmão.

Catherine também disse algumas palavras de aceitação, embora com um brilho irônico nos olhos.

Claudia fez um gesto de pesar.

—As duas são mais generosas do que mereço.

—Não desejo estar brigada com você, lady Herrington —disse Rosalind com sossegada dignidade—. Nunca desejei.

Com um olhar sugeriu a Catherine que saíssem, e quando os três saíram juntos do quarto se apresentou a lorde Herrington.

Em lugar de sentar-se, Claudia começou a passear nervosamente pelo quarto. Stephen se cansou em apenas olhá-la.

—Alegra-me que tenha vindo —disse—. Pensei que não voltaria a vê-la.

—E quase não me viu —repôs ela, sem olhá-lo nos olhos—. Sua esposa foi a minha casa me dizer que estava doente, e eu a tratei de um modo horrível.

Ele fez um gesto de tristeza, ao imaginar a cena.

—Sempre teve uma língua inequívoca quando está alterada. O que a fez mudar de opinião e a trouxe aqui?

Ela foi até a janela e debruçou-se. Seu duro perfil era a versão feminina do velho duque.

—Depois que sua esposa partiu, entrou Andrew no salão e me encontrou chorando. Creio que nunca me tinha visto chorar. Naturalmente quis saber por que. Eu expliquei, esperando que dissesse que é claro eu tinha razão ao condenar seu matrimônio, que nenhuma atriz podia ser digna de ser a duquesa de Ashburton.

—Não se mostrou de acordo?

Ela negou com a cabeça.

—zangou-se e me disse que estava exagerando muito minha obsessão pela linhagem Ashburton. Depois me disse algo muito semelhante ao que sua Rosalind acabava de me dizer: que nada que pudesse fazer agora ganharia a aprovação de nosso pai. —Brilharam-lhe lágrimas nos olhos, mas sem cair—. Que devia respeitar sua escolha de esposa e deixar de culpar você e Michael por ser homens e eu não. A Stephen nunca tinha ocorrido pensar que Claudia se sentisse ofendida pelo sexo dele e Michael, mas achou a lógica perfeita. Era de admirar a perspicácia de Andrew.

—Se a vida fosse justa, teria sido varão, Claudie - disse, usando o apelido que lhe dava em sua infância—. Você foi a que teria se aproximado mais ao ideal que tinha

nosso pai em relação ao que devia ser o duque de Ashburton. — Suspirou, pensando nas muitas vezes que tinha recebido a chicotada do desprezo de seu pai—. Mas ele foi injusto com os três, sabe? A você, por ser mulher, não deu a atenção que necessitava e merecia. Detestava-me porque não tinha a arrogância que ele respeitava, e ao Michael sempre tratou de um modo francamente abusivo, cruel. —Decidiu que Claudia não tinha por que saber o motivo disso—. Custa-me lhe perdoar o que fez a Michael. Entretanto, conforme tenho entendido, ele se parecia muito com seu próprio pai. Criaram-no para acreditar que sua maneira era sempre a única maneira.

—E como disse, eu me pareço muito com ele. —Claudia baixou a cabeça, sua expressão desolada à pálida luz do sol—. Não sabia quanto dependia do apoio de Andrew até que o perdi. Sei que sou uma mulher difícil, mas Andrew sempre esteve comigo, apesar de meus defeitos. —Tragou saliva—. Eu não gosto muito do que sou, Stephen, mas não sei ser diferente. Se não for a filha de meu pai, quem sou?

—Também é uma esposa, uma mãe, uma irmã —disse ele docemente—, para não dizer condessa de Herrington. Quanto a Andrew, é evidente que a compreende muito bem. Seriamente acredita que vai deixar de te amar por isso quando, como diz, sempre conheceu suas imperfeições?

—Andrew não me ama. Como poderia amar uma mulher como eu? —exclamou ela, angustiada, as faces molhadas por terríveis e silenciosas lágrimas.

Doeu-lhe vê-la sofrer. Recordando que quando ele era muito pequeno, ela o chamava para lhe dar um abraço, disse-lhe:

—Agora não posso caminhar pelo quarto, Claudie, assim se quiser que a abrace tem que vir aqui.

De menino, sempre que ela o chamava, ele corria a jogar-se em seus braços. Ela sorriu em meio a suas lágrimas ao ouvir esse convite dele, e foi sentar-se no lado da cama.

—me perdoe, Stephen —disse, secando as lágrimas—. É você o que está terrivelmente doente. Deveria estar lhe oferecendo consolo, não pedindo-o para mim.

Deu-lhe uns tapinhas na mão.

—Na realidade, estou descobrindo que morrer é um assunto bastante simples. Nem de perto é tão complicado como viver.

Voltou a lhe brotar lágrimas em seus olhos castanhos.

—Não suporto a idéia de perdê-lo, Stephen —sussurrou—. Sou mais velha que você; não é justo que eu esteja sã, forte com mau gênio enquanto você, que é muito melhor pessoa, esteja morrendo.

—Talvez seja certo que só os bons morrem jovens?—disse ele sorrindo.

Ela levou uma mão à boca.

—Rosalind disse isso quando foi ver-me. Ah, Stephen, entendi tudo errado durante toda minha vida.

Agarrou-lhe a mão e a puxou, atraindo-a para ele para poder lhe passar o braço pelos ombros. Ela escondeu o rosto no almofadão e pôs-se a chorar. Ele sabia que só em parte chorava por ele; a maior parte dessas lágrimas eram de pesar, pelo pai ao qual tinha adorado e nunca conseguiu agradar, por seu fracasso em estar à altura de exigências impossíveis de satisfazer.

—Não seja tão dura contigo, Claudie. Durante minha infância você foi minha pessoa favorita, sabe. Escutava-me, fazia-me sentir querido. Sempre foste maravilhosa com os meninos pequenos. —Sorriu—. Se não fosse condessa, poderia ser uma babá maravilhosa.

Teria sido como a senhora Standish, pensou, que arriscou sua vida para proteger

uma menina que estava a seu cargo.

Ela riu em um soluço.

—E provavelmente teria me saído muito bem.

Ele teve a impressão de que se dissesse o adequado a ajudaria, mas não sabia bem o que era o adequado. De repente lhe ocorreu uma idéia:

—por que se casou com Andrew? Teve ofertas melhores. Poderia ter sido marquesa em lugar de uma simples condessa.

—Vamos, porque era o que eu mais gostava, é claro. Quando estava com Andrew sempre me sentia bonita e inteligente, desejada. —Suspirou—. Era maravilhoso sentir-se desejada, embora nunca entendesse por que me desejava.

—Alguma vez lamentaste ter casado com ele ?

—Nunca. —A resposta foi imediata.

—Quer dizer, ama-o e sempre o amaste. Ele sabe disso?

Ela se levantou e começou a alisar as rugas do vestido da manhã.

—Sabe que... que lhe tenho carinho.

Stephen não se surpreendeu que ela não fosse capaz de usar o verbo amar. Tinha-lhe ocorrido o mesmo a maior parte de sua vida. Até no dia anterior, na realidade, quando esteve fora da vida. Já sabia o que sua irmã precisava ouvir.

—O velho duque nos ensinou sua versão das virtudes cardeais, Claudie. O orgulho e o decoro estavam no primeiro lugar de sua lista. O amor não estava. Na realidade, sem que jamais nos dissesse uma só palavra sobre o assunto, aprendemos que o desejo de dar ou receber amor era um sinal de debilidade, algo desprezível na verdade. —Guardou silêncio um momento, necessitado de descanso, e logo continuou—: Nosso pai tinha as coisas do reverso. O amor é a virtude fundamental, o que faz a vida digna de viver-se quando o orgulho e o decoro parecem cinzas. Por seu bem e pelo dele, diga a Andrew que o ama, Claudie. E aposte nisso, diga a seus filhos também —sorriu fracamente—, embora ache que vai cair a língua ao dizê-lo.

Ela o olhou duvidosa:

—Acredita que quererão ouvir isso?

—Acredito muito, muito provável. Não deteste tudo o que é, Claudie, porque grande parte de seu caráter é admirável. Tem valor e integridade, e normalmente foste amorosa em seus atos, se nem sempre em suas palavras.

—Amorosa? Eu? —exclamou ela, pasmada. Parecia tão surpreendida pela idéia como se sentiu ele quando Louisa lhe disse isso.

—Sim, você. Sempre teve um bom coração atrás dessa língua mordaz. —afundou-se mais nos almofadões, muito cansado para continuar sentado—. A próxima vez que sinta a tentação de arremeter contra alguém ou dar rédea solta a sua altivez Kenyon, morda a língua.

—Tentarei. —Olhou-o com expressão sombria—. Adeus, Stephen. Nunca compreendi o muito que sentiria falta de você, até este momento, quando é muito tarde.

—Voltaremos a nos ver —disse ele, com um cansado sorriso.

—De verdade acredita nisso? —perguntou ela, carrancuda.

—Sei —repôs ele, e ouviu ecos de lady Westley em sua voz.

—Permita o céu que tenha razão. —inclinou-se a beijá-lo na face—: Te amo, Stephen. —Sorriu—. Não me caiu a língua.

Ele riu.

—Eu também te amo, Claudie.

Que fácil era dizer essas palavras. Por que tinham sido tão impensáveis a maior

parte de sua vida?

Quando sua irmã saiu do quarto, recostou-se de lado, com um suspiro de cansaço. Agora que pensava, ainda não havia dito a Rosalind que a amava. Olhando em retrospectiva, viu claramente que tinha estado apaixonado por ela no momento em que a conheceu. Que condenado estúpido tinha sido ao não dar-se conta. Mas era um Kenyon, e o verbo amar nunca tinha formado parte de seu vocabulário. A noite anterior, quando por fim lhe desatou a língua, tinha havido muitas coisas que precisava dizer.

Antes de cair em um profundo sono de esgotamento, disse-se energicamente que dizer a Rosalind o que sentia por ela era algo que de qualquer modo devia fazer antes de morrer.

Tic tac, tic tac, tic tac. O relógio do suporte da lareira soava anormalmente forte no silêncio. Haviam coberto com palha todo o trecho da rua diante da casa Ashburton, para amortecer o ruído do tráfico, e estava dando muito bom resultado. Inquieta, Rosalind passou a mão pelo lado da cabeceira de Stephen. Já era a última hora da tarde e ele não tinha parado de dormir desde a saída de Claudia. Descobriu que lhe incomodava que sua irmã lhe tivesse gasto tanta de sua preciosa energia.

De qualquer modo, Claudia com marcas de lágrimas no rosto se mostrou muito cordial ao partir, agarrada fortemente no braço de Andrew. Custava-lhe acreditar que fosse a mesma mulher que a tinha insultado no primeiro encontro que tinham tido. Stephen devia ter lhe dado algum sermão. Se era assim, desejou que este fosse para sempre.

Catherine estava também velando no quarto, sentada em silêncio perto, cerzindo roupa. O mordomo se horrorizou ao ver que lady Catherine desejasse fazer uma tarefa tão humilde, mas ela precisava ter as mãos ocupadas.

Rosalind preferia observar o rosto adormecido de Stephen. Via-se muito mais em paz que sua mulher e sua cunhada.

Tic tac, tic tac, tic tac. Cada som ia cortando um pouco mais a vida de Stephen.

De repente se sentiu incapaz de seguir ouvindo o relógio um segundo mais; levantou-se e se dirigiu a lareira. Lançar o relógio de semelhante ouro contra os tijolos da lareira teria sido do mais satisfatório, mas o maldito valia uma pequena fortuna e provavelmente era uma relíquia da família também. Contentou-se abrindo a parte de trás e parar o pêndulo.

Bendito silêncio. Foi até a janela e olhou a rua. Estava escuro e a fina chuva continuava caindo sem parar; o dia estava apropriadamente horrível.

—Alegra-me que tenha parado esse relógio —disse Catherine atrás dela—. Estava-me pondo nervosa.

—É? Pensei que não tinha nervos. É tão boa para estar no quarto de um doente.

—tive muitíssima prática, mas é mais duro quando o paciente é uma pessoa querida. —Suspirou e esfregou a têmpora—. E quero muitíssimo bem a Stephen. Sempre foi meu amigo, e de minha filha também. Amy vai ficar desolada.

—É egoísmo de minha parte, mas me alegra que esteja aqui —disse Rosalind com um leve sorriso irônico—. Pensei em pedir a minha mãe que viesse, ou a minha irmã. Mas as duas tendem a sentir-se mal quando alguém está doente. Por isso era eu a que fazia o trabalho de curar as feridas e machucados de todos na companhia.

—Vejo que você se encarregava de todas as tarefas que não podia confiar a seus colegas mais temperamentais —disse Catherine, divertida—. Eu sempre fui igual. O talento está muito bem, mas alguém tem que cerzir as meias.

O sorriso de Rosalind se desvaneceu. Apoiou a testa no cristal fresco da janela.

—Catherine, envergonha-me muitíssimo, mas uma parte de mim deseja que isto

se acabe. Mas como vou suportar quando ele já não estiver aqui?

—É normal desejar pôr fim ao sofrimento, de Stephen e seu —disse Catherine docemente—. Quanto a como vai suportar, o fará minuto a minuto, porque deve fazê-lo, por você e por seu bebê.

Recordando que Catherine tinha enterrado seus dois pais e um marido, Rosalind se endireitou, envergonhada de sua debilidade. Devia ser forte pelo bem do bebê que seria o maior legado de Stephen.

—Rosalind?

Era a voz débil do Stephen. Virou-se rapidamente e se aproximou da cama.

— Como se sente?

—Bastante bem —respondeu ele, dando de ombros.

Ele queria dizer que sentia dor mas não ia queixar se. Como podia estar tão tranqüilo, tão sereno? Ela o tinha considerado um herói quando salvou Brian, mas esse valor não era nada comparado com o que mostrava nesse momento.

Em silêncio lhe deu duas pastilhas de ópio. Depois que ele as engoliu, beijou-lhe a testa.

—Gostaria de um pouco de ponche de ovo? Ou talvez um pouco de caldo?

—O ponche de ovo me virá bem.

Ela se virou para o jarro que tinha preparado a cozinheira, que estava metido dentro de uma vasilha com gelo moído. Quando estava servindo um copo, lhe disse:

—Há uma coisa que quero lhe dizer.

Ela levantou a cabeça sorrindo e o olhou bem a tempo para vê-lo exclamar:

—Maldição!

Depois fez violentas arcadas na cama, com o rosto branco e os olhos fechados; era o ataque mais violento que tinha presenciado ela do que teve no palheiro. Agarrou-lhe fortemente a mão, desesperava-se em seu interior por não poder fazer nada para aliviá-lo.

O ataque passou rapidamente, porque inclusive isso lhe consumia mais energia da que tinha. Aos poucos minutos estava imóvel e inconsciente. Sem dizer uma palavra, entre Rosalind e Catherine trocaram o lençol sujo.

Quando terminaram, e Rosalind começou a limpar o rosto de Stephen com um pano molhado, Catherine lhe disse em tom premente:

—me deixe que chame um médico que conheço.

Rosalind levantou a vista.

—Sabe que lhe prometi não permitir isso.

—Ian Kinlock não é como os outros médicos —disse Catherine—. O conheci no exército. É inteligente, nada convencional, e é médico e cirurgião ao mesmo tempo. Salvou a vida de Michael quando outros cirurgiões nem sequer se incomodaram em tentar. Na realidade, um dos principais motivos de que Michael fosse em sua busca foi o desejo de levá-lo a ver Ian.

Rosalind vacilou, rasgada entre sua promessa e o desesperado desejo de agarrar-se a alguma esperança, por pequena que fosse. Ao vê-la vacilar, Catherine continuou:

—Pelo menos deixa que Ian o examine. Ele respeitará seus desejos se opuser-se a qualquer tratamento que aumente o sofrimento de Stephen. Por favor —disse, fechando os olhos e apertando o pulso contra a testa—. Deixe-me chamá-lo. Temos que fazer algo.

Rosalind capitulou com um lento suspiro.

—Muito bem, mande chamar seu amigo.

Catherine saiu do quarto quase correndo. Rosalind terminou de passar o pano

úmido pelo rosto de Stephen. Depois esticou as mantas e o beijou.

—Amo-o, Stephen —sussurrou—. Sempre o amarei.

Talvez ele não quisesse ouvir isso, mas essas eram as palavras que tinha que dizer.

Hubble saiu em busca de Ian Kinlock, contente de poder fazer algo; levou-lhe várias horas localizar o médico e levá-lo a casa Ashburton.

Quando chegaram, Stephen já respirava melhor e dava sinais de recuperar os sentidos. Sentada a seu lado, Rosalind lhe segurava a mão contemplando-lhe o rosto como se por pura concentração o pudesse manter vivo.

Abriu-se a porta e Catherine se levantou.

—Ian, graças a Deus que vieste.

Rosalind levantou a vista e viu sua cunhada abraçar o homem de ombros largos e rebelde juba branca que acabava de entrar no quarto. Depois passou o braço sob o seu e os dois se aproximaram da cama.

—Rosalind, apresento meu amigo e fazedor de milagres, Ian Kinlock. Ian, a duquesa de Ashburton.

—A adulação não vai lhe conseguir um milagre, Catherine —disse ele com o claro sotaque escocês arrastado—. Esses só os dispenso a Deus, e é muito avarento com eles. —Saudou Rosalind com uma inclinação de cabeça e pôs sua maleta com instrumentos junto à cama—. Explique-me a enfermidade de seu marido, duquesa.

O cirurgião era mais jovem do que ela pensou ao vê-lo; não teria mais de quarenta anos, apesar de seus cabelos brancos. Também irradiava inteligência e uma calma imperturbável. Contente por havê-lo chamado, respondeu:

—Creio que a dor começou no fim da primavera ou começo do verão. Disse-me que seu médico lhe diagnosticou uma tumefação do estômago e do fígado.

—Isso é mais uma descrição que um diagnóstico —grunhiu Kinlock—. Quais são os sintomas?

Lamentando não ter feito mais pergunta a Stephen, ela respondeu o melhor que pôde, enquanto Catherine se retirava ao outro extremo do quarto.

Kinlock começou seu exame; depois de uma conscienciosa apalpação do estômago, murmurou:

—Uma tumefação pode ser tanto um vulto duro como uma inflamação; não noto nenhuma das duas coisas, embora seja evidente que há dor.

Muito certo; inclusive semi-inconsciente, Stephen estava gemendo pelas manipulações do médico; Rosalind gemeu com ele para si mesma.

—Significa isso que está menos doente do que acreditávamos? —perguntou esperançada.

—Seu estado é muito crítico, disso não cabe dúvida —respondeu Kinlock. Franzindo o cenho, pinçou em sua maleta e tirou uma agulha— tenho que reconhecer que não sei que enfermidade o aflige. - Ela mordeu o lábio quando levantou a mão de Stephen e enfiou a agulha no meio da palma. Stephen quase não reagiu era mas do que se podia dizer de Rosalind não queria sofrer de mau trato médico, pensou; mas enquanto observava, nervosa, as explorações do médico, consolou-se recordando as palavras de Stephen quando uma vez lhe disse que se acreditasse que havia uma possibilidade de cura, procuraria todos os curandeiros da Bretanha.

Qualquer possibilidade, por pequena que fosse, era melhor que nenhuma, disse-se.

Capítulo 35

Empapados pela fria chuva, Michael e Blackmer cavalgaram em silêncio pelo bairro de Mayfair a curta distância que os separava de casa. A noite estava tão lúgubre como o ânimo de Michael. Animou-se quando viraram por Grosvenor Square e viu a casa Ashburton.

—Olhe, há luz nas janelas e palha na rua. Stephen está aqui e se Deus quiser, Catherine também.

Blackmer se endireitou na sela, e sua expressão apagada cobrou vida.

—Espero que tenha razão. Já começava a acreditar que esta busca não acabaria jamais.

Michael o compreendeu perfeitamente.

No estábulo, o cavaliário lhes confirmou que o duque e sua nova esposa levavam mais ou menos duas semanas em Londres e que no dia anterior tinha chegado lady Michael. Depois, baixando a voz a um sussurro, disse que o duque estava muito doente, que se acreditava que não sobreviveria mais de uns poucos dias.

Com o rosto como granito, Michael abriu a porta com sua chave; lhe dar essa chave, pensou, era uma das muitas coisas que tinha feito Stephen para fazê-lo sentir-se realmente parte da família Kenyon, e não um desprezado proscrito. E agora Stephen estava..., bruscamente cortou o pensamento. Sem preocupar-se se Blackmer o seguia ou não, passou rapidamente junto aos salões para a imponente escada dos fundos que levava aos aposentos particulares. Quando chegou ali, levantou a vista para o corredor do primeiro andar viu sua esposa sentada em um banco fora dos aposentos de Stephen. Tinha a cabeça apoiada na parede e sua expressão revelava um cansaço igual ao dele.

Disse seu nome em voz baixa. Catherine levantou a cabeça sobressaltada, como se tivesse estado meio adormecida. Ao vê-lo lhe iluminou o rosto.

—Michael!

Ficou de pé de um salto e correu escada abaixo enquanto Michael subia saltando três degraus. Encontraram-se no patamar, onde a escada se dividia em duas, chocando como dois címbalos.

—meu Deus, Catherine, quanto senti sua falta.

Levantou-a em voltas pelo ar, em um veemente abraço; em casa, por fim.

—O mesmo digo eu.

Sem notar sua roupa fria e molhada, Catherine lhe rodeou o pescoço com os braços e levantou o rosto. Seu beijo quase fez Michael esquecer as enlouquecedoras semanas passadas.

A contra gosto pôs fim ao abraço e a deixou no chão.

—Como está Stephen?

Ela suspirou, apoiando a testa em sua face.

—Vivo. Acaba de despertar, mas seu estado é muito grave. Não vai durar muito mais.

Nesse momento se aproximou Blackmer, que tinha estado esperando a discreta distância, uns degraus mais abaixo.

—me leve para vê-lo - disse em tom premente—. Talvez eu possa fazer algo.

O médico tinha um olhar quase selvagem, pobre diabo; talvez esperasse fazer um milagre que justificasse todo o tempo e o esforço dedicado à busca.

—Dez minutos não mudarão nada —disse Michael—. Eu quero vê-lo primeiro agora que está consciente. Aproveite o tempo para comer algo ou vestir roupa seca.

Começou a subir os degraus que restavam, rodeando com um braço sua esposa, sem lhe importar o mínimo seu indecoroso comportamento.

—Mas eu sou seu médico —insistiu Blackmer com veemência—. Devo vê-lo imediatamente.

Michael se voltou e lhe disse com uma voz que faria empalidecer ao sargento mais endurecido:

—Depois.

—Neste momento está com ele um cirurgião, doutor Blackmer —se apressou a dizer Catherine—. Nosso amigo, Ian Kinlock. —acrescentou com o cenho franzido—: Ian está bastante perplexo, embora não disse por que. Talvez os dois pudessem conferenciar enquanto Michael fala com Stephen.

Blackmer abriu a boca para protestar, mas voltou a fechar com aspecto de sentir-se mal.

—Trocarei-me e subirei dentro de uns minutos. Começou a descer a escada, fazendo gestos a um laçaio que acabava de aparecer com a bagagem dos recém chegados.

Michael continuou subindo, saboreando o contato conhecido do corpo de sua mulher.

—Alegra-me que tenha chamado Kinlock —disse em voz baixa—. Eu ia fazer isso logo que chegasse aqui. Se alguém pode fazer algo, esse é Ian.

—Diz que não pode fazer milagres —disse Catherine, muito séria. Isso não significava que Michael não pudesse esperar que acontecesse.

—O que lhe parece a atriz provinciana de Stephen?

Catherine lhe dirigiu aquele olhar que qualquer pessoa casada entende.

—Abandona seus preconceitos, querida. Rosalind é maravilhosa. Os dois estão absolutamente apaixonados, e lamento que não se conhecessem dez anos antes. —Seus olhos brilharam com um brilho travesso—. Além disso, é tão atraente que me alegra me ter conhecido primeiro.

Ele riu e apoiou o rosto em seus cabelos, sentindo seu aroma doce, seco e irresistível.

—terá tempo depois para procurar satisfação, moça sem vergonha.

Acariciou-lhe o queixo sem barbear durante um breve instante de promessa, e continuaram subindo os últimos degraus.

—Além disso, Rosalind foi muito eficiente, e conseguiu engravidar, por isso sugiro que reze tudo o que possa para que seja um menino. Michael se sentiu como um detento que acaba de ver uma porta aberta.

—Isso é maravilhoso! Stephen deve estar encantado.

—Está —disse Catherine, com o rosto um tanto sombrio. Michael entendeu o que não disse, porque sabia como teria se sentido ele se tivesse adoecido mortalmente quando Catherine estava esperando Nicholas. Uma mescla de alegria porque ia sobreviver algo dele, e de fúria por não estar ali para criar seu filho.

Esse aviso do motivo de sua visita lhe desvaneceu o prazer pelo reencontro com sua esposa. Deteve-se para tirar a capa molhada e a deixou sobre o corrimão; depois, com o rosto implacável, abriu a porta do quarto de seu irmão.

As explorações de Ian Kinlock despertaram Stephen. Embora fosse evidente que estava sofrendo, mostrou-se estóico e não reprovou Rosalind por ter chamado o cirurgião. De qualquer modo, quando se afastou da cama para que os dois homens pudessem falar em particular. Rosalind não deixava de sentir golpes de remorso.

Instalou-se na poltrona da janela, com o olhar fixo em Stephen, e recordou o que

disse uma vez a Jessica, quando as coisas eram mais simples: a dignidade era algo tão enraizado em Stephen que nada o podia despojar dela, nem sequer a morte. Ao dizer isso havia dito mais verdade do que imaginava.

Nesse momento se abriu a porta e entrou um homem de olhar de cem jardas; lorde Michael Kenyon, sem dúvida alguma. Inclusive sujo pela viagem e cansado, tinha esse ar de vigilância predadora que ela tinha visto em outros soldados. Também tinha uma forte semelhança com Stephen, e Catherine ia pendurada nele como uma capa favorita.

Posto que Stephen estava falando com Kinlock e não notou a entrada de seu irmão, decidiu lançar-se e passar das apresentações formais; com sorte, lorde Michael estaria tão preocupado por seu irmão que apenas se fixaria nela. Aproximou-se e disse em voz baixa:

—Lorde Michael, alegra-me que tenha vindo. O doutor Kinlock já quase terminou o exame.

Ele a olhou. Ela viu uns penetrantes olhos muito verdes, não como os de Stephen, que eram verdes cinzas e mais apazíveis. Sentiu-se como um camundongo vigiado por um gato.

Então, surpreendentemente lhe sorriu. Desapareceu o ar predador, e sua semelhança com Stephen se fez ainda mais forte.

—Rosalind. Catherine me falou de você.

Deu-lhe um breve aperto de mãos, posto que inclinar-se teria significado soltar sua esposa.

Céus, como podia ter resultado tão fácil esse temido encontro?

—Quase me dá medo perguntar o que lhe disse —disse sinceramente.

—Disse-me que é maravilhosa e que deve ser tratada com toda a cortesia. — Aumentou a pressão de seu braço sobre os ombros de Catherine —. E eu sempre faço o que me ordena minha esposa. Catherine revirou os olhos em um exagerado gesto de incredulidade, feita de nata coalhada da Cornualha a risada dos três atraiu a atenção do Stephen. Girou a cabeça para a porta e sorriu cansativamente.

—Michael, bem a tempo.

Viu a morte no rosto gasto de Stephen; imediatamente uma contrição nos pulmões, primeiro aviso de um ataque da asma que nunca tinha superado totalmente. Obrigando-se a respirar firmemente, separou-se de sua esposa e se aproximou da cama.

—E não graças a você. Contou-lhe Catherine como Blackmer e eu passamos semanas o procurando por quase toda Grã-Bretanha?

—Devo ser mais preparado do que acreditava, para o haver evitado durante tanto tempo — disse Stephen alegremente, apesar de seu rosto abatido e da voz que a seguir era mais que um sussurro.

Kinlock levantou a vista para olhar Michael. Tinha-o atendido duas vezes durante as guerras e sua expressão era a de um carteiro que quer comprovar se uma de suas mesas está bem firme.

— Alegra-me vê-lo, coronel.

— O prazer é meu — respondeu Michael lhe estreitando a mão —. Já tinha acabado de pinçar e explorar?

— De momento sim. Já podem falar. Eu tenho que pensar nisto.

Com o cenho franzido foi se pôr diante da lareira e ficou meditando olhando o fogo. Catherine e Rosalind também se afastaram discretamente ao outro extremo do quarto, para não ouvir a conversação.

Michael se sentou em uma poltrona junto à cama, sentindo-se um tanto

incomodado. Como demônios se fala com um irmão moribundo? Havia milhares de coisas que podia lhe dizer, mas nenhuma lhe pareceu bastante importante. Stephen lhe facilitou as coisas.

—Será melhor que falemos primeiro de negócios. Acreditei que não ia deixar nenhum cabo solto, mas me acabou o tempo antes do que esperava. Além disso, ontem à noite Rosalind me disse que está esperando um bebê, o que é outra complicação.

—Uma boa — disse Michael.

—Muito boa, mas francamente não imaginava que poderia deixar um herdeiro. Faz tempo que tinha perdido a esperança. — Fechou os olhos um momento—. Supunha que herdaria imediatamente. Agora terá que esperar meses para saber se o bebê é menino ou menina, o que deixa no limbo meus bem armados planos. Neste momento meu secretário está com o advogado; estão redigindo documentos que deixam você e Rosalind em qualidade de fideicomissários da propriedade Ashburton durante o tempo de espera. Se o bebê for menina, você toma posse, como é lógico. Se for menino, ficará de guardião até que cumpra os vinte e um anos. —Passou um brilho de humor por seus olhos—. Vale dizer, tem todo o trabalho sem o título.

—Asseguro-o que prefiro assim —disse Michael, sinceramente.

—Por favor, cuida de Rosalind. —Stephen desviou o olhar às cortinas da cama—. Não é que não seja perfeitamente capaz de cuidar de si mesma. Suponho que voltará a casar-se. Não se indigne muito em meu nome se o fizer.

—É mais generoso que eu —disse Michael, zombando de si mesmo—. Se fosse eu a morrer, preferiria pensar que Catherine não ia voltar a olhar outro homem jamais e ia passar o resto de sua vida com um saco de cinzas.

—Sério? —perguntou Stephen com gesto irônico. Nem quando eram meninos Michael tinha conseguido enganar a seu irmão.

—Não —reconheceu—. Queria que fosse feliz, só que não tão feliz como foi comigo.

—Admiravelmente sincero —disse Stephen, com um indício de humor—. Quando parti da abadia e fui ao norte, considerei a possibilidade de ir Gales e vê-lo. Desejava lhe perguntar como é enfrentar à morte, já que você sabe muito desse assunto. Mas decidi não ir; tinha muito orgulho para perguntar a meu irmão mais novo como se enfrenta o medo. —Lhe aprofundaram os sulcos do rosto—. Agora o orgulho me parece muito banal.

—Dá a impressão de que encontrou suas respostas sem minha ajuda. —Michael olhou atentamente o rosto de seu irmão, e viu nele essa aceitação profunda que ele tinha experimentado quando se encontrava ao lado da morte—. Parece que está em paz.

—Estou. —Stephen olhou Rosalind, que estava no outro extremo do quarto—. Deus sabe que não desejo morrer. Mas nestas últimas semanas conheci mais felicidade do que a maioria dos homens encontram em toda sua vida. Nunca teria tido isso se não fosse por minha enfermidade.

E Rosalind, a «atriz provinciana», era o motivo dessa felicidade,

Michael deveria ter tido mais confiança no julgamento dele. Recordando o conselho de Rafe de não supor o pior, desejou dar-se socos por sua maldita reação aristocrática à notícia das bodas de seu irmão. Às vezes era horrivelmente igual ao velho duque; não com frequência, por sorte. Sem deixar de olhar sua esposa, Stephen lhe disse:

— Creio que se de repente o mundo soubesse que está a ponto de acabar, as ruas se encheriam de pessoas correndo em busca de seus entes queridos para poder lhes dizer que os amam. —Girou a cabeça e para seu irmão—. Amo-o, Michael. Deus

tivéssemos sido melhores amigos ao longo dos anos.

A aflição que tinha estado vibrando sob a superfície explodiu numa força que rasgou o coração de Michael. Pôs uma mão na de Stephen e baixou a cabeça.

—Eu também te amo —disse com a voz entrecortada—. Não seríamos amigos se você não me tivesse estendido a mão no pior momento de minha vida. Essa é uma dívida que não poderei pagar jamais.

—Não há nenhuma dívida, porque eu me beneficiei igualmente - pôs Stephen; fez uma inspiração tremula—: Claudia esteve aqui ao meio-dia, e em ânimo de emendar loucuras passadas. Se estender para ti o ramo de oliva, o que creio que fará, por favor, não a lances ao fogo que tenha mais à mão. Faça-o por mim.

—De acordo —prometeu Michael; faria-o por Stephen. Sentiu o débil pulso na mão de seu irmão. Quanto resta de vida? Quanto? Fez uma respiração entrecortada.

—Se não mudarmos de assunto vou ter um ataque de asma.

—Não pode ter um ataque agora. —Stephen fechou os olhos novamente, tentando reunir forças—. Vejamos os outros assuntos importantes. Para começar, estou nos trâmites da compra do teatro Atheneum para os pais de Rosalind. Se ocupe de que a transação se faça com rapidez. Rosalind sabe as disposições financeiras que tinha planejado.

Comprava um teatro para seus sogros? Bom, Stephen nunca tinha sido miserável.

—Encarregarei-me de que se faça.

Seu irmão lhe detalhou a lista de seus outros assuntos inconclusos, em uma implícita amostra de confiança que Michael achou quase tão comovedora como sua explícita declaração de amor. Três anos atrás essa conversação, essa confiança incondicional teria sido impensável.

Era evidente que Stephen estava cansado: suas frases eram mais curtas e seus silêncios para descansar mais freqüentes. Michael desejou que os malditos secretário e advogado chegassem logo com os documentos do fideicomisso preparados. Assiná-los aliviaria a mente de Stephen e simplificaria a situação legal.

Nesse momento Ian Kinlock abandonou bruscamente sua contemplação do fogo da lareira.

—Catherine, duquesa, venham aqui. Quero falar com todos.

As duas foram reunir-se com Michael junto à cama. Ao ver o rosto abatido de seu marido, Rosalind agarrou o frasco da mesinha e o olhou interrogante. Stephen fez um ligeiro gesto de assentimento, de modo que ela colocou duas pastilhas na mão e serviu água em um copo. Michael se agradou de sua solícita atenção a Stephen. Nisso se parecia com Catherine, e não lhe ocorria que pudesse haver outro elogio melhor que esse.

—chegaste a um diagnóstico distinto, Ian? —perguntou Catherine.

—Sim —repôs o cirurgião—. Meu problema era me atrever a dizê-lo, porque minha idéia é muito incrível, e não quero despertar falsas esperanças. Entretanto, casa com os fatos como nenhuma outra coisa. —passou os dedos nervosamente por seus cabelos brancos deixando-os revoltos—. Se estiver certo, Ashburton, isto troca totalmente o prognóstico. E entretanto, não consigo entender como poderia ser certo. —ficou calado com expressão preocupada.

Stephen poderia viver?

—Pelo amor de Deus, Kinlock —exclamou Michael impaciente—, o que é que pensa?

O cirurgião guardou silêncio outro longo momento e finalmente disse:

—Creio que o duque sofre de envenenamento.

Capítulo 36

As palavras de Ian Kinlock produziram um silêncio entre os chocados presentes. Veneno? A impressão avivou totalmente a Stephen, que fez um gesto a Rosalind para que não lhe desse as pastilhas que estava ponto de lhe dar. Se Kinlock estivesse certo, não queria adormecer a dor ao preço de perder a capacidade de raciocínio.

—Como pode ser isso? —perguntou.

—Absurdo! —exclamou Michael ao mesmo tempo—. Quem poderia querer envenenar meu irmão?

—Poderia não ser intencional —disse Kinlock—. Os sintomas são de envenenamento por arsênico, que tem muitos usos em medicina materiais para lareira, por exemplo o papel de forrar, de modo que o envenenamento poderia ser acidental. —Olhou Stephen muito sério—. Se estiver certo a respeito de sua enfermidade, poderia recuperar-se totalmente.

Michael reteve o fôlego.

—meu Deus! —sussurrou Catherine, olhando Stephen.

Recuperar-se. Essa possibilidade impressionou Stephen ainda mais que a sugestão de que sofria de envenenamento. A idéia lhe produziu um curioso atordoamento. Talvez tenha se afastado tanto para a morte que já a vida não lhe parecia possível. Então sentiu fechar a mão de Rosalind ao redor da sua. Olhou-a e viu uma esperança insuportável em seus expressivos olhos; se Kinlock estivesse equivocado, sua desilusão seria aniquiladora. Fez uma inspiração profunda, rogando que Kinlock tivesse razão, mais por ela que por ele. —Qual é o tratamento para o envenenamento por arsênico?

—Na realidade, beber leite foi o melhor que poderia ter feito. O leite não só alivia o esôfago e o estômago mas além disso envolve o arsênico e reduz a probabilidade de dano permanente.

—Exalou um suspiro, preocupado—. Se for correto meu diagnóstico, e se conseguir localizar e eliminar a fonte do envenenamento, começaria a recuperar-se imediatamente.

Catherine, a ex-enfermeira, franziu o cenho.

—Stephen poderia ter alguma forma de febre gástrica. O que o faz pensar que é envenenamento por arsênico?

—tratei dois casos, e as similitudes com o estado de Ashburton são inconfundíveis. Um foi um envenenamento agudo, quando uma jovem esposa espanhola decidiu livrar-se de seu marido velho e rico.

Rosalind emitiu um som abafado.

—Um só olhar que dirija a minha esposa, Kinlock —disse Stephen em tom de advertência— e juro que me levantarei desta cama e o expulsarei desta casa. —Ao sentir uma suave pontada da conhecida dor, acrescentou irônico—: Ou ao menos direi a Michael que o expulse.

Kinlock fez um gesto apaziguador.

—Pelo que você mesmo me disse, quando conheceu sua esposa já levava bastante tempo doente. Teve episódios agudos, mas a maioria de seus sintomas são os de envenenamento crônico, que está acostumado a ser acidental.

—Como pode ocorrer isso? —perguntou Catherine.

—O caso de envenenamento crônico que tratei foi o de um menino que adoeceu pelos vapores de arsênico que emanavam de um papel novo com que tinham forrado seu quarto. Existem outros tipos de contato que poderiam produzir um resultado similar. —Olhou Stephen com os olhos cerrados—. Mas não vejo como poderia estar sofrendo de envenenamento crônico acidental. Se a fonte do arsênico estava em sua propriedade, deveria ter melhorado quando partiu.

—Esse mesmo argumento vale para o envenenamento intencional —demarcou Catherine—. Stephen não esteve com nenhuma pessoa continuamente durante todo o curso de sua enfermidade. Depois que partiu da abadia esteve semanas viajando com um sobrenome falso, e ninguém sabia onde estava. Michael não conseguiu encontrá-lo, por isso duvido que um assassino pudesse encontrá-lo.

Stephen fez um repasse mental de todo o curso de sua enfermidade; não havia ninguém em entorno de sua pessoa constantemente. O que significava que a pitoresca teoria de Kinlock estava equivocada e ele estava sofrendo de uma enfermidade mortal depois de tudo.

—Seu remédio, Stephen —exclamou Rosalind horrorizada, rompendo o perplexo silêncio—. A mescla de ópio. —Abriu a outra mão para mostrar as duas pastilhas que quase lhe tinha dado—. Durante meses estiveste tomando pelo menos uma ao dia. E ultimamente mais.

—De onde saíram essas pastilhas? —perguntou Kinlock. Stephen olhou os discos pequenos e inócuos na palma de Rosalind, e um horrível calafrio o percorreu inteiro.

—Meu médico as preparou para mim. George Blackmer.

O suave rangido da porta soou forte no impressionante silêncio que seguiu essas palavras. A seguir entrou Blackmer no quarto. Stephen pensou que estava alucinado, até que recordou que o médico tinha acompanhado Michael em sua malfadada busca.

Blackmer se deteve, ao sentir sobre ele o peso de todos os olhares.

—O duque. Está... ? —lhe quebrou a voz e empalideceu.

—Não, não está morto —disse Michael, ao mesmo tempo que atravessava o quarto como uma pantera e agarrava Blackmer pelos ombros—. Está envenenando Stephen com o arsênico que lhe deu, bastardo! —gritou-lhe, golpeando-o contra a parede.

—Espera! —protestou Kinlock—. É possível que as pastilhas não sejam a causa.

Mas Blackmer não fez o menor intento de negar a acusação. Limitou-se a olhar fixamente seu atacante, o horror e a culpa marcados em seu rosto pálido. Todos reconheceram sua tácita confissão.

—Diga suas últimas orações, Blackmer —disse Michael em voz baixa e letal—, porque vou te matar.

Repentinamente apareceu uma pistola em sua mão, apontada ao crânio do médico.

—Não! —exclamou Stephen antes que Michael apertasse o gatilho. Embora sua voz soasse apenas um pouco mais forte que um sussurro, sua autoridade encheu o quarto—. Não o mate, ao menos não ainda.

Michael titubeou e logo soltou a contra gosto o médico e retrocedeu uns passos. Embora guardasse a pistola no interior da jaqueta, continuou olhando perigosamente seu prisioneiro.

Veneno, não enfermidade mortal, pensou Stephen. Iria viver, ia viver! Sua cansada mente quase não conseguia apreender essa realidade. Mas primeiro devia ocupar-se da crise do momento. Tirando forças de uma reserva desconhecida, disse a Rosalind:

—me ajude a me sentar.

—Não vai morrer! Graças a Deus! —sussurrou- ela com o rosto radiante. Passou-lhe o braço pelas costas, levantou-o e lhe pôs um bom respaldo de almofadões.

Stephen a puxou pela mão para que se sentasse no lado da cama e logo voltou sua atenção ao homem que tinha estado a ponto de matá-lo.

—Posto que minha vida foi ameaçada, corresponde-me o direito de interrogá-lo. Blackmer, admite que tentou me assassinar?

O médico fez uma inspiração estremecida.

—Não... não era minha intenção que morresse. Comecei com a medicação que lhe dava quando teve o envenenamento por alimento na primavera. Só um quarto das pastilhas continham arsênico, e a quantidade variava de pastilha em pastilha. As possibilidades de que tomasse uma dose letal de uma vez eram muito remotas.

—Mas com o tempo as pastilhas lhe produziram um envenenamento crônico, com episódios agudos sempre que ingeria uma dose particularmente elevada —disse Kinlock gravemente—. Diabólico. Quanto mais pastilhas tomava, mais se aproximava da morte.

—meu Deus! —exclamou Rosalind - Estas poderiam ser as que o teriam matado!

Horrorizada jogou as pastilhas ao fogo e limpou a palma no vestido.

—O canalha reconheceu sua culpa —disse Michael em tom coloquial, olhando Stephen—. Posso matá-lo agora?

—Controle um momento mais suas tendências sanguinárias. Ainda não sabemos por que o fez.

Olhando para trás, Stephen recordou que na realidade as primeiras dores moderadas lhe começaram quando estava se recuperando do envenenamento por pescado. E os ataques sempre se tinham produzido depois de tomar alguma das pastilhas. Como havia dito Kinlock, era diabólico.

—Blackmer —perguntou com voz glacial—, que demônios tenho feito para merecer esse trato de sua parte?

—Nunca foi minha intenção que chegasse tão longe —respondeu Blackmer, tremendo, apoiado na parede—. Ia esperar que tivesse vários episódios fortes, e logo eu o «curaria» milagrosamente.

—Então quase matou um homem para servir a suas ambições —disse Kinlock, incrédulo—. Como pode um médico cair tão baixo? Não dispare, coronel. Merece que lhe fatiem o fígado com um bisturi cego.

Stephen estava carrancudo, tentando compreender. Tinha que haver algo mais.

—Ainda não disse por que. É você um bom médico, que goza de prestígio e respeito na comunidade. É próspero. Há anos anda em relações com a irmã viúva do pároco. Não necessitava nenhum milagre para melhorar sua posição. —Assaltou-o uma idéia horrorosa—. Ou envenenou a outros pacientes para logo simular uma cura? Meu Deus! Você atendia Louisa quando morreu.

—Não! —exclamou Blackmer com veemência—. Juro, jamais fiz mal deliberadamente a outro paciente. Certamente não à duquesa.

Curiosamente, Stephen acreditou. Se fosse capaz de dizer mentiras tão convincentes, teria negado o envenenamento.

—O que me leva novamente a perguntar por que fui eu o único abençoado. É um republicano que despreza à nobreza em geral? Ou é que me despreza?

Blackmer baixou a cabeça, respirando fortemente, e não respondeu.

O pesado silêncio foi interrompido por uma rápida inspiração de Rosalind.

—Blackmer —disse—. Meu marido disse uma vez que você foi um enjeitado criado pela paróquia. Quem era seu pai?

Ele levantou bruscamente a cabeça, e ficou olhando, com o rosto cinza.

—Adivinhe.

O penetrante olhar de Rosalind passou de Blackmer a Michael e Stephen e voltou para Blackmer.

—Olhem com atenção. A forma de seu rosto, sua altura e coloração, os olhos verdes cinzas de Stephen. A semelhança não é tão grande como entre Stephen e Michael, mas está aí. O pai de Blackmer era o velho duque.

Suas palavras produziram um horrorizado silêncio.

—Este canalha não é meu irmão —exclamou Michael com repugnância.

—Michael.

Stephen sossegou seu irmão com um olhar. Depois olhou Blackmer, que continuava nas sombras, colado à parede.

—Aproxime-se.

Caminhando como se fosse ao patíbulo, Blackmer se aproximou da cama. Michael o seguiu, preparado para atacar se o homem fizesse algum movimento suspeito.

Stephen olhou atentamente o rosto do médico, e viu a semelhança.

Tal como havia dito Rosalind, era menos pronunciada que a semelhança entre ele e Michael, mas certamente estava ali. Esse homem que quase o tinha matado, era seu meio-irmão.

—O que esperava conseguir me envenenando? Vingar-se por ser eu legítimo e você não? Isso não foi minha culpa. Fazer-me mal não ia mudar as circunstâncias de seu nascimento.

Ao ver que Blackmer não respondia, Rosalind disse:

—Não era vingança o que desejava, mas reconhecimento. Quem foi sua mãe?

—Uma leiteira que morreu quando eu nasci. Não tinha família e nunca havia dito quem era o pai de seu filho, assim que me entregaram à paróquia. —Fechou os olhos cansativamente—. Um dia, quando eu tinha oito anos, passou o velho duque a cavalo pelo campo onde eu estava tirando ervas daninhas. Chamou-me e me disse que eu era filho dele, e que se encarregaria de que recebesse educação e tivesse uma profissão respeitável. Também me disse que quando fosse adulto me reconheceria publicamente, mas nunca o fez. Quando morreu sem me reconhecer como seu filho, enfureci-me, senti um amargo rancor. Isso foi se convertendo em... uma espécie de loucura. Só compreendi a que extremo tinha chegado minha loucura quando você partiu da abadia e vi que não poderia deter o que tinha colocado em marcha. —Abriu os olhos, o verde cinza convertido em cor escura—. Desejava... lhe importar. Se não podia ser um Kenyon, pelo menos podia ser o brilhante médico que lhe salvou a vida.

—Desejava uma conexão que transcendesse o serviço profissional —disse lisamente Rosalind—. Ser tratado como um amigo.

Blackmer a olhou perplexo.

—Como pode me entender melhor do que eu me entendo, duquesa?

—Eu fui uma enjeitada —respondeu ela—, uma mais afortunada que você. Mas entendo essa desesperada necessidade de lar, de formar parte de uma família.

—Muito comovedor —disse Michael, mordaz—. Entretanto, Blackmer esteve a ponto de assassinar Stephen.

—Ponho Deus por testemunha que nunca foi minha intenção ferir gravemente o duque —disse Blackmer com veemência—. Por que acredita que estava tão resolvido a encontrá-lo? Queria deter o envenenamento antes que fosse muito tarde.

—Ou assegurar-se de que estava realmente morto —grunhiu Michael—. E se ainda estava vivo, queria ser você quem o tratasse, porque sabia que outro médico

poderia descobrir que o estavam envenenando.

Blackmer soltou um suspiro e esfregou a testa.

—Não tenho nenhuma maneira de demonstrar o que tinha em mente. Mas pode olhar o resto de minhas atuações como médico. Nunca houve nenhuma morte suspeita. Como disse Ashburton, sempre me considerou bom.

Stephen recordou a enfermidade final de sua primeira esposa.

—Quando Louisa estava morrendo, ele esteve com ela quase dia e noite até o final. Tem fama de tratar todas as pessoas da paróquia, possam lhe pagar ou não.

De má vontade, Michael se sentiu obrigado a ser sincero:

—Em nossa viagem, estivemos em um lugar onde uma árvore esmagou uma casa com um homem e uma menina dentro. Blackmer arriscou sua vida engatinhando nas ruínas para impedir que um homem sangrasse até morrer enquanto se efetuavam os trabalhos de resgate. Concedo que seja valente:—acrescentou com uma careta—, mas a valentia é uma virtude comum entre os criminosos.

—Talvez, mas também é certo que o velho duque o tratou muito mal —disse Stephen serenamente—. Você melhor que ninguém, Michael, deveria entender isso. Ser criado pela paróquia em vez de meu pai significa que seria enviado a viver com diferentes famílias, com maior frequência tratado como um criado sem salário.

—Farrapos, açoite e papa fria —acrescentou Blackmer—. e... as vezes outras coisas muito piores. Só quando você acessou ao título o pároco teve a responsabilidade de vigiar que os órfãos fossem bem tratados e recebessem uma educação básica. Alegrei-me quando você fez isso.

—Pois, escolheu uma maneira muito má de demonstrá-lo —disse Catherine com expressão dura.

—Sinto muito o que teve que suportar; nenhum menino deveria sofrer esses horríveis maus tratos —disse Stephen. Mudou de posição; o cansaço lhe pesava como uma rocha—. Mas por que me envenenar para atrair minha atenção? Quão único tinha que fazer era me dizer de nosso parentesco.

—Me teria acreditado? —perguntou o médico, olhando-o surpreso.

—Provavelmente. A semelhança existe, e conheci muito bem os hábitos lascivos de meu pai.

—Nunca me ocorreu que pudesse ter algum sentido falar com você. —Curvou os lábios em um ricto—. Não esperava justiça dos Kenyon.

Então a arrogância e a promiscuidade do velho duque se estenderam até além de sua tumba e quase causaram a morte de seu herdeiro. Stephen viu um humor irônico nisso. Cansativamente friccionou o ventre para aliviar a dor; custava-lhe recordar quando não tinham formado parte dele.

—Que diabos vou fazer com você, Blackmer?

Produziu-se outro silêncio, que rompeu Catherine:

—A resposta óbvia é entregá-lo aos magistrados para que o julguem e provavelmente o enforcem. Se não quiser isso, talvez enviá-lo a algum lugar como as colônias Australianas? Ali lhes viria bem um médico.

—Caso que possa se confiar em que ali não vai matar ninguém —disse Kinlock, com expressão tão dura como a de Michael—. Este homem é uma desonra ao juramento que fez.

Stephen olhou Rosalind, que seguia de pé a sua direita.

—O que opina você?

—Uma parte de mim deseja que sofra como você sofreu; depois que tenha experimentado um ou dois anos de dor atroz, eu poderia considerar a possibilidade de

clemência. E, entretanto... —interrompeu-se, com expressão preocupada—. Quem de nós não cometeu um engano que poderia ter tido conseqüências desastrosas? Quando Jessica era pequena, uma vez tentou banhar Brian, para ser útil, e quase o afogou. O que tem feito Blackmer não é um acidente inocente. Mas lhe creio quando diz que não era sua intenção o matar.

Em seus anos de magistrado, Stephen tinha administrado justiça com freqüência, e bem, mas nunca lhe havia tocado julgar em um assunto que lhe concernisse tão de perto. Pensativo, escrutinou o rosto abatido de Blackmer, seu irmão, que esperava estoicamente o julgamento.

Quando Blackmer se inteirou de quem era seu pai, pensou, esse conhecimento deve ter sido para ele como uma ferida aberta. Cada vez que via passar a cavalo ele e Michael, sentiria rancor de que seus meio-irmãos vivessem em meio da riqueza e os privilégios enquanto ele passava fome e sofria maus tratos. De fato, posto que era um ou dois anos mais velho que ele, teria a tortura adicional de saber que se tivesse sido legítimo, seria ele o próximo duque de Ashburton. Pobre bastardo, em todo o sentido da palavra.

Entretanto, em geral, tinha sabido sair bem amparado de sua má situação, aproveitando ao máximo seus estudos, e com tão bom rendimento que o enviaram a estudar medicina. Converteu-se em um médico de primeira classe, generoso com seu tempo, preocupado com os menos afortunados; um modelo de homem que triunfa por seus próprios meios, até que a amargura o transformou em um envenenador.

Stephen olhou seu irmão mais novo. Também Michael recebeu um trato abominável por parte do velho duque, mas foi criado com as vantagens da riqueza. Tinha conseguido escapar da abadia indo a Eton e às casas de seus amigos. Inclusive assim, o mau trato emocional e físico recebido em sua infância o tinham levado a comportamentos problemáticos e destrutivos, até que conseguiu fazer as pazes com seus demônios.

De fato, os três tinham sofrido pelo mau trato duro do velho duque. Claudia se tinha convertido em uma mulher amargurada e dura, enquanto ele, o filho favorecido e herdeiro, tinha exagerado tanto em sua imparcialidade que se separou do que mais importava na vida. Devia ser destruído Blackmer, que tinha sofrido mais que todos, porque sua ira soterrada explorou de forma tão espantosa?

—Lorde Michael tem razão —disse lisamente Blackmer, rompendo o tenso silêncio—. Embora minha intenção não fosse assassina, os resultados quase foram. Tem todo o direito de me enviar à forca.—Curvou a boca em um ricto—. Não espero perdão, mas sim devo dizer, por meu próprio bem, que lamento muito. Lamento por você, Ashburton, por fazê-lo passar por um inferno. —Olhou Rosalind—. Por você, duquesa, porque certamente sofreu também, e em certo modo talvez mais que seu marido. —Olhou Michael—. E a você, lorde Michael, causei-lhe uma enorme aflição e o separei de sua família. Não houve nenhum momento de nossa viagem em que não lamentasse isso. De repente Stephen pensou na tempestade, a obra representada pela companhia Fitzgerald a primeira vez que os viu. Uma coisa que sempre tinha gostado dessa história era o modo como Próspero perdoava seu irmão Antonio o intento de assassiná-lo fazia doze anos. Ele sempre tinha considerado essa cena do ponto de vista de sua relação com o Michael. Mas entre eles nunca tinha havido nenhum delito que perdoar, a não ser tão somente um histórico de desconfiança mútua.

Fez uma inspiração profunda, todo seu corpo dolorido e o estômago lhe ardendo de dor. Levava meses sofrendo dessa horrível dor devido ao que tinha feito Blackmer. Deveria sentir-se furioso, só que essa raiva lhe consumiria mais energia da que

dispunha.

Sempre se tinha considerado comprometido com a justiça para todos. Onde estava a justiça nesse caso?

O principal era que Blackmer não tinha tido a intenção de assassinar. Seu trabalho como magistrado lhe tinha ensinado a distinguir entre o arrependimento falso e o verdadeiro. O remorso do médico era autêntico, como também sua afirmação de que não tinha querido causar um dano grave.

Em sua qualidade de cabeça da família Kenyon, era sua responsabilidade retificar as injustiças cometidas por seu pai.

—Se o envio a Austrália, Great Ashburton ficará sem médico, e Blackmer é um bom médico. Prefiro uma solução diferente. —Com expressão severa, olhou nos olhos a seu meio-irmão—. Dá sua palavra, como Kenyon, de não voltar a fazer mal deliberadamente a ninguém?

Blackmer piscou, impressionado e gaguejou.

—E-eu prometo.

—Então volte para sua casa e a seu exercício da medicina. —Acrescentou em tom mais seco—: Embora não creio que volte a cometer outro delito, imagino que compreenderá que eu prefira procurar outro médico para mim e para minha casa.

—vai me deixar livre? —perguntou Blackmer, incrédulo—. Depois do que tenho feito?

Stephen colocou a mão na de Rosalind. Seu contato reavivou sua extenuada energia e o fez compreender por que sentia tão pouca raiva.

—Embora ser envenenado não é algo que eu teria escolhido, beneficiei-me com isto. —Olhou sua esposa, que o estava olhando com olhos muito sérios—. Jamais teria conhecido Rosalind se não tivesse sido pelo que você fez.

Tampouco teria descoberto a fé espiritual que já era parte dele e dava a sua vida uma nova dimensão muito profunda. Ter encontrado a felicidade a consequência do desastre o fazia surpreendentemente fácil sentir compaixão. Voltou a olhar Blackmer:

—O reconhecerei como filho do velho duque. Se desejar tomar o sobrenome Kenyon, não porei objeções. Algum dia estarei preparado para chegar a lhe conhecer melhor, mas não ainda.

O estoicismo de Blackmer se derrubou.

—meu Deus. Sua generosidade faz ainda mais horrível o que fiz. —cobriu os olhos, tentando serenar-se; depois baixou a mão e acrescentou em voz baixa—: Juro continuar adiante e não voltar a pecar.

Stephen olhou Michael.

—Aceita meu julgamento? Não peço que se faça amigo de Blackmer, simplesmente que não o mate.

Michael suspirou.

—O comentário de Rosalind a respeito de que todos cometemos enganos me recordou os enganos monumentais que eu cometi. Havendo-me beneficiado do perdão de meus amigos, não estou em posição para protestar se você escolhe ser indulgente. —Pôs o braço ao redor de Catherine e a atraiu a seu lado—. O principal é que vai se recuperar. Mas creio que deixarei a santidade a você e a Catherine; jamais será meu estilo.

Muito cansado para mover algo além dos olhos, Stephen olhou Ian Kinlock:

—Você é o único dos presentes que não é membro da família. Está disposto a guardar silêncio sobre o que ocorreu?

—Suponho que sim - respondeu Kinlock. Olhou carrancudo a Blackmer—. Por que

você não escolheu ter sido um advogado? Então a maldade não me haveria comocionado tanto. Espero mais de um médico.

—Se lhe servir de consolo, pense que jamais me perdoarei por haver rompido meu juramento —disse Blackmer—. O castigo poderia parecer leve comparado com meu crime. Mas lhe asseguro, será um castigo.

Rosalind dirigiu um olhar severo a todos os reunidos ao redor da cama.

—Se já tiver sido dito todo o essencial, é hora de todos saírem, para que Stephen possa descansar.

—Todos menos você —sussurrou Stephen, com voz apenas audível, havendo passado a crise.

Kinlock o olhou:

—Muito descanso, muito leite e não mais arsênico. Voltarei dentro de dois dias.

Dito isso, agarrou sua maleta e saiu do quarto.

—Ordenarei que lhe preparem um quarto —disse Catherine sem muito entusiasmo, olhando Blackmer. Ele baixou a cabeça.

—É você muito amável, lady Michael, mas creio que será melhor que vá a uma estalagem.

Ela assentiu e se inclinou a beijar Stephen na face:

—Ian disse que não podia fazer um milagre, mas o fez —sussurrou—. Graças a Deus.

Michael pôs a mão no ombro de Stephen, seus sentimentos visíveis nesse breve contato sem palavras. Depois ele e sua esposa saíram do quarto agarrados pelo braço. Blackmer foi atrás deles, com aspecto abatido e tragicamente sozinho.

Recordando a aparência de Michael essa noite em que o encontrou a ponto de quebrar-se, Stephen reuniu suas forças para um último esforço.

—Não pode mudar seu passado, Blackmer —disse—, mas pode sim mudar seu futuro. Posto que seu pai lhe falhou, forme uma família própria que seja mais satisfatória.

O médico se deteve.

—desejei fazê-lo, mas me sentia... indigno. Pensei que não estaria bem oferecer matrimônio a Jane, sendo ela filha e irmã de clérigos, e eu um bastardo ao qual seu pai não quis reconhecer.

—Case-se com ela, Blackmer —disse Rosalind energicamente—. Embora não a conheço, sua Jane já deve ter aceitado sua ilegitimidade, se não, não se relacionaria com você. Stephen lhe deu uma segunda oportunidade. Aproveite-a bem.

O rosto do médico se iluminou um pouco.

—Talvez o faça.

Depois partiu, fechando a porta brandamente.

O esgotamento que tinha estado revoando sobre Stephen desceu como a névoa de Londres. Deitou de lado, pegou na mão de Rosalind, atraindo-a para que se deitasse a seu lado.

—Ah, Rosalind —sussurrou, apenas coerente. Desejou lhe dizer quanto a amava, mas já tinha gasto até a última gota de energia—. Rose...

Com os olhos brilhantes de lágrimas, ela se deitou junto a ele em cima da colcha e o estreitou em seus braços, lhe embalando a cabeça, entre seus seios.

—Durma, meu amor —sussurrou—. Dorme e se ponha bem.

Expulsando o fôlego em um resfolegante suspiro de satisfação, ele se inundou no bendito bem-estar de seu abraço e se deixou envolver pela escuridão.

Rosalind despertou quando Stephen lhe deu um beijo debaixo da orelha. Abriu os

olhos e lhe sorriu radiante. Era manhã, o quarto estava alagado de luz e eles estavam deitados cara a cara entrelaçados como uma hera. Tão logo lhe viu a expressão compreendeu que a escapada do vale da morte não tinha sido um sonho nascido de seu desespero. Stephen ia viver, ia viver!

—Não perguntarei se dormiu bem —disse com voz sonolenta —, porque creio que não se moveu em toda a noite.

—Provavelmente não —disse ele, lhe apalpando o seio com interesse—. Sendo assim, como se meteu nesta rebuscada camisola? Ou o tinha colocado ontem à noite durante todo o melodrama e eu simplesmente não notei?

Ela sorriu.

—Levantei-me meia-noite, troquei-me e voltei a me deitar. Você nem se moveu.

—Poderia haver passado um regimento por aqui e não o haveria sentido. É a melhor noite de sono que tive em meses. —Flexionou os dedos—. Já me sinto melhor. Está-me diminuindo o adormecimento das mãos e os pés, e a dor de estômago é quase suportável.

—Maravilhoso! —exclamou ela, espreguiçando-se com gosto—. Estou tão feliz que me poria a fazer cambalhotas se não fosse muito mais agradável estar na cama. Você deve se sentir ainda mais feliz.

—Curiosamente, ontem à noite quando me inteirei de que não ia morrer, senti-me... aturdido. Suponho que me tinha adaptado tão bem à perspectiva de morrer que me levou tempo assimilar a idéia de continuar vivendo. —Sorriu—. Esta manhã é outra história. Já não tenho medo da morte, mas estou extraordinariamente contente de que ainda não seja minha hora de sair deste invólucro mortal. —Acariciou-lhe lentamente o lado, do ombro ao quadril—. Entretanto, a mudança de perspectiva significa que temos que renegociar nosso matrimônio. Ela o olhou fixamente, com o coração a ponto de parar.

—O que quer dizer?

—Se recordar, quando lhe propus matrimônio a fiz notar que, até no caso de que não nos déssemos bem, estaria a salvo porque eu só a estaria chateando uns meses. Como disse você, só teríamos a nata. —Deteve a mão em seu quadril, sua palma quente através do fino tecido da camisola—. Agora está cravada comigo indefinidamente, o que significa que além da nata teremos o leite, o queijo e outras coisas vulgares.

—Animal! —exclamou ela, e o coração começou a lhe pulsar novamente—. Deveria te expulsar da cama. Pensei que queria dizer que agora que tem o tempo para dar uma boa olhada pelo mercado do matrimônio quereria me jogar de lado a favor de uma esposa mais conveniente.

Ele a olhou surpreso.

—Além de que é quase impossível jogar de lado uma esposa, ainda que o desejasse, que certamente não o desejo, que tipo de esposa acredita que seria mais conveniente que você?

Não deveria haver dito isso, pensou ela, mas tendo começado devia continuar:

—Uma mais parecida com Louisa. —Tragou saliva—. Uma esposa a qual pudesse amar.

Ele esteve um momento calado e muito quieto, e depois disse:

—Eu não amava Louisa nem ela me amava. A verdade é que nosso matrimônio nos fazia infelizes, os dois, embora os dois fazíamos todo o possível por ser corteses e amáveis.

—Supondo que interpretei mal algo que disse, ou que não disse, sobre seu primeiro matrimônio —explicou ela, surpreendida—. Pensei que a amava tanto que

nenhuma outra mulher podia ser para você algo mais que uma companheira de cama.

—Acredita que só a considero uma companheira de cama? A George Blackmer e ao vale das trevas devo mais do que imaginava, pelas lições sobre a vida que me obrigaram a aprender. —Brandamente lhe alisou o cabelo para trás—. Sendo um Kenyon, o amor não formava parte de minha visão do mundo, até que tive esse sonho, ou visita ao céu, ou o que for. Então entendi que o amor é a essência do ser. —Lhe obscureceram os olhos com a intensidade de seus sentimentos—. Desejei-a no momento em que a vi, gostei logo depois que falamos, e quando nos unimos intimamente soube que devia tê-la comigo. Mas só quando me aproximei da morte e já não estava para sentir desejo compreendi o muito que significa para mim. —Cobriu a pequena distância que os separava e a beijou com deliciosa ternura—. Amo seu corpo, amo sua mente, amo sua alma. Antes era incapaz de dizer isso, portanto agora o faço oficial. Amo-a, Rosalind. Nunca disse isso a nenhuma mulher antes.

—Nenhuma vez? —perguntou ela com os olhos arregalados.

—Bom, ontem disse a Claudia. —Sorriu—. Mas o significado não é o mesmo com uma irmã.

Ela sentiu um doce calor que lhe começou no coração e se estendeu rapidamente por todo seu ser, eliminando bolsas de frias sombras que nem sabia que tinha.

—Eu também te amo —sussurrou—. A princípio não me atrevia a reconhecer, nem para mim mesma, e depois não lhe disse isso porque pensei que não era correto impor mais carga. Mas a verdade esteve sempre em meu coração. Amo-o agora e o amarei sempre.

Ele voltou a beijá-la.

—É meu coração e minha amada —disse docemente—. Valeu a pena chegar à soleira da morte para te encontrar, minha rosa perfeita.

Mas embora ditosa e desfrutando do calor de seu amor, Rosalind sentiu umas espetadas de sua consciência.

—Posto que é a hora da verdade, tenho uma confissão a fazer. Não sou perfeita, embora Deus saiba que tentei. Esforcei-me todo o possível por ser a filha perfeita, a diretora de cena perfeita. Desejava ser a esposa perfeita para você, sempre simpática, carinhosa e sensata. —Olhou-o um pouco nervosa, sentindo-se tola, mas necessitada de segurança—: Acreditei que poderia manter essa ilusão se só íamos estar casados uns meses, mas não sou capaz de fazê-lo durante anos e anos. Tenho meu gênio, sou egoísta e nunca serei perfeita. Pensei que era melhor lhe advertir isso antes que eleve muito suas expectativas.

Ele pôs-se a rir e a estreitou mais ainda entre seus braços até ter seu corpo moldado contra o seu. Que lástima que seu corpo não tivesse a força suficiente para expressar as violentas paixões de sua mente e alma. Quanto demoraria para recuperá-lo suficiente para fazer amor?

Não muito, a julgar pelo que sentia nesse momento.

—Modificarei minha afirmação —disse—. Não é perfeita. Estou seguro de que se o pensar durante uma ou duas semanas conseguirei encontrar ao menos cinco ou seis exemplos de comportamento imperfeito por sua parte. —Baixando a voz a um sussurro, acrescentou—: Mas é a mulher perfeita para mim.

Epílogo

Naturalmente, o duque e a duquesa do Ashburton tinham o melhor camarote do Atheneum. Rosalind estava borbulhante de entusiasmo e emoção quando chegaram ao teatro a grande noite de reabertura em que a companhia Fitzgerald apresentaria sua produção do conto de inverno. Cinco meses de obras de renovação tinham transformado a nova casa da companhia em um fantástico desdobramento de deliciosas cores, molduras e brilhantes lustres de aranha.

Antes de tomar assento, debruçou-se a olhar o público apoiada no corrimão. Homens e mulheres, resplandecentes em seus trajes de gala, estavam entrando nos camarotes e formando grupos nas galerias, falando e rindo com as animadas notas da orquestra como música de fundo. No camarote da frente estavam tomando seus assentos um bom sortimento de Cassell e Westley. Rosalind agitou a mão para saudar seus parentes, depois o duque e a duquesa de Candover, que tinham ido ver a companhia que fora seu descobrimento pessoal.

Também havia outros amigos, porque a sociedade tinha acolhido muito bem em seu seio uma atriz que era condessa francesa por nascimento e duquesa por matrimônio. Viu os Strathmore, aos Aberdare, aos Saint Aubyn, e sabia que havia outros casais conhecidos em assentos que ela não via de seu camarote.

Ele riu e lhe rodeou a cintura com o braço.

—Desta vez não haverá nenhuma necessidade de ir ao Covent Cardem durante o intervalo para trazer gente aqui.

Ela se apoiou nele satisfeita e levantou a vista para seu rosto. Era difícil acreditar que só fazia cinco meses tivesse estado às portas da morte. Estava forte e são, mais charmoso do que tinha direito a ser qualquer homem e, posto que estava na intimidade de sua mente, podia admiti-lo, maravilhosamente viril. E criativo também, o que era muito útil dada a crescente expansão de sua figura.

Seu passo a dois com a morte lhes tinha deixado outro legado, porque os dois tinham descoberto que cada dia, cada hora, cada minuto, estava carregado de uma percepção especial da preciosidade da vida. Mais de uma vez tinham falado disso, agradecidos e resolvidos a não dar nunca por reduzido seu amor, nem um ao outro. Sorriu aos olhos de seu marido.

—Está particularmente bonito esta noite, meu amor.

—E você excessivamente linda.

Olhou-a como se quisesse beijá-la, mas se reprimiu, porque metade do mundo elegante de Londres os estava olhando.

Ela riu enquanto se acomodava cuidadosamente em sua poltrona.

—Estou do tamanho de uma égua de carga.

—Sim —disse ele muito tranqüilo—, mas linda de qualquer modo. Sentou-se a sua direita e discretamente pôs sua mão sobre o ventre inchado, e recebeu um chute de recompensa.

—Está ativa esta noite —comentou—. Deve ser a Fitzgerald que há nela, em reação à representação que está por começar.

Rosalind pôs-se a rir.

—«Ele» está muito aristocrático, exigindo a atenção que lhe é devida, como um Kenyon ou um Saint Cyr.

Abriu-se a porta do camarote e entraram lorde e lady Herrington. Claudia se via mais jovem e mais doce que cinco meses atrás.

—boa noite, Stephen, Rosalind —saudou Claudia. Deu um ligeiro beijo na face de Rosalind —. Felicitações. O teatro de sua família vai ser um grande êxito.

Surpreendentemente, Rosalind e Claudia se fizeram amigas. Isso não significava que Claudia não seguisse sendo mordaz, mas estava muito mais relaxada e tolerante que antes. Obra de Stephen, conforme lhe tinha confiado ela mesma a sua cunhada.

Taciturno como sempre, Andrew saudou Rosalind com uma inclinação e estreitou a mão de Stephen. Depois ajudou Claudia a sentar-se, com tanta ternura como se ela fosse de porcelana; sua esposa o olhou com uma expressão francamente provocadora.

Rosalind ocultou seu sorriso com seu leque. O visível carinho entre Claudia e Andrew era outra consequência da transformação da vida da Claudia por obra de Stephen.

—eu adoro ver atuar como recém casados um casal que esta há vinte anos casados —lhe sussurrou Stephen ao ouvido—. Seremos assim nós dentro de vinte anos?

—Sem a menor dúvida.

Com sua expressão mais recatada, Rosalind usou o leque para ocultar a carícia da mais indecorosa que fez a seu marido. Ele reteve o fôlego e os olhos lhe puseram sensual.

—Tem algum plano para depois, duquesa?

—Quero ir à sala dos atores para celebrar o triunfo desta noite com a companhia Fitzgerald. —O olhou de esguelha—. E depois quero ir para casa e seduzir meu marido.

Dirigiu-lhe um sorriso íntimo.

—Não terá que trabalhar muito para conseguir isso.

Rosalind olhou para o cenário e viu que Maria, vestida de Hermione, estava debruçada em um extremo com a expressão radiante de entusiasmo. Ao ver que Rosalind a estava olhando, saudou-a com a mão e desapareceu.

O mais provável era que atrás do cenário tudo parecesse um caos, mas Rosalind tinha a mais completa confiança em que quando se levantasse o pano de fundo, a companhia estaria pronta para criar magia. Mary Kent, a irmã de Simon, tinha ocupado à perfeição o lugar de Rosalind, como atriz competente e excelente diretora de cena. Ela e Jeremiah Jones tinham planejado casar-se em maio, uma semana depois das bodas da Jessica e Simon.

—Lhe dá vontade de estar atrás do cenário esperando para sair e criar magia para toda esta gente?

—Absolutamente —repôs ela com total sinceridade—. Como poderia ser mais feliz do que sou agora?

Chegaram os últimos convidados ao camarote dos Ashburton: lorde e lady Michael Kenyon, e Amy, a linda filha de Catherine, que aos seus quatorze anos estava resplandecente de emoção por assistir a um evento para adultos.

Produziu-se um revôo de saudações. Claudia e Michael provavelmente nunca seriam íntimos, mas pelo menos já se tratavam com mútua amabilidade. Rosalind tinha tomado muito carinho a Michael, que em certas coisas se parecia muito com Stephen, e em outras era muito diferente.

Seu olhar voltou para Stephen; ele era o eixo dos Kenyon, o cabeça da família, por tradição e por autoridade. Era uma honra a sua grandeza de espírito que se fez amigo de seu meio-irmão ilegítimo, que tinha adotado o nome do George Blackmer-Kenyon. Seguindo o conselho de Stephen, o médico se casou com sua afável viúva. Rosalind os havia visto juntos e sabia que com o tempo o matrimônio sanaria as feridas

de seu espírito.

Em uma rajada de risadas e saias de seda, Catherine beijou Rosalind na face e se sentou a sua esquerda. Também estava grávida e esperava dar a luz várias semanas depois de Rosalind. Estava claro que ela e seu marido tinham gozado de uma muito satisfatória reunião depois que eles reuniram em Londres.

No fosso da orquestra se fez um repentino silêncio que durou uns momentos. Depois iniciaram uma animada marcha triunfal. Cessaram as conversações no público e todo mundo fixou a vista no cenário.

Ao som de um rufar de tambores, começou a levantar o pano de fundo, deixando descoberto a elegância de um palácio real. Rosalind se reclinou no respaldo de seu assento e segurou a mão de Stephen. Ele pressionou os dedos ao redor dos seus e lhe levantou a mão para lhe beijar o pulso.

—Que comece a magia —sussurrou. Ela lhe sorriu com os olhos.

—Já começou, meu amor. Já começou.



Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>
Comunidade Romances S.A.
<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>

Fim!

*

*

*